



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO - MEN

AS
VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS
NAS IDENTIDADES
CULTURAIS

Samara Hinkel Corrêa
Thalisson E. de Almeida Machado
Tiago Carturani

Florianópolis, 30 de novembro de 2015

SAMARA HINKEL CORRÊA
THALISSON ERICK DE ALMEIDA MACHADO
TIAGO CARTURANI

AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NAS IDENTIDADES CULTURAIS

Relatório Final da Disciplina de Estágio em Ensino
da Língua Portuguesa e Literatura I, do curso de
Letras - Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel de Oliveira e Silva
Monguilhott.

2015
FLORIANÓPOLIS

*"Entre coisas e palavras – principalmente
entre palavras – circulamos."
(Carlos Drummond de Andrade).*

Dedicamos nosso esforço aos alunos da turma 382 da modalidade de ensino EJA (noturno) do Melão, pela colaboração, por terem sido nossos parceiros e trocado conosco constantes experiências e aprendizados. Sem eles, não sairíamos do lugar.

Agradecimentos

Eu, Samara, agradeço a:

Deus, por tudo o que sou.

Minha mãe, Salete, por sonhar todos os meus sonhos e me capacitar a realizá-los, pelo amor incondicional, pelo exemplo e pelos incontáveis abraços e palavras de motivação.

Meu pai, Wanderley, pelo apoio e incentivo.

Meus irmãos, André e Cristiane, e minha avó Lolita, pelas palavras de carinho, pela parceria e por me proporcionarem momentos de descontração e boas risadas quando a tensão e o estresse tomavam conta.

Eva Seitz, pela amizade sincera e conselhos valiosos.

À Escola de Educação Básica Conselheiro Manoel Philippi, por despertar em mim o amor pela Educação.

Eu, Thalisson, agradeço a:

Minha mãe, Linda, pela força e coragem que tem e sempre me incentivou a ter, pelo apoio e compreensão nos momentos mais difíceis e pelo amor dedicado a mim.

Minhas irmãs, Roberta e Thaise, pelos bons momentos que me proporcionam e pela confiança que depositam em mim.

Meu noivo, Jorge, pela compreensão da minha relação instável com o tempo, pelo apoio pelos fins de semana que passamos em casa estudando, pelo mais que bem querer e pela hábil capacidade de me trazer felicidade.

Meus amigos, Almir, Binho e Mandrack, pela amizade inabalável, pelas conversas e risadas que me proporcionaram durante todo esse tempo e pela chance de tê-los como amigos.

Meus professores, por tudo auxílio que me deram, pelas congratulações e pelos puxões de orelha e por suscitar em mim a vontade de ser professor acreditando na Educação. Espero que estejam orgulhosos de mim. Vocês são incríveis.

Eu, Tiago, agradeço a:

Minhas duas famílias: a de sangue e a de amigos.

Sumário

Agradecimentos	9
Resumo	15
Apresentação	17
1 Registro das informações sobre o espaço escolar	19
1.1 Histórico	20
1.1.1. Cidade	20
1.1.2. O CMMLM	20
1.2 Colégio (infraestrutura e funcionamento)	21
1.3 Participantes	21
1.1.3. Geral	21
1.1.4. Alunos do oitavo ano	22
1.1.5. Professora	22
1.1.6. Funcionários administrativos e de outros cargos	23
1.4 A Educação de Jovens e Adultos	23
2 Relato crítico das aulas assistidas	25
2.1 Por Samara Hinkel Corrêa	25
2.2 Por Thalisson Erick de Almeida Machado	30
2.3 Por Tiago Carturani	35
2.3.1 18 de agosto de 2015, terça-feira	35
2.3.2 19 de agosto de 2015, quarta-feira	38
2.3.3 20 de agosto de 2015, quinta-feira	38
2.3.4 25 de agosto de 2015, terça-feira	40
2.3.5 26 de agosto de 2015, quarta-feira	41
2.3.6 27 de agosto de 2015, quinta-feira	42
2.4 Algumas Reflexões	42
3 Projeto de docência	45
Apresentação	45
3.1 Escolha do Tema	47
3.2 Referencial Teórico	48
3.3 Objetivos	56
3.4 Metodologia	57
3.5 Recursos Necessários	59
3.6 Avaliação	59
3.7 Planos de Aula	60
Primeiro Encontro: Aulas 1 e 2	60
Segundo Encontro: Aula 3	69
Terceiro Encontro: Aulas 4 e 5	72
Quarto Encontro: Aula 6	76
Quinto Encontro: Aulas 7 e 8	78

Sexto Encontro: Aulas 9 e 10	80
Sétimo Encontro: Aula 11.....	84
Oitavo Encontro: Aulas 12 e 13.....	86
Nono Encontro: Aulas 14 e 15.....	91
Décimo Encontro: Aulas 16 e 17	95
Décimo Primeiro Encontro: Aulas 18 e 19.....	97
Décimo Segundo Encontro: Aula 20	107
Décimo Terceiro Encontro: Aulas 21 e 22	109
Décimo Quarto Encontro: Aulas 23 e 24.....	111
3.8 Calendário das Aulas.....	113
4 Relatos do andamento das aulas	115
Primeiro encontro: Aulas 1 e 2, 06 de out. de 2015.....	115
Segundo encontro: Aula 3, dia 07 de out. de 2015	116
Terceiro encontro: Aulas 4 e 5, dia 08 de out. de 2015	117
Quarto encontro: Aula 6, dia 14 de out. de 2015	118
Quinto encontro: Aulas 7 e 8, dia 15 de out. de 2015.....	120
Sexto encontro: Aulas 9 e 10, dia 20 de out. de 2015.....	121
Sétimo encontro: Aula 11, dia 21 de out. de 2015.....	123
Oitavo encontro: Aulas 12, 13 e 14, dia 22 de out. de 2015.....	124
Nono encontro: Aula 15, dia 28 de out. de 2015	126
Décimo encontro: Aulas 16 e 17, dia 29 de out. de 2015	128
Décimo primeiro encontro: Aula 18, dia 29 de out. de 2015.....	129
Décimo segundo encontro: Aulas 19 e 20, dia 03 de nov. de 2015.....	129
Décimo terceiro encontro: Aulas 21 e 22, dia 05 de nov. de 2015.....	131
Décimo quarto encontro: Aulas 23 e 24, dia 10 de nov. de 2015.....	131
4.1 Calendário do andamento das aulas	133
5 Projeto Extraclasse.....	135
5.1 Introdução.....	135
5.2 Justificativa.....	136
5.3 Reflexão teórica.....	137
5.3.1 O direito à literatura	137
5.3.2 Poesia e oralidade	139
5.3.3 Literatura e aprendizagem.....	140
5.3.4 Objetivos	143
5.3.5 Metodologia	144
5.3.6 Recursos necessários.....	145
5.3.7 Avaliação	146
5.3.8 Cronograma das atividades	146
5.3.9 Planos de Aula	147
6 Relato dos encontros extraclasse	161
Primeiro encontro, 23 de out. (das 18h45min às 22h).....	161
Segundo encontro, 06 de nov. (das 18h45min às 22h).....	163

Terceiro encontro, 18 de nov. (das 18h45min às 22h).....	166
7 A docência (ensaios).....	169
A dimensão ética da educação: do singular ao universal.....	169
Discursos que ecoam:	173
inquietações da experiência em sala de aula.....	173
Impressões sobre a prática docente.....	176
O CMMLM	176
O estágio.....	178
8 Considerações finais	181
9 Referências.....	187
Bibliografia digital e complementar	189
Lista de abreviaturas	190
Lista de figuras	191
Lista de tabelas	193
Anexos.....	195
ANEXO I – Termos de Compromisso de Estágio dos estagiários	197
ANEXO II – Registro de observação de aulas de português no Ensino Fundamental..	201
ANEXO III – Localização do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo	205
ANEXO IV – Questionário aplicado aos alunos no período de observação	209
ANEXO V – Gráficos elaborados com base nas respostas dos questionários	211
ANEXO VI – Questionário aplicado à professora de LP da turma 382.....	213
ANEXO VII – Questionário aplicado a funcionários do CMMLM.....	215
ANEXO VIII – Atividades trabalhadas pela professora de LP	219
ANEXO IX – Páginas do PPP da EJA referente ao histórico do colégio	229
ANEXO X – Amostras de produção textual dos alunos (aulas 2 e 3).....	231
ANEXO XI – Texto levado como modelo de estruturação e abordagem do tema	235
ANEXO XII – Amostras de reescrita textual dos alunos (aulas 7 e 8)	237
ANEXO XIII – Foto dos materiais disponibilizados para a produção dos <i>fanzines</i>	241
ANEXO XIV – Amostras de três <i>fanzines</i> finalizados.....	243
ANEXO XV – Amostras da atividade de interpretação	251
ANEXO XVI – Amostra da primeira versão da escrita do relato pessoal dos alunos ..	255
ANEXO XVII – Amostra da reescrita do relato pessoal dos alunos.....	257
ANEXO XVIII – Revista contendo os relatos pessoais dos alunos	259
ANEXO XIX – Questionário de avaliação do período de estágio	267
ANEXO XX – Ficha de avaliação preenchida com o desempenho dos alunos	269
ANEXO XXI – Foto com os alunos da turma presentes na última aula	271

ANEXO XXII – Controle de frequência do período de estágio.....	273
ANEXO XXIII – Cartaz de divulgação do projeto extraclasse.....	275
ANEXO XXIV – Primeiro encontro do projeto extraclasse	279
ANEXO XXV – Segundo encontro do projeto extraclasse.....	285
ANEXO XXVI – Terceiro encontro do projeto extraclasse.....	287

Resumo

Este relatório final é o resultado das experiências ao longo do percurso da disciplina de Estágio em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I. Trata-se da junção do período de observação e inserção no espaço escolar, do planejamento das aulas e das vivências da docência na execução dos projetos. O estágio aconteceu no período de agosto a dezembro de 2015, em uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA), período noturno, do Colégio Municipal Maria Luíza de Melo (CMMLM), localizado no município de São José. Foi orientado e supervisionado pela Profa. Dra. Isabel Monguilhot, com colaboração e participação da Profa. Dra. Eliane Debus na idealização e realização do projeto extraclasse. A temática escolhida para a docência foi “Variações Linguísticas nas Identidades Culturais”, dialogando com o eixo temático do colégio, Pluralidade Cultural. Esse tema possibilitou um trabalho com a turma 382 voltado às relações entre língua e cultura, por meio de diferentes gêneros textuais orais e escritos, visando a proporcionar aos alunos o entendimento de que os recursos e estratégias comunicacionais utilizados nas relações dialógicas, seja por meio da fala ou da escrita, são construídos de acordo com a exigência do meio, ou seja, da esfera social de circulação, conforme sugere Bakhtin (1997). As atividades propostas tiveram como foco a oralidade, a leitura, a (re)escrita e a interpretação de textos enunciados de diferentes gêneros à luz das reflexões de Antunes (2003), por meio das quais se almeja realizar a análise linguística proposta por Geraldini (1997) e adotada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da Educação Básica. Com a nossa mediação, os alunos produziram, como produto final desse período, *fanzines* a respeito de aspectos que variam em nossa língua e um livreto com relatos sobre o preconceito linguístico, tema que gerou bastante polêmica e troca de experiências pessoais em sala de aula. No que concerne ao projeto extraclasse, optamos por trabalhar a literatura de tradição oral expressada na poesia de Eloí Bochecho, autora catarinense. Trabalhamos a leitura, escuta, escrita e criação poética instigando alunos de quatro turmas da EJA a se envolver e buscar o sentido profundo do texto, visando a desconstruir a ideia de que a leitura literária é uma tarefa penosa. O projeto, intitulado “Poesia de tradição oral: escuta, leitura e criação” ocorreu em três noites e resultou na construção de uma ‘instalação’, na dramatização de poemas e na escrita criativa e declamação de poemas. Por fim, admitimos que o uso da língua(gem) está intimamente relacionado à interação entre os sujeitos na escola e fora dela. Ensinar só faz sentido se concebermos a língua não apenas como um sistema fechado, mas como sistemas que se adequam ou são adequados pelos seus usuários de acordo com as exigências situacionais. É preciso ensinar partindo do que os sujeitos estudantes já trazem consigo, os seus saberes culturais, as práticas de letramento nas quais estão inseridos. A experiência durante esse período nos fez refletir e repensar a prática pedagógica, contribuindo para a ressignificação de nossas práticas enquanto profissionais educadores em processo formativo.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Estágio de docência; Variação linguística; Poesia; Criação.

Apresentação

O presente documento diz respeito ao relatório de estágio de docência, obrigatório na formação de licenciados, conforme estipulado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pelo Governo Federal¹. A disciplina de Estágio Obrigatório I (em 2015.2, turma 09426A) é vinculada ao Departamento de Metodologia de Ensino (MEN), e ministrada por profissionais formados nas respectivas áreas de interesse. Esse documento diz respeito ao estágio para o curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, curso vinculado ao Departamento de Língua e Literatura Vernáculas (DLLV). Por se tratar de estágios obrigatórios para a formação de docentes, não é feita remuneração aos alunos participantes da disciplina.

O estágio realizado na UFSC é regularizado por meio do sistema SIARE, o qual funciona como cadastrador de estágio dos alunos da universidade e gera o Termo de Compromisso de Estágio (TCE) (ver ANEXO I, p. 197). O TCE funciona como um documento comprobatório de estágio, mantendo o cadastro do aluno com a instituição concedente, e ao mesmo tempo, assegurando-o contra acidentes pessoais que porventura podem ocorrer no período.

Regularizado com o TCE, o estágio é iniciado. É, ao longo desse processo, estipulado o colégio conveniado com a UFSC que esteja disposto a receber alunos estagiários. No caso deste relatório, é o Colégio Municipal Maria Luiza de Melo (CMMLM) que está em foco. Feito isso, o estágio é dividido em três etapas majoritárias: a etapa de observação, a etapa do projeto extraclasse e a etapa de docência – intermediadas pelos planejamentos dos respectivos projetos que respaltam nestas etapas. Esse documento diz respeito à compilação destas três etapas, juntamente com o ensaio final de cada membro do grupo.

¹ Ver referências em Brasil (2008).

1 Registro das informações sobre o espaço escolar

Esse capítulo tem como objetivo detalhar o registro das informações sobre o espaço do CMMLM. As descrições a seguir são expostas com base em entrevistas e documentos fornecidos pelos profissionais que exercem suas atividades no local; e nos levantamentos de informações feitos pelos alunos estagiários ao longo do período reservado para observação. Essas descrições são subdivididas em quatro itens, os quais dizem respeito, respectivamente: ao histórico da cidade e do CMMLM; à estrutura física atual dessa instituição, juntamente com as características da localidade em que o CMMLM está inserido, levando em consideração o público que o frequenta (profissionais, alunos e cidadãos) e a comunidade, de maneira geral, presente no entorno; e aos objetivos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Para o histórico, tem-se como base o Projeto Político Pedagógico (PPP) do colégio, do qual somente algumas páginas foram disponibilizadas, e o Projeto Político Pedagógico para Educação de Jovens e Adultos (PPP/EJA). É contada, de maneira resumida, a história e o porquê da fundação do colégio.

Para o colégio, apresentam-se as características físicas (a infraestrutura do prédio e a disposição do espaço), o funcionamento e a disponibilidade de materiais para os alunos da EJA, com base no PPP/EJA (2012) e nas observações dos alunos estagiários.

No que diz respeito aos cidadãos, leva-se em conta a quantidade de pessoas que têm vínculo com a instituição (alunos, professores e outros profissionais relevantes ao funcionamento do colégio) e o perfil socioeconômico e intelectual dessa comunidade. Esse último item é descrito com base nos questionários aplicados à turma 382 do 8º ano da modalidade EJA e nas entrevistas realizadas com alguns profissionais.

O item reservado ao objetivo da EJA tem como base o PPP/EJA, os questionários aplicados aos alunos, à professora da turma de 8º ano² e à coordenadora da modalidade. Ele busca entender e expor a demanda que levou o colégio a abrir essa modalidade e quais estratégias são adotadas para que a EJA funcione e permaneça. Após isso, é descrito o sistema de ensino para essa modalidade: divisão do tempo, das disciplinas e do conteúdo; e os objetivos e interesses do público que o frequenta.

² O questionário enviado à professora de Língua Portuguesa (LP) não foi entregue à turma 09426A. Detalhes se encontram no item 1.3 deste capítulo.

1.1 Histórico

1.1.1. Cidade

De acordo com o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2012), baseado nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de São José - SC quase triplicou de 1980 a 2010, passando de 87.822 a 209.804 habitantes. Ela é quase em sua totalidade urbana, devido ao fato de estar localizada no centro dos municípios participantes da Grande Florianópolis (ver ANEXO III, p. 205). Ela é composta, em sua maioria, por famílias de classe média, as quais contribuem com a economia municipal. Essa economia é predominantemente do setor de serviços, o qual arrecada 64 % do Produto Interno Bruto (PIB) municipal. Boa parte da população da cidade não é nativa da região, o que leva a se concluir que o crescimento do local se deu devido ao fato de os moradores que ali iam se instalando, abriam uma pequena empresa, em geral de comércio, para atender à demanda local.

O CMMLM está localizado no bairro Kobrasol, um dos quatro mais populosos da cidade. O bairro é totalmente urbanizado (Figura 6). E, devido a quantidade de moradores, ele precisou, ao longo do tempo em que a cidade crescia, suprir a demanda exigida pelo Governo Federal.

1.1.2. O CMMLM

De acordo com o PPP/CMMLM (2012), a instituição recebeu esse nome em homenagem à mãe do prefeito da época, Germano João Vieira. Maria Luiza de Melo (1889-1934) foi uma mulher culta e à frente de seu tempo, sempre envolvida e preocupada com o andamento cultural e educacional da comunidade, é considerada uma heroína da educação (PPP/CMMLM, 2012).

Faz alguns anos que o colégio vem dividindo seu espaço físico com a Universidade São José (USJ). Ele foi fundado em 12 de novembro de 1988 e passou a exercer suas atividades em 1989, surgindo com a necessidade de atender à comunidade local, almejando evitar que a população que crescia constantemente devido à urbanização fosse estudar em municípios vizinhos.

Ao longo dos anos, a infraestrutura do colégio foi crescendo juntamente com o aumento da população. Assim, para atender aos filhos dos moradores da região, teve-se que criar mais turmas e conseqüentemente contratar mais profissionais. Atualmente, o

colégio consegue atender mais de 2 mil alunos por ano e manter o funcionamento de uma universidade que disponibiliza cinco cursos de graduação e dois cursos de pós-graduação (Figura 10).

1.2 Colégio (infraestrutura e funcionamento)

O CMMLM possui uma área de 3.840 m² subdivididos em três blocos: A, B e C, os quais foram construídos ao longo dos anos de acordo com as demandas e o crescimento populacional dos entornos. Desses três blocos, um deles é exclusivo da USJ, juntamente com algumas salas de aula dos demais. A instituição comporta 36 salas de aula; dois laboratórios de informática, ciência e computação; biblioteca; sala de professores; sala de especialistas; sala de vídeo; auditório; sala de dança; sala de recursos humanos; sala de assessoria; duas salas de direção; três salas de supervisão escolar e orientação educacional; cozinha; cantina; e espaço apropriado para prática esportiva.

O colégio funciona nos três turnos. Ele abriga o ensino fundamental e médio no período matutino e vespertino, o ensino fundamental médio na modalidade EJA à noite, juntamente com o ensino médio regular. E disponibiliza aulas, biblioteca, sala de informática, secretaria e merenda em todos os períodos. Contudo, os alunos do CMMLM têm acesso à biblioteca, no período noturno, somente para consulta devido ao fato de os funcionários que trabalham nesse turno serem funcionários da USJ; assim, somente os alunos da universidade podem tomar emprestados alguns livros.

1.3 Participantes

1.1.3. Geral

Em se tratando da quantidade de pessoas que ocupam o espaço escolar para exercer atividades profissionais ou educativas, o quadro de funcionários abrange diretor-geral; diretor dos anos iniciais; diretor dos anos finais; coordenadora geral da EJA e do Ensino Médio; orientadores educacionais; auxiliar de coordenação; digitador; secretária; funcionário de recursos humanos; e merendeira. O colégio, em sua totalidade, possui 2.259 alunos matriculados, 72 funcionários e 148 professores. Especificamente na modalidade de ensino da EJA, o quadro é de 14 professores e 221 alunos, incluindo os profissionais mencionados anteriormente.

Segundo o CMMLM (2012), no entorno da região que abriga o colégio encontra-se uma comunidade de classe média baixa, comercial e residencial. O colégio atende aos

filhos de funcionários públicos e trabalhadores da iniciativa privada, bem como jovens e adultos trabalhadores que estudam no período noturno nas modalidades EJA e ensino regular. A maioria das famílias tem escolaridade básica.

1.1.4. Alunos do oitavo ano

Trata-se da turma 382 de 8º ano da EJA cuja quantidade total de alunos é 23. De acordo com os gráficos anexos a este relatório (ANEXO V, p. 211), o perfil dos alunos da turma observada é, em sua maioria, de jovens entre 15 e 18 anos cujo índice de reprovação no ensino regular era muito alto e a administração do colégio aconselhou-os a procurar a EJA. Devido a isso, o objetivo da turma varia entre jovens que desejam concluir o estudo para entrar na universidade e adultos que precisam do ensino básico para conseguir um emprego melhor ou prestar concurso público. Também variam as atividades exercidas pelos alunos no período em que eles não estão no colégio: alguns trabalham; outros estão apenas estudando.

De maneira geral, os motivos que fizeram com que eles procurassem a EJA são o de conseguir um emprego melhor ou uma carreira, o de entrar em um curso de graduação e até mesmo o de adiantar os estudos.

Os alunos gostam, no período em que não estão estudando ou trabalhando, de: praticar esporte, ir à academia, passear, acessar à *internet*, jogar, ir à igreja, etc.

1.1.5. Professora

No dia 27 de agosto, foi entregue em mãos o questionário enviado à professora de LP da turma 382 e também por *e-mail*. Foi pedido a ela que, por gentileza, enviasse o questionário preenchido até o dia 15 do próximo mês. Ela, então, não enviou o questionário. Depois de tanto insistir, deixou-se de cobrar por um tempo, para evitar constrangimentos.

No dia 24 de novembro, foi pedido a ela que enviasse, pois ele era fundamental para a finalização deste relatório. Ela afirmou à Profa. Isabel que já havia enviado por o *e-mail* há um tempo. Após a estagiária Samara verificar seu *e-mail*, constatou-se o não recebimento dele. Foi enviado, dia 25 de novembro, um outro *e-mail* à professora da turma para nos reenviar o e-mail, justificando que se contatou o não recebimento e solicitando o reenvio. Contudo, a professora, até então, não reenviou o *e-mail* aos estagiários.

1.1.6. Funcionários administrativos e de outros cargos

Dos funcionários entrevistados, todos gostam de exercer a sua profissão no colégio e estão satisfeitos. Achem a educação uma das coisas mais importantes para a população pois ajuda os cidadãos a entrar no mundo do conhecimento científico. Essa importância se dá pelo fato de que os alunos precisam adquirir ética, moral, e coisas que lhes sejam intrínsecas ao próprio ser, o que para eles é algo difícil de se conquistar em um mundo capitalista e em uma sociedade na qual as pessoas estão corrompidas pelo dinheiro e pelo acúmulo de bens.

A relação do colégio com a comunidade foi considerada ótima, porém com atritos. Esses atritos se dão, segundo eles, pelo fato de que a religião, o conhecimento popular, a política, as crenças e outras atividades exercidas pelos alunos fora do colégio nem sempre coincidem com o conhecimento científico que o colégio deseja propagar.

1.4 A Educação de Jovens e Adultos

Segundo o CMMLM (2012), o colégio visa a formar cidadãos participativos, conscientes de seus direitos e deveres, que vivenciem atitudes de respeito, solidariedade, cooperação, responsabilidade social e repúdio às injustiças sociais. Tais objetivos pretendem ser alcançados por meio do desenvolvimento de atividades permanentes sobre a “humanização do espaço e das relações sociais” (p. 3) e também com os saberes historicamente construídos pela humanidade.

Nos dados disponibilizados pelo CMMLM (2012), a maioria dos alunos da EJA não são naturais do município de São José, porém residem no local. No Ensino Fundamental, a faixa etária oscila entre 15 e 20 anos de idade, e no Ensino Médio de 20 e 35 anos de idade. A composição familiar é de aproximadamente três a quatro membros, sendo que a renda gira em torno de três salários mínimos. Muitos motivos são responsáveis pelo abandono do ensino regular e procura pela EJA, a exemplo podemos mencionar o trabalho, a repetência, a maternidade não planejada, a necessidade de auxiliar na renda familiar ou pelos alunos terem que cuidar de algum membro da família. Esses alunos retornam à escola por exigências do mercado de trabalho de iniciativa privada, o qual vem exigindo cada vez mais formação para a contratação de funcionários, ou retornam por almejam uma graduação e a realização de concursos públicos.

Dentro desse perfil, ao CMMLM cabe o dever de garantir o acesso à educação a quem procura, dentro dos quesitos estipulados pelo seu regimento interno:

Contribuir para a efetivação de uma educação mais justa, pública e democrática, que de fato assegure ao máximo a socialização do saber escolar como um instrumento cultural indispensável para que o educando possa agir na sua prática social como um cidadão consciente e participante das transformações sociais. (OLIVEIRA, 1996 p. 28 apud CMMLM, 2012, p. 2).

Aos docentes, seus direitos e deveres são com base nas seguintes legislações: Constituição Federal; LDB (9394/96); Lei Orgânica de São José; e Estatuto do Magistério (1995) (CMMLM, 2012). E a eles, conforme o regimento interno do colégio, cabe ministrar aulas com qualidade e conteúdo, tendo em vista o processo de ensino-aprendizagem cujo objetivo é:

Processual, diagnóstico, dinâmico, participativo, qualitativo, inclusivo e emancipatório.

Mediação-interação-dialogicidade.

O processo de ensino-aprendizagem se dá a partir da realidade cultural e social dos alunos e professores, bem como de suas condições humanas e de trabalho, lembrando que tudo o que acontece na escola tem um caráter educativo. (CMMLM, 2012, p. 4).

Assim, utilizando-se dos meios e materiais descritos anteriormente, os professores precisam passar o conteúdo do ensino regular aos alunos da EJA, para que os discentes possam alcançar o mesmo objetivo daqueles que frequentam o ensino regular.

Ao colégio, de maneira geral, é estabelecido, no seu regimento interno, que: se promova uma educação de qualidade; seja assegurada a permanência do aluno na instituição e, conseqüentemente, não haja evasão; se combata à repetência; se desenvolva a competência dos alunos para o convívio social e democrático; e se garanta o acesso ao mercado de trabalho e à sociedade (CMMLM, 2012, p. 2).

No mais, o colégio conta com um projeto opcional aos professores que gira em torno de um Eixo Temático. Esse eixo temático diz respeito a um tema escolhido pelo corpo docente, o qual perpassará pelas aulas por todo o semestre letivo. Ao término do ano, os alunos apresentam um Produto Final que corresponde ao eixo temático. O eixo temático deste semestre é Pluralidade Cultural e o tópico abordado pela professora de LP é Mitos e Lendas na Cidade de Florianópolis.

Enfim, dentro das descrições anteriormente apresentadas, juntamente com os deveres e obrigações do colégio – sejam eles estabelecidos pelo Governo Federal, Estadual ou Municipal, sejam eles estabelecidos pelo próprio colégio –, vem a seguir o relato das aulas de LP da turma de 8º ano da EJA. O item reservado para o relato crítico usa como apoio esses objetivos e deveres presentes nos documentos do colégio, a fim de comparar o que é documentado e o que é realmente executado na prática do corpo docente.

2 Relato crítico das aulas assistidas

Este Capítulo diz respeito à análise crítica dos estagiários a respeito das aulas observadas. O objetivo dele é o de se estabelecer um paralelo entre a prática pedagógica da professora de LP da turma 382 de 8º ano da EJA e os critérios exigidos pela disciplina do estágio. Esses critérios dizem respeito ao trabalho em sala de aula sobre oralidade, escrita, leitura e análise linguística. Assim, estabelece-se uma analogia entre a prática docente realizada com a turma e esses quatro critérios que são essenciais, se colocados em diálogo, para o bom andamento das aulas.

2.1 Por Samara Hinkel Corrêa

O processo de ensino de língua portuguesa se mescla ao processo de aprendizagem desta, tratando-se de processos correlacionados. A prática do ensino-aprendizagem está intimamente ligada à concepção de linguagem norteadora das práticas docentes. Seguindo o pressuposto teórico que concebe a língua/linguagem como “realidade vivida” (BAKHTIN, 1929), tomemo-la como instrumento de interação social. Os sujeitos sócio-historicamente constituídos fazem uso da língua/linguagem nas mais diversas situações. Esse processo os forma e lhes permitem conhecer uns aos outros. Ensinar só faz sentido se concebermos a língua não apenas como um sistema, mas como sistemas que se adequam ou são adequados pelos seus usuários de acordo com as exigências situacionais.

Partindo desse pressuposto, após observar as dez aulas no período de observação, podemos destacar que a professora entende a língua/linguagem como heterogênea e não mantém o foco de suas aulas no ensino de gramática tradicional. Ela procura abordar o ensino de literatura, todavia, o faz de forma bastante superficial e descontínua, com interrupções de um conteúdo e abordagem de outro sem estabelecer relações diretas ou indiretas entre eles. Acreditamos ser imprescindível que os alunos conheçam e aprendam a diferenciar os textos enunciados uns dos outros, para que se tornem aptos à prática da oralidade, leitura, escrita, análise linguística e crítica diante dos discursos.

Os conhecimentos gramaticais também são importantes, mas devem ser ensinados como estratégias para que se consiga dizer aquilo que se quer dizer da melhor forma possível, encaixando os discursos em seus objetivos. Apesar de não conceber nas regras gramaticais a língua por excelência, uma vez que esta nasce nos usos, nas formas mais informais de comunicação oral e escrita, nos gêneros primários como nos sugere Bakhtin, a

professora deixou de trabalhar os aspectos gramaticais por meio das “atividades metalinguísticas” (GERALDI, 1997), as quais refletem sobre a língua em sua estrutura sistemática e nomenclaturas necessárias. Só a partir da elaboração de conhecimentos adquiridos os alunos serão capazes de produzir textos enunciados de gêneros secundários, necessários para a comunicação oral e escrita em meios de prestígio.

É preciso ensinar partindo do que os sujeitos estudantes já trazem consigo, os seus saberes culturais, as práticas de letramento nas quais estão inseridos. Adentrando o universo dos alunos, é possível mediar a sua relação com os conhecimentos novos, que por sua vez não devem ser impostos, mas apresentados com reflexão e espaço para que se ouça a voz dos alunos. No que concerne a esses aspectos, também se sente um descaso por parte da professora em lapidar as capacidades dos alunos. As atividades que ela propôs são muito mecânicas e superficiais, abarcam a compreensão e decodificação de um texto, mas não enfocam a interpretação, visão crítica e criatividade dos alunos. Estes recebem o conteúdo sistematizado, copiam e acabam se calando por não encontrarem nas atividades propostas oportunidades para se fazerem ouvir

Acreditamos que a prática docente auxilia na formação de cidadãos críticos, conscientes e capazes de agir socialmente por meio dos textos-enunciados. Entretanto, com excertos de textos literários que não são abordados com profundidade, e conhecimentos sistematizados de teoria literária que a professora passa no quadro e os alunos copiam, não é possível que os alunos desenvolvam textos seus, nos quais se assumam como sujeitos responsivos, autores de seus próprios dizeres. Para que um aluno produza um texto, conforme sugere Geraldi (1991), é necessário que ele tenha o que dizer, tenha razões para dizer o que tem a dizer, e se assuma como sujeito que diz, sobre o que diz e para quem diz, e também escolha estratégias para dizer.

Percebeu-se então, um bombardeio de conteúdos diversos abordados de maneira muito rápida e superficial. A professora utilizava o quadro negro e *slides* para lançar esses conceitos; fazia uma leitura rápida; solicitava que os alunos copiassem e decodificassem o texto; e quando eles tinham o direito de opinar, também opinavam de forma superficial, sem embasamento ou esforço para convencer a professora e os colegas de suas constatações. Apenas nas aulas dedicadas à contação de histórias, contos e lendas sobre a Ilha de Florianópolis, percebeu-se interesse da parte dos alunos. O trabalho com a literatura é muito importante para despertar esse interesse que os alunos têm pelo fictício, pelo fantástico e pelo maravilhoso. Porém, a leitura desses textos acontece também apenas

como pretexto para a retirada de determinadas informações, o texto se transforma em pretexto para a criação de “fichas de leitura” (Figura 17), uma atividade extremamente mecânica na qual os alunos não refletem e não compartilham sua experiência literária, pois não a vivenciam de fato.

Todorov (2009) observa, sabiamente, um excesso de enquadramento nos estudos sobre a literatura. Não se aprende o que as obras “dizem”, mas sim o que “dizem” sobre as obras, ou seja, estuda-se crítica sobre a obra, e “atropela-se” a experiência com o texto.

Em contrapartida, incentivar uma leitura puramente livre e prazerosa, na qual o momento histórico-social e as estratégias narrativas presentes no texto não sejam explorados ou tomados como aspectos importantes, também pode ser prejudicial ao ensino de literatura. Não sabemos, e não há receitas ou fórmulas em lugar algum que nos vão apontar qual caminho exato se deve seguir para que o ensino de literatura na escola seja eficaz como ferramenta para aprendizagem linguística. Todavia, tomando a língua/linguagem pelo viés interacionista e dialógico, e arriscamos dizer que não faz sentido concebê-la de outra maneira na escola, e entendendo a literatura como manifestação das mais diversas linguagens, cabe ao educador buscar um equilíbrio entre o deleite que a leitura provoca, os aspectos histórico-sociais que fortemente perpassam as obras, e os aspectos formais da língua que ecoam intencionalidade por trás do texto literário.

O sujeito leitor possui uma visão de mundo, produto do conjunto de práticas de leitura que adotou e adota em sua trajetória letrada, movido pela sua relação com o outro. Retomando Todorov (2009), a literatura tem o poder da “exotopia”, ou seja, visita-se o olhar do outro através da literatura, vivencia-se a vida do outro e retorna-se a si modificado por esse deslocamento dialógico que a obra literária incita. Para compreender melhor, tomemos as palavras de Todorov (2009, p. 79):

Lançando mão do uso evocativo das palavras, do recurso às histórias, aos exemplos, e aos casos singulares, a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial.

A literatura, portanto, liberta o leitor, cria mundos e situações diversas que ao mesmo tempo em que são ficcionais, surtem interpretações que podem ser transportadas para o real, agindo como lentes que ajudam a enxergar o mundo. Contudo, isso só é possível se entendemos que os métodos para ensinar literatura são meios e não fins em si mesmos.

O conto O Casarão das Bruxas (Figura 16) foi lido em sala de aula e muitos aspectos linguísticos, culturais e de estratégias discursivas poderiam ser abordados pela professora para construir com os alunos um resultado de estudos que, de fato, fizesse sentido. No entanto, serviu apenas como subterfúgios para a identificação de personagens, narrador, foco narrativo e demais elementos da narrativa. Pouco se abordou sobre a experiência de cada um com o texto. A partir das atividades de leitura o mais importante seria instigar o aluno a escritura do seu próprio texto, o que não aconteceu.

Mas se as práticas de ensino de literatura da professora não pareceram eficazes na contemplação do trabalho com a oralidade, leitura, escrita e análise linguística, qual literatura ensinar na escola, de maneira que seja possível formar “leitores perenes” (CECCANTINI, 2009) para além da escola? Como ensinar?

Retomando a trajetória histórica do ensino básico brasileiro, podemos pensar no espaço que o texto literário perde para os textos cotidianos nos anos sessenta, quando a notícia e os textos jornalísticos são incorporados aos materiais escolares, em uma tentativa de aproximar os alunos dos textos sociais, que circulam e fazem parte da vida “real” para além dos muros escolares. Conforme aponta Colomer (2007, p. 37), “parece que um dos pontos de debate na atualidade deveria ser buscar novas formas de estabelecer a função de aprendizagem linguística que a literatura é capaz de desenvolver na escola”.

A leitura notoriamente é capaz de lapidar capacidades de oralidade, leitura, escrita e análise linguística a partir de um trabalho que faça o leitor compreender a dimensão dialógica e ideológica das manifestações escritas. Admitamos sim a importância da escrita cotidiana, dos anúncios e múltiplas formas escritas que permeiam nossa vivência social. Contudo, não desprezemos o valor da literatura como instrumento de aprendizagem linguística, capaz de comportar em seu interior o que Bakhtin (1979) conceitua como “gêneros primários” e “secundários”, isto é, manifestações de enunciados que nascem nos meios mais informais de expressão da língua/linguagem e vão até as formas mais prestigiosas do uso, respectivamente.

Espera-se, a partir da leitura, formar alunos capazes de agir socialmente com humanidade e dignidade, entendendo que nem tudo é lúdico e que ler exige esforço, não apenas prazer, conforme ratifica Colomer (2007, p. 44):

A esperança educativa parece depositar-se apenas nos livros, nas leituras que, talvez, pouco a pouco, levarão os jovens em direção a outras leituras mais complexas. Mas sabemos que não se aprende a ler livros difíceis lendo apenas livros fáceis.

É sabido, que o ensino de literatura passa por muitas dificuldades no contexto atual em que os nichos de mercado atuam na vida cotidiana do aluno dentro e fora da escola.

Mais importante ainda é fazê-los compreender que a ficção, portanto a literatura, está presente intensamente na vida cotidiana e não vivemos sem ela. Nos relatos, nos sonhos, nos desejos:

A criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis de modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto, ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (CÂNDIDO, 2004, p. 174-175).

É de irrefutável importância admitir a “tríplice função da leitura, a saber, informar-se, deleitar-se e entender particularidades da escrita” (ANTUNES, 2003) como norteadora das práticas pedagógicas em prol da formação de sujeitos leitores, capazes de ler e refletir sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmo.

Desta forma, pensando no eixo temático que deve nortear todo o semestre da EJA do CMMLM, em todas as disciplinas, a saber, Pluralidade Cultural, consideramos bastante interessante a temática mitos e lendas da “Ilha da Magia”, pois aborda aspectos sócio-históricos, culturais e literários bastante interessantes. Muitos são os caminhos que se poderia trilhar a partir dessa temática, no entanto, o foco na explicação sistemática de elementos da narrativa e no preenchimento da ficha de leitura como forma de avaliação acaba impedindo que a experiência literária e sua relação íntima com o desenvolvimento e aprimoramento da oralidade, leitura, escrita e análise linguística sejam abarcadas.

Além disso, a escolha de obras literárias (Figura 18) para produção de uma segunda ficha de leitura ficou muito desorganizada, cada aluno pegou o livro que bem entendia na caixa de leitura e as obras eram muito diferentes – adaptações de clássicos como *Ilíada* e *Odisseia* para o público infantil foram escolhidos por alguns alunos, ao passo em que *O Alienista* e *A Moreninha* foram escolhidos por outros. Desta forma, não houve uma socialização ou atendimento individual para preparar os alunos para as leituras, e o conteúdo exigido pela ficha de leitura nem se quer faz necessária, de fato, a leitura integral da obra.

Consideramos louvável a iniciativa de colocar o aluno em contato com a obra literária, porém, deve-se preparar e explorar a leitura desse aluno, acompanhar seu desenvolvimento, seu amadurecimento, afinal, “nada impede o professor de apontar, nas leituras mais superficiais, as inconsistências que julgar importante para uma compreensão

maior da obra, solicitando, inclusive, que o aluno realize uma reescritura.” (COSSON, 2014, p. 84). Dentro do eixo temático trabalhado pela escola, a partir da temática das lendas e mitos, muito poderia se fazer abarcando a oralidade (socializações, encenações, apresentações), a leitura (sistemizada, a partir de uma sequência didática que abra as portas ao aluno), a escrita (com razões reais para a criação e posicionamento do aluno) e análise linguística (atividades de pré-leitura, leitura e interpretação, bem como análise sobre os aspectos formais e sistematizados da língua em uso comunicacional).

É de extrema necessidade acreditar na capacidade dos alunos de estudar mais a fundo determinado tema e deixar que as ideias fluam a partir de bons referenciais e da consciência daquilo que se quer fazer/dizer/realizar por meio da língua portuguesa.

2.2 Por Thalisson Erick de Almeida Machado

Diante do que foi acompanhado, este é o momento de reflexão acerca das práticas didático-metodológicas que foram passíveis de observação durante as dez aulas em que pude acompanhar. Antes de tudo, é importante lembrar que não se trata de uma turma no ensino regular, trata-se de uma turma cursando a EJA, na qual as concretudes de ensino são diversas daquelas praticadas dentro de um ambiente escolar regular. E, dentro deste aspecto, também é importante ressaltar a autonomia municipal em estabelecer práticas pedagógicas, no que se refere ao EJA, que melhor lhes caibam nos seus entendimentos.

No caso do CMMLM, a proposta da EJA é a de oferecer aulas presenciais durante toda a semana, excetuando as sextas-feiras, que são dedicadas às atividades extracurriculares. No período de seis meses, o aluno consegue cursar um ano regular e assim acelerar seus estudos. O público que frequenta essa modalidade de ensino é bastante diverso, embora geralmente é do senso comum imaginar que o EJA é frequentado prioritariamente por aquelas pessoas que não tiveram chance de estudar regularmente, ou porque onde moravam não existia escola que contemplasse todos os anos, ou também porque já estavam envolvidas no trabalho diante de suas condições sociais e econômicas. Não se espera encontrar jovens com idade inferior aos vinte anos.

Diferente deste quadro, a turma aqui observada é, prioritariamente composta por jovens com idades inferiores aos vinte anos. O que resta são, no máximo, três alunos que estão entre 30 e 40 anos. Nesse sentido, o perfil da turma é obrigatoriamente alterado pela faixa etária predominante. Levanto essa questão para poder dizer que os jovens que ali frequentam as aulas têm energia e deixam a sala de aula mais vibrante.

A relação entre a professora e os alunos é bastante cordial e durante o período de observação pude notar um grande respeito que a maioria dos alunos tem pela professora. É claro que exceções são sempre existentes, mas a parte majoritária é respeitosa em sua relação com a professora. Além disso, esses, os mais respeitosos, na sua grande maioria já tiveram aula com a professora no ano anterior e por isso já têm laços mais fortes. O tratamento que a professora lhes dá também me pareceu incomum, sobretudo porque minhas últimas experiências entre aluno e professor são de dentro da universidade e de longe se parece com esta que presenciei nestas aulas. A professora parece conhecer, pelo menos minimamente, a história de cada um. Trata-os de forma muito amorosa, o que cria um clima de empatia entre os alunos e a professora. Tais fatos me parecem bastantes pertinentes para o contexto da EJA, porque com essa relação mais próxima que o aluno tem com a professora parece-me retirá-lo, em certa medida, da exclusão causada pelo choque de uma turma mais heterogênea do que no ensino regular. Tal situação de quase amizade torna o convívio dentro de sala de aula mais terno e cria também uma sensação mais intensa de pertencimento. Isso, no meu ponto de vista, é fundamental para a permanência dos alunos, sobretudo os mais jovens. Aliás, os alunos que já acompanharam a professora nos outros anos são os que mais permanecem em sala de aula.

Na Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos (MEC, 2002) pode-se perceber que o ensino na EJA é uma modalidade de ensino sintético. Nesse sentido, as estratégias de ensino precisam necessariamente ser diferentes das praticadas no ensino regular, sobretudo no que se refere aos recortes escolhidos como conteúdo. Essa seleção é complexa e por vezes traça caminhos invisíveis. O equilíbrio entre o que o currículo estabelece como essencial e a realidade de cada sala de aula deve ser levado em consideração, embora isso nem sempre seja possível pelos fatores da vida real que sobrepujam e desarticulam qualquer teoria.

A professora desta turma segue um eixo temático adotado. Esse eixo deve ser encaixado em todas as disciplinas e serve como fio condutor a fim de estabelecer um ensino mais coerente com a realidade atual e escapar da aparência alienada que vinha tendo o ensino. Este semestre, no CMMLM, o tema é Pluralidade Cultural, logo é esse o tema que deve perpassar todas as disciplinas. A professora da turma resolveu trabalhar, dentro desse tema, as histórias e lendas de Florianópolis por achar importante o conhecimento da cultura local advinda sobretudo da cultura trazida pelos imigrantes açorianos que colonizaram grande parte do litoral catarinense. Para isso, a professora trouxe um livro de

contos de Messias Serôa de Mota, chamado *As bruxas do Desterro*. Ela selecionou o conto “O casarão das bruxas” e trouxe para a leitura em sala de aula. A proposta posterior era a elaboração de uma ficha de leitura do conto como uma espécie de preparação para a elaboração de uma atividade posterior: a elaboração de outra ficha de leitura, mas neste caso a partir de um romance lido.

O conteúdo típico trazido pela professora para a elaboração das fichas de leitura foi o de levar ao conhecimento dos alunos os elementos da narrativa, algo que poderia lhes auxiliar na produção destas tarefas. O que a professora pretende? O que se pretende ensinar ao aluno ao fazê-lo produzir duas fichas de leitura? Para que serve uma ficha de leitura? Esses alunos irão usar uma ficha de leitura? Essas são questões que me fiz e é sobre elas que pretendo escrever a seguir. Mas, claro, sem pensar que tudo na escola precisa ter serventia imediata.

É fundamental para o professor que se faça tais tipos de questões quando ele estiver elaborando o seu planejamento de trabalho. Essa necessidade, aponta Geraldí (2010), de equilibrar os conteúdos com os acontecimentos advindos da própria escola e dos alunos transforma o modo de visão do aluno e também do professor. Nas palavras de Geraldí (2010, p. 100) “tomar a aula como acontecimento é eleger o fluxo do movimento como inspiração, rejeitando a permanência do mesmo e a fixidez mórbida do passado.” Nesse trecho, Geraldí ressalta a importância de olhar para o agora, para cada sala, para cada situação e tratá-la como única, uma vez que os eventos não se repetem, evitando assim a permanência do mesmo.

Minha compreensão do estudo da linguagem na escola parte de bases socioculturais ou interacionistas que concebem a linguagem como produto da atividade social. Nesse sentido, pondo como ponto fundamental para esta compreensão a noção de interação pelo viés bakhtiniano, portanto viva. Nesse caráter vívido da linguagem é que pretendo aplicar minhas considerações sobre o ensino nesse período de observação.

Tendo a compreender que as dificuldades que cercam o ensino de Língua Portuguesa na turma observada é mais uma questão sistêmica, depois social e no terceiro ponto entre o professor e o aluno.

Digo que a dificuldade dentro da modalidade EJA é um problema sistêmico, pelo fato da modalidade parecer solta dentro da compreensão de Educação Básica. A suspeita é que ele foi simplesmente encaixado. Portanto, a atenção que essa modalidade recebe não me parece a mesma que o ensino regular oferece. Além disso, outro ponto a ser levado em

consideração é a qualidade dos livros didáticos que foram comprados para o EJA. A professora quando perguntada se usava o livro didático, referiu-se a ele como inútil para suas aulas. Disse que o livro era um único volume para todas as disciplinas e que na parte de português pouco se aproveitava, referindo-se à fragmentação excessiva e pouco aprofundamento dos conteúdos.

Quase todo o conteúdo visto nesse período de observação tinha um único propósito: a confecção de duas fichas de leitura. Isso, é um fato que poderia ser revisto. Pois, embora os alunos soubessem – porque a professora explicou – para que serve uma ficha de leitura, eles pouco se interessaram e não conseguiram enxergar a necessidade desse tipo de conhecimento. Isso causa grande acomodamento da turma que age apenas para fazer mais um exercício que irá valer nota, mas que de pouco irá servir. A questão de utilidade e inutilidade é uma questão muito cara para a escola contemporânea. Sucumbir ao utilitarismo também não vejo como a melhor saída. Contudo, há, sem dúvidas, a necessidade de se repensar a maneira que se ensina, bem como o que se ensina. Essa seleção me parece fundamental para minimamente localizar o aluno e apresentar o que não lhe pareça alienante ou obsoleto. Essa apresentação torna a recepção de conteúdos e atividades muito mais frutíferas. Isso sem dúvidas esbarra na concepção contemporânea de rompimento com o passado, na crença de que tudo que é novo é bom e que o que está no passado é obsoleto e sem valor.

Esse valor social que vem impregnado no aluno tanto da EJA como em alunos do ensino regular e nas pessoas de forma geral vai de encontro com o conhecimento científico, sistematizado que é tratado na escola. A crença no desvalor do professor, na quase inutilidade da escola são só algumas ideias que pairam e que vemos concretizadas nas atitudes de pais, alunos e até professores. A dimensão que a escola ocupa não é percebida pela maioria dos alunos, mesmo os mais velhos. Nessa turma em especial, os mais velhos enxergam a necessidade de estudar, sobretudo, pela dificuldade enfrentada no mercado de trabalho. Os mais jovens veem a escola, e mais especialmente a EJA, como forma de acelerar seus estudos a fim de se inserir no mercado de trabalho. O aspecto mais relevante da escola para eles é o de propiciar o acesso ao mercado de trabalho ou a um curso técnico. Em poucas vezes pensa-se em ensino superior. Essas questões sem dúvidas reverberam no perfil do aluno que frequenta a EJA. Tal fator cultural precisa ser levado em consideração na hora da elaboração das aulas.

Por último, o valor que se deve dar à professora é o máximo, embora dentro da rotina em sala de aula muitas atitudes poderiam ser revisadas. Mas de uma forma ou de outra a professora consegue levar sua turma. Ela esbarra em impossibilidades que estão acima de seu controle, lida com a grande evasão e tenta fidelizar seus alunos para que eles não desistam. Pelo fato dela gostar de ser próxima dos alunos, ela conhece, geralmente, suas dificuldades individuais e preza pela permanência de seus alunos em sua turma. Além disso, a professora também não consegue concluir nenhuma ação pela fragmentação das aulas. Elas nunca são juntas e essa interrupção atrapalha demais o funcionamento das aulas.

É fato que dentro do período de observação não houve qualquer exercício envolvendo produção textual, nem análise linguística ou trabalho com oralidade. Foram aulas, em grande maioria, expositivas, e os diálogos eram mais sobre assuntos alheios, do cotidiano do que propriamente do conteúdo. As aulas com os slides sobre os mitos foram os momentos de maior atenção da turma, embora a professora tenha falado quase todo o tempo, eles permaneceram quietos e concentrados nos slides e às vezes lembrando de histórias que conhecem, das lendas que eles já ouviram em casa com seus parentes. Isso despertou a curiosidade de turma e lhes fez prestar atenção na aula. Os conteúdos dos elementos da narrativa eram apenas copiados por obrigação. Esse conteúdo, segundo a professora, era conteúdo do 7º, mas muitos que passaram pelo 7º não aprenderam e outros já se inserem direto no 8º. A disparidade é enorme.

A observação da turma 832 do CMMLM pode mostrar o que é heterogêneo dentro de um ambiente que é tipicamente heterogêneo. A turma mostrou-se majoritariamente frequentada por jovens com idade inferior aos 20 anos e poucos tem entre 30 e 40 anos de idade. A suas origens são as mais diversas, tem poucos alunos que moram no bairro onde se localiza a escola – Kobrasol. Esses alunos parecem estar numa faixa de renda entre média e média baixa, esses são a maioria, mas também há exceções. A professora se mostrou amiga de todos, inserida no tema da escola, ela procurou acomodar-se dentro dela. Ela mescla o tradicional com elementos contemporâneos no exercício da docência. Acredito que sua maior preocupação é evitar as evasões, embora isso esteja para além do controle do professor.

A escola, mesmo diante de todas as adversidades, mostra-se forte, com consciência de seu papel, embora na EJA tudo pareça estar meio acomodado. O grande forte da escola é o ensino regular, no qual é referência e é por esse prestígio que alguns alunos do EJA

também procuraram a escola, evitando assim a EJA que trabalha com apostilado e provas, sem aulas presenciais.

Enfim, no contexto geral, a EJA oferecido no CMMLM parece mediano. Em comparação a outros centros de educação, o ensino presencial é satisfatório. A estrutura que o colégio tem é muito boa, mas o uso por parte de USJ vem tornando a utilização do colégio pela EJA mais tímida. No meu entender, o que mais falta para a EJA no CMMLM é um planejamento mais detalhado e diferenciado do ensino regular que leve em conta as necessidades do público que frequenta a EJA que, com certeza, é diferente das necessidades de quem está no ensino regular. Essa medida poderia melhorar de forma perceptível a integração entre aluno, professor e escola.

2.3 Por Tiago Carturani

2.3.1 18 de agosto de 2015, terça-feira

A escolha de uma obra literária para a leitura integral é uma tarefa difícil para o professor, ainda mais quando se trata de alunos que não têm muito contato com a leitura de livros. Ela precisa ser sistematizada e sincera, para que os alunos possam entender o material que lhes é dado. Na aula desse dia, a escolha foi feita às escuras, com poucos livros cujos gêneros iam desde prosa clássica, poesia, adaptações de clássicos para crianças às prosas modernas difíceis de serem compreendidas. Isso não quer dizer que os alunos não tenham capacidade para tal leitura. Eles podem lê-las ou tentar lê-las quando quiserem. A leitura em sala de aula, porém, implica uma sistematização, pois não se trata da leitura por prazer; trata-se, portanto, de uma leitura escolarizada (SOARES, 2011).

Essa leitura escolarizada precisa ser abordada pelo professor com tempo e dedicação. Soares (2011) sistematiza a leitura de uma obra em passos que vão, resumidamente, desde a ida dos alunos à biblioteca para a escolha (primeiro passo) – a fim de fazer com que percebam a disposição dos livros nas prateleiras e como são organizados e, também, consigam questionar o tempo que se tem para ler, quando se pode ler e onde se ler –, até a conclusão da leitura orientada pelo professor (segundo passo) – uma leitura que não deveria ser obrigatória caso o aluno tivesse que fazê-la por si mesmo.

A dificuldade dos alunos do 8º ano da EJA é a da biblioteca não estar aberta para empréstimos de livros no período noturno, o que dificulta. Nada impede, porém, de os alunos visitarem a biblioteca durante a aula de LP, pois o local é aberto ao público. Com

um pouco mais de esforço, a escolha (primeiro passo) instigaria um pouco mais a curiosidade dos alunos e os aproximaria da obra. Os livros estavam dispersos dentro de uma caixa de papelão. Veja-se a lista de empréstimo (digitalização da Figura 18):

Tabela 1: Lista de empréstimo de livros aos alunos da turma 382 do 8º ano da EJA

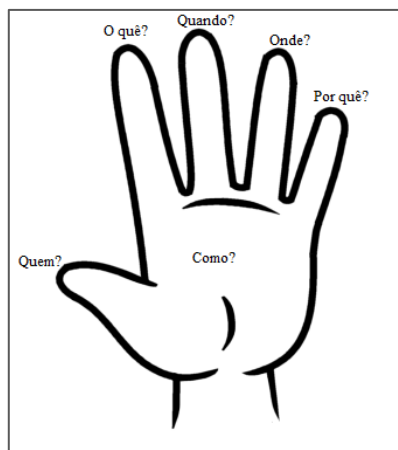
Título do livro	Autor do livro
As mil e uma noites	Adaptação (autor não especificado)
A árvore que dava dinheiro	Domingos Pellegrini
O Alienista	Machado de Assis
Onze noites em Jerusalém	Pedro Paixão
A bicicleta que tinha bigodes	Ondjaki
Romeu e Julieta	William Shakespeare
De amor e amizade	Clarice Lispector
Ubirajara	José de Alencar
Lampião na cabeça	Luciana Sandroni
O triste fim de Policarpo Quaresma	Lima Barreto

Fonte: elaboração própria com base nas observações em sala de aula

O objetivo da leitura dos livros é fazer uma ficha da obra. Uma ficha de leitura não é um bom mecanismo de assimilação do todo de uma obra literária. Ela é um meio para se guardar os elementos, juntamente com o intuito de fazer com que se consiga separar elementos básicos e complexos da obra. Essa ficha de leitura será o único material para a avaliação da leitura dos alunos. Isso exclui o processo orientado do qual fala Soares (2011), juntamente com os outros processos mencionados pela mesma autora: o processo de comprovação e demonstração. Esse processo diz respeito ao reconhecimento pelo professor da leitura do aluno, assim como a maneira e o caminho que ele traçou para ler, os quais deveriam ser orientados e supervisionados desde a escolha. Pergunta-se: como um aluno conseguirá ler e compreender um comentário crítico e um resumo de uma obra sem tê-la lido?

No restante da aula, falou-se sobre os elementos da narrativa. Esses elementos foram dispostos no quadro negro, conforme figura a seguir:

Figura 1: Elementos da narrativa (representação do desenho feito pela professora da turma)



Fonte: elaboração própria com base nas observações em sala de aula

O desenho da Figura 1 tem uma denotação que muito se parece com a definição que Souza & Cosson (2011, p. 103) sobre letramento:

O letramento literário enquanto construção literária dos sentidos se faz indagando ao texto **quem** e **quando** diz, **o que** diz, **como** diz, **para que** diz e **para quem** diz. Respostas que só podem ser obtidas quando se examinam os detalhes do texto, configura-se um contexto e se insere a obra em um diálogo com outros tantos textos. Tais procedimentos informam que o objetivo desse modo de ler passa pelo desvelamento das informações do texto e pela aprendizagem de estratégias de leitura para chegar à formação do repertório do leitor. (Grifou-se).

Como ficam, porém, as leituras sem orientação, sem instrução e sem acompanhamento? Será que elas são capazes de ajudar na formação do repertório do leitor? Há alunos que talvez consigam se virar na falta da mediação da professora, ao mesmo tempo em que outros alunos irão preencher a ficha de leitura de maneira automática de acordo com as respostas fornecidas pela professora em sala de aula. E assim se terá uma nota das seis exigidas pela coordenadoria do curso³.

Acontece o mesmo problema no tempo da aula reservado para o enredo. Fala-se ou se escreve uma definição no quadro negro e os alunos copiam, sem perguntar, sem se saber se eles entenderam. Essas questões sobre os elementos da narrativa dão a impressão de que para a literatura e para a decifração do texto literário (COSSON, 2012) há respostas fáceis e prontas.

³ Mais detalhes sobre essa questão serão abordados no item 2.4 Algumas Reflexões, nas quais se trarão alguns argumentos que dizem respeito à administração da escola e da cidade, para se tirar uma conclusão mais satisfatória do funcionamento do CMMLM.

2.3.2 19 de agosto de 2015, quarta-feira

Essa aula teve como tema o foco narrativo. Nela, a professora expôs no quadro negro as características de um narrador em primeira pessoa. O que parece ter passado despercebido pela professora é que seus exemplos são bastante genéricos e os exercícios de circular os pronomes no quadro-negro, contando com a participação dos alunos, não agrega conhecimento algum para os discentes. Por mais que a professora não utilize os livros didáticos disponibilizados pelo colégio para o ensino da EJA, os exercícios trabalhados em sala de aula são muito parecidos com exercícios de livros didáticos em geral.

Soares (2011) fala da inviabilidade de se utilizar poemas para se identificar pronomes, pois excluiu-se toda a ludicidade do conteúdo para fins objetivos. O mesmo acontece em se utilizar de um trecho sem referência para se tratar as características sobre o foco narrativo. Em uma breve pesquisa na internet, o trecho usado pela professora foi usado também pelos professores do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulado “Estrutura do Conto Tradicional” e em muitos outros sites sobre educação. Parece ser um exemplo recorrente. O trecho nesse documento também está sem referência e o objetivo de sua inserção no documento é o mesmo utilizado pela professora: identificar os pronomes que apontem que a narrativa está em primeira pessoa.

Os alunos dessa turma não estão muito habituados de ler livros, o que torna a exposição do conteúdo mais difícil. Assim, se eles não conhecem minimamente, por não terem experienciado as histórias desses narradores, os tipos de narradores e o papel que desempenham se tornam algo muito abstrato e o ensino sobre esse tema recai novamente sobre a objetificação, e não sobre a escolarização, como propõe Soares (2011) da leitura.

2.3.3 20 de agosto de 2015, quinta-feira

O fim dessa aula teve o mesmo conteúdo da aula anterior, porém se tratava do narrador de terceira pessoa. O exemplo era o mesmo, mudavam somente os pronomes; o exercício era o mesmo; a explicação, a mesma. Sendo assim, para que esse item não repita o anterior, são tratados aqui somente as digressões e a disparatagem que a aula ganhou em seu início.

Os alunos falaram a respeito da necessidade de se aprender alguns tópicos de gramática nos quais mais tinham dificuldade, são eles: uso dos porquês; distinção entre o

‘mais’ e o ‘mas’; e pontuação, mais especificamente as vírgulas. São tópicos realmente necessários de se abordar em sala de aula, e a professora falou aos alunos que prepararia *slides* sobre essas questões. Caso essa aula expositiva de gramática chegar a ser concluída, ela será, como define Antunes (2003), uma aula de gramática descontextualizada. O que pôde já ser observado é que não se tocou em momento algum em tópicos de gramática ou na análise linguística nos dez dias do período de observação. Como todas as aulas foram expositivas e as avaliações foram solicitadas para que os alunos fizessem em casa, com base nessas aulas expositivas, não foi possível identificar os problemas linguísticos de cada um, as qualidades e dificuldades.

Segundo Antunes (2003), a análise linguística precisa vir junto com a produção oral ou escrita. É a partir delas que se ensina a gramática, pois o exercício da escrita ou da fala está intimamente ligado à prática, e só se terá uma escrita e uma fala com qualidade visando às diferentes esferas sociais pelas quais diferentes gêneros são apropriados ou não (BAKHTIN, 1997) e, também, quando o aluno conseguir entender seus erros mais frequentes e corrigi-los até não cometê-los mais. É por esse motivo que as aulas expositivas não ajudam o aluno a desenvolver a prática de leitura e escrita.

No mais, em todas as aulas analisadas se pôde observar os alunos utilizando o celular em sala de aula para responder a mensagens do *WhatsApp*, ouvir música no fone de ouvido e talvez para outros objetivos. O regimento interno do colégio, presente no PPP/EJA estabelece que é vetado ao aluno:

Trazer e utilizar celular (Lei Estadual nº. 14.363 de 25 de janeiro de 2008) e aparelhos eletrônicos nas dependências do colégio. O Colégio não se responsabiliza por furtos, roubos ou extravio de objetos e materiais. (CMMMLM, 2012, p. 7)

Assim, ficaria a cargo da professora fazer com que essa regra fosse obedecida. Isso se dá não apenas porque a escola não se responsabiliza por furtos, mas também porque o bom funcionamento da aula não ocorre se os alunos não estiverem prestando atenção, e menos ainda se eles não estiverem ouvindo. Essas tecnologias podem servir para aprimorar o ensino, dando-lhe uma maior amplitude, como é o caso da ideia da professora de usar as conversas do grupo no *WhatsApp* dos alunos para compor histórias em quadrinhos. Porém essa aula seguiu o rumo de contar histórias corriqueiras que os alunos narravam nesse grupo. Isso se estendeu por quase todos os 40 minutos da primeira aula, juntamente com conversas sobre outros assuntos que em nada dialogavam com o conteúdo da disciplina de LP.

2.3.4 25 de agosto de 2015, terça-feira

Essa aula foi reservada para a apresentação de *slides* intitulados “Mitos e Lendas da Ilha de Florianópolis” e também da região. Ela teve como objetivo dialogar o conteúdo do conto “O Casarão das Bruxas” presente no livro “As Bruxas do Desterro” de Messias Serôa da Mota, a fim de que os alunos pudessem perceber como uma obra literária também dialoga com os mitos e as lendas dos povos na literatura folclórica. O conteúdo dos *slides*, como pode ser observado na Tabela 2 a seguir, consistia em citações e gravuras feitas por Franklin Cascaes. Esse conteúdo era de muito boa qualidade; o tempo, porém, era curto, o que fez com que a professora acelerasse a passagem de um *slide* para o outro, impedindo que se lesse na íntegra as citações mais extensas.

Tabela 2: conteúdo dos *slides* apresentados à turma

Sequência	Conteúdo
<i>Slide 01</i>	Boitatá, lobisomens, bruxas. Balanço bruxólico.
<i>Slide 02</i>	Ilha, lenda de um lugar encantado e misterioso.
<i>Slide 03</i>	Desenho do Franklin Cascaes: Bruxas dando nós nas caudas e crinas de cavalos.
<i>Slide 04</i>	Citação explicativa sobre dois tipos de bruxas: a terráquea e a espiritual.
<i>Slide 05</i>	Desenho do Franklin Cascaes: Este boitatá está passeando sobre a ilha de SC.
<i>Slide 06</i>	Citação sobre o boitatá.
<i>Slide 07</i>	Citação de um conto de Franklin Cascaes, chamado “A Bruxa metamorfoseou o sapato”.
<i>Slide 08</i>	Com base no mito das bruxas, que não ocorre somente em Florianópolis, apresentou-se um slide com uma notícia cujo enunciado era o seguinte: “Mulher acusada de bruxaria é queimada viva”, o fato aconteceu na Nova Guiné e muitos jornais publicaram a reportagem entre 7 e 8 de fevereiro de 2013.
<i>Slide 09</i>	Superstição (o conteúdo desse <i>slide</i> foi passado rapidamente devido à falta de tempo, mas seria retomado em breve).

Fonte: elaboração própria com base nas observações em sala de aula

A participação dos alunos e o interesse por essa aula foi maior se comparado às anteriores e posteriores. Eles demonstravam interesse sobre as lendas, os mitos e histórias da região, e se interessavam pelo conteúdo dos *slides*. Nesse sentido, parece que as propostas estabelecidas por Freire (1989), as quais consistiam em instigar a leitura por meio de questões referentes ao mundo (experiências) dos leitores, parecem funcionar com mais eficiência do que um texto distante da realidade do leitor. Assim, os alunos

conseguem fazer mais analogias, lembrar mais dos parentes distantes e perceber as histórias contadas pelas pessoas da região registradas em um livro de literatura.

Entretanto, essa aula parecia muito distante das aulas anteriores, sem um diálogo de conteúdo que funcionasse como um fio condutor. As aulas, muitas vezes, pareciam terminar em um dos dias da observação e não ter mais diálogos com os outros. Até esse dia, os alunos já tinham visto alguns elementos da narrativa, escolhido um livro para a leitura integral, estavam elaborando uma ficha de leitura sobre o livro de Messias Serôa da Mota, mesmo lendo somente um conto, cujas informações foram passadas às pressas; teriam que elaborar outra ficha sobre o livro que estavam lendo; viram, também, os mitos sobre a Ilha de Santa Catarina, ao mesmo tempo em que gostariam de aprender um pouco de gramática. É muito difícil se estabelecer uma relação entre conteúdos tão diversificados.

2.3.5 26 de agosto de 2015, quarta feira

Uma ficha de leitura é o processo final do fichamento. Ela serve para que se guarde informações importantes e relevantes de um texto. As informações contidas nessa ficha devem ser úteis por muito tempo na pesquisa de um leitor, pois são nelas que o pesquisador se baseará para tirar dúvidas e lembrar de coisas que o tempo tornou obscuras. Assim, os alunos precisam ter a consciência de sua utilidade, bem como saber selecionar os textos que precisam ser fichados e os que não.

Na ficha de leitura disponibilizada pela professora, muitos itens a serem preenchidos eram algumas informações básicas sobre a obra tratada; outros eram complexos e precisariam ser trabalhados com calma e sequencialmente com os alunos. Questões como autor, título, editora, ano de publicação são preenchidas facilmente pelos alunos, porém outras questões como foco narrativo, tempo e personagens, por mais que estavam sendo tratadas em sala de aula, não estavam sendo sistematizadas, e pouco estavam partindo dessas obras. Outras questões que exigiam muito dos alunos e não tiveram suporte e supervisão da professora eram a confecção de 30 linhas de resumo, de 30 linhas sobre a biografia do autor e de um comentário crítico.

O resumo, a biografia e o comentário são pequenos textos com focos diferentes que não foram trabalhados em sala de aula e, caso fossem, todo o semestre deveria se voltar para eles. Levaria todo esse tempo porque esse processo requer sistematização, monitoramento e participação efetiva do professor avaliando não a ficha preenchida no prazo estipulado, mas sim o processo de preenchimento da ficha. Não se levou em

consideração que dentro desses tópicos os alunos poderiam desenvolver capacidades orais (contar resumos ou usar a fala para se portar adequadamente diante de diferentes situações, dialogando com o conteúdo do livro), de escrita e de reescrita (para que se pudesse desenvolver a técnica, juntamente com a análise linguística) ao mesmo tempo em que se enxergasse os erros e acertos. Assim talvez os alunos se interessassem mais pela leitura literária e a utilidade prática que ela tem.

2.3.6 27 de agosto de 2015, quinta-feira

Essa aula foi reservada para a aplicação do questionário aos alunos e, ao fim, a professora da turma falou um pouco mais de mitos e dos elementos da narrativa da mesma maneira que vinham se seguindo nas outras aulas. Essa questão já foi abordada no item separado para a aula dos dias 19 e 25 de agosto de 2015.

2.4 Algumas Reflexões

Dentro do que foi abordado anteriormente, o que se pode notar é que há dois problemas centrais nas aulas ministradas pela professora de LP. O primeiro consiste na falta de participação da turma nas aulas predominantemente expositivas. O segundo diz respeito à falta de diálogo ou continuidade entre uma aula e outra. Esses problemas geram afastamento do aluno em relação à disciplina de LP, tão importante para a formação de um sujeito capaz de decifrar qualquer tipo de texto e portar-se de maneira adequada nas diferentes esferas da sociedade.

Os problemas apresentados também estão muito longe de ser a solução para se alcance um dos objetivos da EJA estipulados na Proposta Curricular da Rede Municipal de São José - SC, que diz:

O desafio dos professores de EJA é articular o conhecimento já apropriado pelos sujeitos nas suas atividades cotidianas com as novas aprendizagens escolares e com as formas sistematizadas de resolver os problemas. Pensa-se então, em desenvolver um ensino significativo e não somente funcional, ou restritamente utilitário. Significativo por trabalhar com conteúdos úteis e motivadores voltados para o desenvolvimento de um grande número de relações com outros conteúdos e, portanto, favorecem o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos ampliando as possibilidades de leitura do real e de melhor criticar, decidir suas ações e agir. (PMSJ, 2000, p. 101).

Além da falta de sistematização e participação da turma, seria necessário pensar no que está se passando em aula e na utilidade imediata e futura que aquilo proporcionará ao aluno. Caso contrário, o esforço não vale a pena.

O colégio, de maneira geral, possui uma estrutura muito boa com materiais eficientes para garantir a boa aprendizagem dos alunos. Sem equívocos, é um colégio com recursos de qualidade. O que se destaca na estrutura, porém, equivale nas defasagens da administração: O PPP da EJA do colégio está desatualizado e incompleto, suas informações são misturadas e confusas; a coordenadora da EJA não quis disponibilizar o PPP geral do colégio, não se sabe por quê; a professora da turma não mandou os planos de aula para os estagiários, dizendo que ainda estão sendo modificados – isso acarretou em uma dificuldade de se estabelecer critérios sobre as atividades de leitura, escrita, análise linguística e oralidade, suas concepções de linguagem, de educação e seus embasamentos; a modalidade EJA se dá semestralmente e tem um período letivo de três meses e, dentro desse tempo, o professor precisa atribuir seis notas às atividades dos alunos, isso quer dizer que é necessário dar uma nota a cada quinze dias ou a cada dez aulas.

Em nível municipal, a Proposta Curricular da Rede Municipal de São José foi realizada no ano 2000 e desde então não sofreu alterações; são quinze anos se baseando nas mesmas propostas. Além do mais, tais propostas, no que diz respeito à EJA, são muito teóricas e abstratas, traçando um mapeamento histórico da EJA no Brasil, das necessidades do município de São José e das preocupações com o público que precisa desse tipo de modalidade. Essas preocupações são necessárias, mas não basta somente se preocupar. A teorização do ensino, principalmente na parte que cabe ao currículo, é muito arriscada, pois ela dá margem a diferentes interpretações. Assim, é necessário traçar não só como o currículo deve ser feito, mas estabelecer um currículo contendo o que o professor deve abordar e de que maneira abordar. Por mais que isso já esteja contido nos Parâmetros Curriculares Nacionais e Estaduais (PCNs), o município, sabendo das necessidades e demandas da sua população, precisa adequar as propostas aos seus próprios fins, pois profissionais são contratados e pagos para isso.

Adler (1984), sobre os Estados Unidos da América, dizia que uma democracia só é, de fato, democracia quando todas as pessoas tiverem acesso aos mesmos recursos educacionais, ao mesmo currículo e a mesma qualidade de ensino. Não basta, portanto, ter um índice menor de crianças fora da escola, de jovens e adultos analfabetos, se, na prática, as pessoas saem das instituições com um ranço de estudar e uma expectativa de um trabalho que não envolva conhecimento científico e esforço.

Esse problema, seja ele de nível docente, administrativo ou municipal, não está muito longe da realidade da educação brasileira. Por esse motivo, o intuito desse relatório

não foi o de apontar defeitos, mesmo que no capítulo destinado ao relato crítico tenha mais apontado defeitos do que qualidades. Foi exposto o que chamou mais a atenção e que provavelmente atrapalha os alunos a conseguir o que lhes é um direito: educação e aprendizagem. O processo de mudança é gradativo, e ele começa na sala de aula. Prova disso são as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que são até bem estabelecidas, mas não se refletem na nossa realidade educacional. Cabe a nós, professores e futuros professores, sermos o espelho.

3 Projeto de docência

“Espero que como professores, saibamos que não lemos bem. Que não só nossos alunos são incapazes de o fazer; nós, também, não vamos muito além deles. Toda profissão tem certo número de truques que impressionam aos leigos ou aos clientes a serem atendidos. O truque que nós, professores, empregamos, é a máscara da sabedoria e competência que usamos. Nem sempre é truque porque, em geral, sabemos um pouco mais e chegamos a melhor resultado do que nossos melhores alunos. Se ignorarmos que nossos alunos não sabem ler muito bem, somos piores do que os truques: desconhecemos o dever. E se ignorarmos que não sabemos ler muito melhor do que eles, levamos nossa impostura profissional a nos enganar também.” (M. Adler, em A Arte de Ler).

Apresentação

O conteúdo apresentado a seguir tem como objetivo a sistematização do projeto de docência dos estagiários. Esse projeto tem como foco a turma 382 de 8º ano do Ensino Fundamental da EJA, modalidade oferecida CMMLM da cidade de São José - SC. Para a sua elaboração, levamos em conta os dados coletados no período de observação, que ocorreu entre os dias 18 a 27 de agosto de 2015. Esses dados foram importantes para que se traçasse o perfil da turma, da professora de LP; e se entrasse em contato com o conteúdo que estava sendo trabalhado com os alunos; e, ainda, se entendesse o funcionamento do colégio, no que diz respeito à administração, à infraestrutura e aos materiais disponíveis.

O projeto tem como foco o desenvolvimento dos alunos em relação à oralidade; à escrita, juntamente com a reescrita, e à leitura. Para a oralidade, leva-se em consideração a maneira que os alunos se portam em diferentes meios nos quais se utilizam da fala para a comunicação; para a escrita, visam-se às estratégias usadas pelos alunos para criar sentenças que signifiquem algo para eles e para o leitor para o qual as produções textuais serão criadas; a reescrita tem o objetivo de disponibilizar aos alunos ferramentas para a melhora da primeira produção textual, levando em consideração sempre que os erros mais recorrentes nas produções textuais serão apontados e corrigidos em coletivo com a turma, juntamente com observações individuais; e à leitura, cabe a nós, estagiários, mediá-la e acompanhá-la em coletivo com a turma para que as decifrações e interpretações sejam coerentes e bem elaboradas.

No referencial teórico, aborda-se: uma concepção de compartilhamento em relação à escrita – tendo como base a concepção de sempre que se escreve, escreve-se para alguém por algum motivo; e o mesmo objetivo aponta para a oralidade, a qual se desenvolve em situações reais da fala; para a análise linguística, na qual um dos tópicos é a gramática – as

produções dos alunos serão usadas como ponto de partida para qualquer estratégia de estruturação textual (gramática, coerência e adequações); e, por fim, a leitura será um processo mediado pelos estagiários no intuito de conseguir, dentro dos limites que isso implica, compreender as dificuldades que os alunos têm quanto a junção de códigos e a produção de significados coerentes.

Ao que cabe à metodologia, ao conteúdo e aos recursos, busca-se que sejam sistêmicos, interativos e úteis aos estagiários. Assim, a metodologia terá uma sequência cuja primeira etapa é a de reconhecimento e apresentação e a última etapa é a de perceber o desenvolvimento próprio e o que foi apr(e)endido, juntamente com a maneira pela qual se apr(e)endeu algo. O objetivo é o de fazer com que o aluno leve para a vida e guarde em seu mundo aquilo que viu na escola e possa, em algum momento de suas experiências e necessidades, lembrar das aulas e do esforço que teve, sem o qual as dificuldades aumentariam. Os recursos, tão bem escolhidos, não são nada mais do que a concretização mais imediata de todo este projeto; é o que vai dar cor e sentido às aulas reservadas aos estagiários.

Para isso, o conteúdo é sobre variação linguística, tendo como base o dialeto regional (Grande Florianópolis). A exibição do videoclipe “*Passarinhos*”, do Emicida, com a participação da Vanessa da Mata, será a *lâmpada dos sonhos* do nosso projeto, gerando as primeiras discussões para as atividades e exibições subsequentes. A primeira produção escrita tem como objetivo instigar os alunos a fazer atividades também em sala de aula e fornecer um mapeamento da maneira que escrevem. As gravações de entrevistas e os vídeos permitirão pensar as variações e os estigmas que elas implicam na sociedade; e darão uma visão dos porquês. As produções escritas e orais terão todo apoio e auxílio, os mesmos necessários para todos aqueles que têm o hábito de escrever e ler. A produção dos *fanzines* e sua apresentação (divulgação), as gravações e os depoimentos – estes formalizados e sistematizados; aqueles criados pela intuição – fazem a ponte entre o que é a rua e o que é a escola. A avaliação, se tem que ser escalar, que seja em cores e não em números, pois são mais sensíveis aos olhos do que à razão.

3.1 Escolha do Tema

A temática escolhida, As Variações Linguísticas nas Identidades Culturais, surgiu com a ideia de se trabalhar com a turma 382 as relações entre língua e cultura, por meio de diferentes gêneros textuais orais e escritos. Dessa forma, a partir dos conhecimentos prévios dos alunos e do compartilhamento de ideias e experiências, considerando as práticas letradas nas quais estão inseridos diariamente, pensamos em focar a heterogeneidade da língua, suas variações, seus dialetos e peculiaridades regionais como formas de expressão das mais diversas culturas existentes em nosso país, e, portanto, em nossa Língua Portuguesa.

Durante o período de observação, foi possível notar que os alunos se interessam por contação de histórias, relatos pessoais e troca de experiências e se tornam mais ativos e participativos quando o enfoque da aula é dedicado a aspectos históricos e culturais. Gostam de aulas dialogadas e apresentam certas dificuldades em leituras de textos muito longos. Por tratar-se de uma turma da EJA, constatamos que muitos procuraram retomar os estudos para conseguir um bom trabalho, melhorar de vida para ascender socialmente e até para adiantar os estudos. Diante dessas demandas, entendemos que seria bastante produtivo trabalhar as diferenças nos usos da língua nas mais diversas esferas comunicacionais, enfocando as exigências das situações formais, as licenças poéticas, os usos informais, as gírias, as peculiaridades regionais e o rico léxico que nossa língua possui. Assim, relacionando os aspectos linguísticos com os aspectos culturais, objetiva-se instigar a percepção e reflexão dos alunos acerca das situações de prestígio, das exigências profissionais e das estratégias discursivas presentes na comunicação que se dá por meio dos mais variados textos/enunciados orais e escritos.

Essa temática permitirá, também, trabalhar o texto literário e suas peculiaridades linguísticas, as dificuldades do processo de amadurecimento da capacidade de leitura. Dessa forma, tenta-se concretizar a ideia de que os alunos entendam que ler é um processo que exige esforço e que a literatura auxilia na aprendizagem linguística e de aspectos histórico-culturais, pois está ativamente presente no cotidiano desde a antiguidade à atualidade.

O trabalho com essa relação entre língua e cultura também nos possibilitará instigar os alunos a refletir criticamente e se posicionar diante de certos preconceitos e padrões sociais impostos por meio da linguagem que abarcam diversos gêneros cuja circulação se

dá cotidianamente por meio da televisão, *internet* e textos impressos (jornais, livros, revistas). Isso fará com que eles entendam e se apropriem das particularidades intencionais que a escrita e a oralidade apresentam dentro de cada gênero em uma determinada situação real de comunicação.

Após percebermos a sistematicidade com a qual as atividades são propostas aos alunos da turma 382, desejamos que eles produzam textos e realizem atividades reais e não meros textos escolares sem sentido ou relevância real. Assim, o processo de reescrita – e o trabalho com a gramática enquanto estratégias discursivas mais adequadas para se dizer aquilo que se deseja alcançando os objetivos comunicacionais – se fará presente no decorrer das atividades e no desenvolvimento do produto final que será a produção de uma amostra de variedades linguísticas. Ao final das 24 aulas, os alunos exporão para toda a escola suas produções construídas ao longo do projeto, a saber, *fanzines* e relatos pessoais escritos com base em variação e preconceito linguísticos

Este tema foi escolhido por engendrar-se ao eixo temático que deve nortear a prática pedagógica de toda a EJA do CMMLM, a saber, Pluralidade Cultural. A professora estava trabalhando com a temática “Lendas e Mitos da Ilha de Florianópolis”, e a partir das peculiaridades culturais do ilhéu, que estão fortemente representadas nas práticas linguísticas do “manezinho”, decidimos trabalhar esses aspectos e expandi-los a fim de um trabalho que contemple algumas variações linguísticas dialetais existentes no país e sua relação com as manifestações culturais, situacionais e identitárias.

3.2 Referencial Teórico

Toda e qualquer prática pedagógica de ensino/aprendizagem da LP é norteadada por uma concepção de língua/linguagem. Concebemos língua/linguagem pelo viés interacionista, que entende a importância e o papel social da linguagem nas mais diversas situações e esferas da comunicação.

Partindo dos pressupostos defendidos por Bakhtin (1979), encontra-se nos textos/enunciados a unidade real da comunicação. Esta unidade permite que os discursos se materializem. Atravessados por ideologias e relações dialógicas, os gêneros estão correlacionados com as esferas sociais em que se encontram. Esta relação é construída pelos processos interacionais que ocorrem entre sujeitos sócio-historicamente constituídos. Na qualidade de professores, esses conceitos levam à ressignificação das práticas docentes, visando entender o papel do educador diante do desafio de trabalhar com o

ensino/aprendizagem da LP. Para isso, é indispensável admitir a língua em sua heterogeneidade, e não apenas como sistema homogêneo e abstrato.

Weinreich; Labov; Herzog (2006), a fim de construir uma teoria da variação e mudança linguísticas, as quais norteiam a sociolinguística, realizaram pesquisas empregando como objeto a língua, principalmente no âmbito oral, a fim de comprovar que há, nela, ordem e estrutura. Objetivaram, com a teoria da variação e mudança, analisar a língua falada em sua heterogeneidade assumida em detrimento de teorias que afirmam homogeneidade, como a de Saussure. Dessa forma, “será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista sincrônico ou diacrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 35).

Os autores contrapõem-se ao modelo Saussuriano de observar estruturalmente a língua de maneira sincrônica, deixando de lado o aspecto diacrônico – histórico – o processo de mudança, que é tão importante quanto analisar o fenômeno quando já passou por essa transição, quando já está implementado. Weinreich; Labov; Herzog (2006) afirmam que a língua, mesmo sendo caracteristicamente heterogênea, ou seja, mesmo estando constantemente em mudança, é estrutural, pois seus usuários continuam falando normalmente, ou seja, a língua é heterogeneamente lógica.

Retomando a perspectiva de Bakhtin (1979), os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados que ocorrem em duas grandes esferas da comunicação, a saber, esferas do cotidiano (gêneros primários), e esferas sistematizadas (gêneros secundários). Os gêneros do discurso são formas sociais, históricas, dialógicas e ideológicas de construção de sentidos. São compostos por três instâncias imbricadas: O estilo (recursos léxico-gramaticais) que articula o Tema (discursivização de um horizonte de sentidos) por meio de uma construção composicional.

Todo e qualquer enunciado é uma unidade que estabelece sentido na relação com o outro e, para tal, é necessária a estabilidade relativa presente nos gêneros. Mesmo sendo estáveis, os gêneros se renovam à medida que se renovam as práticas sociais, e a construção de discursos é inspirada na valoração dos enunciados, i. e., nada que se diz é neutro, os enunciados se dão à luz de um horizonte apreciativo, refletindo e refratando a realidade social. Partindo das situações reais da comunicação, é possível depreender o modo como funciona o construto sistêmico da língua. Essa implicação, em ordem pedagógica, é extremamente importante.

Antunes (2003) em *Aula de Português encontro e interação*, baseada nos documentos norteadores da educação básica, os PCNs, e analisando a realidade atual do país no processo de ensino/aprendizagem da LP, propõe que este ensino está imbricado no uso da língua oral e escrita e na reflexão acerca desses usos. A partir daí, o professor, deve construir com o aluno a prática de leitura, escrita e análise linguística de textos/enunciados, levando em consideração as concepções de linguagem abordadas por Bakhtin (1997). Para dar sentido a essa construção que se engendra a formação sócio-histórica do sujeito, sua singularidade cultural, e sua peculiaridade com as propostas e conteúdos trazidos pelo professor em suas aulas, é de extrema importância que o aluno tenha o que dizer, tenha para quem dizer, e por que dizer, conforme sugere Geraldi (1997). Esses aspectos garantem a função social dos textos/enunciados que serão construídos por meio dos gêneros do discurso.

O trabalho com a língua/linguagem não deve ser engessado, estático, baseado apenas em regras gramaticais e nomenclaturas, revestindo-se de noções de certo e errado como grandes leis a serem seguidas fielmente. As estratégias gramaticais e discursivas, a riqueza de vocabulário e a lapidação das capacidades de comunicação nas mais diversas esferas precisam ser pensadas na prática, admitindo a complexidade da linguagem que por um lado é regida por modelos e padrões, e por outro, flexível, admitindo alterações e mudanças. A língua se transforma de acordo com as transformações da sociedade e seus usos linguísticos diacrônicos.

Enfocar-se-á, a partir daqui, a importância de se trabalhar na aula de português com os eixos da escrita e reescrita, leitura, gramática e oralidade à luz da obra *Aula de Português encontro & interação*, de Irandé Antunes (2003) e o trabalho com a análise linguística segundo Geraldi em *Portos de Passagem* (1997).

No que tange à escrita, os alunos precisam se sentir autores, sujeitos de um determinado dizer que circule na escola, se utilizando da escrita para participar socialmente. As propostas de escrita devem admitir seus diferentes usos sociais, abarcando o que se escreve fora da escola. É preciso compreender que a escolha das palavras e a organização estrutural do texto surgem a partir das funções que esses textos têm a cumprir (não há como escrever bem se o único foco é o exercício escolar). Os textos dos alunos são atos de linguagem, por esse motivo devem ter leitores, dirigirem-se a alguém. Além disso, o que vai dizer se o texto está bom ou não são as regras sociais do espaço em que o texto irá circular, onde se insere como evento comunicativo, enfocando os usos reais da língua.

O aluno enquanto autor deve ter as condições necessárias para planejar, escrever e revisar o conteúdo que deseja expor. A ortografia, pontuação e subdivisão das partes do texto são importantes visando atender as exigências da situação comunicativa.

Sobre a leitura, a autora afirma que ler não deve ser um pretexto para o puro exercício de conhecer a gramática, as regras e os saberes exigidos para decodificações. A leitura deve partir do conhecimento prévio de mundo que os alunos já possuem, e que provém de textos que eles já leram. É preciso que os alunos entendam a tríplice função da leitura, a saber, informar-se, deleitar-se e entender particularidades da escrita. Não há como justificar uma leitura que não seja de textos reais, presentes em algum suporte de comunicação social. Partindo desse pressuposto, todo texto deve ser lido como lugar de encontro entre quem escreveu e quem leu. A leitura está vinculada às condições em que o texto foi escrito, assim, leitura e escrita são intercomplementares e interdependentes.

É preciso capacitar o aluno a perceber que nenhum texto é neutro, e que por trás de cada um existe uma visão de mundo. As oportunidades de leitura devem variar, proporcionando que os alunos manuseiem diversos tipos de texto e percebam, com o decorrer das práticas de leitura, que os recursos lexicais do texto (conjunções, preposições), e a repetição e substituição são sinais do sentido do texto. Portanto, a totalidade de sentido ocupa um espaço para além da materialidade do texto e precisa da memória, de tudo o que já se viu, se assistiu, se leu e se experienciou, pois são por meio desses materiais que a interpretação parte.

Com relação ao ensino de gramática, na perspectiva de Antunes (2003), é preciso enfocar regras úteis que se apliquem aos usos da língua e ampliem as competências comunicativas, tornando perceptível o sentido que as regras expressam. Isso só é possível por meio da produção e da análise constantes de textos que instiguem o estudo da língua para desconstruir a ideia de que isso é uma tarefa penosa. Além disso, não se deve deter-se ao “certo” e “errado” e sim mostrar as normas linguísticas estigmatizadas, separando as diferenças entre fala e escrita, para que assim se identifique que, às vezes, esses juízos não passam de preconceitos.

Já o trabalho com a oralidade é visto pela autora como enfatizador de que tanto a fala como a escrita podem variar, estando mais ou menos “cuidadas” em relação à norma padrão. Nesse sentido, o professor deve intervir para que o trabalho com a oralidade proporcione a capacidade de reconhecimento das unidades temáticas dos textos, a compreensão de que a fala e escrita possuem semelhanças e diferenças por meio de

atividades de retextualização e o entendimento claro de que na comunicação o falante e o ouvinte possuem papel específico que delimita suas possibilidades de atuação. A autora, assim sendo, pontua que "O professor precisa ser visto (inclusive pelas instituições competentes) como alguém que, com os alunos (e não para os alunos), pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre, aprende, reaprende." (ANTUNES, 2003, p.108).

Considerando a importância da reescrita, a autora afirma que a correção ortográfica virá como exigência da própria coerência do texto, que, em certas situações, para estar adequado, precisa estar ortograficamente correto. Ou seja, "Nem todo desvio da norma padrão tem a mesma relevância para a qualidade global do texto" uma vez que "o sentido do que ele diz, a clareza com que ele diz são elementos prioritariamente relevantes, e é preciso pensar neles em primeiro lugar" (ANTUNES, 2003 p.164).

Segundo o documento que deve nortear a prática pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa do ensino básico, os PCNs, o trabalho com a língua/linguagem deve expandir capacidades e permitir a aquisição de outras que não se utiliza usualmente, por meio das quatro capacidades linguísticas básicas, quais sejam, falar, escutar, ler e escrever. Além disso, o professor deve agir como modelo, ou seja, deve ensinar o valor que a língua tem, mostrando o valor que tem para si, conforme aponta o documento:

Se é um usuário da escrita de fato, se tem boa e prazerosa relação com a leitura, se gosta verdadeiramente de escrever, funcionará como um excelente modelo para seus alunos. Isso é especialmente importante quando eles provêm de comunidades pouco letradas, onde não participam de atos de leitura e escrita junto com adultos experientes. (PCN, 1997, p. 38).

Após as reflexões articuladas até aqui, partamos ao enfoque na importância do trabalho com a análise linguística proposto por Geraldi (1997) e adotado pelos PCNs da educação básica. Para o autor, a análise linguística está subdividida em dois eixos, quais sejam atividades epilinguísticas e metalinguísticas. As

atividades epilinguísticas consistem em atividades interacionais de uso da linguagem que incitam reflexão sobre os recursos expressivos utilizados. Esse tipo de atividade está voltado para aspectos estruturais da língua (correções, formulações); aspectos mais discursivos como o desenrolar dos processos interativos; e aspectos mais amplos da interação e da própria organização, i. e., "seriam operações que se manifestariam nas negociações de sentido, em hesitações, em autocorreções, reelaborações, rasuras, pausas longas, repetições, antecipações, lapsos, etc." (GERALDI, 1997, p.24).

As atividades metalinguísticas consistem na análise da linguagem que constrói conceitos e classificações. Em cada ocasião, essa atividade define parâmetros, mais ou menos estáveis, para decidir sobre erro e acerto no uso, na pronúncia, na construção de sentenças ou na significação de recursos linguísticos utilizados. Portanto, “trata-se aqui, de atividades de conhecimento que analisam a linguagem com a construção de conceitos, classificações, etc.” (GERALDI, 1997, p.23).

Adentrando a reflexão acerca das relações entre o trabalho com a literatura e a aprendizagem linguística, é notório que a literatura no contexto escolar atual instigue diversos debates acerca de sua significação e viabilidade na construção dos conhecimentos necessários para a formação do sujeito aluno. Todorov (2009) observa, sabiamente, um excesso de enquadramento nos estudos sobre a literatura. Não se aprende o que as obras dizem, mas sim o que dizem sobre as obras, ou seja, estuda-se crítica sobre a obra, e atropela-se a experiência com o texto

Em contrapartida, incentivar uma leitura puramente livre e prazerosa, na qual o momento histórico-social e as estratégias narrativas presentes no texto não sejam explorados ou tomados como aspectos importantes, também pode ser prejudicial ao ensino de literatura. Todavia, tomando a língua/linguagem pelo viés interacionista e dialógico, e entendendo a literatura como manifestação das mais diversas linguagens, faz-se necessária a busca de um equilíbrio entre o deleite que a leitura provoca, os aspectos histórico-sociais que fortemente perpassam as obras, e os aspectos formais da língua que ecoam intencionalidade por trás do texto literário.

Retomando Todorov (2009), a literatura tem o poder da exotopia, ou seja, visita-se o olhar do outro através da literatura, vivencia-se a vida do outro e retorna-se a si modificado por esse deslocamento dialógico que a obra literária incita. Para compreender melhor:

Lançando mão do uso evocativo das palavras, do recurso às histórias, aos exemplos, e aos casos singulares, a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial. (TODOROV, 2009, p. 78).

A literatura, portanto, liberta o leitor, cria mundos e situações diversas que ao mesmo tempo em que são ficcionais, surtem interpretações que podem ser transportadas para o real, agindo como lentes que ajudam a enxergar o mundo.

Após assumir a literatura como fundamental no processo formador do ser humano, pensemos a partir de agora em qual literatura ensinar na escola, de maneira que seja

possível formar “leitores perenes”, conforme propõe Ceccantini (2009), para além da escola.

Retomando a trajetória histórica do ensino básico brasileiro, podemos pensar no espaço que o texto literário perde para os textos cotidianos nos anos sessenta, quando a notícia e os textos jornalísticos são incorporados aos materiais escolares, em uma tentativa de aproximar os alunos dos textos sociais, que circulam e fazem parte da vida “real” para além dos muros escolares. Desta maneira, a literatura perde grande parte de seu prestígio como instrumentadora da aprendizagem linguística, que aqui se relaciona aos saberes tidos como necessários para ascensão social. Conforme aponta Colomer (2007, p. 37): “parece que um dos pontos de debate na atualidade deveria ser buscar novas formas de estabelecer a função de aprendizagem linguística que a literatura é capaz de desenvolver na escola”.

A leitura notoriamente é capaz de lapidar capacidades de escrita, leitura e oralidade a partir de um trabalho de cuja elaboração faça o leitor compreender a dimensão dialógica e ideológica das manifestações escritas. Admite-se, sim, a importância da escrita cotidiana, dos anúncios e múltiplas formas escritas que permeiam nossa vivência social. Contudo, não desprezemos o valor inestimável da literatura como instrumento de aprendizagem linguística, capaz de comportar em seu interior o que Bakhtin (1979) conceitua como gêneros primários e secundários, i. e., manifestações de enunciados que nascem nos meios mais informais de expressão da língua/linguagem e vão até as formas mais prestigiosas do uso.

Para que a literatura auxilie na aprendizagem linguística é necessário trabalhar a formação de opiniões, a escrita de textos e produções literárias na escola e não para a escola, ou seja, percebendo a função social de todos os textos-enunciados que nos cercam. Espera-se, a partir da leitura, formar alunos capazes de agir socialmente com humanidade e dignidade, entendendo que nem tudo é lúdico e que ler exige esforço, não apenas prazer, conforme Colomer (2007, p. 44):

A esperança educativa parece depositar-se apenas nos livros, nas leituras que, talvez, pouco a pouco, levarão os jovens em direção a outras leituras mais complexas. Mas sabemos que não se aprende a ler livros difíceis lendo apenas livros fáceis.

O profissional educador deve respeitar as escolhas de seus alunos ainda que destoem de suas escolhas e convicções leitoras. Além disso, os avanços das tecnologias eletrônicas de modo geral modificam constantemente a maneira como se vivencia a experiência literária, expondo a sociedade ao paradoxo explorado por Ceccantini (2009)

segundo o qual nunca se leu tanto quanto no século XXI, e ao mesmo tempo nunca se leu tão pouco como neste mesmo século.

É muito importante proporcionar a compreensão de que a ficção, portanto, a literatura está presente intensamente na vida cotidiana, portanto:

[...] a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis de modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto, ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (CÂNDIDO, 2004, p. 174-175).

Instigar diálogos com obras literárias diversas através de atividades de interpretação, leitura debruçada sobre o texto e análise linguística seguida de produções orais e escritas parece representar um conjunto de ações positivas para tornar a literatura instrumento de aprendizagem linguística de forma eficaz.

Para esse processo, escolhemos como tema norteador as variações linguísticas, e a predominante será a fala da região da Grande Florianópolis, com a qual os alunos têm contato diário. Esse tema tenta levar aos alunos o conhecimento de que

O preconceito lingüístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação lingüística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito lingüístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português.” (BAGNO, 2007, p. 40).

Assim, poder-se-á distinguir entre a Língua Portuguesa escolarizada e a Língua Portuguesa presente em todos os nossos momentos corriqueiros, inclusive nos escolares; e produzir coisas que façam dessa distinção uma complementação, pois é o que acontece na prática.

Todos os autores que usamos aqui defendem que as escolas não podem ser algo à parte da sociedade. Por isso uma de nossas atividades será a produção de um *fanzine*, o qual, segundo Lopes, Borba e Monzeli (2013) é um meio de informação e divulgação de produções próprias, nos quais os jovens expressam e compartilham gostos pessoais. Muitas vezes os *fanzines* podem chegar a locais onde grandes revistas não chegam e propagar conteúdos que não estão nos critérios desses outros meios de divulgação. É um gênero cujo conteúdo está mais próximo do jornal e do livro e sua divulgação está mais próxima da propaganda panfletária.

3.3 Objetivos

- Desenvolver a decifração dos signos de diferentes linguagens (visual, verbal e musical) por meio da leitura.
- Instigar a vontade e a curiosidade à leitura por meio da prática de leitura coletiva, interpretações compartilhadas e diálogos, com temas de interesse dos alunos e assuntos que tenham relação com o que eles conhecem *a priori*.
- Interpretar o que se lê partindo da bagagem própria que se tem, utilizando-se de materiais que despertem o interesse à leitura.
- Dialogar com os demais a respeito de temas que provocam estigmas na maneira de falar muitas vezes iniciado nas escolas e concretizados nas universidades, a fim de que se perceba que muitos desses preconceitos advêm da falta de informação de quem os carrega e são, para muitos, considerados bens valiosos.
- Participar do convívio dos alunos em sala de aula, das atividades realizadas, dos assuntos abordados nas discussões, do desempenho de cada um deles durante a aula, e dos próprios critérios de avaliação.
- Refletir por meio de linguagem verbal, visual e musical a diversidade linguística da LP e as influências que essa língua sofreu de tantos povos, muitos esquecidos.
- Pensar a maneira como se escreve e se estrutura um texto para que ele tenha coerência e seja direcionado a outro.
- Criar relatos partindo de experiências de contato com estigmas em relação à fala, os quais serão publicados em *fanzines* e distribuídos.
- Compartilhar, falando ou escrevendo, conhecimento, impressões, curiosidades, tendo em vista um destinatário: a comunidade escolar, os colegas de classe, os professores ou quem quer que o aluno escolha para mostrar o que fez.

3.4 Metodologia

A aula como um evento significativo deve ser constituída por uma metodologia que lhe permita não somente a ordenação do evento, mas, sobretudo, que essa ordenação preze pela aula enquanto instrumento potencial do conhecimento. Não há método único, portanto, cabe aos professores estabelecer critérios que lhe são cabíveis e selecionar qual método guiará sua aula. Também não existe aula sem método. Todo professor precisa de um método para que possa ministrar suas aulas. Esse método, evidentemente, parte de uma escolha ética do professor que determina, dentro do seu entendimento, quais ações são mais cabíveis, orientado tanto pelos seus conhecimentos, mas também pelas necessidades da turma num sentido real.

Este projeto de docência busca, dentro da ação docente, produzir um conjunto de atividades, de maneira sistemática, que contemple múltiplos gêneros, tanto orais quanto escritos. Essa produção pode ser chamada de sequência didática. Contudo, dentro das concepções elaboradas por Schneuwly; Dolz (2004), essa sequência estaria atrelada a inserção dos alunos em vários módulos ou oficinas de um gênero específico. Desse modo, ao final de cada sequência os alunos produziram algo que pudesse ser comparado com uma primeira produção e então se estabeleceria sua progressão. Não se seguirá exatamente como propõe os autores, embora nossa intenção é de inserir os alunos em gêneros que eles dificilmente encontrariam fora do ambiente escolar, em gêneros que eles já conheçam, mas ainda não dominem, e também em gêneros para cuja criação são elaboradas pequenas sequências. O projeto prevê o ensino de determinados gêneros que serão apresentados para a turma, justificando sua importância, seguida de contato com o gênero. Posteriormente, a estratégia é de propor atividades e exercícios de produção direcionando-os e estabelecendo critérios de produção. Esta produção será mediada pelos estagiários e deve ser entregue para a correção. Deve-se evitar o desestímulo durante as correções procurando evidenciar pontos fortes e solicitar refacção para melhorar outros pontos.

Dentro da escola, sempre há gêneros que são mais visitados. Aqui trabalhar-se-á com gêneros orais e escritos: a primeira produção textual – que será sobre as impressões de um videoclipe –; discussões sobre as impressões do videoclipe; na confecção de um *fanzine*; na apresentação do *fanzine*; na produção de um relato pessoal escrito acerca do preconceito linguístico e na gravação midiática deste relato pessoal. É importante ressaltar também a escolha de trabalhar com multilinguagem por entender a linguagem como um

campo mais amplo do que apenas escrita e fala. Logo, a necessidade de contemplar diferentes situações de produção de linguagem.

Deste modo, prezamos por elencar gêneros que possam ser trabalhados tanto de forma escrita quanto oral e concomitantemente trabalhar questões de análise linguística a partir dos construtos produzidos pelos próprios alunos durante as atividades e exercícios propostos. A intenção é partir das situações reais que ocorrerão dentro de sala de aula e a partir daí traçar estratégias que elucidem a compreensão dos alunos acerca de suas produções. Procurando desenvolver a competência de percepção de que a produção de texto está sempre ligada à situação de produção e seu respectivo alvo e, desse modo, moldado por isso. Portanto, como produto final os alunos deverão produzir um *fanzone* que fará parte de um bazar que contemplará suas criações. Como esta exposição será aberta ao público, embora o alvo possa ser diversificado, os alunos já têm uma ideia para quem estão produzindo e, nesse sentido, se atentando a sua esfera de produção.

O desenvolvimento ou o afinamento desta percepção dar-se-á pelas iniciativas de refacção de texto, procurando evidenciar as necessidades de sempre retornar ao texto e questionar-se, pôr-se no lugar do seu leitor, tendo em vista para quem está escrevendo o que está escrevendo. As aulas dedicadas aos elementos gramaticais que mais precisem de atenção também são fundamentais para reforçar a necessidade de toda a produção de texto – escrito ou oral – e seguem modelos flexíveis de acordo com as necessidades de adequação que porventura surgirem, às vezes mais formal outras vezes menos.

Então é por meio da imersão dentro de alguns campos de comunicação que se pretende trazer novas estratégias de uso para os alunos, mais sistematizados, mas não engessados, pois eles não podem ser vistos como estanques. Chamar sua atenção no que se refere ao planejamento de produção textual e todos os seus desdobramentos. Desse modo, busca-se desenvolver a capacidade dos alunos em criar estratégias para que digam o que querem dizer de formas variadas, encaminhados para a situação pedida. Ao produzir um material levando essas questões em consideração, os alunos provam que sabem usar os conhecimentos para além do conceito, do metalinguístico.

3.5 Recursos Necessários

Diante do que foi apresentado anteriormente, as aulas que ficam a cargo dos estagiários irão utilizar elementos comuns à sala, tais como quadro negro e giz. Contudo também serão necessários elementos extras para a realização das aulas. Esses materiais possuem duas origens. O uso do projetor que é de pertencimento do CMMLM e será cedido como empréstimo pela coordenação, bem como o uso da *internet* que a instituição possui; o restante dos materiais para as atividades avaliativas e criativas ficarão a cargo dos estagiários.

Para a criação do *fanzine*, serão usados materiais como folhas A4, revistas, jornais, cola, tesouras, lápis de cor, canetinhas, canetas, tintas, lápis grafite, borracha, apontador, régua, fotocópias e outros, cabendo então somente aos integrantes do grupo a providência dos materiais necessários no decorrer das aulas aplicadas. As fotocópias também serão disponibilizadas pelos estagiários.

3.6 Avaliação

A avaliação consiste em um processo que parte do conhecimento do aluno, identificando suas qualidades e necessidades de cujas características se desenvolvam técnicas que o aluno ainda não domina e, assim, consiga suprir as falhas. Por isso, dentro do que foi estipulado nos itens anteriormente mencionados, a avaliação será estabelecida não quantitativamente, mas sim qualitativamente, levando em consideração desde a entrega à qualidade do processo de facção e refacção das atividades, juntamente com a finalização.

Estabelecemos uma ficha chamada Ficha de Avaliação (ANEXO XX, p. 269) com duas colunas para cada atividade, uma para a entrega, a outra para o conteúdo, sendo que uma atividade de escrita será dividida em duas: a primeira escrita e a reescrita. Assim, são quatro colunas que serão preenchidas com as devidas cores levando em consideração: se a atividade foi realizada e entregue; se o aluno se dedicou à atividade; e se a entrega final teve uma considerada melhora em relação à primeira. Preenche-se em cor azul forte a coluna que diz respeito à entrega e deixa-se em branco se o aluno não entregar. Caso a atividade se estenda por mais de uma aula e o aluno só esteve presente em uma delas e não finalizou a atividade, atribui-se a cor azul fraco. Preenche-se, também, caso o aluno entregue a atividade, em cor amarela se o conteúdo precisa ser melhorado; em cor laranja caso a atividade esteja boa, mas precisa de ajustes; em cor verde se a atividade estiver

muito boa e precisa de poucos ajustes; e em cor roxa se a atividade estiver ótima. Ao fim do período de estágio, a nota numérica será estabelecida pelos estagiários de acordo com as cores que os alunos receberam ao longo do período.

Os critérios utilizados pelos estagiários para atribuir determinada cor à atividade do aluno levam em consideração a absorção do que foi tratado em sala de aula e a adequação ao tema de cada atividade, o conhecimento próprio de cada aluno, a escrita – caso a atividade seja de escrita –, a oralidade – caso seja uma atividade predominantemente oral –, a leitura – caso a atividade seja de leitura e interpretação –, a gramática, a coerência e a argumentação no uso da Língua Portuguesa.

Para a escrita, leva-se em conta a organização do texto e os significados que eles são capazes de evocar dentro do tema abordado. Para isso, acompanhar-se-á o processo, tirando dúvidas, auxiliando em cada atividade. Para a oralidade, o conteúdo do que está se falando será um dos critérios; a postura, o vocabulário a organização e a seriedade serão os outros. Para a leitura, tanto da linguagem verbal como visual e musical, o acompanhamento será coletivo, por meio de perguntas e diálogos com o grupo, para ajudá-los nessa técnica tão difícil.

3.7 Planos de Aula

Primeiro Encontro: Aulas 1 e 2

1 – Dados de identificação

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiário: Thalisson Erick de Almeida Machado

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental

Ano escolar: 8º ano - EJA

Turma: 382

Data: 06/10/2005 (3ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 18h45min às 19h25mim e das 21h às 21h40mim

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Apresentação do projeto de docência

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Esse primeiro plano tem como principal objetivo apresentar o projeto de docência para os alunos, mostrando de que forma pretende-se fazer as abordagens dentro de sala de aula. Além disso, nesse encontro também está prevista a apresentação de um videoclipe do *rapper* Emicida, com a participação de Vanessa da Mata, chamado “*Passarinhos*”.

2.2 – Objetivos específicos

- Situar o aluno quanto ao projeto de docência elaborado pelos estagiários, bem como efetuar acordos justificando a importância da colaboração dos alunos para o bom andamento das aulas e conseqüentemente êxito nas ações propostas pelos estagiários.
- Explicitar o tema do projeto de docência que está atrelado ao macro tema proposto pela escola que é Pluralidade Cultural. Nosso tema perpassa-o, sendo a variação linguística dentro da pluralidade cultural.
- Dentro desse tema foi selecionado o videoclipe que possui elementos linguísticos identitários que serão abordados dentro de sala de aula através do convite à reflexão da letra da música. Fomentar a discussão sobre o tema e apontar direções para enriquecer o diálogo.
- A intenção é trazer elementos introdutórios que sirvam de base para uma primeira reflexão sobre o tema que será aprofundado no decorrer das aulas.

2.3 – Conhecimentos abordados: Introdução temática do projeto compreendido como variedades linguísticas dentro do eixo temático da pluralidade cultural. Dentro do tema, a aula abordará questões ligadas à letra da música, trabalhando noções dialetais, norma padrão, adequações e inadequações.

3 – Metodologia

- Apresentar, por meio de slides, o projeto de docência. Essa apresentação visa esclarecer as intenções dos estagiários em relação ao curso das aulas. Ressaltando a importância da temática que procura dialogar diretamente com alunos bem como visa a apropriação dos conteúdos trabalhados. Essa apresentação inicial é majoritariamente expositiva, embora haja espaço previsto

dentro desse tempo para responder as dúvidas que surjam no decorrer da apresentação.

- Distribuir aos alunos a letra da música “*Passarinhos*”, de Emicida, com a participação de Vanessa da Mata, para que possam ler a letra também ao invés de apenas acompanhar o vídeo. Além disso, é através da letra que eles poderão visualizar de uma maneira mais clara as variações linguísticas que aparecem.
- Apresentar em seguida o videoclipe através do projetor, se necessário repetir a apresentação.
- Prospectar conhecimentos prévios sobre o tema abordado, buscando escavar na memória dos alunos algo que eles já saibam acerca de variação linguística, trazendo para a sala de aula suas experiências sobre o assunto.
- Buscar fomentar comentários, impressões acerca de letra e do clipe, chamando a atenção dos alunos para os elementos a serem trabalhados: as variações de linguagens que ocorrem dentro da letra. Levantar perguntas, no sentido de estimular a reflexão e o retorno à letra para buscar elementos que possam ser apresentados como argumento na discussão.

4 – Recursos necessários:

- Serão necessários além dos elementos de uso comum, como quadro negro e giz, um projetor para a apresentação do projeto e também do videoclipe.
- As próprias apresentações em formato de mídia que possa ser reproduzido no projetor – nesse caso com uso de *pendrive*.
- Fotocópias da letra de música que será apresentado durante a aula.

5 – Avaliação

Nesse primeiro encontro será avaliado o interesse do aluno e seu empenho para participar das discussões que serão propostas depois da apresentação do videoclipe. As contribuições orais serão levadas em consideração para uma avaliação que levará em conta o percurso que o aluno traçou desde o primeiro encontro até o último.

A avaliação foi pensada de forma a não melindrar os alunos que, por algum motivo, não se saíam tão bem nas primeiras atividades. Essas atividades foram pensadas de modo que possibilitem uma refacção e, portanto, uma nova chance de análise mediada pelo professor.

O esquema de cores também foi pensado a fim de contribuir no engajamento dos alunos, para que não se reduza o desempenho a meros números (0 a 10).

6 – Referências

EMICIDA - **Passarinhos feat. Vanessa da Mata**. Direção de Rafael Kent. Produção de Tânia Assumpção. Intérpretes: Jackson Gleizer. [s.i]: Laboratório Fantasma, 2015. (4 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IJcmLHjjAJ4>>. Acesso em: 18 set. 2015.

EMICIDA. **Passarinhos**: feat. Vanessa da Mata. 2015. Disponível em: <<http://letras.mus.br/emicida/passarinhos/>>. Acesso em: 18 set. 2015.

7 – Anexos

Primeiro anexo: letra da música “Passarinhos”, de Emicida com a participação de Vanessa da Mata

Despencados de voos cansativos
Complicados e pensativos
Machucados após tantos crivos
Blindados com nossos motivos

Amuados, reflexivos
E dá-lhe anti-depressivos
Acanhados entre discos e livros
Inofensivos

Será que o sol sai pra um voo melhor
Eu vou esperar, talvez na primavera
O céu clareia e vem calor vê só
O que sobrou de nós e o que já era

Em colapso o planeta gira, tanta mentira
Aumenta a ira de quem sofre mudo
A página vira, o são, delira, então a gente pira
E no meio disso tudo tamo tipo

Passarinhos
Soltos a voar dispostos
A achar um ninho
Nem que seja no peito um do outro (2x)

Laia, laia, laia, laia
Laia, laia, laia, laia
Laia, laia, laia, laia
Laia, laia, laia, laia

A Babilônia é cinza e neon, eu sei
Meu melhor amigo tem sido o som, ok
Tanto carma lembra Armagedon, orei
Busco vida nova tipo ultrassom, achei
Cidades são aldeias mortas, desafio nonsense
Competição em vão, que ninguém vence

Pense num formigueiro, vai mal
Quando pessoas viram coisas, cabeças viram degraus

No pé que as coisas vão, Jão
Doidera, daqui a pouco, resta madeira nem pros caixão
Era neblina, hoje é poluição
Asfalto quente, queima os pés no chão
Carros em profusão, confusão
Água em escassez, bem na nossa vez
Assim não resta nem as barata
Injustos fazem leis e o que resta pro céu?
Escolher qual veneno te mata
Pois somos tipo

Passarinhos
Soltos a voar dispostos
A achar um ninho
Nem que seja no peito um do outro (2x)

Laiá, laiá, laiá, laiá
Laiá, laiá, laiá, laiá
Laiá, laiá, laiá, laiá
Laiá, laiá, laiá, laiá

Passarinhos
Soltos a voar dispostos
A achar um ninho
Nem que seja no peito um do outro (2x)

Segundo anexo: slides trabalhados em sala de aula sobre Variação Linguística

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS IDENTIDADES CULTURAIS

Projeto elaborado por Samara Hinkel Corrêa, Thalisson Erick
de Almeida Machado e Tiago Carturani

Slide 01

PLURALIDADE CULTURAL + VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A **variação linguística** é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida através das **variações** histórico culturais e regionais. Em um mesmo país, com um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes.

Slide 02

CONTEÚDOS

Música - Emicida feat. Vanessa da Mata - Passarinhos

Vídeo sobre a fala do manezinho

Fanzine

Crônicas - “Um findi afuzel” e “Plurals”

Slide 03

ATIVIDADES

Leitura e produção de texto

Debates e discussões do tema

Confeccção de um fanzine

Apresentação oral

Apresentação do Fanzine no bazar

Slice 04

MODO DE FALAR



Slice 05

EMICIDA - PASSARINHOS FEAT. VANESSA DA MATA

Emicida é o nome artístico de Leandro Roque de Oliveira, um *rapper* e produtor musical brasileiro. O nome artístico é a fusão de MC e homicida como era conhecido por “assassinar” seus adversários com suas rimas.



Slide 06

VARIAÇÃO SOCIAL

As variações linguísticas que ocorrem por causa de fatores sociais e econômicos são, por exemplo, as gírias, o vocabulário específico de alguns grupos, como surfistas, cantores de rap, uso de vocabulário técnico como advogados, médicos e professores.



Slide 07

O QUE VOCÊ SABE SOBRE VARIANTES LINGUÍSTICAS?

Em todo o Brasil o modo de falar é igual?

Como se escreve é como se fala?

Por que umas formas de falar parecem mais bonitas que outras?

Por que algumas formas de escrever são consideradas certas e outras erradas?

Slide 08

Segundo Encontro: Aula 3

1 – Dados de identificação

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiário: Tiago Carturani

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental

Ano escolar: 8º ano - EJA

Turma: 382

Data: 07/10/2005 (4ª feira)

Carga horária: 1 aula de 40 minutos

Horário: 20h05min às 20h45min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Por que as pessoas têm sotaque?

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Realizar reflexões sobre o dialeto da região em que os alunos vivem, para as quais as respostas sirvam como um meio de se pensar a maneira de falar do eu e do outro. Produção de um texto contendo os elementos que os alunos consideraram mais importantes no vídeo e no áudio apresentados, nas explicações dos estagiários e nas discussões geradas.

2.2 – Objetivos específicos

- Colocar em foco as características do dialeto dos nativos da região da Grande Florianópolis em relação ao dialeto dos alunos.
- Gerar discussões coletivas a respeito do tema por meio de perguntas reflexivas.
- Instigar à produção escrita com base nas discussões realizadas, cujo conteúdo pode variar entre: palavras e expressões que são usadas na região e não em outro lugar; estigmas e preconceitos sobre esse dialeto; depoimentos pessoais relacionado à discussão; etc.

2.3 – Conhecimentos abordados: Noções básicas sobre diferentes dialetos falados em todo o território nacional, sem perder o foco para a fala local. Distinção entre norma

padrão e fala regional, tendo como norteadora a pergunta: por que em determinados locais que usamos para falar nós deixamos transparecer e em outros não deixamos transparecer tanto o nosso sotaque? Sistematização por escrito do conteúdo visto e discutido, visando a instigar o poder de síntese da escrita em sala de aula e o controle do tempo para a atividade.

3 – Metodologia

- Nos primeiros dez minutos de aula, será exposto um vídeo de uma reportagem do Jornal Hoje, de uma série chamada “Sotaques do Brasil” a respeito do “chiado” do dialeto carioca, manezês e de outros dialetos; também será exposta uma gravação de um falante nativo da região da Costa da Lagoa. O conteúdo dos vídeos será o estopim para as discussões tratadas em coletivo com a turma, as quais tomarão os próximos quinze minutos de aula e serão organizadas da seguinte maneira: breve histórico do dialeto manezês baseado no artigo de Furlan (1989), levando em consideração o motivo da vinda dos açorianos a Santa Catarina e os locais onde eles habitaram.
- Com base no que já tiver sido exposto, iniciar-se-á uma discussão com os alunos por meio de perguntas como:
 - ✓ Vocês já se perguntaram por que as pessoas têm sotaque?
 - ✓ Quais traços do manezês são diferentes de outras maneiras de falar que vocês (discentes) conhecem?
 - Espera-se que as respostas estejam dentro das características mais evidentes dessa variação: alveolo-palatização do /s/ e do /z/; absorção do iode por subsequente /s/ palatizado (dois/dosh, mais/mash, três/trêsh etc); ritmo rápido na maneira de falar que faz com que a sílaba tônica se sobressaia (uma característica do português de Portugal); tratamento familiar por tu x vós; dentre outros⁴.
 - ✓ Vocês acham que essa maneira de falar é mais bonita ou mais feia do que outras? Por quê?

⁴ Os termos aqui utilizados não serão apresentados em sala de aula.

- Com base nessa discussão, nos quinze minutos finais, pedir-se-á aos discentes que elaborem um texto com impressões sobre o tema tratado em sala, jeitos de falar, podendo ser sobre experiências que tiveram ou uma síntese da aula (atividade anexa).
- À medida que os alunos estiverem escrevendo, os professores irão auxiliá-los no que eles solicitarem.
- O texto será entregue no mesmo dia aos professores e caso precisem ser continuados na aula seguinte, será reentregue aos alunos.

4 – Recursos necessários

- Aparelho *datashow* para a reprodução do vídeo;
- Aparelho de áudio para a reprodução da entrevista;
- Quadro negro para a escrita de tópicos sobre o histórico e as características do dialeto;
- Fotocópia da atividade textual.

5 – Avaliação: Os alunos serão avaliados por meio da participação e do interesse às questões abordadas em sala de aula, especificamente nas respostas às perguntas feitas pelo professor no que diz respeito ao dialeto. A efetivação e a concentração na atividade escrita também serão levadas em conta nesta aula.

6 – Referências

FURLAN, Oswaldo Antônio. **250 anos de influência açoriana no português do Brasil**. *Ágora*, Florianópolis, v. 13, n. 27, p.17-25, 1998. Disponível em: <<https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/190/pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

Vídeo: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=flOhPXEPW9c>>. Acesso em: 24 de agosto de 2015.

Entrevista (dados do falante).

7 – Anexos

Primeiro anexo: proposta textual

Atividade: Escreva as suas impressões sobre o vídeo do Jornal Hoje, da série “*Sotaques do Brasil*” e sobre o áudio que você ouviu. Leve em consideração o jeito de falar, as características dessa fala, as regiões onde se fala assim e o que mais você achar útil e esteja dentro do tema.

Dica: você pode escrever uma pequena história sobre algum conhecido, sobre alguma de sua experiência de vida, mas também pode escrever o seu texto de maneira impessoal, como se você fosse um jornalista e estivesse informando alguém a respeito do assunto. Boa atividade.

Terceiro Encontro: Aulas 4 e 5

1 – Dados de identificação

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiária: Samara Hinkel Corrêa

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental

Ano escolar: 8º ano - EJA

Turma: 382

Data: 08/10/2005 (5ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 20h05min às 20h45min e das 21h40min às 22h20min.

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Método de avaliação

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Apresentar aos alunos o método avaliativo processual que será utilizado no decorrer da execução do projeto fomentando a continuação da produção textual escrita.

2.2 – Objetivos específicos da aula

- Proporcionar aos alunos o entendimento acerca do funcionamento do processo avaliativo a partir da ficha de avaliação.
- Disponibilizar o tempo das aulas para a escrita do texto proposta na aula anterior.
- Auxiliar os alunos no que for necessário, retirando dúvidas e oferecendo atendimento individual durante a produção textual.

2.3 – Conhecimentos abordados: formulação de ideias e sistematização de conhecimentos exigidos pela produção textual escrita; exercício da escrita como ato

responsivo de posicionamento do sujeito e; desconstrução da concepção de avaliação apenas por notas; noções do processo de aprendizagem de forma gradativa.

3 – Metodologia

- Mostrar a ficha de avaliação por cores e explicar que cada aluno será avaliado constantemente e gradativamente nas atividades realizadas durante o período de estágio. Desta forma, a cada atividade o aluno recebe uma cor correspondente ao seu desempenho, assim, ele estará sendo motivado a melhorar diante das dificuldades percebidas na realização das atividades e terá seu bom desempenho reconhecido, tudo isso sem a atribuição sistemática de nota numérica que varia de zero à dez ou a atribuição de pontos parciais que somam a nota final.
- Ressaltar que a ficha por cores objetiva ampliar a visão crítica do aluno, fazendo-o perceber que o processo de construção do conhecimento se dá aos poucos e é uma constante reelaboração a partir do confronto entre aquilo que já se sabe e aquilo que é apresentado nas aulas.
- Distribuir as produções textuais já iniciadas na aula anterior e solicitar que os alunos retomem a produção textual sobre os diversos jeitos de falar embasada nos debates advindos da apresentação do clipe proposta no primeiro encontro e do vídeo a respeito das peculiaridades da fala do florianopolitano, exposto e discutido no segundo encontro.
- Disponibilizar o tempo restante da aula para a produção textual auxiliando os alunos no que for necessário. Caso haja dúvidas, atender a turma coletivamente e individualmente.
- Passar nas carteiras para acompanhar o andamento da atividade, percebendo como cada um se relaciona com o processo da escrita. Recolher as produções textuais ao final da aula.

4 – Recursos necessários

- Fichas de avaliação produzidas pelos estagiários; e
- Proposta da produção textual utilizada na aula anterior.

5 – Avaliação: Os alunos serão avaliados durante a produção de texto a partir da anotação de observações, i. e., do levantamento daqueles que de fato realizaram a atividade durante o tempo da aula, aqueles que deixaram para realizá-la nos momentos finais. Também serão

avaliadas, por meio de anotações no diário de classe, a participação e interesse diante da atividade proposta, o desejo por sanar dúvidas e curiosidades sobre o tema trabalhado na atividade. Assim sendo, um aluno interessado, ainda que tenha dificuldade na escrita, sistematização e organização das ideias, terá seu esforço reconhecido podendo atingir uma “cor” mais significativa, bem como o aluno com facilidades em escrever que se demonstre desinteressado em melhorar e evoluir suas capacidades, que escreva muito rapidamente desejando “se livrar” logo da atividade, caso não queira incrementar detalhes à produção, receberá uma “cor” não tão satisfatória, instigando a reflexão acerca do seu desempenho no momento de realização das atividades.

6 – Referências

Sem referências





7 – Anexos

Primeiro anexo: Ficha de Avaliação (a seguir).

Anexo referente ao terceiro encontro: Ficha de Avaliação

Nome do Aluno		A1	A1	A2	A2	A3	A3	A4	A4	A5	A5	A6	A6	A7	A7	A8	A8	A9	A9	Final
		(E)	(C)	(E)	(C)	(E)	(C)	(E)	(C)	(E)	(C)	(E)	(C)	(E)	(C)	(E)	(C)	(E)	(C)	Média
1																				
2																				
3																				
4																				
5																				
6																				
7																				
8																				
9																				
10																				
11																				
12																				
13																				
14																				
15																				
16																				
17																				
18																				
19																				
20																				
21																				
22																				
23																				

*Legenda: Entrega (E):  Entregou;  Entregou parcialmente;  Não entregou.

Conteúdo (C):  Precisa melhorar  Está bom, mas precisa ser melhorado um pouco mais  Muito bom, basta ajustar alguns pontos; Ótimo 

Atividade 1, 2, 3...: A1, A2, A3... (Quando as aulas se iniciarem, as nove atividades serão especificadas em uma página anexa a esta).

Quarto Encontro: Aula 6

1 – Dados de identificação

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiária: Samara Hinkel Corrêa

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental

Ano escolar: 8º ano - EJA

Turma: 382

Data: 14/10/2015 (4ª feira)

Carga horária: 1 aula de 40 minutos

Horário: 20h05min às 20h45min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Análise linguística

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Realizar atividade de análise linguística a partir das dificuldades de escrita mais recorrentes na primeira produção textual visando fomentar o processo de reescrita.

2.2 – Objetivos específicos da aula

- Mostrar aos alunos as principais dificuldades encontradas na escrita dos textos no que tange à gramaticalidade. Não tomar as ocorrências encontradas como “erros”, mas, mostrar a forma mais adequada de escrever uma produção textual de acordo com as estratégias discursivas que a língua disponibiliza.
- Construir com os alunos uma reflexão sobre a adequação do texto a sua situação comunicativa.
- Propor a reescrita da produção textual.

2.3 – Conhecimentos abordados: Uso da concordância verbal e concordância nominal; regras de pontuação; ortografia e; clareza na exposição das ideias por meio do texto; construção da reescrita.

3 – Metodologia

- Expor no quadro negro as principais dificuldades encontradas nas produções textuais entregues na aula anterior a partir de um levantamento geral das mais recorrentes.
- Construir, juntamente com os alunos, a sistematização das regras gramaticais estimulando a reflexão acerca dos usos sociais.
- Fazer as seguintes perguntas: em uma situação mais formal é melhor uma escrita mais próxima da oralidade, informal, ou uma escrita elaborada com cuidado, que aproveite os recursos que a língua dispõe? Como podemos fazer para escrever melhor? É importante conhecer as regras gramaticais? Por quê?
- Entregar as produções textuais com intervenções escritas feitas pelos estagiários. Essas intervenções devem conter as inconsistências encontradas no texto e sugestões de melhora.
- Propor a reescrita como processo fundamental para a evolução das capacidades dos usos da língua.

4 – Recursos necessários

- Quadro negro;
- Giz; e
- Atividades finalizadas na aula anterior e já corrigidas.

5 – Avaliação: Os alunos serão avaliados pela participação na aula que será expositiva e dialogada, essa participação será verificada por meio de anotações visando valorizar o desempenho dos alunos que questionam, acompanham as discussões propostas e tomam nota dos conteúdos trabalhados na aula.

6 – Referências

Sem referências.

7 – Anexos

Sem anexos.

Quinto Encontro: Aulas 7 e 8

1 – Dados de identificação

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiário: Thalisson Erick de Almeida Machado

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental - Ensino para Jovens e Adultos

Ano escolar: 8º ano - EJA

Turma: 382

Data: 15/10/2005 (5ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 20h05min às 20h45min e das 21h40min às 22h20min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Reescrita

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: trabalhar o processo de reescrita salientando as observações que foram apresentadas na aula anterior a respeito de aspectos gramaticais encontrados nos textos produzidos. Essa aula cabe a refacção do texto, bem como a entrega final.

2.2 – Objetivos específicos da aula

- Desenvolver o olhar crítico diante do próprio texto.
- Trabalhar o momento da refacção dos textos não só como possibilidade de atingir uma melhor nota, mas como possibilidade de repensar estratégias de cada projeto de dizer.
- Trabalhar conceitos de adequação e inadequação no sentido de produzir conteúdo pertinente adequando-se a cada situação.

2.3 – Conhecimentos abordados: dentro da perspectiva da reescrita textual, os conhecimentos abordados nesta aula são elementos de coesão, coerência textual, norma padrão, bem como adequações e inadequações pertinentes ao gênero tratado. Como a aula envolve a refacção do texto, conhecimentos sobre semântica, sintaxe também podem ser abordados durante o auxílio aos alunos.

3 – Metodologia

- A entrega dos textos produzidos pelos alunos tem a principal função que é a de possibilitar um retorno do aluno ao seu próprio texto. Esse retorno é essencial para dar a chance ao aluno a ter percepções que acontecem quando se tem certo distanciamento do texto. Essa percepção esperada não é totalmente gratuita, ela está aqui envolvida em um processo de apresentar seções de análise gramatical, seguindo o que aconteceu em seus próprios textos para suscitar indagações a respeito dos seus próprios textos.
- A análise gramatical dos fenômenos não é suficiente para aprimorar essa reescrita. Embasar o aluno quanto às adequações e inadequações que existem na produção de qualquer texto é fundamental e foge dos escopos somente gramaticais. Acreditando que cada situação de linguagem necessita de um certo modo de articulação.

4 – Recursos necessários

- Os recursos necessários são os elementos de uso comum como quadro negro, giz.

5 – Avaliação: A avaliação se dará, conforme já informado, de forma progressiva, i. e., levar-se-á em conta o progresso do aluno. Aqui serão avaliados, sobretudo, o interesse do aluno no que se refere à refacção do texto, observando o empenho empregado para realização da atividade.

6 – Referências

Sem referências.

7 – Anexos

Sem anexos.

Sexto Encontro: Aulas 9 e 10

1 – Dados de identificação:

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiário: Tiago Carturani

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental

Ano escolar: 8º ano - EJA

Turma: 382

Data: 20/10/2005 (3ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 18h45min às 19h25min e das 21h às 21h40min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: O que é e como se faz um *fanzine*?

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Colocar os alunos em contato com gêneros literários que não estão habituados, cujo meio de divulgação é mais amplo do que as impressões oficiais, e o conteúdo está mais próximo das capacidades linguísticas de cada um. Desenvolver a criação artística em diálogo com outras linguagens, tendo em vista públicos que não são necessariamente do colégio.

2.2 – Objetivos específicos da aula

- Distribuir *fanzines* para turma, com temáticas (serão especificadas) diversificadas que dialoguem com o que eles veem na escola e principalmente fora dela, a fim de instigar a produção e reprodução de conteúdo que lhes sejam úteis.
- Produzir, por meio de escritos, desenhos e colagens, coerência no diálogo entre essas linguagens cujas técnicas são diferentes e requerem concentração e organização para que agradem aos olhos.

2.3 – Conhecimentos abordados: Breve histórico dos *fanzines* no Brasil: o porquê do seu surgimento e sua utilidade nos dias de hoje; diferença entre *fanzine* impresso e *fanzine*

digital. Técnicas de como se fazer um *fanzine* de bolso (folha A4): como dobrar, organizar as imagens e as figuras a fim de que fiquem coerentes com o texto pedido até este dia), como finalizar e como divulgar e distribuir.

3 – Metodologia

- Nos primeiros dez minutos de aula, será exposto em tópicos no quadro negro a história dos *fanzines*, como e por que surgiram e qual o público que consome o produto.
- Nessa exposição, serão feitas algumas perguntas aos alunos enquanto se explica o conteúdo, a fim de saber se eles já conhecem ou já intuem algo a respeito do gênero, tais como: vocês sabem o que é um *fanzine*? Conhecem alguém que faça? Já receberam algum de alguém? O que geralmente um *fanzine* traz de conteúdo?
- Nesse diálogo, alguns *fanzines* selecionados por nós serão distribuídos aos alunos. Os *fanzines* que eles acharem mais próximos do que gostam serão doados a eles.
- Das respostas às perguntas, espera-se que respondam que *fanzine* é um meio de divulgação de conteúdo independente cuja finalidade é a de propagar gostos pessoais sobre determinadas coisas (*fanzine* é a aglutinação da palavra inglesa *fan/fã* e *magazine*/revista e quer dizer revista de fãs).
- Nos próximos dez minutos, será entregue um pequeno manual (anexo) de diagramação para a confecção do “boneco” do *fanzine*. Também será explicado que diagramação diz respeito à disposição do conteúdo nos limites do papel, a maneira que se escolherá para dobrar; e que o boneco é o primeiro *fanzine*, aquele que será finalizado e do qual se fará todas as cópias.
- Nos últimos 20 minutos, os alunos iniciarão a confecção de seu próprio *fanzine* e os professores irão auxiliá-los no que precisarem e também darão dicas ao longo de todo o processo de criação.
- Os materiais serão dispostos em uma mesa no centro da sala, chamada “mesa de materiais”.
- Ao fim da aula, o *fanzine* será recolhido para que se continue a confecção na aula seguinte.

- Caso o aluno não tenha feito ou entregado a primeira produção textual, ele poderá usar no *fanzine* alguma produção textual ou desenho que tenha feito.
- A aula seguinte será reservada para que se continue a facção do *fanzine*. Ao fim dessa aula, os alunos entregarão novamente o *fanzine* aos professores para que se continue na última aula.

4 – Recursos necessários

- Fotocópias de vários *fanzines* cujo conteúdo será diversificado e foi selecionado de acordo com as respostas dos questionários respondidos por eles no período de observação;
- Fotocópias do manual de confecção de um *fanzine*, o qual irá auxiliá-los na disposição das figuras.
- Para a confecção do *fanzine*, serão disponibilizados: uma folha A4; lápis grafite e borracha; apontador; lápis de colorir; canetinhas; cola; tesoura; revistas, jornais e livros velhos; e régua.

5 – Avaliação: Nos dois primeiros momentos, a avaliação se dará por meio da participação nas aulas e no interesse ao conteúdo, serão levadas em consideração as respostas dos alunos em relação ao que foi exposto e explicado e também as perguntas que eventualmente surgirem. No último momento e por toda a próxima aula, os alunos serão avaliados pelo envolvimento efetivo na atividade de criação: participação, responsabilidade com o que se está fazendo; vontade de aprender e perguntas que eventualmente surgirem.

6 – Referências

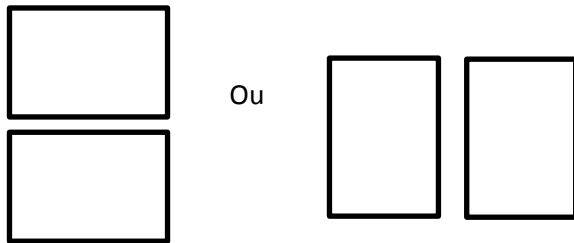
GUIMARÃES. E. **Fanzine**. Minas Gerais: Nona Arte, 2002.

7 – Anexos

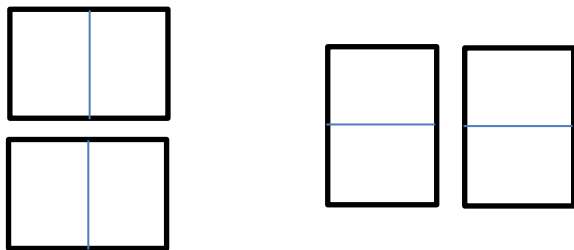
Primeiro anexo: Manual para a confecção do boneco (a seguir)

Anexo referente ao plano de aula do sexto encontro: MANUAL PARA ELABORAÇÃO DO BONECO

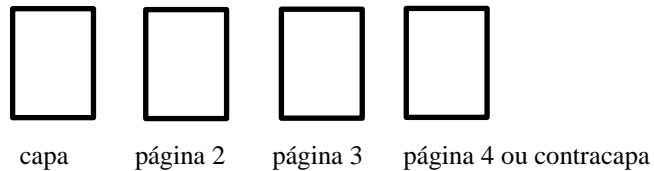
Primeiro passo: preste muita atenção no tamanho do seu papel. O espaço que você tem é dois retângulos representados da seguinte maneira, que são a frente e o verso da folha A4:



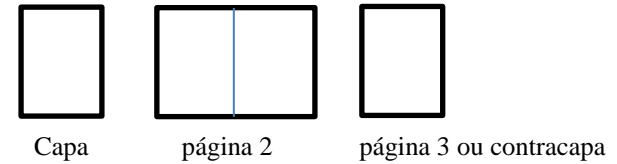
Segundo passo: note também que caso se opte por dobrar o papel, há outras possibilidades de espaço:



Assim, seu *fanzine* de bolso ficará com mais cara de livreto do que de panfleto:

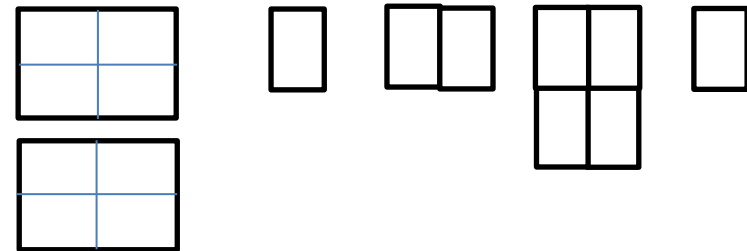


Mas também pode ser organizado da seguinte maneira:

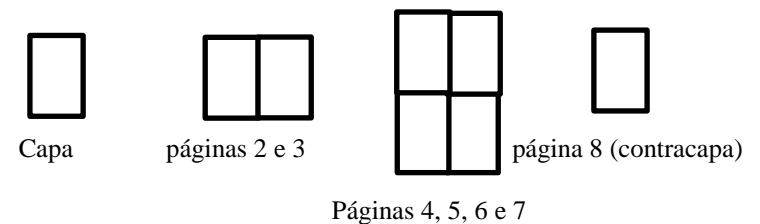


Assim, a página 2 acima é a maior página do seu *fanzine* de bolso e nela pode ser inserida a atividade que você considera principal.

Dicas: Você gosta de história em quadrinhos? Transforme a sua atividade em história em quadrinhos e dobre o papel da seguinte maneira:



Assim, você terá vários quadros pequenos que aparecerão conforme o papel vai sendo aberto, veja a paginação:



Terceiro passo: após escolher o tipo de dobragem, dê cor, figuras e formas ao seu boneco, pensando sempre na relação com o tema das aulas. Boa atividade.

Sétimo Encontro: Aula 11

1 – Dados de identificação:

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiário: Tiago Carturani

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental

Ano escolar: 8º ano - EJA

Turma: 382

Data: 21/10/2005 (4ª feira)

Carga horária: 1 aula de 40 minutos

Horário: 20h05min às 20h45min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Continuação do *fanzine*

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Desenvolver a criação artística em diálogo com outras linguagens, tendo em vista públicos que não são necessariamente do colégio. Aprimorar a capacidade de se responsabilizar pelas tarefas escolares, criando e elaborando coisas em sala de aula. Auxiliar os alunos em suas tarefas em sala de aula, ajudando-os a encaminharem as atividades para que saia com qualidade e organização. Estabelecer prazos e tempo para que se consiga organizá-los e se evite extrapolá-los.

2.2 – Objetivos específicos da aula

- Produzir, por meio de escritos, desenhos e colagens, coerência no diálogo entre essas linguagens cujas técnicas são diferentes e requerem concentração e organização para que agradem aos olhos.
- Utilizar o pouco tempo que se tem com concentração, vontade e eficiência, para que a tarefa seja finalizada no período estipulado.

2.3 – Conhecimentos abordados: Organização do tempo, levando em consideração o que pode ser feito dentro desse período e o que não é possível, pois poderá extrapolar. Solicitação do auxílio dos estagiários para as atividades, pois eles estarão disponíveis para tirar dúvidas e guiar no que o aluno solicitar.

3 – Metodologia

- A aula se iniciará com a (re)entrega dos *fanzines* para a finalização.
- Os materiais serão colocados na “mesa de matérias” localizada no centro da sala.
- Como os professores já viram como o trabalho de cada um está sendo realizado, serão apontados na mesa de cada um deles os tópicos que podem ser ajustados e as ideias que estão boas.
- Aos alunos que já estiverem finalizando o trabalho, recomendar-se-á ajustes em alguns pontos, adições de outras coisas em outro, pois assim o trabalho será mais rico em detalhes.
- Ao conteúdo que parecer demorar muito para a finalização, far-se-á perguntas sobre o que ainda falta e auxiliaremos na filtragem de algumas ideias, para que o trabalho se cumpra no prazo.
- Aos alunos que não conseguirem finalizar, analisaremos os motivos: se estes forem por motivo de conversa, desconcentração, falta ou digressões do tema da aula, atribuiremos “entrega parcial” à atividade; se for por dificuldade própria e houver esforço, também será atribuído “entrega parcial”, mas será levado em conta se ele estiver interessado em finalizar, e tentaremos encaixar alguns minutos para que se conclua o trabalho.

4 – Recursos necessários

- Para a confecção do *fanzine*, serão disponibilizados: uma folha A4; lápis grafite e borracha; apontador; lápis de colorir; canetinhas; cola; tesoura; revistas, jornais e livros velhos; e régua

5 – Avaliação: A avaliação levará em conta a participação efetiva do aluno na atividade: comprometimento, responsabilidade, organização, prazo, cumprimento do tempo e a maneira pela qual o aluno lida com o auxílio do professor: se ele é levado em conta ou não, se o solicita. Também será avaliado se o aluno conversa sobre o que está se fazendo com o colega, compartilhando informações sobre o que e como está fazendo, etc, e também como ele lida com os materiais disponibilizados pelo professor: se fica com ele na mesa após o uso, se empresta ao colega.

6 – Referências e 7 – anexos: Sem referências e sem anexos.

Oitavo Encontro: Aulas 12 e 13

1 – Dados de identificação:

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiária: Samara Hinkel Corrêa

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental

Ano escolar: 8º ano - EJA

Turma: 382

Data: 22/10/2005 (5ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 20h05min às 20h45min e das 21h40min às 22h20min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Apresentação dos *fanzines*

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Proporcionar aos alunos a experiência de apresentação oral dos *fanzines* finalizados na aula anterior e instigar reflexões acerca da sistematização da oralidade por meio da socialização dos trabalhos e interpretação oralizada da crônica “Um findi a fuzel” de Kledir Ramil.

2.2 – Objetivos específicos da aula

- Mediar a apresentação oral dos *fanzines*, objetivando que cada aluno expresse suas ideias representadas no trabalho.
- Ceder ao aluno espaço e voz para expressão de seus conhecimentos por meio da apresentação.
- Possibilitar que toda a turma entenda o que cada aluno quis mostrar por meio das palavras, ilustrações e colagens do *fanzine*.
- Possibilitar, a partir da socialização, uma conscientização sobre a sistematização da oralidade.
- Debater as diferenças entre fala e escrita e a relação da fala com a cultura expressa na crônica “Um findi a fuzel” de Kledir Ramil.

2.3 – Conhecimentos abordados: Expressão de ideias e sistematização de conhecimentos exigidos pela apresentação oral; exercício da argumentação; colaboração e cooperação diante da fala do outro; leitura e interpretação do gênero crônica e; variantes regionais da língua portuguesa.

3 – Metodologia

- Propor aos alunos que formem um círculo com suas cadeiras para dar início a apresentação
- Ressaltar que esse é um momento de apresentação de trabalho e embora não seja uma situação de extrema formalidade, é importante tomar alguns cuidados, pois não se trata de uma simples conversa. Desta forma, os alunos devem falar de forma clara e objetiva, fazendo com que todos da turma entendam o que está exposto em seu trabalho.
- Enfocar a importância da colaboração de todos diante das socializações para o bom andamento da aula e para que a atividade faça sentido para a turma. Não se trata apenas de falar sobre o seu trabalho, mas, de ouvir e participar da apresentação do outro.
- Durante a apresentação, os estagiários devem fazer anotações de aspectos da fala dos alunos que podem melhorar em situações de prestígio e de elementos em variação para fechar a atividade chamando a atenção para as diferenças entre a fala e a escrita e a necessidade de sistematização da oralidade.
- Distribuir a crônica “Um findi a fuzel” de Kledir Ramil para a turma e fazer a leitura de forma que os alunos acompanhem.
- Questioná-los oralmente com as seguintes questões: O texto é fácil ou difícil de entender? É diferente do jeito de falar com o qual estamos acostumados? Por quê? É um texto escrito de maneira formal? Uma notícia ou uma reportagem poderiam ser escritas ou até mesmo faladas dessa forma? Por quê? O texto possui muitas gírias e expressões próprias do vocabulário “gauchês”. Como seriam essas expressões na forma como vocês falam?
- Mediar a conversa e os debates provenientes das questões propostas, procurando ouvir a todos sem que o foco principal da aula seja desviado para outros assuntos que não se relacionem com o conteúdo trabalhado na aula.

4 – Recursos necessários

Fanzines produzidos pelos alunos;

Fotocópias da Crônica “Um findi a fuzel” para toda a turma;

Quadro negro; e

Giz.

5 – Avaliação: Os alunos serão avaliados durante a apresentação oral a partir da anotação de observações, i. e., do levantamento daqueles que de fato realizaram a atividade e participaram ativamente da aula com contribuições e questionamentos. Assim sendo, um aluno interessado, ainda que tenha dificuldade em se expressar terá seu esforço reconhecido e será motivado a melhorar. Também por meio de anotações que posteriormente serão transferidas para a ficha de avaliação, perceberemos a participação na atividade oral de análise linguística.

6 – Referências

RAMIL, Kledir. **Crônicas para se ler na escola**. Objetiva: Rio de Janeiro, 2014. [Seleção de Regina Zilberman]

RAMIL, Kledir. **Um find a fuzel**. In: *Crônicas para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 33-37.

7 – Anexos

Crônica “Um findi a fuzel”, de Kledir Ramil, digitalizada de acordo com a referência acima.

Um findi a fuzel

Assim ó: Todo mundo tinha ido pra Atlântida e eu pensei: “Bem capaz que eu vou ir, isso não dar um quilo”. Não sei a troco de quê, acabei fondo. Azar é do goleiro. Deu no rádio que o tempo ia abrir e entrei numa de pegar um sol e dar uma perneada. Pedi o carro pro pai, passei na Lomba do Pinheiro pra pegar o Magrão e encarei a Freeway.

Cheguei lá, primeira coisa, botei um chinelo de dedo. Aí peguei uma bici e fui no super comprar umas berga. Parei na sinaleira e vi que tinha uma galera tri massa na lancheria da esquina. Entrei, pedi um refri e fiquei ali de canto. Eram aquelas gurias do Anchieta, que eu conheci no Parcão. E eu, loco de faceiro, pois tava lá aquela alemoa, com cara de colona, dando sopa. Pra tu vê que eu não sou chinelão, cheguei junto e mandei um texto tri profi. A alemoa se abriu pra mim: “Bah, tu é parceiro, dos meu, cara!”

Mas ah! Baita balaqueiro! Te liga então. Aproveitei que tava bem na foto e chamei ela pra dar uma volta de carro. A guria tava tri a fim de ir pra Santa. Fui. Peguei o BR 101,

que vai dar em Floripa, e acelerei. Para tu ver como são as coisa: A família da mina tem baia dessas de veranejar, na Lagoa da Conceição. Pensei comigo: “vai ser um findi a fuzel”.

Aí a gente chegou a guria pirou na batatinha, viajou na maionese. Entrou numa nóia tipo cheia de dedos. Não podia mexer em nada, nem fazer barulho, pra não sujar “com as veia aí do lado”. Maior saco, cortou o barato. Na hora do vamo ver, não rolou. Sei lá, travei. Falei pra mina bem nessas: “Aí, não deu liga”. Ela resmungou “tô de cara” e começou a chorar. Pegou uma garrafa de vodca e mamou no gargalo. Tomou o maior balaço. Chamou o Hugo, fez o maior porquinho. É brincadeira! Ainda bem que foi na patente. Pedi arrego. Fechei um chimas, botei um calção e fui pra sacada, lagartear. A mina chegou pro meu lado: “Aí ó, baita sanduba que eu fiz pra ti, na resposta. Olhei de revesgueio. Era um cacetinho com umas gororoba dentro. Periga, a mina nem lavou a mão. Dei um godô e fiquei pensando: “Bah, eu me meto em cada indiada”!

Eu tava lá há horas, louco pra picar mula. Foi quando tocou a celular. Era a Li me chamando prum churas tria a fu no Campeche. Não falei nada pra não alertar os ganso. Mas a pinta se tocou e queria me escalar pra ir junto. Aí fechou o tempo. Montei num porco. “Tchê, qual é o teu pastel?”.

Recolhi as tralha e me mandei.

Glossário

A fuzel – ótimo, muito bom	Noia – paranoia
Loco de faceiro – muito contente	As veia aí do lado – qualquer tipo de pessoa pode ser “as veia”
Alemoa - loira	Bem nessas – de maneira direta
Colona – descendente de italianos	Não deu liga – não deu certo
Assim ó – preste atenção	De cara - chocado
Bem capaz – de jeito nenhum	Balaço – pileque, fogo
Vou ir – do verbo “ir ir”, que quer dizer a mesma coisa que “ir”	Chamou o Hugo - vomitou
A troco de quê – por que razão	Fazer um porquinho - vomitar
Chinelão – pessoa baixo nível	É brincadeira – expressão de espanto
Deu no rádio – qualquer coisa que foi informada pelo rádio	Patente - privada
Dar uma perneada - caminhada	Chimas – chimarrão
Dos meu – da minha turma, da minha tribo	Calção - short
Lomba - ladeira	Sacada - varanda
Balaqueiro – contador de lorotas	Lagartear – tomar sol
	Mina - garota

Freeway – estrada que liga Porto Alegre às praias do litoral	Sanduba – sanduíche
Chinelo de dedo - havaianas	Na resposta – na responsabilidade, bem feito
Bíci - bicicleta	De revesgueio – meio atravessado
Súper - supermercado	Cacetinho – pão francês
Berga – bergamota, que quer dizer tangerina, mexerica	Gororoba – comida feita de objetos não identificados
Sinaleira – sinal, semáforo	Lavou as mão – em geral a concordância é assim mesmo, errada
Findi – fim de semana	Dar um godô – disfarçada
Tri massa – muito bom	Indiada – programa de índio, roubada
Lancheria - lanchonete	Há horas – há muito tempo - o que pode significar alguns minutos ou vários meses
Refri - refrigerante	Picar a mular – sair fora
Acabei fondo – acabei indo	Churras - churrasco
Tri a fim – muito a fim	Não alertar os ganso – não chamar a atenção
Santa – Santa Catarina	Pinta – pessoa, cara, figura
Brioi – BR 101	Se escalar – convidar a si mesmo
Vai dar em – no sul as estradas não levam ou chegam a algum lugar, elas “vão dar em”	Fechou o tempo – baixou o astral
Floripa – Florianópolis	Montar num porco – ficar transtornado
Baia de veranear – casa de praia	Tchê, qual é o teu pastel? – qual é a tua?
Pirou na batatinha - enlouqueceu	Deu pra mim – pra mim, chega
Viajou na maionese - delirou	

Nono Encontro: Aulas 14 e 15

1 – Dados de identificação:

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiário: Thalisson Erick de Almeida Machado

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental - Ensino para Jovens e Adultos

Ano escolar: 8º ano - EJA

Turma: 382

Data: 27/10/2005 (3ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 18h45 às 19h25 e das 21h00 às 21h40.

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Interpretar a crônica “Plurals”, de Kledir Ramil

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Por meio da crônica escrita por Kledir Ramil, “Plurals”, a aula tem como principal objetivo a inserção cada vez mais profunda nos assuntos relacionados à variação linguística, evidenciando suas nuances.

2.2 – Objetivos específicos da aula

- Trabalhar a prática da leitura, embora o estagiário faça uma primeira leitura, outras leituras serão necessárias para responder à atividade que será proposta em seguida. Essa leitura não será apenas de decodificação, mas pretende envolver o aluno de forma mais profunda, convidando-o a reflexão e provocando posicionamentos diante do texto.
- As atividades interpretativas foram formuladas com o intuito de estabelecer uma relação mais próxima do aluno com o texto. Tais questões exigem conhecimento não somente do texto, mas do tema que o perpassa e de questões ligadas à vivência em sociedade.
- A reflexão crítica é uma das principais intenções ligadas à aula. Esse trabalho será necessário para a realização de atividades futuras e, não somente: a ideia é

que esse conhecimento seja perene e tenha utilidade em algum momento de suas vidas.

2.3 – Conhecimentos abordados: Essa aula é dedicada à leitura da crônica e à realização da atividade de interpretação textual, portanto os conhecimentos envolvidos nesta aula serão: análise crítica da crônica e conhecimentos sobre o eixo temático que conduz o projeto de docência, já que a crônica está ligada diretamente a ele. Logo, para a realização da atividade o aluno deve dominar minimamente esse tema, tendo em vista todo o conteúdo que já foi trabalhado. Além disso, conhecimentos de leitura e escrita são fundamentais para dar seguimento à aula.

3 – Metodologia

- Disponibilizar uma cópia da crônica de Kledir Ramil, “Plurals”, para cada aluno.
- Efetuar a leitura do texto que, primeiramente, será feito em voz alta pelo estagiando.
- Possibilitar espaço para que os alunos possam tecer comentários acerca do texto lido.
- Propor a realização de atividade ligada ao texto (anexo 2). Essa atividade é individual, mas o debate entre os alunos é bem-vindo.
- Proporcionar momento de elaboração da atividade, estando atento a qualquer dúvida levantada pelos alunos. Esse auxílio pode ser feito individualmente ou coletivamente, cabendo ao estagiando as medidas necessárias.
- As atividades produzidas terão tempo suficiente para a sua elaboração, portanto no final da aula essas atividades devem ser entregues ao estagiando para que na próxima aula possa ser dada continuidade à realização da atividade.

4 – Recursos necessários

- Serão necessárias as fotocópias com a crônica que será trabalhada nestas aulas;
- As questões referentes ao texto trabalhado em sala de aula também serão disponibilizadas pelos estagiários;
- Quadro negro; e
- Giz.

5 – Avaliação: Será avaliado o interesse do aluno não somente na leitura do texto, mas também na realização da atividade proposta. Essa atividade foi elaborada de modo que obrigue o aluno a voltar ao texto e refletir sobre ele. Portanto, a realização da atividade implica na leitura do texto proposto para a aula. Também será avaliada a participação do aluno no que se refere a produzir comentários, indagações pertinentes ao conteúdo abordado.

6 – Referências

RAMIL, Kledir. **Plurals**. 2012. Disponível em: <<http://blogdokledir.blogspot.com.br/2012/09/plurals.html#comment-form>>. Acesso em: 20 set. 2015.

7 – Anexos

Primeiro Anexo:

Crônica “Plurals”, de Kledir Ramil, digitalizada da referência mencionada.

Plurals

Caros cidadãos. Tenho subido os degrais da escada da vida com umas séries de dificuldades, por isso várias questões ficam martelando minha cabeça. Uma das principais são as absurdas confusões que fazem com nossa língua pátria na hora de usar os plurals. São tantas equivocacões que eu acho que deveria haver punições para os infratores. Multas, advertências. Quero ver se assim esses inútils vão continuar cometendo infrações.

Comecei a fazer anotações e encontrei mais de mil equívocos em apenas um pequeno universo lingüístico observado. Os principais erros encontrados são as concordâncias verbals e o emprego dos plurals.

Seriam os cidadãos brasileiros incapazs de aprender? Será que estamos precisando de atendimentos especiais? Seria o nosso lápi escolar feito de carbono radioativo, com efeitos colaterals? Não sei, não sei. Já estou desconfiando de tudo.

Decidido a levar adiante estas questões, combinei um encontro com meu advogado num desses bars que fica no topo de uns arranha-céis no centro da cidade. Cheguei atrasado, pois alguém havia furado os pneis do meu carro. Devem ter sidos aqueles cães de guarda do meu vizinho, uns animals terríveis. Pedimos dois pastels e duas Pepses e ficamos ali, nósos os doises, discutindo o problema. Ele acha que eu estou tendo visões. Que isso é culpa dos stresseres do dia a dia, típico de pessoas que vivem com os corações

disparados. Você também acha que isso não passa de alucinações? Pois não são alucinações. São coisas reais.

Fiz questão de levar o assunto até o fim e entrei com dois processos judiciais. Um por perdas, outro por danos. No dia da audiência o juiz apontou para mim, com seus dedos cheios de anéis. O juiz é um sujeito singular, só fala no plural. O plural majestático.

Pedi então a Sua Excelência que me explicasse as leis da língua pátria. Ele respondeu: “Os plurals são fáceis: uma xícara, duas xícaras. Um pir, dois pires. Um pão, dois pães. Uma mão, duas mãos. Um mamão, dois mamões. Não tem erro. Os bons e os maus, os bens e os mais”. E continuou: “a coisa é simple. Letra S no final de uma palavra significa que ela não está no singular. Como é o nosso caso. Nós nos chamamos Régis, somos um cara plural”.

Não aguentei. Levantei e fui embora. Um Regi, dois Régis!?!

Depois dessa, decidi voltar a estudar o Português.

Ou será os Portuguêss?

Segundo anexo: Questões de interpretação textual

De acordo com o texto lido e com os seus conhecimentos responda as seguintes questões:

- A crônica “Plurals” trata das impressões do narrador sobre o emprego do plural no Português Brasileiro. Na sua opinião o uso do plural está empregado de forma correta? Justifique sua resposta trazendo elementos do texto que comprovem seu ponto de vista.
- De acordo com o texto, a regra do plural dada pelo juiz ao reclamante não o satisfaz, por quê? Quais respostas alternativas podem ser dadas ao invés da regra apresentada?
- A crônica é engraçada por abordar construções de plural que são incomuns. O narrador reclama que as pessoas não sabem usar o plural, mas no fim das contas ele também não sabe. Qual o sentido do texto em relação ao uso do português pelos seus falantes nativos?
- A partir do trecho abaixo, elabore uma continuação ao início desse parágrafo, tentando abordar as questões que foram levantadas ali. Construa argumentos

que tragam seu ponto de vista no emprego do plural pelos brasileiros. Esse parágrafo deve ter no máximo 15 linhas.

Dica: Atente-se ao uso do plural.

“Seriam os cidadãos brasileiros incapazes de aprender? Será que estamos precisando de atendimentos especiais? Seria o nosso lápi escolar feito de carbono radioativo, com efeitos colaterais?”

Décimo Encontro: Aulas 16 e 17

1 – Dados de identificação:

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiário: Tiago Carturani

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental

Ano escolar: 8º ano – EJA

Turma: 382

Data: 29/10/2005 (5ª feira)

Carga horária: 1 aula de 40 minutos

Horário: 20h05min às 20h45min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Continuação da atividade de interpretação

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Buscar na memória os conteúdos vistos na aula passada e nas aulas anteriores, a fim de que se retome o processo escrito. Entender que é preciso solicitar a ajuda os professores no processo de escrita, solicitando apoio individual e coletivo, conforme as dúvidas que porventura aparecerem.

2.2 – Objetivos específicos da aula

- Ajudar os alunos a relembrem das discussões realizadas anteriormente em sala de aula, por meio de perguntas e diálogos.
- Retomar atividades lendo o que já foi escrito para que se continue, do mesmo ponto e com o mesmo foco, a produção.

- Auxiliar os alunos em todas as suas dificuldades de escrita, que serão variadas, podendo ser coletiva ou individual.

2.3 – Conhecimentos abordados: Memorização e retomada de conteúdo de aulas anteriores. Identificação do que já se escreveu para que se continue de onde parou.

3 – Metodologia

- Os primeiros dez minutos serão reservados para a reentrega da produção escrita e para fazer perguntas aos alunos em relação à aula e à crônica.
- Se eles demonstrarem não lembrar mais do conteúdo do conto e das discussões, será lida a crônica novamente para que essa dificuldade seja sanada.
- Será solicitado aos alunos que eles leiam em voz baixa o que já escreveram e continuem com a mesma ideia e o mesmo foco.
- Deixar-se-á claro aos alunos que eles podem, em qualquer momento da aula, solicitar o auxílio do professor.
- Deixar-se-á claro, também, que a atividade precisa ser entregue finalizada ao fim da aula, sem a possibilidade de terminar em casa ou na próxima aula.
- Aos alunos que não conseguirem finalizar, analisaremos os motivos: se estes forem por motivo de conversa, desconcentração, falta ou digressões do tema da aula, atribuiremos “entrega parcial” à atividade; se for por dificuldade própria e houver esforço, também será atribuído “entrega parcial”, mas será levado em conta se ele estiver interessado em finalizar, e tentaremos encaixar alguns minutos para que se conclua o trabalho.

4 – Recursos necessários

Quadro negro e giz, caso necessários.

5 – Avaliação: A avaliação levará em conta a participação efetiva do aluno na atividade: comprometimento, responsabilidade, organização, prazo, cumprimento do tempo e a maneira pela qual o aluno lida com o auxílio do professor: se ele é levado em conta ou não, se o solicita. Também será avaliado se o aluno conversa sobre o que está se fazendo com o colega, compartilhando informações sobre o que e como está fazendo, etc.

6 – Referências

RAMIL, Kledir. **Plurals**. 2012. Disponível em: <<http://blogdokleidir.blogspot.com.br/2012/09/plurals.html#comment-form>>. Acesso em: 20 set. 2015.

7 – Anexos

Conforme o andamento da aula, os anexos da aula anterior poderão ser retomados nesta aula.

Décimo Primeiro Encontro: Aulas 18 e 19

1 – Dados de identificação:

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiária: Samara Hinkel Corrêa (aula 18) e Thalisson Erick de Almeida Machado (aula 19)

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental

Ano escolar: 8º ano - EJA

Turma: 382

Data: 03/11/2015 (3ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 18h45min às 19h25min e das 20h05min às 20h45min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Exposição de depoimentos sobre preconceito linguístico

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Instigar discussões sobre o preconceito linguístico por meio de amostras de depoimentos disponíveis na *internet* e experiências e conhecimentos dos alunos os quais subsidiarão a sistematização do gênero relato pessoal e o início da produção textual final.

2.2 – Objetivos específicos da aula

- A partir da interpretação de uma charge, fazer perguntas aos alunos que instiguem a reflexão sobre a fala estigmatizada e variação social de prestígio.

- Introduzir o conceito de preconceito linguístico a partir da intertextualidade entre a charge e os conhecimentos prévios dos alunos.
- Construir com os alunos o entendimento do que é esse preconceito através de aula expositiva e dialogada.
- Socializar com a turma relatos de pessoas que já sofreram preconceito linguístico por meio da página do *facebook* “Eu sofri preconceito linguístico” e sistematizar as características do gênero relato pessoal.
- Propor a escrita do relato pessoal.

2.3 – Conhecimentos abordados: relação entre preconceito linguístico e preconceito social; interpretação do gênero charge; leitura e sistematização do gênero relato pessoal e suas características; prática da escritura.

3 – Metodologia

- Mostrar aos alunos o slide com a charge, solicitar que façam a leitura silenciosa e em voz alta. Fazer as perguntas que estão no slide e mediar as discussões instigadas por elas.
- Solicitar que os alunos tomem nota das discussões advertindo-os da importância dos conteúdos abordados nas aulas para a construção do texto final.
- Construir, juntamente com os alunos, os conceitos de variante estigmatizada e variante de prestígio, sem necessariamente nomear esses conceitos e sim por meio da consciência de que a língua está vinculada à cultura e o que existe não são erros abomináveis e acertos louváveis, mas sim, formas diferenciadas de se expressar nos mais diferentes ambientes.
- Solicitar que os alunos reflitam, também por meio dos questionamentos presentes nos slides, sobre a relação entre a situação e posição social do sujeito e seu jeito de falar.
- Introduzir a noção de preconceito linguístico fazendo os alunos perceberem o que é esse preconceito por meio da leitura de relatos pessoais da página “Já sofri preconceito linguístico” disponível na rede social *facebook*.
- Sistematizar, juntamente com os alunos, as características e exigências discursivas do gênero relato pessoal e apresentar a proposta de escrita do texto final no qual os alunos terão que produzir um relato pessoal com a temática do preconceito linguístico.

4 – Recursos necessários

- Retroprojektor para apresentação dos slides;
- Quadro negro; e
- Giz.

Avaliação: Os alunos serão avaliados pela participação na aula que será expositiva e dialogada, essa participação será verificada por meio de anotações visando valorizar o desempenho dos alunos que questionam, acompanham as discussões propostas e tomam nota dos conteúdos trabalhados na aula.

6 – Referências

Disponível em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=55292>
Acesso em 22/09/2015.

Disponível em <https://www.facebook.com/eusofripreconceitolinguistico> Acesso em 22/09/2015

Disponível em https://www.google.com.br/search?newwindow=1&biw=1242&bih=606&tbm=isch&q=preconceito+lingu%C3%ADstico+charge&revid=1525247228&sa=X&ved=0CCEQ1QJqFQoTCKrB-ueoi8gCFYcKkAod2H0Pyg#imgsrc=ljepjpfM_OalM%3A. Acesso em 22/09/2015

7 – Anexos

Primeiro anexo: slides que serão utilizados nesta aula (a seguir)



Slide 01

Para refletir

- ✓ O que causa efeito de humor na charge?
- ✓ Como é a fala das personagens?
- ✓ A charge dá alguma pista sobre a vida das personagens (onde vivem, situação econômica)?
- ✓ O que você acha do jeito de falar das personagens?

Slide 2

Eu sofri preconceito linguístico
23 de agosto às 23:53 · 🌐

Relato de E.

Morei há uns anos em São Paulo por alguns meses. Nesse tempo que passei lá, acabei pegando algumas palavras que o paulistano fala. Uma das palavras que eu comecei a usar pra valer era "padoca". Era "padoca" pra lá, "padoca" pra cá. Pronto! Todo mundo começou a me zoar quando eu voltei pra Minas. Meus amigos me perguntavam como eu tinha pegado o sotaque tão rápido e acabei por virar motivo de piada. Eles não deixaram passar esse assunto e logo eu virei o Padoca. Hoje, ainda depois de bastante tempo, todo mundo só me chama de Padoca.

(Relato coletado pela aluna Anna Luiza)




Slide 3

Eu sofri preconceito linguístico
23 de agosto às 14:27 · 🌐

Relato de Mi Riam

Meus pais foram criados na roça e, depois de adultos, foram morar na cidade, onde eu e meus irmãos nascemos e tivemos oportunidades de estudar. Era, e ainda é, muito comum na casa dos meus pais falarem expressões típicas de regiões rurais. Quando eu era criança, ficava morta de vergonha quando algum amigo ia à minha casa e meus pais soltavam as tais expressões ou quando eu mesma deixava escapar na sala de aula, ou em algum outro lugar, uma palavra que não era de costume naquele meio. Hoje, eu sinto vergonha por ter sentido vergonha da situação. A nossa língua é simplesmente fantástica, com todas as suas variações e regionalismos. É pra se ter muito orgulho da nossa cultura em todos seus aspectos.

(Este relato foi postado nos comentários de nossa página. Obrigada pela contribuição, Mi Riam!)



👤 Bate-

Slide 04

Eu sofri preconceito linguístico
22 de agosto · 🌐

Relato de J.

Eu tinha 16 anos e estudava com uma amiga em uma escola da cidade de Conselheiro Lafaiete. Um dia, voltando da aula, eu disse:


- Não vamos banzerar pra gente não perder o ônibus

A minha colega ficou debochando da maneira como eu falei e ficou pedindo para que eu repetisse.

Banzerar, pra mim, significava "bobear, duvidar" e era uma palavra muito comum na minha família. Eu, meus irmãos e meus primos crescemos ouvindo nossos pais, avós e tios falando "banzerar". E ela sabia, pois convivia muito comigo e meus parentes, mas era motivo de zoação apenas porque só a gente falava dessa maneira.

Relato coletado pela aluna Aline.

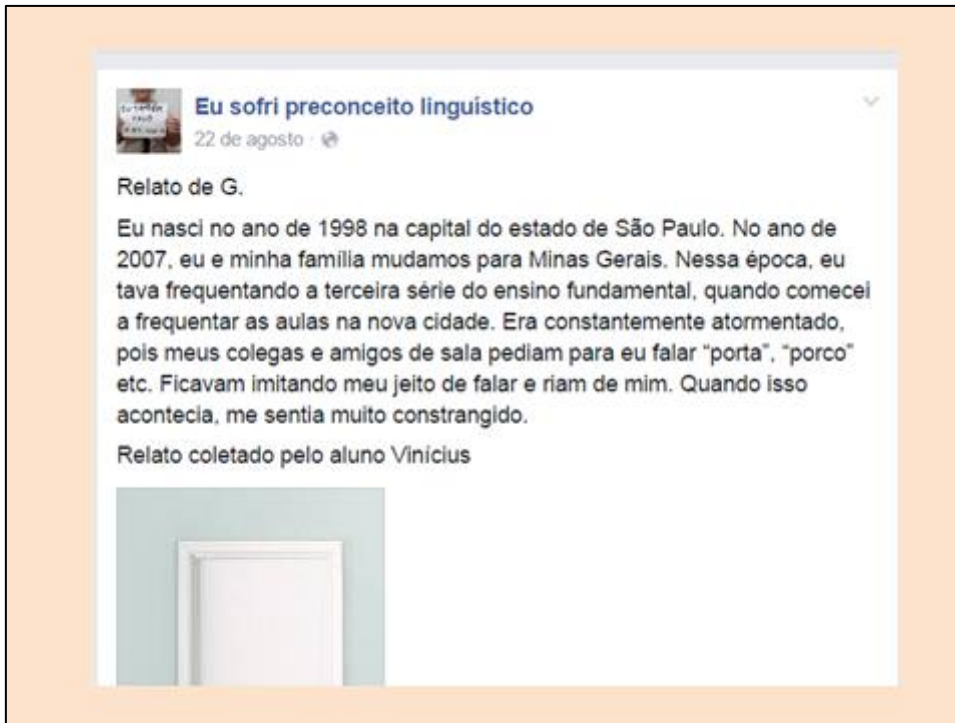
<http://www.dicionarioinformal.com.br/banzerar/>



Significado de "banzerar"

Significado de banzerar . O que é banzerar: O mesmo que bobear, vacilar

Slide 05




Eu sofri preconceito linguístico
22 de agosto · 🌐

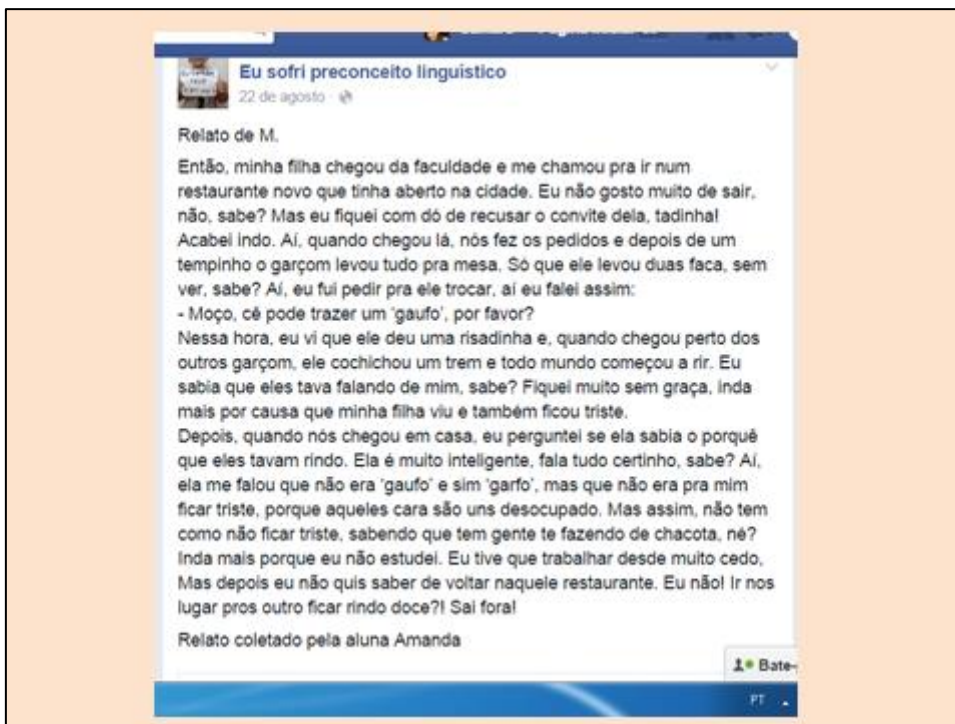
Relato de G.

Eu nasci no ano de 1998 na capital do estado de São Paulo. No ano de 2007, eu e minha família mudamos para Minas Gerais. Nessa época, eu tava frequentando a terceira série do ensino fundamental, quando comecei a frequentar as aulas na nova cidade. Era constantemente atormentado, pois meus colegas e amigos de sala pediam para eu falar "porta", "porco" etc. Ficavam imitando meu jeito de falar e riam de mim. Quando isso acontecia, me sentia muito constrangido.

Relato coletado pelo aluno Vinicius



Slide 06



Eu sofri preconceito linguístico
22 de agosto · 🌐


Relato de M.

Então, minha filha chegou da faculdade e me chamou pra ir num restaurante novo que tinha aberto na cidade. Eu não gosto muito de sair, não, sabe? Mas eu fiquei com dó de recusar o convite dela, tadinha! Acabei indo. Ai, quando chegou lá, nós fez os pedidos e depois de um tempinho o garçom levou tudo pra mesa. Só que ele levou duas faca, sem ver, sabe? Ai, eu fui pedir pra ele trocar, ai eu falei assim:
- Moço, cê pode trazer um 'gaufo', por favor?

Nessa hora, eu vi que ele deu uma risadinha e, quando chegou perto dos outros garçom, ele cochichou um trem e todo mundo começou a rir. Eu sabia que eles tava falando de mim, sabe? Fiquei muito sem graça, inda mais por causa que minha filha viu e também ficou triste.

Depois, quando nós chegou em casa, eu perguntei se ela sabia o porquê que eles tavam rindo. Ela é muito inteligente, fala tudo certinho, sabe? Ai, ela me falou que não era 'gaufo' e sim 'garfo', mas que não era pra mim ficar triste, porque aqueles cara são uns desocupado. Mas assim, não tem como não ficar triste, sabendo que tem gente te fazendo de chacota, né? Inda mais porque eu não estudei. Eu tive que trabalhar desde muito cedo. Mas depois eu não quis saber de voltar naquele restaurante. Eu não! Ir nos lugar pros outro ficar rindo doce?! Sai fora!

Relato coletado pela aluna Amanda



Slide 07

Eu sofri preconceito linguístico
31 de maio · 🌐

Relato de J.

Eu morava em uma cidadezinha no interior de Minas Gerais. As pessoas eram bem simples e humildes, mas por causa de problemas pessoais tive que me mudar de cidade. Estudei até a 5ª série do ensino fundamental e não tenho vergonha nenhuma de falar isso. Na minha nova cidade, foi bem difícil a minha adaptação, pois logo no meu primeiro emprego comecei a ser humilhado pelos próprios colegas de trabalho devido à maneira a qual eu falava. No meu dia a dia, usava palavras como "prástico", "gaífo" e "probrema" e não via problema nenhum em pronunciá-las, porém os meus colegas usavam isso para me humilhar e faziam brincadeiras desagradáveis comigo. Não resisti aquilo e resolvi falar com eles. Pra minha sorte, pararam, pois eu já estava pensando em pedir demissão do meu emprego. Se tornaram bons colegas de trabalho depois da conversa que tive com eles e aos poucos fui aprendendo a pronunciar as palavras corretamente. Mas não tenho vergonha nenhuma das minhas raízes.

(Relato coletado pelo aluno João Paulo)




Slide 08

Eu sofri preconceito linguístico
1 de maio · 🌐

Relato de G.

"Meu nome é G, tenho 37 anos e cursei toda minha vida em escola pública. Eu trabalhava com música durante à noite e recebi uma oportunidade de ir ao Rio de Janeiro para tentar uma carreira nessa área. Certo dia, em um restaurante que eu tocava por lá, o dono chegou perto de mim e pediu que eu parasse de falar com meu sotaque, pois os clientes não poderiam perceber que eu era do interior. Claramente, eu sofri preconceito linguístico. Cada estado tem sua cultura, tem que haver mais respeito com os sotaques e com o modo de falar de cada pessoa. Ninguém é educado da mesma forma".

(Relato coletado pela aluna Gabrielle)



Slide 09

RELATO PESSOAL

Características:

- ✓ Texto narrativo - possui personagens, um fato narrado em um determinado lugar e tempo.
- ✓ Revela fatos da vida de alguém.
- ✓ Se passa geralmente no passado, pois, trata-se de alguém contando um fato que já aconteceu.
- ✓ A linguagem utilizada se adequa ao público leitor – para alguém com mais conhecimento, para um jovem, para uma situação formal como uma palestra, audiência.

Slide 10

Proposta de escrita

- ✓ Agora é a sua vez de escrever um relato pessoal baseado no preconceito linguístico.
- ✓ Se você já sofreu preconceito linguístico, conte sua história.
- ✓ Caso não tenha sofrido esse tipo de preconceito, procure conversar com alguém que já tenha sofrido e peça para a pessoa lhe contar como foi a experiência.
- ✓ O relato pode também ser fictício, desde que traga elementos existentes na língua falada e coerentes com a fala que encontramos nas diferentes regiões do país.
- ✓ Aproveite todos os debates e conhecimentos que compartilhamos até aqui.

Slide 11

Referências

Disponível em
<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=55292>
Acesso em 22/09/2015.

Disponível em <https://www.facebook.com/eusofripreconceitolingustico>
Acesso em 22/09/2015

Disponível em
https://www.google.com.br/search?newwindow=1&biw=1242&bih=606&tbn=isch&q=preconceito+lingu%C3%ADstico+charge&revid=1525247228&sa=X&ved=0CCEQ1QJqFQoTCKrB-ueoi8gCFYcKkAod2H0Pyg#imgrc=ljepjfdM_OalM%3A Acesso em 22/09/2015

Disponível em <http://opreconceitolingustico2.blogspot.com.br/> Acesso em 23/09/2015

Segundo anexo: atividade de proposta escrita

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
ESTAGIÁRIOS: SAMARA, THALISON E TIAGO

Atividade: escrevendo um relato pessoal

Agora é a sua vez de escrever um relato pessoal baseado no preconceito linguístico.

Se você já sofreu preconceito linguístico, conte sua história.

Caso não tenha sofrido esse tipo de preconceito, procure conversar com alguém que já tenha sofrido e peça para essa pessoa lhe contar como foi a experiência.

O relato pode também ser fictício, desde que traga elementos existentes na língua falada e coerentes com a fala que encontramos nas diferentes regiões do país.

Aproveite todos os debates e conhecimentos que compartilhamos até aqui para enriquecer o seu relato.

Bom Trabalho!

Décimo Segundo Encontro: Aula 20

1 – Dados de identificação:

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiária: Samara Hinkel Corrêa

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental

Ano escolar: 8º ano - EJA

Turma: 382

Data: 04/11/2015 (4ª feira)

Carga horária: 1 aula de 40 minutos

Horário: 20h05min às 20h45min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Reescrita

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Proporcionar aos alunos a experiência da reescrita e reelaboração de seus textos por meio da continuação da escrita do relato pessoal iniciado na aula anterior.

2.2 – Objetivos específicos da aula

- Mediar o processo de continuação da escrita dos relatos pessoais como produto final do projeto.
- Auxiliar os alunos nas possíveis dificuldades em revisitar e reformular seus dizeres.
- Possibilitar que toda a turma compreenda a importância do planejamento, da seleção e organização dos recursos discursivos e da reescrita.

2.3 – Conhecimentos abordados: adequação ao gênero e ao tema da proposta de produção textual; gramaticalidade; posicionamento autônomo de autor diante da sua produção escrita.

3 – Metodologia

- Distribuir aos alunos as produções textuais iniciadas na aula anterior para que continuem a escrita dos relatos pessoais. Esse início de produção já terá sido lida pelos estagiários e deve conter observações e sugestões que indiquem ao

aluno os caminhos a seguir para a construção do texto de maneira a tanger os objetivos da proposta de escrita do gênero relato pessoal.

- Enfocar a importância da colaboração de todos diante do tempo da aula disponibilizado para a escrita que exige concentração e dedicação. A aula deve ser dedicada ao debruçamento sobre o texto e reflexão sobre os próprios dizeres nele expostos.
- A estagiária auxilia os alunos no que for necessário, passando nas carteiras para verificar o andamento da atividade e retirar as dúvidas dos alunos.
- Ao final da aula, recolhe-se as produções textuais dos alunos.

4 – Recursos necessários:

- Proposta de produção textual iniciada na aula anterior;
- Texto dos alunos, iniciados na aula anterior;
- Quadro negro; e
- Giz.

5 – Avaliação: Os alunos serão avaliados durante o processo de escrita por meio da anotação de observações, i. e., do levantamento daqueles que de fato realizam a atividade proposta se mostrando interessados em reconstruir seu texto da melhor forma para torná-lo produto final que será exposto publicamente na escola. A forma como o aluno realiza a proposta dessa aula agregará valor a “cor” que sua produção textual final receberá.

6 – Referências

Sem referências.

7 – Anexos

Sem anexos.

Décimo Terceiro Encontro: Aulas 21 e 22

1 – Dados de identificação:

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiário: Thalisson Erick de Almeida Machado

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental - Ensino para Jovens e Adultos

Ano escolar: 8º ano

Data: 05/11/2005 (5ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 20h05min às 20h45min e das 21h40min às 22h20min.

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Filmagem dos relatos

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: reforçar a importância da reescrita de seus textos. Não somente a reescrita mas a revisão são elementos fundamentais para a produção de uma bom material. Além disso, essas duas aulas também serão usadas para a gravação dos relatos.

2.2 – Objetivos específicos da aula

- Possibilitar a análise por parte dos alunos das observações feitas pelos estagiários acerca do seu texto.
- Estimular a reescrita de forma a desenvolver a habilidade de escrita e reescrita. Dessa forma, a compreensão de que a escrita é algo processual é muito mais evidente.
- Nortear as gravações dos relatos pessoais, sugerindo adaptação dos alunos à situação.

2.3 – Conhecimentos abordados: a aula terá como principal objetivo o auxílio aos alunos na reescrita dos relatos pessoais. Nesse sentido, conhecimentos como escrita padrão, semântica e sintaxe devem ser abordados, seja individualmente ou coletivamente. As adequações necessárias ao gênero relato pessoal também serão abordados, bem como conhecimentos orais sistematizados para a gravação dos relatos

3 – Metodologia

- Após o recebimento dos textos que devem ter sido revisados pelos estagiários e estabelecido nota intermediária com cores, os alunos devem iniciar as produções finais do texto.
- Essa será uma aluna dedicada ao lapidamento do texto, revisões, ajustes.
- Durante a confecção dessa última produção, os alunos serão auxiliados pelo estagiário que pode efetuar atendimento individual ou coletivamente, dependendo da necessidade da turma.
- Ainda durante essa aula, os alunos serão dirigidos a outro local para efetuar a gravação dos relatos. Essa gravação deve ser feita por outro membro da equipe de estagiários, prevendo que o outro estará em sala auxiliando os alunos que ainda não terminaram seu texto final.
- A última aula de quinta-feira que geralmente tem o tempo reduzido para 20 min será utilizada para a gravação do relato daqueles alunos que terminaram sua produção escrita por último.
- Durante as gravações cabe ao estagiário lembrar os alunos de como proceder em uma gravação oficial que será exibida em uma exposição. É fundamental esse gesto que deve situar o aluno que provavelmente irá ter sua primeira experiência diante de câmera e precisa saber que é necessário ter um certo monitoramento tanto oral quanto gestual.
- Tanto o relato escrito quanto o relato gravado farão parte da exposição que será feita nos últimos encontros promovidos pelos estagiários nesse processo de estágio de docência.

4 – Recursos necessários

- Além dos materiais de uso comum como quadro negro e giz, também será necessário o uso de câmera para a gravação dos relatos.
- Também serão necessários os relatos escritos que foram entregues aos estagiários na aula anterior para efetuar a última revisão.

5 – Avaliação: Seguindo o padrão adotado que substitui as notas por cores, as produções continuarão seguindo esse padrão. O empenho e interesse dentro de sala de aula também deve ser avaliado já que durante o período de aula os alunos devem produzir uma versão

final do relato escrito e posicionarem-se para a gravação do relato. Essas posições atitudinais do aluno deverão ser avaliadas.

6 – Referências

Sem referências

7 – Anexos

Sem anexos.

Décimo Quarto Encontro: Aulas 23 e 24

1 – Dados de identificação:

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza

Estagiários: Samara Hinkel Corrêa e Tiago Carturani

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental

Ano escolar: 8º ano – EJA

Turma: 382

Data: 10/11/2015 (3ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 18h45min às 19h25min e das 20h05min às 20h45min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Exposição das filmagens

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: dar visibilidade à produção dos alunos dentro da sala de aula, para que eles possam ver e comparar o trabalho deles ao dos colegas de turma, percebendo as diferenças de escolha.

2.2 – Objetivos específicos da aula

- Colocar as atividades em contato com a produção de todos os alunos, para que se perceba utilidade naquilo que se faz dentro da sala de aula.
- Avaliar a si mesmo visto em uma tela em gravações expostas para todos da turma: postura, vocabulário, estruturação das frases e sua organização, etc.

2.3 – Conhecimentos abordados: Reconhecimento dos trabalhos feitos até então, por meio de apresentação audiovisual. Percepção de todo o projeto dos estagiários ao longo da apresentação das atividades, bem como a visualização das características do trabalho dos outros colegas, para que se tenha a entendimento da diversidade do perfil de cada um por meio da maneira pela qual se usou para se realizar cada atividade.

3 – Metodologia

- A aula se iniciará com a apresentação das atividades realizadas em sala de aula até então: relatos gravados em vídeo.
- Por ordem de chamada, os alunos, um a um, irão apresentar ao grupo a filmagem do depoimento que cada um deu a respeito de preconceito linguístico.
- O tempo restante será para perguntar aos alunos as impressões que eles tiveram do projeto: se foi útil, se gostaram, do que gostaram, do que não gostaram, o que poderia melhorar etc.

4 – Recursos necessários

Projektor.

5 – Avaliação: A avaliação levará em conta a postura da apresentação, a qual já foi sistematizada em aulas anteriores. Por esse motivo, os critérios serão um pouco mais rígidos, pois levar-se-á em conta: a escolha do vocabulário, a construção das sentenças e a ordem no todo da apresentação; a maneira como se portam diante dos colegas e professores; a seriedade e o comprometimento com a apresentação.

6 – Referências

Sem referências.

7 – Anexos

Sem anexos.

3.8 Calendário das Aulas

OUTUBRO				
	8:45 às 19:25 e 21h às 21:40	20:05 às 20:45	20:05 às 20:45 e 21:40 às 22:20	
05*	06, terça-feira (80 min) Aulas 1 e 2 Apresentação do projeto de docência Thalisson	07, quarta-feira (40 min) Aula 3 Por que as pessoas têm sotaque? Tiago	08, quinta-feira (80 min) Aulas 4 e 5 Método de avaliação Samara	09*
12*	13*	14 Aula 6 Análise linguística Samara	15 Aulas 7 e 8 Reescrita Thalisson	16*
19*	20 Aulas 9 e 10 O que é e como se faz um <i>fanzine</i> ? Tiago	21 Aula 11 Continuação do <i>fanzine</i> Tiago	22 Aulas 12 e 13 Apresentação dos <i>fanzines</i> Samara	23*
26*	27 Aulas 14 e 15 Interpretar a crônica “Plurals”, de Kledir Ramil Thalisson	28*	29 Aulas 16 e 17 Continuação da atividade de interpretação Tiago	30*
NOVEMBRO				
02*	03 Aulas 18 e 19 Depoimentos sobre preconceito linguístico Samara e Thalisson	04 Aula 20 Reescrita Samara	05 Aulas 21 e 22 Filmagem dos relatos Thalisson	06*
09*	10 Aulas 23 e 24 Exposição das filmagens Samara e Tiago	*Sem aula		

4 Relatos do andamento das aulas

Primeiro encontro: Aulas 1 e 2, 06 de out. de 2015

Estagiário responsável: Thalisson E. de Almeida Machado

Esta primeira aula ocorreu, conforme planejado pelos estagiários, na sala de vídeo do colégio. O estagiário apresentou o Projeto de Docência utilizando como suporte técnico *slides* projetados por meio do recurso *datashow*. A partir do conteúdo exposto nos *slides*, introduziu o assunto da variação linguística por meio de exemplos do cotidiano que mostram que as pessoas têm “jeitos de falar” diferenciados umas das outras, e que esse jeito será o foco do projeto e de todas as atividades que serão realizadas durante o período em que os estagiários estiverem atuando como docentes. Além disso, foi enfatizada a pertinência da temática escolhida diante do eixo temático que deve nortear as práticas de ensino do referente semestre, a saber, pluralidade cultural. Foram feitos, também, acordos com a turma solicitando a colaboração de todos para o bom andamento do projeto.

No que concerne à avaliação dos alunos durante esse período, o estagiário enfocou que duas das seis notas necessárias durante o semestre para a aprovação dos alunos serão atribuídas pelos estagiários na execução do projeto, enfocando também que a avaliação é baseada em um sistema de cores diferenciado, e que os alunos serão avaliados constantemente nas atividades realizadas em sala, em sua participação e contribuição com os debates propostos pelos estagiários.

Os alunos demonstraram-se interessados pelo assunto tratado que enfocava variadas formas de se expressar por meio da língua e socializaram experiências que mostraram o juízo de valor diante do jeito de falar do outro. Um aluno compartilhou a estranheza que sentiu, em determinada situação de comunicação profissional, quando uma moça bem vestida exercendo um cargo definido por ele como importante utiliza a expressão “e aí, mano?”. Esta situação é chocante porque em uma situação formal não se espera que sejam utilizadas gírias ou variantes da língua que seriam aceitáveis em uma esfera informal de comunicação. Os alunos da turma participam do debate e uma aluna afirmou que, realmente, espera-se que algumas pessoas falem de forma mais elaborada, mais padronizada do que outras. A exemplo disso, a aluna cita a professora titular da turma, segundo ela, se a professora que exerce a função docente e está sempre “toda arrumada” adentrasse a sala de aula falando “e aí, mano?” seria extremamente “feio” e todos

estranhariam. Com isso, os alunos concluem, a partir dos debates e da mediação do estagiário, que a maneira de falar muda de acordo com a situação que se encontra, e que esta maneira pode colocar o falante a mercê de julgamentos por parte do outro com quem interage.

Na segunda aula, foi exibido o clipe da música *Passarinhos* do cantor Emicida, com a participação da cantora Vanessa da Mata, aos alunos. Em seguida, foram distribuídas aos alunos fotocópias com a letra da música impressa e a canção foi executada mais uma vez com o intuito de proporcionar a leitura da letra. Os alunos gostaram bastante da letra da música e do videoclipe, colaborando com a proposta e acompanhando a exibição bem como a leitura.

O estagiário perguntou aos alunos se sabiam o porquê de eles terem assistido a esse vídeo e qual seria a relação dele com a temática abordada na aula anterior. Os alunos responderam que foi por conta do contexto e da temática do videoclipe, o qual traz aspectos culturais como o hábito de ler e a frequência em livrarias. O estagiário então questionou os alunos acerca das variações linguísticas presentes na música, a saber, “as coisa”, “os pé no chão”, “pro céu”, retomando o conteúdo discutido na aula anterior. Ele perguntou o que os alunos achavam dessa maneira não padrão de usar a língua por meio da música. Os alunos concluíram que não soava estranho, tampouco era feio. Porém, enfatizaram que era aceitável por se tratar de uma música, de um *rap*, e ser cantada pelo Emicida, isso permite o uso de variações e gírias.

No restante da aula os alunos contribuíram com o debate enfatizando as diferenças dos “jeitos de falar” nas diversas regiões do país, citando exemplos da fala do paulista, do baiano e do florianopolitano. Isso instigou ainda a reflexão acerca das influências coloniais que deixam marcas no jeito de falar de uma determinada região do país, como é o caso de Florianópolis, com a colonização açoriana e a fala peculiar do ilhéu.

Segundo encontro: Aula 3, dia 07 de out. de 2015

Estagiário responsável: Samara Hinkel Corrêa

Nesta data, as aulas do Colégio Municipal Maria Luíza de Melo foram canceladas no período noturno devido ao falecimento de uma professora.

Terceiro encontro: Aulas 4 e 5, dia 08 de out. de 2015

Estagiário responsável: Tiago Carturani

A primeira aula que é de responsabilidade do estagiário Tiago é iniciada pela estagiária Samara. Isso se deu pelo fato de haver um processo de instalação da máquina de projeção para a realização da aula ministrada pelo estagiário, e também porque a aula anterior, no dia 07/10, foi cancelada pelo fato de uma docente do colégio ter falecido. Pensando nisso, a estagiária assumiu momentaneamente o controle da aula enquanto o estagiário preparava os equipamentos de projeção. Ela passou a ficha de avaliação para que a turma visse quais seriam os critérios e o métodos utilizados. A turma, no entanto, não se manifestou a respeito da ficha. Essa troca foi fundamental, pois otimizou o tempo de aula e fez com que o cronograma se mantivesse sem grandes alterações.

O estagiário começou a lecionar efetivamente cerca de cinco minutos. Sua aula teve como temática principal a discussão acerca dos sotaques do Brasil. Por esse motivo, ele trouxe uma reportagem do telejornal Jornal Hoje chamada Sotaques do Brasil. O vídeo foi exibido aos alunos que prestaram muita atenção e, de certa forma, se identificaram com algumas partes do vídeo. O vídeo abordava questões de pronúncia do “S” chiado ou não. Nesse sentido, Florianópolis foi citada como a terceira cidade no índice de chiados. A identificação motivada pela origem produziu comentários acerca do jeito de falar típico dos “manezinhos”. Um aluno gaúcho também se identificou, pois a reportagem abordou o fato de nenhum gaúcho ter o chiado em sua fala. Ele, sendo gaúcho, pôde perceber que não tem o chiado na sua fala, mesmo morando aqui há bastante tempo.

A aula segue tendo comentários dos alunos acerca do vídeo apresentado. Para tornar mais clara a compreensão de onde vem o sotaque encontrado na região da Grande Florianópolis, o estagiário trouxe também o mapa mundi, o que possibilitou explicar e visualizar de onde vieram os imigrantes que colonizaram grande parte da costa catarinense. Por meio do mapa mundi, também foi possível mostrar outros locais que foram colonizados pelos portugueses e que conseqüentemente falam a língua portuguesa até os dias atuais.

Após esse momento que compreendeu explicações com o mapa mundi e debate sobre os diferentes sotaques encontrados no Brasil, o estagiário apresentou um áudio que exemplifica a fala típica do manezinho da ilha. Era a fala de um morador da Costa da

Lagoa, lugar cuja cultura açoriana parece ter permanecido perene, portanto conserva características bem marcadas tanto no modo de vida como no modo de falar.

Ainda durante a aula, os alunos questionam a respeito das semelhanças e diferenças do português entre Portugal e Brasil. O estagiário lembra que embora se trata da mesma língua e que haja um acordo ortográfico que tente padronizar a escrita dessa língua, as produções orais são bem diferentes das do Brasil. Portanto, é muito mais fácil ler um texto escrito em português europeu do que escutar uma conversa, por exemplo.

Diante de tudo o que foi apresentado, houve a solicitação de uma atividade de escrita. Levando em conta tudo o que já havia sido apresentado nessa aula e nas anteriores, os alunos deveriam produzir um texto expondo seu ponto de vista acerca das variações linguísticas.

No primeiro momento, os alunos ficaram um tanto temerosos, alguns se dispersaram, mas em seguida a maioria tentou começar o texto. Algumas dúvidas foram surgindo e foram respondidas. O ponto máximo da aula foi a permanência dos alunos em sala de aula durante o recreio. Foi uma atitude inesperada, mas que foi bem-vinda, pois desse modo eles puderam tirar mais dúvidas e se concentrar na produção textual – levando em conta que a próxima aula também seria dedicada à produção textual, mas o tempo é geralmente reduzido⁵. Ao fim da aula, entregaram o que haviam feito para os estagiários avaliarem (ANEXO X, p. 231).

Quarto encontro: Aula 6, dia 14 de out. de 2015

Estagiária Responsável: Samara Hinkel Corrêa

A aula teve início com a entrega dos textos já avaliados - pela estagiária, os quais foram feitos pelos alunos na aula anterior. Antes do início da análise linguística, foi separado um tempo para a recapitulação do que foi explicado na aula anterior; e foi necessário reexplicar a ficha de avaliação para os alunos.

Logo depois, foi utilizado o quadro negro para expor aos alunos citações de frases do texto deles, sem mencionar a autoria, cuja gramaticalidade estava com algum problema, seja de nível morfossintático ou semântico. Grosso modo, mostrou-se que o advérbio “assim” não é adequado a uma frase introdutória, pois seu significado retoma uma ideia

⁵ A última aula do período noturno, cujo horário é das 21h40min às 22h20min, geralmente termina às 22h.

colocada numa sentença anterior; o mesmo acontece com “aqui”, se não for referido de onde se fala, o advérbio fica sem ponto específico no espaço, tornando a frase incoerente. O restante dos tópicos levantados pode ser visto na tabela a seguir:

Tabela 3: trecho dos textos dos alunos para a atividade de reescrita

Trecho do texto dos alunos	Principal problema apontado em sala
“Conheço pessoas que falam assim. Eu acho normal e engraçado”.	Assim como? O que é engraçado?
“Isso é muito comum por aqui.”	Por aqui onde?
“Tenho uma amiga que fala diferente.”	Diferente como?
“Muitas pessoas nunca tiveram a oportunidade de estudar.”	Frase solta.
“Quando chegamos em lugares, as pessoas acham engraçado o jeito do sotaque de cada um”.	Frase ambígua
“Começo a rir, lembrando de como ela falava.”	O que causa riso?
“Tipo eu falo no final das palavras com E”.	“Tipo” não é uma palavra formal.
“Pessoa baiana... veio da Bahia”.	Redundante.

Fonte: elaboração própria

Esse último exemplo causou muita risada na turma e, talvez porque os alunos sabiam quem era o rapaz da turma que veio da Bahia, identificaram o autor e passaram a rir. Assim, teve-se que se pedir silêncio para que a aula prosseguisse.

Em seguida, foram expostos os seguintes aspectos gramaticais no quadro negro:

Tabela 4: aspectos gramaticais recorrentes nos textos dos alunos

Eu conheço, eu começo, eu falo, eu acho engraçado	Repetição do pronome: redundância
Esteje, seja	Variantes fora da norma padrão
“E por aí vai...”	
“Isto é”	Alternativa de Substituição por “por isso”, “assim sendo”, por esse motivo”, etc.

Fonte: elaboração própria

Enquanto a estagiária exemplificava os aspectos gramaticais mais problemáticos e recorrentes nos textos dos alunos, uma aluna lhe perguntou sobre o uso dos porquês,

assunto este muito importante, mas que não apareceu de maneira recorrente no texto dos alunos. Coube à estagiária, portanto, dar apenas uma breve e resumida explicação sobre o tema, para que não se perdesse o fio da aula.

Ao fim da explicação dos itens adicionados na tabela x, ressaltou-se a importância de reler o texto para que se pense no sentido da frase que está se escrevendo, ou seja, saber se a frase está levando para o mesmo sentido que se pretendia.

Dentro dos problemas que apareceram na produção textual dos alunos, precisou-se levar um texto (ANEXO XI, p. 235), pois problemas de construção de parágrafos, de frases e de organização e desenvolvimento de uma ideia também foram bastante recorrentes na produção dos alunos. Foi realizada a leitura coletiva do texto, a qual os alunos se disponibilizaram a fazer.

Ao fim, a estagiária foi fazendo perguntas de compreensão para verificar se os alunos entenderam sobre o que o texto fala e sobre o que o texto relembra. As respostas foram dentro do que se esperava: responderam estar dizendo que ele relembra o conteúdo das aulas, por exemplo, o jeito de falar, o comportamento do manezinho, etc; e àquela dizendo que se falava sobre dois tipos de manezinhos. Também se frisou a estrutura do texto, por meio de perguntas a respeito da apresentação e da organização do conteúdo dentro do texto exemplo. Assim, os alunos começaram a reescrever o texto.

Quinto encontro: Aulas 7 e 8, dia 15 de out. de 2015

Estagiário Responsável: Thalisson E. de Almeida Machado

No início da aula, foram entregues os textos com as intervenções feitas pelos estagiários aos alunos que faltaram na aula anterior. Em seguida, o estagiário explicou à turma que as duas aulas desse encontro seriam dedicadas à refação da primeira atividade de produção textual, bem como a produção da primeira versão para os alunos que faltaram na aula em que a atividade foi proposta.

Com o auxílio do quadro negro e giz, foram sistematizados os possíveis temas para serem trabalhados em uma produção textual, de acordo com os conteúdos trabalhados até então, os quais envolvem o tema “variação linguística”. Partindo desse pressuposto, o estagiário chamou a atenção dos alunos para a importância de escolher um tema ou um aspecto das variações trabalhadas até então para desenvolver um texto coerente e conciso,

com argumentação sólida que enfoque algum(ns) aspecto(s), e defenda um ponto de vista de maneira mais aprofundada, para não se tornar um texto superficial e vago.

Visando recapitular os conteúdos vistos até o momento, o estagiário sugeriu os seguintes tópicos:

- Vídeo do Emicida – variação linguística;
- Diversos sotaques – manezinho da ilha;
- “S” chiado ou não; e
- Preconceito linguístico.

No restante desta aula e na aula seguinte, o tempo foi disponibilizado para a produção textual. Na última aula, muitos alunos entregaram a atividade rapidamente e saíram mais cedo (ANEXO XII, p. 237). Percebeu-se também uma evasão dos alunos na última aula, estavam presentes na aula um número inferior de alunos comparado à primeira. Ainda assim, aqueles que permaneceram se esforçaram para construir seu texto e pediram ajuda aos estagiários que lhes ofereceram atendimento individual. Percebeu-se uma grande dificuldade de escrita por parte dos alunos no processo de construção e refacção dos textos. Eles têm o que dizer, dominam o conteúdo tratado nas aulas e possuem posicionamento crítico, todavia, apresentaram muitas dificuldade ao transferir suas ideias para o papel, demonstrando falta de prática da modalidade escrita da língua portuguesa. Os estagiários mediarão a relação do aluno com o processo elaborativo do texto escrito, retirando dúvidas e sugerindo ideias. Ao final da aula, o estagiário recolheu as produções textuais para avaliação e retorno aos alunos na próxima aula.

Sexto encontro: Aulas 9 e 10, dia 20 de out. de 2015

Estagiário Responsável: Tiago Carturani

Este encontro tem como principal tema o universo de *fanzines*. A aula é iniciada com a apresentação do tema e é seguida pela contextualização e conceitualização do gênero *fanzine*. O estagiário trouxe dados históricos que apontaram a origem dos *fanzines* e como se deu a inserção desse gênero no Brasil, além de trazer elementos históricos que promoveram a contextualização fundamental ao tema. O estagiário também trouxe elementos epistemológicos que ajudam a compreender a origem da palavra ‘fanzine’ bem como a estreita ligação semântica que ela possui em relação ao modo de produção desse tipo de material.

Durante a explicação, os alunos interagem com o professor e auxiliam na construção de conceitos, sobretudo nas definições da palavra 'marginal'. O estagiário explica o porquê dos grupos que produziam *fanzines* se autointitulavam marginais e que essa referência se dava em relação aos grupos editoriais, ou seja, eles estavam à margem dos grupos editoriais e faziam uma produção paralela a eles.

Depois de falar sobre história, marginalidade e editoração ligadas à produção de *fanzines*, o estagiário distribuiu fotocópias de *fanzines* para que houvesse um contato próximo dos alunos com esse gênero, sobretudo porque ficou claro que eles não conheciam nada acerca desse tipo de produção. Cada aluno recebe uma média de três exemplares que geralmente possuíam diagramações diferentes uns dos outros, exemplificando as inúmeras formas de produção de um *fanzine*.

Durante o manuseio do material, o estagiário distribuiu também um guia de como efetuar as dobraduras de um *fanzine*. Esse material foi fundamental para a produção que eles tiveram que fazer em seguida. Tanto as fotocópias de *fanzines* como o guia foram importantes para darem base às produções dos alunos.

Após a integração, foi proposto que os alunos elaborassem um *fanzine* a partir dos conteúdos que foram apresentados desde o primeiro dia em que os estagiários começaram a dar suas aulas. O tema seria Variação Linguística, mas há subdivisões que foram apresentadas ao longo das aulas e também discutidas em sala de aula incluindo alguns depoimentos pessoais.

Diante de tudo o que foi apresentado, a produção dos *fanzines* teve início. Os materiais necessários: papel, cola, revistas, lápis de cor, tesoura e etc, necessários para a elaboração dos *fanzines*, foram disponibilizados pelos estagiários (ANEXO XIII, p. 241).

No início dos trabalhos, os alunos pareciam relutantes em começar a produzir, o que se justifica, em grande parte, pela falta de costume de produção de material dentro de sala de aula. Essa relutância não durou muito, bastou um segundo aviso de que as atividades deveriam ser iniciadas para a maioria dos alunos começarem a produção de seu *fanzine*. O restante da aula foi utilizado para dar segmento à produção dos materiais. Esse tempo foi bem aproveitado pela maioria dos alunos. Apenas dois alunos acabaram não produzindo nada, justificando que não conseguiram encontrar um bom tema para produção do *fanzine*, mas o que ficou evidente foi o pouco interesse desses alunos mediante a atividade proposta. Os demais, dentro do esperado, integraram-se às atividades. Todos que tiveram dificuldades na elaboração dos *fanzines* foram atendidos não só pelo estagiário

responsável pela aula, mas também pelos outros, que se dividiram a fim de atender o maior número de alunos possível.

Portanto, a não produção dos materiais não pode estar vinculada à pouca atenção dada aos alunos, já que era possível dar assistência a todos. Aqueles que não produziram nada foi ou porque estavam ausentes – e isso tem sido constante durante o andamento das aulas –, ou porque não tiveram interesse em produzir mesmo auxiliados pelos estagiários.

No fim da aula os *fanzines* foram recolhidos pelo estagiário, mesmo incompletos, pois eles seriam finalizados na aula seguinte.

Sétimo encontro: Aula 11, dia 21 de out. de 2015

Estagiário Responsável: Tiago Carturani

Durante esse encontro, aconteceu a finalização dos *fanzines*. Nesse período, muitos dos alunos que faltaram à aula anterior tiveram a oportunidade, mesmo que com tempo reduzido, de darem início as suas produções. Os alunos que já tinham começado a produzir puderam finalizar o seu trabalho.

Mesmo com a tempo estipulado de três aulas, observou-se que não foi suficiente para o término das produções, sobretudo porque parecia que os alunos não encontravam soluções na hora de produzir, no sentido de que eles sabiam o que dizer, mas não tinham estratégias de como fazer para passar essas ideias para o papel.

O auxílio que aconteceu aluno a aluno proporcionado pelos estagiários foi fundamental para que os trabalhos fossem se encaminhando para a conclusividade. Das dificuldades mais encontradas entre os alunos estão o pouco desenvolvimento da escrita e as noções sintáticas simples e complexas ainda não dominadas pela maioria deles. Portanto, encontrar parágrafos sem nenhuma pontuação não foi incomum. Mesmo com os textos corrigidos, os alunos tentavam reescrever e surgiam cada vez mais apontamentos a serem feitos. Concomitante a este fato também surgiram dificuldades de permanência no tema estipulado, o que ocasionou a necessidade de confecção de outro *fanzine* e atrasou a produção final do produto. Os atendimentos individuais aos alunos proporcionou uma melhora evidente nos textos e na elaboração geral dos *fanzines*.

Alguns alunos se destacaram nas suas produções. Embora, ainda dependentes do aval constante do professor, eles se mostraram mais autônomos. Esses alunos conseguiram inserir o tema de forma criativa em seus trabalhos e conseguiram mesclar linguagem

imagética com linguagem verbal, o que culminou em trabalhos de boa qualidade. Os apontamentos feitos pelos estagiários também foram acatados por estes alunos. Nesse sentido, eles buscaram estratégias para adequar suas produções diante do que havia sido apontado nas correções. Os ajustes foram fundamentais para aumentar a qualidade de suas produções.

Alguns alunos ainda se mostraram pouco produtivos, demonstrando desinteresse na atividade proposta, mesmo com a disponibilidade dos estagiários em auxiliar no que fosse necessário.

Alguns alunos que faltaram tentaram correr contra o tempo para dar conta da produção, mas o tempo era reduzido. A solução foi usar as aulas seguintes, que deveriam ser apenas para a apresentação, para a finalização dos *fanzines* e então seguir com as apresentações do material produzido.

Essa atividade foi bastante importante, pois pôde mostrar a necessidade que o aluno tem de mediação. Essa relação foi sendo desenvolvida ao longo das produções e ficou mais evidente no período em que os alunos estavam com mais dificuldade de produção. Embora alguns alunos tenham produzido produtos não tão bons, estava posta ali sua capacidade e sua criatividade. O estagiário não concluiu nenhum trabalho para nenhum aluno, o que fez foi proporcionar meios para que eles pudessem produzir e desafios para que eles pudessem se superar mesmo crendo que não seriam capazes de realizar o trabalho.

Oitavo encontro: Aulas 12, 13 e 14, dia 22 de out. de 2015

Estagiário Responsável: Samara Hinkel Corrêa

Neste dia foi possível ministrar três aulas pelo fato de a professora de ciências da turma ter cedido sua aula aos estagiários. Assim, houve bastante tempo para que os alunos pudessem concluir os *fanzines* e, ao final, apresentá-los à turma.

A primeira aula teve início com a continuação dos *fanzines* que, ao contrário do previsto, estavam pouco concluídos, o que fez o ritmo das aulas desandar. Isso se deu por dois motivos: os alunos não estavam habituados com o gênero e estavam com dificuldade de pensar em algo para se colocar no *fanzine*; e muitos deles conversavam demasiadamente, ficavam no celular ou simplesmente não tocavam no material. Outros, contudo, fizeram com dedicação desde a primeira aula, solicitando auxílio dos estagiários e também expondo suas ideias para complementar a produção. Foi ressaltado aos alunos para

não fugirem da temática, pois alguns pareciam não ter entendido que a primeira produção escrita seria usada no *fanzine* e os recortes teriam que ter a ver com o tema do texto.

À medida que produziam, os estagiários passavam nas carteiras dos alunos para ver o andamento, perguntando-lhes se precisavam de ajuda ou dando dicas na escolha e na disposição das imagens. Alguns alunos ainda não haviam nem começado desde o primeiro dia em que os estagiários solicitaram a produção. Eles olhavam para o papel em branco à frente, folheavam as revistas, mexiam no celular ou conversavam. Muitas vezes foi perguntado a eles se eles iriam começar, se estavam em dúvida ou com dificuldade, e eles respondiam que logo começariam, que ainda estavam pensando.

Nesta mesma aula foi dito aos alunos que as aulas de Língua Portuguesa se estenderiam até o fim do horário letivo (22h20min) e eles seriam dispensados à medida que terminassem o *fanzine*. Isso aparentemente fez com que eles apressassem um pouco mais ao ponto de até mesmo aqueles que não estavam fazendo começarem a produção. Foi possível, portanto, terminar os *fanzines* até a metade da segunda aula. Alguns alunos, entretanto, não conseguiram terminar por motivos diversos: uma aluna levou seu *fanzine* para casa no dia anterior e teve que começar um novo neste dia, o que não lhe permitiu concluir; esta mesma aluna não encontrava mais o seu novo *fanzine* (ainda incompleto), encontrou-o somente quando as apresentações se iniciaram, deixando o seu *fanzine* para ser finalizado; um aluno decidiu fazer algo mais elaborado e pediu para finalizar em casa (mas mesmo assim apresentou à turma o que havia começado); alguns alunos deixaram para a última hora ou decidiram mudar tudo de última hora, o que não lhes permitiu finalizar – mesmo assim alguns consideraram seu *fanzine* pronto e decidiram entregar com a qualidade comprometida; e outros faltaram ou não quiseram fazer.

Um fato curioso que aconteceu neste dia diz respeito à produção textual que seria inserida no *fanzine* como “texto principal”. Alguns alunos criaram um novo texto para o *fanzine* enquanto confeccionavam, e muitas vezes um texto totalmente diferente do primeiro. Por eles terem entendido a ideia, alguns deles fizeram isso para que as imagens escolhidas para ilustrar se evidenciarão com um texto novo, o qual dialogaria melhor com o conteúdo.

A última aula foi planejada para a apresentação oral, feita individualmente, dos *fanzines* finalizados (ANEXO XIV, p. 243). De início, os alunos se mostraram um pouco tímidos e relutantes, mas logo eles foram um a um se disponibilizando a apresentar. A maioria deles apresentou sem a intervenção dos estagiários. À medida que um terminava

de apresentar, outro se disponibilizava a apresentar o seu. Ao fim, dois alunos se recusaram a apresentar e só aceitaram, após a insistência da turma e dos alunos, com a condição de continuarem em seus lugares.

A maneira como apresentaram foi muito parecida: alguns leram seus textos; outros apenas contaram sobre o que haviam escrito; mostraram o *fanzine* à turma e falaram sobre as imagens e o porquê da decisão de colocá-las na revista. A dicção dos alunos, de maneira geral, mostrou-se muito tímida: mexiam-se na frente da turma, nervosos, poucos pareceram estar mais à vontade. A maneira como usaram a fala, talvez porque estavam somente entre os colegas de turma ou porque os estagiários não mencionaram como deveria ser a apresentação, pareceu bastante espontânea e informal. Era previsto, contudo, que as apresentações seriam dessa maneira. Seu intuito era o de perceber como os alunos se portavam na frente dos demais e o de anotar os pontos em que precisavam dar mais atenção para que fossem ajustados nos dias próximos à filmagem dos relatos dos alunos.

Como ainda faltavam 20 minutos para o fim da aula, era previsto que os alunos lessem junto com a estagiária a crônica de Kledir Ramil, intitulada “Um findi a fuzel”. Para isso, foi disponibilizada uma cópia da crônica para cada aluno para que eles acompanhassem a leitura em voz alta. Enquanto a leitura seguia, os alunos demonstraram se divertir com a recepção da crônica, uma vez que sua temática era muito corriqueira e a maneira que o autor expõe o tema, trazendo palavras tipicamente regionais, divertia os alunos. Antes de eles serem dispensados, foi discutida brevemente a crônica, perguntando a eles: por que em um livro como aquele era possível encontrar esse tipo de escrita, com palavras estranhas à “norma padrão”; por mais que nem todas as palavras podiam ser decifradas sem que precisasse olhá-las no glossário, como era, então, possível entender o conteúdo de todo o texto?

Essas questões foram aprofundadas e respondidas na aula seguinte, na qual se daria continuidade à interpretação dessa crônica e se leria outra para que a discussão prosseguisse.

Nono encontro: Aula 15, dia 28 de out. de 2015

Estagiário responsável: Thalisson E. de Almeida Machado

Nesta aula, o estagiário teve o tempo reduzido para realizar as atividades previstas, uma vez que foram cedidos 20 minutos da aula para a realização de uma pesquisa proposta

por uma professora e algumas alunas do curso de Pedagogia da USJ. Os alunos responderam dois questionários para colaborar com a pesquisa.

A professora titular da turma, que deveria estar presente durante a aula, se manteve ausente e apenas comunicou que estava aplicando prova na sala da coordenação.

Mediante a esses contratempos, o estagiário iniciou a aula com a leitura da Crônica “Plurals”, de Kledir Ramil. Cada aluno recebeu uma cópia da crônica e acompanhou a leitura mediada. Após ler a crônica em voz alta para os alunos, o estagiário propôs a seguinte questão: O que vocês acharam da crônica? De imediato os alunos responderam que era um texto extremamente cômico e difícil de ler, pois as palavras estavam todas “erradas”. Na intenção de instigar os alunos à reflexão mais aprofundada do texto, o estagiário perguntou: Por que é engraçado? Por que parece algo totalmente absurdo falar e escrever com os plurais postos dessa forma? Os alunos voltaram ao texto e citaram exemplos de alguns plurais presentes na crônica para justificar sua opinião diante do texto. Os exemplos mais citados foram “cidadães”, o título da crônica, “Plurals” e o plural da palavra “mão” colocado pelo autor do texto como “uma mão, duas mãos”. A partir desses exemplos, a turma riu bastante e trocou comentários sobre o quanto aquilo soava engraçado e estranho por estar exposto em um texto escrito. A partir disso, o estagiário motivou os alunos a perceberem que determinados textos carregam uma espécie de “licença” para escrever de formas diferentes e não padrões. Um aluno percebeu que a crônica apresenta uma crítica à Língua Portuguesa, dizendo que as regras nem sempre são fáceis de serem compreendidas e aprendidas.

O estagiário ressaltou que é mais fácil percebermos esses “erros” em um texto que não é nosso, do que revisitar nossa escrita e perceber nossos próprios erros. Essa deixa ancorou a fala do estagiário sobre a importância da reescrita, da revisão do texto que escrevemos e da reelaboração das ideias – ações muito importantes na escrita de um texto, as quais os alunos estão tendo oportunidade de realizar no período em que os estagiários estão lecionando a disciplina.

Os alunos participaram oralmente das discussões propostas e ao final da aula afirmaram que essa “brincadeira” com a língua portuguesa proposta pela crônica não seria aceita em meios não literários que exigem formalidade, como é o caso do texto jornalístico ou do próprio gênero aula, no qual espera-se do professor uma postura formal acompanhada do uso da norma culta. Ao finalizar a aula, o estagiário enfatizou que na

próxima aula seria realizada uma atividade de interpretação baseada na leitura e interpretação da crônica.

Décimo encontro: Aulas 16 e 17, dia 29 de out. de 2015

Estagiário responsável: Thalisson E. de Almeida Machado

O início da aula foi retardado por 15 minutos, isso se deu por conta do período de campanha das eleições para diretoria do CMMLM. A diretora geral atual utilizou esse tempo para divulgar as propostas da sua chapa e pedir o apoio e colaboração dos alunos nas eleições.

A professora titular da disciplina de Língua Portuguesa ocupou cerca de 5 minutos da aula para entregar o retorno avaliado da produção da ficha de leitura proposta no período anterior ao início da docência realizada pelos estagiários.

O estagiário iniciou a aula retomando o que foi feito na aula anterior, a saber, leitura e interpretação oral sobre a crônica “Plurals”. Em seguida, conforme planejado, distribuiu aos alunos a atividade interpretativa e leu calmamente cada questão proposta com o acompanhamento dos alunos. Após a leitura de cada questão, o estagiário explicou de forma simples e objetiva o que esperava dos alunos com a atividade proposta, fazendo com que os alunos percebessem exatamente o que pedia cada pergunta. Foi enfatizada a importância da última questão que solicitava que os alunos elaborassem uma pequena produção textual. O estagiário solicitou que o texto fosse claro e argumentativo, mostrando, em no mínimo 15 linhas, a opinião dos alunos mediante a questão proposta.

Os alunos fizeram a atividade proposta e se empenharam para a realização dela de forma satisfatória. Inicialmente, apresentaram dificuldades de interpretação das questões e constantemente foram chamando os estagiários para sanarem suas dúvidas. Os estagiários prestaram atendimento individual aos alunos de acordo com as inconsistências que surgiam na realização das atividades.

Conforme os alunos terminavam as atividades, iam sendo dispensados da aula que tinha como objetivo principal a realização e entrega da atividade interpretativa. Alguns alunos ficaram até o final do tempo da aula (22h20min), aproveitando ao máximo o tempo disponível e o atendimento dos estagiários para solicitar auxílio na realização das atividades. A próxima aula seria reservada para a continuação dessa atividade.

Décimo primeiro encontro: Aula 18, dia 29 de out. de 2015

Estagiário responsável: Tiago Carturani

Esta aula diz respeito à continuação do processo de respostas às questões existentes na atividade. Houve apenas a troca de responsável: em vez de ser o Thalisson, passou a ser o estagiário Tiago. Nesse dia a professora de ciências cedeu a quarta aula que fica entre a primeira e segunda aula de português nas quintas-feiras. Essa aula a mais proporcionou tempo suficiente para responder às questões propostas na atividade.

A crônica sobre plurais eferveceu os ânimos da turma que bastante falou sobre o tema. Eles buscavam palavras para entender qual era o plural correto. Eles demonstraram, também, estar em dúvida na questão número 2, a qual pedia para ser exposta e exemplificada uma regra para o uso do plural. Nesse momento, o estagiário construiu no quadro negro tópicos contendo palavras que seguiam algumas regras morfológicas do uso do plural. O estagiário usou o quadro para explicar e exemplificar as diferentes regras que existem para o plural em palavras do português, e ressaltou que não precisam ser decoradas nem temidas, já que a habilidade de utilizá-las corretamente vem com o exercício da leitura e escrita. Ressaltou também que palavras que não são muito utilizadas acabam sendo esquecidas. Para isso, um dicionário pode ser muito útil. Com essa explicação, os alunos continuaram terminando suas atividades e os que já tinham terminado foram buscando palavras e perguntando ao estagiário qual era o plural correto.

O término da aula se deu com a entrega das atividades e grande aproveitamento do tempo com a elaboração das atividades e reflexões linguísticas (ANEXO XV, p. 251). Embora muitos alunos não permaneçam até o final da última aula de quinta-feira, é importante relatar que alguns alunos permanecem e se mostram muito interessados no conteúdo e nos diálogos propostos em sala.

Décimo segundo encontro: Aulas 19 e 20, dia 03 de nov. de 2015

Estagiária responsável: Samara Hinkel Corrêa

Para esta aula, foi reservada a sala de vídeo para que se pudesse apresentar os *slides*. O retroprojetor não funcionou quando foi ligado, impedindo que se pudesse usar a tela grande. Foi necessário, então, usar somente o computador da sala, sem projeção, para ministrar as aulas. A tela era pequena, mas no início da aula havia somente quatro alunos,

sendo possível dispor de algumas cadeiras em frente à tela para que se permitisse ver os *slides*.

Devido a uma das aulas de LP nas quintas-feiras ser a primeira, poucos alunos chegaram no horário. O restante foi chegando aos poucos, e os que chegaram por último não conseguiram enxergar muito bem os *slides*. A estagiária teve, portanto, que ler em voz alta os depoimentos inseridos na apresentação.

Por meio de uma charge, e em seguida de perguntas e um vídeo⁶, os alunos foram introduzidos ao tema em que se queria chegar: preconceito linguístico. Ao perguntar-lhes sobre o conteúdo da charge, responderam a respeito de duas pessoas com jeitos diferentes de falar, e conseqüentemente de lugares e classes diferentes; do conteúdo do vídeo, demonstraram-se interessados nas questões sobre a gramática que aprendemos na escola e a nossa língua falada, principalmente quando o vídeo questionou algumas atitudes, sintetizadas a seguir, as quais as escolas tomam em se tratando da gramática.

Após essa exposição e discussão com os alunos, na segunda aula eles ficaram na sala, pois o conteúdo da aula era para discutir sobre o preconceito linguístico, e, principalmente, para perceber o que os alunos absorveram das apresentações.

Num primeiro momento, os alunos demonstraram não entender muito bem o que é preconceito linguístico, ou melhor, a amplitude que ele tem. Isso porque, para eles, as brincadeiras, piadas e chacotas que eles faziam ou recebiam de amigos e familiares não podiam ser considerados preconceito linguístico. Isso gerou um bom diálogo com quase todos os alunos, e enquanto eles iam expondo seus pontos de vista, os estagiários perguntavam-lhes se, fora do grupo de amigos, por questão de respeito ao outro, não era possível haver preconceito. Foi então que eles entenderam melhor a amplitude da questão e puderam expor casos pessoais, e outros que viram na TV ou na *internet*.

Nos minutos finais da aula, foi proposto aos alunos, com base nos relatos lidos nos *slides* e nas histórias que contaram na aula, que fizessem um relato pessoal cujo tema era preconceito linguístico. Enquanto eles faziam a atividade, os estagiários deram apoio e orientações àqueles que solicitavam. Ao fim da aula, entregaram a primeira versão do relato, que tinha como prazo de entrega a aula seguinte, com observações, para a refacção (ANEXO XVI, p. 255).

⁶ O vídeo não estava no planejamento de aula. Ele pode ser acessado por meio do link: < <https://www.youtube.com/watch?v=DiweofUhbT4>>. Acesso em: 25 de nov. de 2015.

Décimo terceiro encontro: Aulas 21 e 22, dia 05 de nov. de 2015

Estagiária responsável: Samara Hinkel Corrêa (aula 20) e Tiago Carturani (aula 22)

A primeira aula, sob responsabilidade da estagiária Samara, teve início com a entrega da primeira versão dos relatos com observações dos estagiários. O restante da aula foi dedicado a dar orientação aos alunos na atividade de reescrita. De início, alguns alunos demonstraram muita dificuldade em fazer seu texto ficar verossímil. Por mais que conseguiram escrever dentro do que foi proposto, algumas histórias ganhavam um cunho que se afastava um pouco do relato pessoal e entrea no universo fictício.

Foi solicitado a eles que entregassem as produções incompletas no fim da primeira aula para que os estagiários pudessem ler no intervalo entre uma aula e outra. Assim, na próxima aula, seria possível ajustar os tópicos e as inadequações que os estagiários perceberam ser mais evidentes na escrita dos alunos.

Assim, a última aula, sob responsabilidade do estagiário Tiago, proporcionou aos alunos a oportunidade de continuar a refacção dos relatos pessoais. Todos os alunos que estavam presentes receberam atenção especial dos estagiários com relação ao auxílio prestado na produção escrita final. Essa aula foi o prazo final para a entrega dos relatos, já que na terça-feira seria a apresentação das produções.

Como previsto para esse dia, alguns alunos não retornaram à sala para a última aula, contudo, os alunos que permaneceram, são os mais interessados e buscam a oportunidade de aprender cada vez mais. Eles não se importam em ter que refazer a atividade, aceitam opiniões e buscam melhorar. A assistência dada pelos estagiários aos alunos culmina na melhoria evidente na conclusão dos textos (ANEXO XVII, p. 257).

Ao fim, devido ao tempo curto que restava de estágio (somente duas aulas), foi acordado com a turma que as gravações em vídeo não seriam mais feitas (por preferência da própria turma). Os alunos escolheram ter seus textos publicados em uma revista.

Décimo quarto encontro: Aulas 23 e 24, dia 10 de nov. de 2015

Estagiários responsáveis: Tiago Carturani (Aula 23) e Thalisson Machado (aula 24)

Na penúltima aula, houve a entrega dos relatos reescritos para os alunos, devidamente revisados pelos estagiários e contendo as observações cabíveis. Concomitante a entrega dessas produções, também foram entregues aos alunos as médias finais que foram

obtidas através das atividades propostas em sala de aula (ANEXO XX, p. 269). Às atividades, foram atribuídas colorações que indicassem estágios de conformidade ou não. Ao fim de cada ciclo essas cores foram compiladas e tornaram-se uma nota de zero à dez, que é a forma de avaliação usada na escola. Todas as especificações necessárias para a compreensão da transição de cores para números foram dadas por meio das legendas que serviram de apoio à tabela de notas.

Após esse primeiro momento de entrega de produções e avaliações, a aula prossegue com a explicação do estagiário acerca do produto final feito pelos alunos – os relatos pessoais – e a arte final feita pelos estagiários que criaram um livreto contendo os relatos dos alunos e contando com estilizações e produções imagéticas de acordo com cada relato (ANEXO XXIII, p. 259). Cada aluno recebeu um exemplar fotocopiado, mas foram feitas também fotocópias coloridas que circularam entre os alunos. Todos os presentes tiveram a oportunidade de ver o material. Em seguida, o estagiário propôs a leitura dos relatos de cada aluno que ali estava. Um dos alunos logo se prontificou a começar as leituras e assim o fez. Ao final de cada leitura os alunos eram saudados com palmas e desse modo prosseguiram as leituras. A maioria dos alunos quis ler o seu relato, mas tiveram exceções. Esses não quiseram compartilhar com o grupo as suas produções. Os alunos que faltaram não tiveram a oportunidade de socializar suas produções com os colegas, mas o estagiário selecionou alguns relatos para compartilhar com os alunos.

Com a leitura finalizada, houve espaço para os alunos manifestarem suas opiniões, o que levou a aula para um debate bastante rico acerca das variações linguísticas a partir de histórias trazidas e, muitas vezes, vividas pelos alunos. O contato com pessoas de outros estados ou mesmo quando sua origem não é da costa catarinense trazem elementos que enriquecem a discussão do tema-chave proposto pelos estagiários no projeto de docência por produzir heterogeneidade de pontos de vista trazidos à discussão.

A discussão mostrou que os alunos começaram a se apropriar de elementos estudados durante o período de estágio e que eles conseguiram aplicar seus conhecimentos analisando a fala do outro ou mesmo praticando uma autoanálise. Toda a discussão se estendeu até o término da aula que foi finalizada com a chamada.

Na última aula, os alunos responderam a um questionário elaborado pelos estagiários (ANEXO XIX, p. 267). Esse questionário visava à avaliação dos alunos em relação ao período de estágio. Poucos alunos estavam presentes nessa aula. Conforme foram respondendo aos questionários, entregavam ao estagiário.

A conclusão a que se chegou lendo as respostas dos questionários dos poucos alunos presentes foi satisfatória. As atividades que mais gostaram foi a produção de *fanzines* e ninguém apontou pontos negativos que os estagiários precisam melhorar.

Por se tratar do último dia do estágio de docência, os alunos, muito curiosos, perguntavam sobre a rotina dos estagiários na Universidade. Queriam saber sobre o curso, os professores, as aulas e os trabalhos que a graduação exige. Eles se mostraram muito interessados na vida profissional e até mesmo pessoal dos estagiários e aproveitaram a informalidade da conversa para compartilhar seus planos futuros. Um aluno afirmou que desejava fazer uma faculdade, estudar inglês para alcançar proficiência e morar fora do País para trabalhar.

Ao final da aula, os estagiários despediram-se dos alunos, agradeceram por todas as experiências compartilhadas no período em que o estágio aconteceu e reforçaram a importância da presença de todos no encontro com a autora Eloí Bocheco e no evento de socialização dos produtos finais produzidos pelos alunos nas aulas mediadas pelos estagiários, que se realizariam na próxima semana.

4.1 Calendário do andamento das aulas

A página seguinte apresenta o calendário atualizado das aulas. Foi necessária a atualização pelo fato de que a escola teve três dias de recesso, dos quais dois deles não estavam previstos no calendário escolar.

Assim, no dia 07/10, as aulas do período noturno foram canceladas pelo motivo de luto; no dia 27/10, as aulas foram canceladas devido à transferência de um curso de capacitação, previsto no calendário escolar, para este dia.

Fez-se necessário a alteração nas aulas. O resultado pode ser acompanhado no capítulo que diz respeito ao relato do andamento das aulas; e a síntese, a seguir.

OUTUBRO				
	8:45 às 19:25 e 21h às 21:40	20:05 às 20:45	20:05 às 20:45 e 21:40 às 22:20	
05*	06, terça-feira (80 min) Aulas 1 e 2 Apresentação do projeto de docência Thalisson	07*, quarta-feira (40 min) Aula 3 Cancelada Samara	08, quinta-feira (80 min) Aulas 4 e 5 Por que as pessoas têm sotaque? Tiago	09*
12*	13*	14 Aula 6 Análise linguística Samara	15 Aulas 7 e 8 Reescrita Thalisson	16*
19*	20 Aulas 9 e 10 O que é e como se faz um <i>fanzine</i> ? Tiago	21 Aula 11 Continuação do <i>fanzine</i> Tiago	22 Aulas 12, 13 e 14 Continuação do <i>fanzine</i> ; e Apresentação dos <i>fanzines</i> Samara	23* Extraclasse
26*	27*	28 Aula 15 Interpretar a crônica “Plurals”, de Kledir Ramil Thalisson	29 Aulas 16, 17 e 18 Proposta da atividade de interpretação; e Continuação da atividade de interpretação Thalisson e Tiago	30*
NOVEMBRO				
02*	03 Aulas 19 e 20 Depoimentos sobre preconceito linguístico; proposta de escrita: relato pessoal Samara	04*	05 Aulas 21 e 22 Reescrita: relato pessoal Samara e Tiago	06* Extraclasse
09*	10 Aulas 23 e 24 Exposição das revistas; leitura dos relatos e finalização do estágio Tiago e Thalisson	11	12	13*

5 Projeto Extraclasse

5.1 Introdução

Este projeto é uma extensão da disciplina Estágio Supervisionado no Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas (MEN7001). Seu objetivo é promover atividades cujo conteúdo participe dos temas exigidos pela LP presente nos PCNs, com a peculiaridade de realizar atividades que promovam a integração e a participação, fora da sala de aula, dos alunos de turmas e séries diferentes e da comunidade escolar.

Nesse sentido, a turma 09426A dos estagiários desenvolve suas atividades no CMMLM, localizado no bairro Kobrasol, São José (SC). Os alunos envolvidos no projeto são da EJA, que acontece no período noturno de segunda à quinta-feira, das 18 horas e 45 minutos às 22 horas e 20 minutos, cujas séries são: 7^a (turma 372), 8^a (turma 382) e 9^a (turma 392) do Ensino Fundamental e 2^a do Ensino Médio (turma 206).

O projeto abrange os dias 23 de outubro, 06 e 18 de novembro com a carga horária final de 12 horas; e foi organizado pelos estagiários(as): Graciela Massironi Carus; Jandir Santos; Juliana Gonçalves da Silva; Juliana Pereira; Juliana Regina da Silva; Samara Hinkel Corrêa; Thalisson Machado, Tiago Carturani e Vanessa Custódia Inácio, sob a orientação da professora Dra. Isabel Monguilhott e da professora Dra. Eliane Debus (ANEXO XXIII, p. 275).

A ideia central do projeto nasce da intenção de provocar e ser provocado pela palavra poética no espaço escolar. A proposta visa o encontro do aluno com a poesia, permitindo o uso de uma linguagem e expressão que capture a sensibilidade do ser, estimulando sua capacidade de leitura e escrita poética a partir dos versos do livro *Batata cozida, mingau de cará* (2005), de Eloí Bocheco. Assim, nossos encontros começam pelo contato oral com os poemas desse livro, já que a obra leva em conta, principalmente, a tradição oral.

Para fazer da poesia uma experiência positiva, lúdica e educativa, é necessário considerar os sentidos construídos pelos alunos, respeitando as variações linguísticas da comunidade que eles estão inseridos e integram sua memória.

A partir disso, o passo seguinte é o da incorporação dos poemas de tradição oral por meio do processo de dramatização que visa a trabalhar a oralidade.

No que concerne à escrita, o projeto tem como fundamento a ressignificação de poemas a partir de objetos concretos para a construção de uma instalação, o que possibilita o processo de escrita criativa por parte dos alunos, a fim de provocar a imaginação e os sentidos deles. O objeto partiu de uma seleção de materiais diversos, recolhidos pelos(as) professores(as) e estagiários(as), promovendo um momento de leitura e observação de linguagens não verbais, e proporcionando autonomia ao aluno, para que ele escolha o que melhor se adequar as suas ideias.

O projeto culmina com o encontro com a autora do livro, Eloí Bocheco. Há um movimento de inserção no mundo do livro, de trabalho com suas leituras e de desmistificação do ato de escrever ao se conhecer a autora dos versos que os alunos experienciaram.

Esse processo de ensino/aprendizagem possibilita aos alunos refletir acerca das sensações, sentimentos, pensamentos e ideias relacionadas a sua experiência individual, sua experiência com o texto literário e suas capacidades criativas de ressignificação e recontextualização do texto poético.

5.2 Justificativa

A escolha pelo trabalho com a temática das tradições orais por meio de poemas se vincula tanto à importância que se acredita ter a poesia na escola quanto ao interesse em contribuir para a inserção dos estudantes dentro do eixo da pluralidade cultural – temática que o CMMLM tem como foco norteador das práticas pedagógicas no semestre 2015.2.

Para promover o contato com a literatura oral expressada pela poesia, considera-se que o trabalho da escritora catarinense Eloí Bocheco pode ser muito significativo. Especialmente, seu livro *Batata cozida, mingau de cará* mostra-se uma opção relevante para essa proposta, pois a autora traz a tradição oral de forma lúdica, lírica e muito acessível, o que permite construir a aproximação com os participantes do projeto e seduzi-los, mostrando como a poesia não é necessariamente algo puramente formal e inatingível. Além disso, a temática dos poemas de Eloí Bocheco permeia saberes, cantigas e causos que fazem parte de um imaginário coletivo. Todos somos, de alguma maneira, constituídos por essa literatura oral que ouvimos principalmente na infância.

A forma como essa tradição é trabalhada na obra fez a autora ser selecionada em um concurso nacional realizado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2005. O livro constitui parte da Coleção Literatura para Todos, que se tem como público alvo estudantes

da EJA. Dito isto, considera-se que o fato da obra ser reconhecida pelo MEC como importante para esses estudantes auxilia no embasamento e justificativa de trabalhá-la no projeto extraclasse, e a sustentar o desejo deste projeto de tornar acessível o contato com a poesia e a experiência lúdica que ela possibilita. Entende-se que essa experiência do lúdico não pode ser compreendida como algo inútil ou improdutivo, pois esse espaço é reivindicado à produção de sentidos e desenvolvimento de outras sensibilidades, que normalmente estão cerceadas ou dificultadas no cotidiano escolar e não escolar dos estudantes. Nesse contexto, a obra, simultaneamente ao projeto desenvolvido, apresenta e consolida alternativas para as formas tradicionais do conhecimento escolarizado, favorecendo o processo de ensino/aprendizagem, e estimulando os alunos a aprender mais em outros ambientes que não sejam os enquadrados como institucionalizados.

5.3 Reflexão teórica

5.3.1 O direito à literatura

Para embasar o gesto de reivindicação pelo trabalho com a literatura no projeto extraclasse, consideramos as reflexões de Antônio Candido, em seu texto *O direito à literatura*, em que o autor justifica a importância da literatura para o homem.

Alterando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (CANDIDO, 1995, p. 242-243).

A literatura, por ser discurso de natureza menos pragmática, leva ao extremo as possibilidades de utilização da linguagem; transcende o usual; e, além de exercitar a noção de liberdade do indivíduo, reintegra a noção de arte ao contexto social. O processo de letramento por meio da literatura é uma possibilidade para o aluno tomar para si um direito essencial, pois a arte – a literatura naturalmente inclusa aí – tem nessa concepção um valor cultural para além do estético. Essa reflexão coincide com a proposta dos PCNs, que enfatizam a fruição literária como indispensável para a apropriação desse mesmo direito, criticando a leitura descontextualizada e o contato superficial com as obras literárias – o texto como pretexto, não como ferramenta de cidadania.

A importância da literatura é tamanha que poderíamos compará-la ao pão. Todavia, ao invés de alimentar o corpo, nutre a alma. A literatura passou por várias

transformações ao longo dos tempos, tendo como finalidade desde a instrução moral até, segundo Colomer (2007, p. 17), ser “[...] o aprendizado prático para criar discursos orais e escritos.”. Ou seja, a ficção inserida nas páginas dos livros é indispensável para a humanização, para seu reconhecimento numa sociedade em que a interação é o eixo norteador da comunicação. Colomer (2007, p. 20) ainda afirma que “[...] as disciplinas que compõem a área das ‘humanidades’ sempre sustentaram que a contribuição da literatura na construção social do indivíduo e da coletividade não apenas é essencial, mas simplesmente inevitável.”. Antonio Candido (1995, p. 249, grifou-se) busca ainda conceituar o que seria essa humanização, segundo o autor:

[...] humanização [...] **o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.** A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Conforme o mesmo autor, a literatura tem como função construir objetos autônomos (e, por isso, organizar nossa visão do mundo), ser uma forma de expressão, de conhecimento e de nos humanizarmos.

A leitura está associada a um ato de transformação social, baseada na interação entre escritor e leitor. O discurso – conhecimentos adquiridos por indivíduos enquanto sujeitos sociais – entre o enunciador e o receptor (leitor), com base nos estudos de Bakhtin (2003), promove uma maior proximidade da língua e sociedade. O enunciado pode ser compreendido como uma unidade da comunicação verbal. Com base em Bakhtin (2006), a comunicação verbal permite a ampliação da visão de mundo, de conhecimentos e de interação. A materialidade da comunicação verbal, o enunciado, é o que determina a formação ideológica do indivíduo. O sujeito posiciona-se por estar inserido numa formação ideológica. A literatura, desse modo, cumpre o papel de inclusão e transformação social.

O contato com a literatura também possibilita a criação e a recriação de nossas visões de mundo e coloca em cheque as percepções sobre aquilo que nos rodeia. Nesse sentido, com relação à obra de Eloí Bocheco, nota-se que a criação de uma poesia de tradição oral veiculada pelo livro e pela escrita, que são espaços considerados eruditos e de prestígio, desestabiliza e suspende essas dicotomias que definem aquilo que é popular e erudito, e provoca no leitor um posicionamento crítico diante dessas concepções, ainda que nossa intenção de trabalhar com os poemas de Bocheco seja de vivenciá-los, e não propriamente de analisá-los. Sendo assim, reivindicamos com o trabalho, a partir dos

poemas de Bochecho, o direito à vivência dessa poesia cujos temas constituem-se das mais diversas histórias do universo considerado popular que compõem as histórias singulares de cada um. Por tratarem de lendas, mitos, adivinhações, parlendas, cantigas de roda, ou seja, reminiscências do ambiente infantil oral, e, por ter uma linguagem simples, os poemas de *Batata cozida, mingau de cará* permitem que em sua leitura o foco seja o lúdico da poesia. Somam-se aí duas propostas transgressoras: a da literatura como exercício de cidadania e a que é própria da obra; e levar para um formato considerado erudito (o livro, a poesia) uma forma de expressão que sempre fora relegada à cultura popular. Essa aproximação dos alunos com o objeto de leitura pode auxiliar no estímulo ao hábito da leitura e no gosto pela literatura.

5.3.2 Poesia e oralidade

As Propostas Curriculares para a EJA, de 2001, especificamente o tópico que subsidia a linguagem oral, recomenda que se desenvolva nos alunos a capacidade de falar e ouvir (BRASIL, 2001). Para esse tópico, uma das indicações é a organização de recitais de poesias e canções, nos quais os alunos devem ler e ouvir os demais. Em relação à leitura, começa-se primeiramente com a seleção dos textos. Essa escolha envolve cuidado e sensibilidade, para que não se leve em consideração somente a decifração dos códigos do texto, mas também a capacidade de interpretação e a maneira como se interpreta. Assim, os poemas selecionados têm uma temática cotidiana cujo conteúdo foi historicamente construído pelo povo e para o povo; e ainda está presente no seu inconsciente, de maneira que cada verso pareça familiar, a fim de facilitar a compreensão e solicitar à memória aquilo que se tem como um bem cultural. É, portanto, uma chance para que o leitor aproprie-se da própria cultura.

Além disso, a poesia é um gênero intimamente atrelado à oralidade, para a sua leitura e composição, importam o ritmo, a entonação, a pontuação, dentre outros aspectos, por isso o trabalho de vocalização mostra-se relevante para a vivência desse gênero. Nesse sentido, compreendemos que a performance que se produz no ato de vocalizar a leitura dos poemas permite essa vivência e ao mesmo tempo mobiliza e amplia os conhecimentos sensoriais e perceptivos dos alunos. Assim, como afirma Lobo (2015, p. 195):

A dimensão dialógica entre voz, tempo, espaço e corpo evoca as memórias mais remotas nas quais as sensações armazenadas se pluralizam e se ampliam, adquirindo novos contornos em função da percepção que cada evento estabelece. Não são mais os cinco sentidos fragmentados pelas ciências biológicas, mas o

conjunto de percepções em torno de cada um deles que se volta para a unidade cognitiva que a performance faz despertar tanto no executante quanto no público.

Pelo olhar sociocognitivo, a vocalização é, outrossim, segundo Morais e Domingos (2015), uma estratégia metacognitiva, por ser um mecanismo consciente de lidar com a memória global das palavras (conhecimento adquirido pela comparação ortográfica entre as palavras e sua análise visual para futura identificação) e com a memória fonológica das palavras. Nessa atividade, o sentido é atribuído ao som das palavras, num movimento oscilante. Por esse motivo, ao declamar ou performatizar uma poesia, o aluno participa da “construção de sentidos e da percepção sonora dos versos” (MORAIS; DOMINGOS, 2015, p. 2).

Mas para dar sentido, o aluno também imprime nesse gesto construtivo sua marca subjetiva na velocidade com que vocaliza os versos ou na forma com que imposta a voz mexendo com o modo da entonação. Assim, a vocalização como estratégia de ensino de leitura literária é mais que um trabalho de ordem intelectual, mas também do indivíduo na sua subjetividade. Além disso, a vocalização se avizinha da origem da poesia, que é oral, sendo, portanto, um meio de cultivo de elemento cultural ao mesmo tempo em que torna o objeto de ensino mais próximo do aluno.

Sendo assim, o trabalho com a vocalização e a performance põe em cena a dimensão do dialogismo presente na oralidade, possibilitando ao aluno compreender de forma relevante para si o poema como um discurso, cujo processo de interação envolve as suas vivências, mobilizadas também pelo corpo e pelos sentidos, as quais dialogam com as vivências do outro, para o qual essa voz se dirige. Ademais, consideramos que o trabalho com a poesia oral por meio da performance possibilita não somente a compreensão da oralidade como constitutiva da linguagem poética, como também permite alcançar o espaço da fala em vista do predomínio da palavra escrita no espaço escolar.

5.3.3 Literatura e aprendizagem

No que tange ao processo de ensino/aprendizagem de literatura, segundo Cosson (2014) em *Letramento Literário: teoria e prática* há um excesso de sistematização das práticas pedagógicas nesse sentido, ao mesmo tempo em que há uma ausência de sistematização.

O autor pontua que segundo M.A.K. Halliday, a literatura é uma linguagem que compreendem três tipos de aprendizagem, a saber, aprendizagem da literatura, sobre a

literatura e por meio da literatura: a aprendizagem da literatura visa a proporcionar a experiência do mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura objetiva mediar conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura objetiva disponibilizar saberes e habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários.

Observando a realidade do ensino básico brasileiro, Cosson defende a tese mediante a qual as aulas de literatura são muito tradicionais, focadas na aprendizagem da literatura e sobre ela, desconsiderando o terceiro tipo de aprendizagem – por meio da literatura – sendo este o mais importante segundo o autor.

Partindo desse pressuposto, Cosson (2014) propõe a sistematização das atividades das aulas de literatura em duas sequências exemplares, quais sejam: básica e expandida, que consistem em duas possibilidades concretas de organização das estratégias a serem usadas nas aulas de literatura do Ensino Básico. A partir de pesquisas realizadas em parceria com seus alunos, o autor percebeu que a leitura demanda uma preparação, uma sequência para leitura construída em quatro passos.

O primeiro passo é o da motivação. Trata-se de práticas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. Acredita-se que o elemento lúdico que a motivação contém ajuda a aprofundar a leitura da obra literária. Alguns professores questionavam se a motivação não induziria o aluno a deter-se em um único aspecto da obra, o que poderia levar a um empobrecimento do texto, ou, a um único aspecto da interpretação do aluno, uma vez que trazia, implícita ou explicitamente, a interpretação do professor. Outro aspecto relevante da motivação é que se dá conjuntamente, i.e, trabalha leitura, escrita e oralidade. Isto posto, é importante a integração do ensino da LP com a literatura, já que um está contido no outro.

O segundo passo é o da introdução, e consiste na apresentação do autor e obra. A apresentação física da obra é também muito importante, pois, é o momento em que o professor captura a atenção do aluno para leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que apresentam e introduzem a obra.

O terceiro passo é o da leitura. Segundo Cosson (2014), é nesta etapa que ocorre o letramento literário acompanhado de leitura. Esse processo, de maneira geral, ocorre quando o professor pede que algum aluno leia um texto e nada além disso. Todavia, tratando-se da leitura de livros, esse acompanhamento deve ser diferenciado. Cabe ressaltar aqui que o autor pondera que acompanhar não é policiar, portanto: “nesse sentido, nada

impede o professor de apontar, nas leituras mais superficiais, as inconsistências que julgar importante para uma compreensão maior da obra, solicitando, inclusive, que o aluno realize uma reescritura.” (COSSON, 2014, p. 84).

O quarto passo refere-se à interpretação que, segundo o autor, ocorre em dois momentos, um interior e outro exterior. O momento interno é o que acompanha a decifração dos capítulos, das páginas e das palavras, tem seu ápice na apreensão global da obra que se realiza logo depois de terminar a leitura. Esse encontro caracteriza um ato individual, todavia, sempre conta com o momento de vivência do leitor, o que o torna um ato social. O momento externo consiste na concretização, i.e, na materialização da interpretação como ato de construção de sentido de uma determinada comunidade. A partir de compartilhamentos de interpretações, os leitores adquirem consciência de que são membros de uma coletividade, e isso fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

A interpretação é, portanto, “o reconhecimento de que uma obra literária não se esgota, antes se amplia e se renova pelas várias abordagens que suscita, que identifica o leitor literário.” (COSSON, 2014, p. 94).

O autor acredita e defende a literatura como experiência, e não como conteúdo a ser avaliado. O processo de ensino/aprendizagem não se dá por meio de respostas certas, e sim pela interpretação de cada aluno leitor, como ele pensou aquilo e pela coerência de seu pensamento com o texto. Isto posto, o professor deve preocupar-se mais com o conteúdo da resposta, e não somente com a sua forma.

Cosson (2014) enfatiza que é necessário e extremamente fundamental explorar os gêneros como ensaios, resenhas, diário de leitura, relatório, diálogo e mediar debates e exposições orais nas quais o professor atue como moderador e inspirador, não como dono da interpretação correta que dá a primeira e a última palavra sobre a leitura de uma determinada obra. Atentando-se a isso, o autor postula que o professor precisa resistir à tentação de avaliar constantemente a performance do aluno, e que a avaliação não deve ser um meio de impor a sua interpretação.

Dando continuidade à importância dos processos de leitura e interpretação no ensino de literatura, Compagnon (1996) reflete acerca do trabalho de citar. Para ele, é preciso “aceitar a fatalidade do fracasso e da imperfeição. Nada se cria.” (COMPAGNON, 1996, p.10).

Remetendo-se à infância e às brincadeiras vivenciadas antes do envolvimento com a decodificação do ato de ler, o mesmo autor defende a importância de “recortar” e de

“colar”, e da (des)construção que tais ações representam. O recorte acompanhado de colagem está constantemente presente nos textos escritos, bem como nos discursos e nas defesas de quaisquer argumentos. Recortar e colar, portanto é deslocar e ao mesmo tempo recolocar, redirecionar, localizando os significados em um novo meio.

É possível, portanto, associar a ação do “recorte e cola” com o procedimento discursivo que ocorre na reformulação do que já foi dito, que nesse processo é apresentado de maneira inédita, uma vez que o discurso é sempre único. Bakhtin (2006) em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* entende a citação como utilização do discurso de outrem na construção de um novo discurso. Essa apropriação se dá pela necessidade social de comunicar-se, de se construir sujeitos discursivamente. Desta forma, nos apropriamos dos discursos de outros para afirmação, confrontação, contestação, explicação. Sejam quais forem os motivos, estamos sempre citando, bem como somos constantemente citados.

Partindo desses pressupostos, o intuito de mediar a realização de um projeto baseado na leitura, na escuta e na criação de poemas põe em prática a utilização do discurso de *outrem* dando à luz à um novo discurso, conforme sugere Bakhtin (2006).

Isto posto, a produção de uma instalação a partir da ressignificação dos poemas da obra *Batata cozida, mingau de cará*, de Eloí Bocheco, a dramatização de seus poemas e a leitura e escuta destes representam o ato de “recortar” e “colar” proposto por Compagnon, uma vez que o texto é recortado de seu meio de circulação primeiro, a saber, o livro, para circular em um outro espaço, ganhando corpo e materializando-se em objetos e apresentações orais, produzindo assim, um novo discurso, um novo texto, e permitindo uma nova experiência literária aos alunos envolvidos, àqueles que prestigiarão as apresentações e a exposição dos poemas e até mesmo à autora que terá um olhar sobre sua própria obra ressignificado no momento da visita ao colégio.

5.3.4 Objetivos

5.3.4.1 Objetivo geral

- Proporcionar o contato com a literatura de tradição oral, por meio da leitura, escuta e criação de poemas da autora catarinense Eloí Bocheco, promovendo o contato dos alunos e da comunidade escolar com a autora.

5.3.4.2 Objetivos específicos

- Estimular o interesse pela literatura de tradição oral por meio da poesia;

- Possibilitar espaço de leitura lúdica de poemas que trabalham com a tradição oral;
- Possibilitar a ressignificação da leitura, estimulando os estudantes a se expressarem criativamente, por meio da oralidade e escrita poética;
- Instigar a experienciação profunda dos sentidos do texto poético por meio de dramatização encenada baseada em poemas dialogados; e
- Promover o encontro da escritora com os leitores.

5.3.5 Metodologia

Este projeto extraclasse se dá em três encontros. Nos dois primeiros são realizadas atividades relacionadas à obra de Eloí Bochecho, *Batata cozida, mingau de cará*. As atividades compreendem os eixos de leitura e expressão oral e escrita. Dentro desses eixos, cabem subdivisões das quais integram: dramatização de poemas, elaboração de perguntas para a escritora convidada, leitura de poemas, elaboração de poemas e confecção de objetos que dialogam com o conteúdo dos poemas. O terceiro encontro diz respeito à visita da autora ao CMMLM, na qual são expostas as produções e apresentações orais elaboradas pelos alunos com a mediação dos estagiários, bem como é estabelecida uma conversa com a autora a partir de questionamentos preparados pelos alunos.

De acordo com o cronograma estabelecido, o primeiro encontro deve compreender a apresentação do projeto extraclasse; contudo, antes de acontecer a apresentação do tema, dos objetivos e dos próprios estagiários, está prevista uma intervenção artística promovida pelos estagiários por meio da leitura de um poema de Eloí Bochecho chamado “Um Jogo”. A apresentação deste poema tende a envolver os participantes em um novo modo de experiência no contato com a arte, permitindo um contato não automático e que, de certa forma, possa mobilizá-los e instigá-los a conhecer mais desse universo.

Após a apresentação do poema, deve acontecer a apresentação dos estagiários bem como do projeto extraclasse. A apresentação serve para explicitar os conteúdos e objetivos pretendidos, informando também o cronograma que será seguido, além a salientar a vinda da autora da obra em questão. A escolha dessa obra tem as seguintes finalidades: leitura, dramatização, releitura, escritura, cujo objetivo é o de produzir material artístico para a elaboração de uma exposição no terceiro e último encontro, no qual a autora da obra está presente.

5.3.5.1 Primeiro encontro, dia 23 de outubro de 2015

- Disponibilização de alguns poemas do livro de Eloí Bocheco para os participantes e estagiários – a participação dos estagiários pretende criar um ambiente mais empático à apresentação dos alunos;
- Leitura em voz alta do poema selecionado. Os estagiários devem selecionar poemas para si, a fim de também apresentarem os seus poemas para criar um ambiente mais empático à apresentação dos alunos;
- Distribuição de trechos incompletos dos poemas do livro de Eloí Bocheco para que os alunos possam completá-los de forma que mais lhes façam sentido; e
- Confeção de poemas materiais que agregam a escrita poética aos objetos trazidos, ressignificando os poemas antes somente escritos – a atividade visa à integração material e imaterial da arte através da poesia, além de promover a sensibilidade estética e o desenvolvimento de processos de escrita, reescrita, leitura, releitura e contato com múltiplas linguagens.

5.3.5.2 Segundo encontro, dia 06 de novembro de 2015

- Proposta de uma atividade oral que contemple a dramatização de poemas retirados do livro de Eloí Bocheco; e
- Processo de elaboração de perguntas dirigidas a autora no dia de sua visita ao CMMLM.

5.3.5.3 Terceiro encontro, dia 18 de novembro de 2015

- Interação com a autora após o conhecimento de sua obra – nesta oportunidade, serão apresentados os poemas materiais construídos no primeiro encontro, bem como as dramatizações orais dos poemas de Eloí Bocheco preparadas pelos alunos. Além disso, é durante a conversa com a autora que serão respondidas às perguntas elaboradas pelos alunos no segundo encontro.

5.3.6 Recursos necessários

- Poemas do livro *Batata cozida, mingau de cará*, de Eloí Bocheco;
- *Datashow*;
- Trechos impressos dos poemas do livro já mencionado, os quais serão amarrados em pequenos rolinhos e dispostos em uma cesta;

- Objetos diversos para a instalação: latas, caixas, copos, madeiras, garrafas PET, tecidos, etc.
- Canetas, colas, fitas e outros materiais para a fixação dos poemas nos objetos; e
- Quadro-negro e giz, quando necessário.

5.3.7 Avaliação

A avaliação das atividades consiste na participação efetiva dos alunos e seu envolvimento, portanto: se produziram, se participaram na dramatização dos poemas, se produziram perguntas à entrevista da autora. Tal avaliação não é quantitativa, mas a participação dos alunos no projeto vale como horas de atividades, necessárias para a obtenção do diploma escolar.

5.3.8 Cronograma das atividades

Data e horário	Descrição da atividade
<p style="text-align: center;">23/10/2014</p> <p style="text-align: center;">Das 18h45min às 22h20min</p>	<p>Leitura de poemas do livro <i>Batata cozida, mingau de cará</i>, de Eloí Bocheco; criação uma instalação a partir de trechos de poemas do livro.</p>
<p style="text-align: center;">06/11/2015</p> <p style="text-align: center;">Das 18h45min às 22h20min</p>	<p>Dramatização de poema selecionado da obra <i>Batata cozida, mingau de cará</i>, a ser apresentado no encontro com a autora; preparação de perguntas a serem direcionadas à autora Eloí Bocheco em sua vinda ao CMMLM.</p>
<p style="text-align: center;">18/11/2015</p> <p style="text-align: center;">Das 18h45min às 22h20min</p>	<p>Encontro com a autora; apresentação da dramatização dos poemas; exposição das instalações produzidas no primeiro encontro; e conversa com a autora.</p>

5.3.9 Planos de Aula

5.3.9.1 Aula 1: Primeiro encontro

1 – Dados de identificação

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza/ Myriam Pereira Botelho Ramos

Estagiários: Alunos da turma 09426A que estão cursando a disciplina MEN7001

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental e médio

Ano escolar: Alunos de todos os anos que desejam participar do projeto

Turma: Todas as turmas interessadas

Data: 23/10/2015 (sexta-feira)

Carga horária: 5 aulas de 40 minutos

Horário: 18h45min às 22h

Supervisoras: Isabel Monguilhott; Eliane Debus

Tema: Conhecer, ler e fazer poesia

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Apresentar o projeto de docência extraclasse para os alunos promovendo o contato com o texto poético e a criação literária por meio da ressignificação de objetos.

2.2 – Objetivos específicos

- Situar o aluno acerca do projeto de docência extraclasse elaborado pelos estagiários.
- Mediar a aproximação dos alunos com a autora Eloí Bochecho e sua obra *Batata cozida, mingau de cará*.
- Oportunizar o contato dos alunos com o texto literário do gênero poesia por meio da declamação apresentada pelos estagiários e da “cesta de poemas”.
- Possibilitar a escrita criativa e poética por meio da atividade proposta, a saber, completar uma estrofe de um poema de Eloí Bochecho com um verso a ser criado pelos alunos.

- Propor a ressignificação do texto literário por meio da atividade de construção de uma instalação na qual os versos criados pelos alunos serão transcritos para objetos a serem expostos no dia 18 de novembro, em que a autora Eloí Bocheco visitará o Colégio.

2.3 – Conhecimentos abordados: Leitura e criação de texto literário; criatividade e autonomia na transposição dos versos dos poemas para os objetos; prática da tradição oral por meio da declamação de poemas; importância da autora e seu universo de criação; e promoção da intertextualidade entre poemas e cantigas populares.

3 – Metodologia

- Apresentar o poema “Um jogo” de Eloí Bocheco, presente na obra *Batata cozida, mingau de cará*, por meio de dramatização oral realizada pelos estagiários para que os alunos tenham o primeiro contato com o texto poético de tradição oral.
- Após a dramatização do poema, possibilitar que os alunos conheçam os estagiários e o projeto extraclasse, esses conhecimentos serão proporcionados por meio da fala dos estagiários: cada estagiário irá se apresentar e o grupo explicará aos alunos que o projeto extraclasse faz parte da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do curso de Licenciatura em Letras-Português e que a proposta consiste em três encontros com os alunos, que acontecerão em duas sextas-feiras e uma quarta-feira. Nos dois primeiros encontros os alunos conhecerão a biografia da autora Eloí Bocheco e sua obra, sendo que aprofundaremos a leitura do livro *Batata cozida, mingau de cará*, o qual subsidiará as atividades que serão realizadas nos dois primeiros encontros. No terceiro encontro, teremos a visita da autora Eloí Bocheco à escola. Nessa visita, que será aberta a toda comunidade escolar, serão expostos os trabalhos elaborados com os alunos nos encontros anteriores, bem como haverá uma conversa na qual a autora responderá a perguntas elaboradas pelo alunos, referentes a sua obra e sua vida de escritora.
- Distribuir para cada aluno um poema da “cesta de poemas” montada pelos estagiários, na qual contém trinta poemas selecionados da obra *Batata cozida, mingau de cará*. Em seguida, propor que cada aluno faça a leitura do poema que pegou na cesta. Esta é uma atividade lúdica da qual os estagiários também participaram, fazendo a leitura dos poemas que retiraram da cesta.

- Apresentar o material produzido pelos estagiários que conta brevemente a história da autora Eloí Bocheco, do livro em foco, de suas demais produções literárias e dos prêmios que já recebeu durante sua trajetória como escritora. Esse material (apresentação em *.pdf*) será transmitido para os alunos através do projetor, e se for necessário será repetida a apresentação.
- Propor o desenrolar da atividade no restante do encontro: disponibilização de estrofes incompletas de vários poemas da obra em foco para que os alunos escolham e completem a estrofe com um verso criado por eles. Após escolherem e completarem as estrofes, cada aluno escolhe um objeto para escrever sua estrofe. Os objetos e materiais necessários para a realização da atividade são disponibilizados pelos estagiários. O restante do encontro é dedicado para a escrita dos poemas nos objetos, que serão ressignificados como poesia e expostos no dia da visita da autora ao colégio.
- Auxiliar os alunos no processo de produção, em tudo que for necessário, contribuindo com ideias, com a construção do produto final e tirando quaisquer dúvidas que possam surgir por parte dos participantes.
- Apresentação para o grupo dos materiais produzidos.

4 – Recursos necessários:

- Quadro negro e giz;
- *Datashow*;
- Apresentação produzida pelos estagiários em formato de mídia que possa ser reproduzido no projetor – nesse caso com uso de *pendrive*;
- Poemas dispostos em formato de pequenos pergaminhos dentro de uma cesta com laço de fita denominada “cesta de poemas”;
- Cartões com as estrofes de poemas incompletos para que os alunos criem o verso que falta na estrofe;
- Objetos para a escrita das poesias, a saber, discos, CDs, garrafas, caixas, porta-retratos, vasos, peças de decoração, peças de roupa, tecidos, quaisquer tipos de objetos inutilizados; e
- Cola, tesoura, folhas brancas e coloridas, canetões para escrever nos objetos e o que mais for necessário.

5 – Avaliação

Nesse encontro, é avaliado o interesse do aluno e seu empenho em participar das discussões e atividades propostas. As contribuições orais também são levadas em consideração, bem como o processo de escrita criativa e a produção literária transposta nos objetos.

A avaliação foi pensada de forma a não menosprezar os alunos que, por algum motivo, não se saiam tão bem nas atividades. Essas atividades foram elaboradas de modo que possibilitem o entrosamento entre os alunos e o contato com o texto literário de forma lúdica.

6 – Referências

BOCHECO, Eloí E. **Batata cozida, mingau de cará**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

7 – Anexos

Anexo 1 - Poema utilizado para a declamação realizada pelos estagiários

UM JOGO

- Que porta é esta?
- É a do fim do mundo.
- E quem está no começo?
- Um gigante sem queixo.
- Quem está no meio?
- A mulher do espelho.
- Quem chegou agora?
- Quem estava fora.
- Quem vem do lado esquerdo?
- Não posso contar que é segredo.
- Quem está atrás da neblina?
- É uma coisa que não cabe nesta rima.
- Que carruagem é aquela?
- É a da Bela e a Fera.
- Que fumaça é essa?
- É da tua pressa.
- Como se volta do fim do mundo?
- Pelo buraco fundo.

- E se o buraco não chegar?
- Tenho cavalo alado para me buscar!

Anexo 2 - Estrofes incompletas utilizadas para atividade de escrita.

Você diz que sabe sabe
Passarinho sabe mais	
Passarinho sabe a falta	Todo cravo tem perfume
.....	Toda roseira tem graça
	Nem todo amor perdura

Pus-me a contar grão de areia	
com a ponta do meu dedal	Com a ponta da minha agulha
Comecei de madrugada	Com o fundo do meu dedal
.....	Costuro as pontas da vida

De manhã penso em você	
De tarde penso também	No redemoinho tem saci
De noite fico a pensar	Na mangueira tem bem-te-vi
.....	Atrás do morro tem ingá

Se eu soubesse bordar na água	
como bordo no algodão	Na curva da estrada
Bordava um barquinho a vela	tem um dia trás do outro
.....	Na quebrada da ladeira

Eu não tenho eira nem beira	
Nem sequer algum parente	Na ladeira tem
Sou filho de uma colina	Já mandei buscar
.....	cesto de bordado

A menina da janela	Pisei na onda
é uma flor de macieira	A onda virou
Quando anda se requebra	Estrela do mar

.....
 Senhora dona da casa,
 abra a porta com finura
 O sereno tá caindo

.....
 As moças desta casa
 não querem acordar
 Nem ouvem a viola

.....
 Vem cá, essa menina,
 quero ler o teu destino:
 você vai morrer de velha

.....
 As fitas do teu chapéu
 são fitas muito fiteiras
 Não são verdes nem azuis

.....
 Senhora dona da casa,
 traga licor de groselha,
 bolinhos de bânção

.....
 Vamos dar a despedida
 como deu a saracura
 Uma perna na janela

.....
 Eu pisei na ponte
 A ponte tremeu
 A água tava turva

.....
 Águas frias lavem bem
 as nódoas deste vestido
 E lavem do meu destino

.....
 Mandei fazer a goma
 da farinha do cará
 pra engomar babado branco

.....
 Vamos à campina,
 elfos gentis,
 colher a flor peregrina,

.....
 São João prometeu
 me dar uma morada
 Entre lírios, açucenas

.....
 Eu quero fazer meu ninho
 na pedra do teu colar
 No meio da madrugada

.....
 Cravo e canela
 Vento de manjeriço
 Lua prateada

.....
 Sereno de veludo
 Sereno não quer cair
 Sereno da madrugada

.....

5.3.9.2 Aula 2: Segundo encontro

1 – Dados de identificação

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza, Myriam Pereira Botelho Ramos

Estagiários: Alunos da turma 09426A que estão cursando a disciplina MEN7001-

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental e médio

Ano escolar: Alunos de todos os anos que desejam participar do projeto

Turma: Todas as turmas interessadas

Data: 06/11/2005 (6ª feira)

Carga horária: 5 aulas de 40 minutos

Horário: 18h45min às 22h00min

Supervisoras: Isabel Monguilhott; Eliane Debus

Tema: Conhecer, ler e fazer poesia

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Desenvolver com os alunos a dramatização de poemas de Eloí Bochecho e auxiliá-los na preparação de uma entrevista com a autora a realizar-se no dia de sua visita ao colégio.

2.2 – Objetivos específicos

- Fomentar o trabalho com a expressão oral e corporal por meio do processo de dramatização de poemas.
- Oportunizar e mediar ensaios das dramatizações possibilitando o experimento da tradição oral que a obra *Batata cozida, mingau de cará* apresenta em seus poemas.
- Possibilitar a construção de uma lista de perguntas a serem respondidas por Eloí Bochecho no dia da visita ao colégio instigando a curiosidade dos alunos sobre a vida e a obra da autora.

2.3 – Conhecimentos abordados: Leitura de poemas para fruição e compreensão; prática da tradição oral por meio da declamação de poemas; expressão oral e entonação; expressão

corporal por meio de gestos, olhares e movimentos; e elaboração de perguntas com sentido real de comunicação.

3 – Metodologia:

- Lembrar o que foi feito no encontro anterior e explicar aos alunos que a proposta para esse encontro é a preparação de poemas dramatizados por grupos para apresentação ao público no dia da visita de Eloí Bocheco ao colégio. Para exemplificar como é a dramatização de um poema, os estagiários retomarão o poema “Um Jogo” de Eloí Bocheco, presente na obra *Batata cozida, mingau de cará*, dramatizado oralmente pelos estagiários no encontro anterior. Desta forma, os alunos ficarão cientes do que se espera dessa dramatização.
- Solicitar que os alunos dividam-se em dois ou três grupos de cinco ou seis integrantes, dependendo da quantidade de alunos envolvidos no encontro, e disponibilizar quatro poemas dialogados presentes na obra em foco a fim de que eles escolham quais desejam dramatizar.
- Disponibilizar tempo para leitura e familiarização do poema, em seguida, começar a atividade de dramatização. Os estagiários estarão constantemente auxiliando os grupos, poderão, inclusive, participar das atividades de dramatização desenvolvendo algum papel na apresentação dos alunos.
- Enfocar que a dramatização é um processo de encenação de poesia, portanto, exige a interpretação dos alunos como se fossem personagens. Isso exige certa entonação, expressão oral e expressão corporal, bem como consciência de que o que se está fazendo é uma atividade artística e seu objetivo é ser lúdica, porém, é necessário o comprometimento do aluno para que tudo ocorra da melhor maneira possível e a apresentação seja agradável tanto para quem está dramatizando quanto para o público que estiver apreciando o evento da visita de Eloí Bocheco ao colégio.
- Socializar as dramatizações produzidas por cada grupo com mediação e participação dos estagiários. Desta forma, cada grupo apresenta-se para toda a turma a encenação do poema que preparou.
- Dar início a preparação das perguntas a serem respondidas pela autora, fomentando a curiosidade dos alunos por meio de questionamentos como: “O que vocês gostariam de saber sobre Eloí?”, “Gostariam de perguntar algo sobre o livro que trabalhamos durante esses dois encontros?”, “Sobre algum poema específico? E

sobre outros livros da autora?”, “Eloí já ganhou diversos prêmios com suas obras. Gostariam de saber mais sobre sua trajetória como escritora?”, “E sobre sua vida pessoal?” e “Seria muito interessante saber no que ou em quem ela se inspirou para escrever os lindos poemas que conhecemos nesses dois encontros, não é mesmo?”.

- Sistematização de uma lista de perguntas feitas para Eloí Bocheco, um tipo de entrevista por meio da qual o público poderá conhecer melhor a escritora.
- Estabelecer acordos com os alunos enfocando a importância de todos no dia da visita da autora. É muito importante que os autores dos pequenos poemas da instalação compareçam e vejam suas produções expostas ao público, bem como é fundamental que os responsáveis pela dramatização do poema estejam presentes na visita da autora. Com a colaboração de todos teremos uma noite muito significativa, com apresentações, exposições e a ilustre visita da autora da obra que inspirou esse Projeto Extraclasse.

4 – Recursos necessários:

- Quadro negro, giz e
- Cartões com poemas dialogados presentes na obra *Batata cozida, mingau de cará*.

5 – Avaliação

Nesse encontro será avaliado o interesse do aluno e seu empenho para participar das atividades propostas. As contribuições orais serão levadas em consideração, bem como o processo de leitura dramatizada e encenada.

A avaliação foi pensada de forma a não menosprezar os alunos que, por algum motivo, não se saíam tão bem nas atividades. Essas atividades foram pensadas de modo que possibilitem o entrosamento entre os alunos e o contato com o texto literário de forma lúdica.

6 – Referências

BOCHECO, Eloí E. **Batata cozida, mingau de cará**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

7 – Anexos

ANEXO 1 - Poemas dialogados que serão utilizados para a atividade de dramatização.

Que fazes?

- Minha vela de sete dias, que fazes no corredor?
- Tô esperando o santo que vem no andor.

- Minha bacia de louça, que fazes no rebolo?
- Tô esperando o trigo que tá no monjolo.

- Minha sombrinha encarnada, que fazes no horizonte?
- Tô esperando a chuva cair na ponte.

- Meu jarro esmaltado, que fazes no armário?
- Tô esperando o dia do teu aniversário.

- Minha peneira de taquara, que fazes no lajeado?
- Tô esperando Maria pescar dourado.

O rato tá em casa?

- Não.
 - A que horas ele chega?
 - Às mesmas de ontem.
 - Que horas são?
 - Hora da onça beber água.
 - Que horas são?
 - Hora em que a porca torce o rabo.
 - Que horas são?
 - Hora da panela queimar o cabo.
 - Que horas são?
 - É hora da cobra fumar;
- uns pra cá, outros pra lá.
- Quem é que o rato vai pegar?

Ciganinha

- Ó, Ciganinha,
- O que estás fazendo?

– Botando babados
numa saia de renda
Vou me enfeitar
Vou me perfumar
Vou à festa namorar
Chegou um cavalheiro,
muitíssimo alinhado
Sentou-se ao meu lado
Me convidou pra dançar
Pisou-me na barra da saia
Foi-se a saia para o chão
– Seu desajeitado,
tenha mais educação
e deixe o salto no portão!

Quem vem lá?

– Ô de casa!

Não tem fogo nem brasa
nem o dono da casa?

– Ô de fora!

Entre, por favor,
sou cesteiro, ora pois!

– Quero um cesto e uma cesta.

– Vai fazer casamento dos dois?

– Não, senhor Cesteiro:
no cesto guardarei penas,
na cesta levarei flores pra morena

Quero também uma peneira

– Fina ou grossa?

– Tão fina que possa até
peneirar neblina

Ficarei, ainda com um balaio

– Grande ou pequeno?

– O maior que tiver
para aparar a sorte
quando ela vier.

5.3.9.3 Aula 3: Terceiro encontro

1 – Dados de identificação

Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professora Regente: Adriana Soares de Souza, Myriam Pereira Botelho Ramos

Estagiários: Alunos da turma 09426A que estão cursando a disciplina MEN7001-

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Fundamental e médio

Ano escolar: Alunos de todos os anos que desejam participar do projeto

Turma: Todas as turmas interessadas

Data: 18/11/2005 (4ª feira)

Carga horária: 5 aulas de 40 minutos

Horário: 18h45min às 22h20min

Supervisoras: Isabel Monguilhott; Eliane Debus

Tema: Entrevistando a autora Eloí Bocheco

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Promover o encontro com a autora Eloí Bocheco, a dramatização dos poemas escolhidos, a entrevista com a autora e a exposição da instalação dos poemas ressignificados.

2.2 – Objetivos específicos

- Proporcionar momento de encontro com a autora do livro *Batata cozida, mingau de cará* (Eloí Bocheco) e com isso aguçar o interesse dos alunos pela leitura e pela autoria.
- Concretizar a dramatização dos poemas escolhidos.
- Mediar a realização da entrevista com as perguntas feitas pelos alunos.
- Promover a exposição da instalação dos poemas criados pelos alunos.

2.3 – Conhecimentos abordados: Prática da tradição oral por meio da dramatização de poemas; expressão oral e entonação; expressão corporal por meio de gestos, olhares e

movimentos; prática oral do gênero entrevista em situação real de comunicação; entendimento do sujeito aluno como leitor e produtor de texto literário; e integração entre os sujeitos escolares e da comunidade escolar dos entornos do Colégio.

3 – Metodologia:

- Apresentar a autora Eloí Bocheço aos alunos, enfatizando a importância de se ter contato com a criadora da obra trabalhada nos dois encontros anteriores. Isso permite aos alunos sentirem-se agentes transformadores ativos na esfera da cultura e da criação literária.
- Convidar Eloí Bocheço para apreciar os materiais produzidos pelos alunos no formato de instalação que estará exposta no espaço escolar. Este é o momento dos alunos também conhecerem as criações uns dos outros e principalmente conhecer o posicionamento da autora da obra diante da ressignificação dos seus versos e sua transposição para objetos.
- Mediar a apresentação das dramatizações orais dos poemas preparadas no encontro anterior. Desta forma, cada grupo apresenta um poema dialogado da obra. Os estagiários também apresentam a dramatização do poema “Um Jogo”, já apresentada no primeiro encontro do projeto.
- Abrir espaço para a fala da autora a respeito das dramatizações e da instalação exposta.
- Iniciar a entrevista com a autora. Essa entrevista está ancorada nas perguntas elaboradas pelos alunos com mediação dos estagiários no encontro anterior. Os alunos farão perguntas relacionadas à obra *Batata cozida, mingau de cará*, à trajetória da autora, suas inspirações, e demais questões pertinentes que seja da curiosidade dos alunos e dos estagiários. Mesmo que as questões sejam previamente sistematizadas, podem surgir questões e curiosidades no momento da entrevista, conforme a fluidez da conversa com a autora. Cabe aos estagiários mediar a conversa sem “podar” os alunos e suas curiosidades, desde que suas questões sejam relevantes.
- Para finalizar e fomentar ainda mais a aproximação com a autora, haverá um momento de confraternização com um café compartilhado oferecido pelos estagiários em parceria com as professoras orientadoras.

4 – Recursos necessários:

- *Datashow* para exibição de fotos do andamento do projeto;
- Instalação montada com os objetos contendo versos recriados pelos alunos;
- Espaço para exposição da instalação, apresentação da dramatização e conversa com a autora Eloí Bocheco e
- Espaço para o café compartilhado oferecido pelos estagiários.

5 – Avaliação

Leva-se em consideração a participação e o envolvimento nas atividades expostas nesse dia, a saber, dramatização, exposição da instalação e conversa com a autora; e a colaboração de todos os envolvidos no projeto para o bom andamento das atividades realizadas neste encontro.

6 – Referências

BOCHECO, Eloí E. **Batata cozida, mingau de cará**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

7 – Anexos

Sem anexos.

6 Relato dos encontros extraclasse

Primeiro encontro, 23 de out. (das 18h45min às 22h)

Estagiários responsáveis: Alunos da turma 09426A da disciplina Estágio Supervisionado no Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas (MEN7001)

Este encontro iniciou-se com a dramatização do poema “Um Jogo” de Eloi Bocheco realizada pelos estagiários. Foi o momento de chamar a atenção dos alunos para o início das aulas e do projeto de uma forma diferenciada, permitindo que os alunos entendessem que o projeto extraclasse oferece uma experiência diferenciada da disponibilizada pelo cotidiano escolar. Desta forma, fugindo de certas formalidades e normatividades do gênero “aula”, os estagiários entraram na sala de aula declamando o poema. Os alunos mostraram-se surpresos e interessados no que estava por vir, e aproveitando a deixa da dramatização, os estagiários se apresentaram introduzindo o projeto extraclasse.

Em seguida, foi exibida uma apresentação de slides (ANEXO XXIV, p. 279), contendo um breve resumo da vida da autora, suas premiações e as características de seu livro *Batata cozida, mingau de cará*, escolhido para ser trabalhado com os alunos nesse projeto. Os estagiários explicaram a importância de trabalhar a poesia de tradição oral que resgata a cultura das cantigas e dizeres populares, os quais fazem parte da história da vida da maioria das pessoas. Além disso, as poesias saem do padrão de “complexidade” que ronda o gênero e carrega em seus versos a simplicidade da cultura oral. Os alunos mostraram-se interessados e participativos, estavam curiosos e perguntavam o que mais viria a acontecer no decorrer do projeto.

Após a apresentação da autora e da obra, os estagiários explicaram aos alunos, conforme consta no plano de aula, o que seria proposto em cada encontro, bem como as atividades que seriam realizadas. Dito isso, os alunos ficaram cientes de que o primeiro encontro seria dedicado à construção de uma instalação; o segundo serviria para a preparação e dramatização de poemas dialogados presentes na obra de Bocheco; e o terceiro encontro consistiria no contato com a autora por meio do qual os alunos apresentariam tudo o que foi produzido e dirigiriam a ela suas dúvidas e questionamentos sobre a obra, profissão e vida pessoal por meio de uma entrevista com perguntas elaboradas por eles.

Com o objetivo de familiarizar os alunos com a obra *Batata cozida, mingau de cará*, foi oferecida aos alunos uma cesta de poemas (Figura 41). Dessa cesta, cada aluno retirava um poema e o declamava para a turma. Com essa prática, instigava-se no aluno o contato com a experiência poética e a prática da leitura e da escuta de poesias. Os alunos participaram ativamente dessa atividade, tanto na leitura, esforçando-se para serem bem compreendidos, como na escuta, prestando atenção e fazendo silêncio durante a leitura realizada pelos colegas.

A atividade proposta após a leitura e familiarização dos poemas foi a produção de uma instalação na qual os alunos, a partir de versos dos poemas da obra *Batata cozida, mingau de cará*, ressignificariam esses poemas transpondo-os para objetos. Diversos objetos foram disponibilizados pelos estagiários: madeiras, plásticos, tecidos e tintas para que os alunos ousassem e utilizassem a imaginação para reinventar os versos de Bochecho.

A estrofe que deveria estar escrita no objeto era escolhida pelos alunos. Os estagiários disponibilizaram diversos versos de estrofes de poemas em cartões para que os alunos escolhessem. Desta forma, os cartões continham uma estrofe com três versos, o último verso foi retirado e no lugar dele os alunos deveriam colocar outro verso de criação própria, ressignificando a estrofe do poema. A partir da criação que completava a estrofe, os alunos deveriam escrever essa estrofe no objeto escolhido e caracterizá-lo da forma que desejassem, relacionando o objeto com o sentido do texto e possibilitando uma leitura diferenciada, que visualiza a criação artística como um todo e a interpreta para além da palavra escrita.

No início da atividade, os alunos ficaram um tanto receosos, pareciam estar inseguros e perdidos, não sabiam exatamente o que deviam fazer, nem por onde começar. Com o auxílio dos estagiários, foram expressando suas ideias, buscando os objetos e expondo seu pensamento. Conforme foram ganhando confiança e entendendo que tinham autonomia para proceder da forma que desejassem, iniciaram o trabalho de produção dos objetos.

Os estagiários auxiliaram os alunos na escolha de objetos, mostrando a variedade de coisas que poderiam ser utilizadas por eles, opinando diante do andamento do trabalho e motivando-os a darem o melhor de si nas produções que seriam expostas no último encontro do projeto extraclasse, quando a autora Eloí Bochecho viria ao colégio apreciar a instalação produzida por eles.

Por volta das 20hs, os alunos foram convidados a irem até a sala ao lado para um café compartilhado. O lanche acompanhado de café, chá, suco e refrigerante foi oferecido pelos estagiários devido ao fato de não haver merenda disponibilizada pelo Colégio às sextas-feiras. Desta forma, além de alimentar os alunos, os estagiários tiveram um tempo maior para socialização e descontração com os alunos, o que enriqueceu a relação entre professor e aluno.

Ao retomarem a facção da instalação, os alunos finalizaram seus objetos e os estagiários mediaram uma apresentação na qual cada aluno expunha seu objeto e lia a estrofe completada com seu verso de criação própria. Foram tiradas fotos dos alunos com seus objetos, eles estavam muito orgulhosos de suas produções e se dispuseram a apresentar sem nenhum tipo de constrangimento, muito pelo contrário, estavam felizes e satisfeitos em verem seus trabalhos sendo valorizados e preparados para uma exposição de maior visibilidade e importância dentro do espaço escolar (Figura 42, Figura 43, Figura 44 e Figura 45).

Segundo encontro, 06 de nov. (das 18h45min às 22h)

Estagiários responsáveis: Alunos da turma 09426A da disciplina Estágio Supervisionado no Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas I (MEN7001)

Duração: Das 18:45 às 22:00 horas.

Este encontro iniciou-se com a retomada das informações passadas no encontro anterior acerca da temática que envolve o projeto extraclasse, bem como aspectos da autora e principais obras, síntese biográfica, principais prêmios que recebeu, o lugar que ela ocupa na literatura brasileira, mas, sobretudo, enfatizou-se a abordagem do livro *Batata cozida, mingau de cará*. A recapitulação desses aspectos foi fundamental para situar o aluno que participou do primeiro encontro, visto que este encontro aconteceu quinze dias após o primeiro, o que provavelmente pode ter levado ao esquecimento de algumas informações. Além disso, os alunos que não estiveram presentes no primeiro encontro puderam se interar nas questões ligadas ao projeto.

Os alunos, diante da retomada, mostraram-se esquecidos acerca das informações sobre a autora e seu livro. Apenas um aluno lembrou o sobrenome da autora e poucos arriscaram lembrar o nome do livro do qual saíram as poesias com as quais eles trabalharam anteriormente.

Após esse período introdutório, foi passado o cronograma deste encontro, que previa a dramatização dos poemas selecionados do livro *Batata cozida, mingau de cará*, estes poemas foram selecionados à parte daqueles poemas que foram utilizados para a facção das instalações no encontro anterior. Esta seleção deu-se pelo motivo de que alguns poemas traziam diálogos, o que é fundamental para a realização das dramatizações em grupo.

Diante disso, após breve explicação de como aconteceriam as dramatizações, foram entregues aos alunos os poemas para que eles pudessem fazer a divisão das falas e iniciar os ensaios, já que a apresentação estava prevista para imediatamente após os ensaios (ANEXO XXV, p. 285). Os alunos, assim que concluída a distribuição dos poemas, pareceram perdidos. Portanto, em uma conversa com os estagiários, foi decidido que haveria uma nova apresentação do poema “Um jogo”, dramatizado no início do primeiro encontro.

Dada a dramatização do poema pelos estagiários, ficou mais clara qual era a proposta. Entendida essa parte, começaram a divisão das falas. Esse período foi de bastante alvoroço, pois os alunos estavam muito empenhados em fazer a dramatização. Contudo, não sabiam como dividir as falas pelas quais cada um ficaria responsável. Nesse momento todos os estagiários e as professoras orientadoras estavam envolvidos para auxiliar os alunos, dando dicas de como entoar a voz para que a audição da apresentação, a resolução das divisões de falas e as ideias de performances fossem as melhores possíveis. Os ensaios foram acontecendo, dado o tempo suficiente para a preparação das apresentações elas foram iniciadas (Figura 46, Figura 47, e Figura 48).

As apresentações tiveram início e cada grupo foi apresentando sua dramatização. As atuações foram surpreendentes e evidenciaram o empenho por parte dos alunos na realização desta atividade. Muitos só leram as partes que lhe cabiam, mas outros envolveram-se mais com o texto e mesclaram falas com expressões faciais, com gestos corporais que adicionavam um teor mais intenso às dramatizações, e envolviam não só os estagiários mas toda a turma. Todos os alunos participaram ativamente das dramatizações, o que possibilitou apresentações leves e divertidas. Todos se divertiram de alguma forma – alunos, estagiários e professoras.

Os diálogos dos poemas de Eloí Bocheco também contribuíram para tornar a dramatização mais tranquila, pois seus escritos são pautados na oralidade literária, o que possibilitou construções sintáticas mais simples, ou seja, mais fáceis de se dramatizar e

mais harmoniosa com a musicalidade que a cada verso possuía. Além disso, os poemas também traziam releituras de cantigas antigas, algo que está no imaginário popular e, de alguma forma, é rememorado durante as apresentações. As identificações e as memórias que retornam trazem ainda mais veracidade às apresentações que finalizam com muitas palmas.

A pausa, após as dramatizações, aconteceu por volta das 20h e contou com um café compartilhado. Neste café que havia bolos, pizza, bolachas, pães, cafés, refrigerantes e sucos, e foi elaborado pelos estagiários pois a escola não disponibiliza merenda às sextas-feiras, dia em que estes alunos da EJA não têm aula. O café estava organizado na sala ao lado e foi apreciado pelos alunos. O momento de alimentação e pausa proporcionou conversas mais descontraídas entre os estagiários e alunos. Assuntos que não estão diretamente ligados ao projeto foram abordados, o que implicou maior proximidade entre os alunos e os estagiários.

Com o fim da pausa, deu-se seguimento ao cronograma que previa a elaboração de perguntas à autora. As perguntas serão usadas no terceiro e último encontro que contará com a presença da autora. Cada grupo começou a elaborar as perguntas em uma folha. Os estagiários e as professoras auxiliaram os alunos durante toda a elaboração. Dado o tempo necessário para a elaboração das perguntas, iniciaram-se as apresentações das perguntas para a turma e concomitantemente a triagem das perguntas. Cada aluno deveria ficar com uma pergunta que seria digitada pelos estagiários e trazida no dia em que a autora visitaria a escola. Alguns grupos produziram mais perguntas do que o número de membros. As perguntas que sobraram eram doadas aos grupos que tiveram pouca produção ou produziram perguntas semelhantes às dos colegas. Ao final do período de apresentação e avaliação das perguntas, cada aluno pôde escolher qual pergunta queria fazer e em seguida deveria entregar a folha com estas indicações aos estagiários.

O encontro termina com a entrega das perguntas aos estagiários e a lembrança de que a vinda da autora será daqui a quinze dias. Neste encontro serão apresentadas as instalações, as dramatizações e também a seção de perguntas à autora. O final do encontro foi descontraído e leve, pois os estagiários mostraram aos alunos uma proposta de musicalização de um dos poemas do livro, “Marinheiro”. Foi visível a alegria dos alunos e o entusiasmo pela experiência vivida nesta sexta-feira. Os estagiários estavam tranquilos, por tudo ter ocorrido bem e também surpresos com a entrega por parte de alguns alunos às

atividades, desempenhando de forma surpreendente as dramatizações. Isto aumenta a confiança no método e no processo de docência.

Terceiro encontro, 18 de nov. (das 18h45min às 22h)

Estagiários responsáveis: Alunos da turma 09426A da disciplina Estágio Supervisionado no Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas (MEN7001)

No dia anterior ao projeto extraclasse, os estagiários tiveram uma notícia ruim e inesperada por parte da profa. Eliane, quem ficou responsável pela chamada e pela vinda da autora neste encontro. Soube-se que a autora teve um descolamento de retina, o que lhe impossibilitaria vir ao colégio por não estar hábil a dirigir com os olhos nestas condições, tampouco se expor à luz. Assim, visto que a vinda dela não seria mais possível, teve-se que se pensar em outra estratégia para que este último encontro cumprisse os objetivos planejados. Decidiu-se, então, filmar os alunos como se estivessem apresentando tudo o que produziram à autora. Em seguida, o material seria editado e enviado a ela, a qual nos enviaria, também em vídeo, um parecer sobre o projeto em si e as respostas às perguntas que os alunos fizeram.

A sala disponível, depois de alguns tumultos com a administração do colégio, que havia reservado o auditório aos estagiários e no dia ele estava sendo ocupado para a organização da votação para a direção do colégio que aconteceria no dia seguinte, foi a sala de vídeo. Quando os alunos que participaram dos encontros chegaram à sala, a profa. Eliane explicou tristemente que a autora não pôde vir, e que o nosso planejamento, conseqüentemente, precisou ser alterado. Explicou-se aos alunos a organização das atividades daquele dia, que consistiam na filmagem: da música dramatizada por alguns estagiários e da apresentação do grupo de capoeira com a música popular “Marinheiro” e outras músicas; da apresentação das dramatizações ensaiadas pelos alunos no encontro anterior; da apresentação da instalação e em seguida dos objetos de cada um; e das perguntas à autora. Eles se demonstraram um pouco descrentes, principalmente com a notícia da ausência da autora e por saber que seriam filmados, mas logo se acostumaram com a ideia.

Filmou-se a música dramatizada pelos estagiários e o grupo de capoeira que entrou na música e divertiu o pessoal – grupo do qual um dos alunos participa e solicitou aos estagiários fazer a apresentação no dia. Assim, os alunos, estagiários e as professoras da

disciplina entraram na roda e jogaram um pouco de capoeira. A capoeirista falou sobre o dia da consciência negra e fez o convite a todos para participarem da mostra municipal que envolvia este tema.

Ao fim desse primeiro momento, os alunos começaram com as dramatizações (ANEXO XXVI, p. 287). Como alguns alunos faltaram neste dia, tiveram que ser substituídos por outros, o que atrapalhou na boa articulação das dramatizações, pois muitos tiveram que consultar o poema e ler o trecho na hora, o que fazia com que se gaguejasse com mais facilidade. Sempre que um grupo terminava, os demais aplaudiam a performance.

Em seguida, iniciou-se a etapa de apresentação dos objetos que compunham as instalações. Cada aluno pegou seu objeto na mesa (Figura 52) e esperou a sua vez para ser filmado. Enquanto os alunos eram filmados, alguns demonstraram-se muito tímidos perante a câmera. Um deles se recusou a apresentar o material e não permitiu que outra pessoa o apresentasse. Assim, um por um foi filmado recitando o poema cujo conteúdo foi utilizado para compor o objeto, o qual foi exposto à câmera.

A última etapa do encontro se deu com a filmagem das perguntas direcionadas à autora. Os estagiários entregaram um pequeno papel numerado para cada aluno, contendo sua respectiva pergunta. Assim, estabeleceu-se que o primeiro levantaria e faria a pergunta em voz alta, logo depois o segundo, e assim consecutivamente. Quando a filmagem se iniciou, alguns deles falaram baixo, mas o resultado foi satisfatório.

Ao fim, os estagiários passaram uma lista pedindo o contato dos alunos (*e-mail* ou *facebook*), por meio do qual eles poderiam receber o vídeo editado e a resposta da autora. O vídeo editado foi enviado à autora, que já deu um *feedback*.

Para finalizar e se despedir dos alunos, as professoras responsáveis pela disciplina do estágio e os estagiários falaram sobre suas impressões e agradeceram aos alunos pela colaboração e participação. Frisaram que sem eles o estágio, e também todo o sistema de ensino do colégio, não acontece. Os alunos se demonstraram satisfeitos e felizes com o encontro, o que possibilitou um clima agradável e amigável com os participantes.

7 A docência (ensaios)

A dimensão ética da educação: do singular ao universal

Thalisson Erick de Almeida Machado

A escritura aqui tecida aborda as experiências de um aluno do curso de Letras – eu –, durante sua trajetória na graduação com ênfase nos aspectos de maior relevância para mim e que me conduziram até o momento presente do estágio de docência. Além disso, conta a vivência do estágio, seus desdobramentos, levantando questões éticas a respeito do professor em seu exercício profissional.

Me lembro claramente das vezes em que minha mãe me pressionou para que eu prestasse o vestibular. Naquela época, só ela acreditava, de fato, na minha capacidade. Eu, por outro lado, nem imaginava que seria possível passar no vestibular de uma universidade federal. Vindo de Imbituba, uma cidade ao sul de Santa Catarina, e considerada interiorana, a ideia de cursar o Ensino Superior era quase utópica, pois conhecia as condições de ensino que se tinha na cidade.

Eu, a contragosto e desesperançado, me inscrevi para prestar o vestibular da UFSC. Como nessa época eu já trabalhava, tive que escolher dentre os cursos oferecidos no período noturno. Nada, na época, me interessava, mas entre as opções, Letras me parecia a escolha mais apropriada. Eu gostava de ler, já tinha preferência por alguns autores e obras, logo, pensei que não seria tão difícil, mas ser professor era algo fora de cogitação.

Ser professor significava, antes de tudo, ter um péssimo salário, ter que levar trabalho para casa para poder dar conta de todas as turmas, além de ter que lidar com a indisciplina discente que parecia aumentar a cada ano que se passava. Além disso, a lembrança dos tempos de escola e dos professores não eram as mais felizes. Os professores de português que tive mesclavam o ensino de gramática tradicional com ensino de escolas literárias, solicitando que os alunos fizessem resenhas dos livros definidos por eles de acordo com a escola literária que estudávamos. Tudo, nessa época, era muito enfadonho e sem propósito. O conhecimento sobre obras literárias era fruto de pesquisa paralela que eu fazia no contra turno da escola. O panorama não era muito amigável, mas mesmo assim escolhi o curso de letras para prestar o vestibular.

O resultado positivo foi uma grande surpresa para minha mãe, mas, sobretudo, para mim. Foi inacreditável ser aprovado diante das condições antecedentes. A ideia, a partir da

notícia da aprovação, era de frequentar o curso e adquirir conhecimento. E achei que no curso de Letras os professores iam aprofundar os conhecimentos em literatura, que era o que mais me interessava, e iam trabalhar gramática para que os alunos aprendessem a ler, escrever e falar corretamente a língua pátria. Trabalhar, porém, profissionalmente na área, era algo totalmente rejeitado por mim.

Isto, sem dúvidas, é mais um dos equívocos míticos que envolvem o curso de Letras, sobretudo, mais contemporaneamente falando. Ao chegar na universidade, me deparei com um currículo completamente diferente daquilo que eu imaginei. A vida acadêmica se mostrou pobre de literatura e ainda mais pobre de gramática no sentido normativo, tradicional. Foi na universidade que aprendi que existem outras formas de aprender gramática na escola que não aquela que vivi – aprendizado contextual, texto em sua dimensão de produção, análise linguística de textos próprios e processo de reescrita.

Durante todo o percurso acadêmico, li mais textos do que em toda a vida escolar anterior, mas não eram textos literários como eu imaginei que seria. Na maioria das vezes, eram textos teóricos: textos de teoria literária mas também teorias de ensino e aprendizagem, teorias de linguagem, teorias que envolvem os eixos da linguística – semântica, sintaxe, fonética/fonologia e morfologia. Essas teorias possibilitaram um contato mais próximo com o conhecimento científico.

O primeiro semestre foi o mais difícil de lidar por dois fatores. Na universidade quando os professores faziam a apresentação da turma, a grande maioria dos alunos dizia que sempre amou letras e que queria muito ser professor. Eu, por outro lado, que tinha caído de paraquedas, não amava o curso, até porque nem o conhecia ainda. Além disso e o mais grave dentro de uma sala cuja maioria queria ser professor, eu não queria. Todos me olhavam e perguntavam, mas como? O que você está fazendo aqui então? Na verdade nem eu sabia.

Fora da universidade, a estranheza ficava por conta de outra característica. Entre os amigos e conhecidos que souberam que eu passei no vestibular, muitos deles me cumprimentaram pessoalmente ou pelas redes sociais. Quando o assunto se estendia e contava que cursava Letras, todos torciam o nariz. O discurso é aquele que ainda se encontra muito forte na sociedade, de que não vale a pena ser professor, que o salário é miserável e ainda tem que lidar com a rebeldia de muitos alunos. Todo esse discurso eu já conhecia e, às vezes, até concordava com algumas coisas ditas.

Contudo, com o passar dos semestres, minha sensação de intrusão foi cessando. Minhas leituras acerca de temas da educação e os debates dentro de sala de aula foram lançando luz a ideias antes inimagináveis. Quando me deparei com o real valor da educação, não tive outro pensamento senão ser professor. Fazer parte da história de outra pessoa da forma com que o professor pode fazer é incrível. Além disso, a educação tem poderes transformadores, embora não se possa ter garantias, está nela as maiores possibilidades de sucesso pensadas até agora.

O contato com esses conhecimentos aliados à decisão de ser professor implica responsabilidades e consequentemente decisões e atitudes coerentes com sua posição. Toda a história contada aqui anteriormente faz parte do processo de construção de uma consciência crítica que hoje faz parte de mim. As leituras, as discussões, as reflexões, o ambiente estava encharcado de posições, de ideias, e de ideologias. A minha imersão neste mundo transformou lentamente o interdiscurso em intradiscurso. A dimensão crítica trabalhada ao longo do curso prepara o aluno para enfrentar a cada momento o bombardeio de informações que lhe são apresentados a cada aula. Esta ferramenta é um dos mais valiosos legados que a graduação deixa. Ela possibilita uma melhor compreensão de fatos e uma análise mais distanciada do objeto. Portanto, não se trata de simples reprodução daquilo que li e ouvi na academia, trata-se dos conhecimentos que passam pelo meu aval crítico ou não e que não devem perecer na academia, ele deve ser levado à escola e mantido perene.

Durante o tempo de docência em que estive envolvido, pensei muito sobre o caráter ético que envolve a profissão do docente. Existem vários aspectos que podem contribuir para o desvio ético dos professores. Houve, da minha parte, grande inquietação por situações vividas dentro de sala de aula e questões hipotéticas imaginadas em um futuro próximo quando eu realmente estiver em exercício.

Ao escolher ser professor, não é dada nenhuma garantia de sucesso, altas remunerações, muito menos gratidão por parte dos alunos. Alguém que escolhe esta profissão tem a ciência de que o caminho geralmente não é fácil, sobretudo, no setor público da Educação Básica. As dificuldades – salariais, estruturais, comportamentais, políticas – são imensas, mas esta não pode ser a justificativa para a omissão do professor.

A dimensão ética, parte do título deste ensaio, está relacionada à responsabilidade que cada professor tem sobre aquilo que oferece ao seu aluno. Cabe ao professor selecionar

os conteúdos de acordo com cada turma bem como analisar quais são as possíveis reverberações que tais ações podem causar.

A experiência como professor colocou minha capacidade de seleção em teste. Elevou também os níveis de responsabilidade. A vontade era de trazer o máximo de assunto possível. Contudo, percebi que a quantidade não é tão relevante quanto a qualidade nos temas abordados e que as recapitulações são constantes, pois a sedimentação é lenta e gradual.

Tive alegrias e angústias. Das angústias, a mais forte é uma sensação de impotência em relação a alguns alunos que pouco produziram. Nesse sentido, todas as medidas cabíveis foram tomadas para tentar envolver o aluno buscando empatia. Infelizmente, há situações que estão além do alcance do professor. Tentei não ficar frustrado por isso e dediquei minhas aulas a todos os alunos. Fiquei muito feliz em ver superações, mudanças, interação vívida. Àqueles alunos que se envolveram e que buscaram apoio foram auxiliados e fizeram da experiência docente algo muito gratificante e significativo.

A responsabilidade e o não álibi fazem do professor elemento fundamental dentro das esferas sociais educativas. A escola é lugar de interatividade por excelência, contudo, cabe a diversas instâncias proporcionar condições para que tal ocorra. A responsabilidade é comum à cada grau – político, administrativo e social – geralmente guiada por uma moral que é tipicamente singular, mas que se universaliza no contato com a alteridade. É entre o singular e o universal que deve caminhar as propostas do professor. Construir essa ponte não é tarefa fácil, mas extremamente importante para a educação, pois tece elos, às vezes esquecidos, entre o passado e o presente social, histórico e cultural.

Discursos que ecoam:

inquietações da experiência em sala de aula

*Eu diria que há sujeitos na linguagem,
e eles não tem sempre a mesma cara.
(Sírio Possenti)*

Samara Hinkel Corrêa

Durante todo o período da graduação imaginamos, idealizamos e nos preparamos para a prática docente. Inúmeras foram as reflexões teórico-metodológicas estudadas e discutidas em sala de aula. Essas bases foram e são de incontestável importância para subsidiar nossas ações como professores de Língua Portuguesa. No entanto, as inquietações que surgiram durante o envolvimento com os alunos no espaço escolar, em toda a sua peculiaridade, nos colocaram diante de muitos paradoxos. Isso fez com que repensássemos nossa prática em vários aspectos e até mesmo mudássemos algumas concepções sobre o ensino.

Mediar o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa é um desafio, principalmente porque embora estejamos ancorados em uma concepção interacionista e dialógica de língua/linguagem, ainda somos confrontados por certos normativismos e práticas estagnadas, que desprezam a língua em sua constante evolução. Essas concepções “homogêneas” de língua acabam cristalizando nos alunos as noções de “erro e acerto” e “feio e bonito” na língua em uso. Além disso, a maioria considera falar e escrever corretamente uma “obrigação” imposta pela disciplina, e apresentam dificuldades em perceber que estão constantemente envolvidos em práticas de letramento.

Bakhtin/Volochinov (2006) defendem a tese mediante a qual não pronunciamos ou ouvimos palavras, mas sim, pronunciamos e ouvimos verdades ou mentiras, coisas boas ou más, que nos agradam ou desagradam. Essas oposições são originadas por nossas apreciações valorativas, isto é, em qualquer processo que faça uso da escrita e da fala, estamos atribuindo valor positivo ou negativo sobre algum discurso.

Nisso, sentimos dificuldade em mostrar aos alunos que eles são sujeitos autônomos nos processos de criação em sala de aula, tanto quanto fora dela. Isto é, os alunos são muito

presos às solicitações do professor, querem que o professor lhes diga exatamente o que fazer.

Por um lado, procurávamos elaborar atividades que esperavam atitudes responsivas por parte deles, mas, sobretudo, deixando-os livres para opinar e refletir a partir de seus conhecimentos prévios. Por outro lado, éramos bombardeados por inúmeros questionamentos por parte dos alunos que insistiam em perguntar o que “exatamente” tinham que fazer ou responder nas atividades propostas. Nossos alunos eram notoriamente acostumados com aulas mecânicas, com exposições de conteúdos no quadro negro e cópias. Sentiram-se muito inseguros para ter poder, autonomia e espaço para exporem suas ideias.

Percebemos claramente que é muito difícil modificar práticas tradicionais e concepções do gênero *aula* que a enquadram como um momento em que o professor fala e o aluno “absorve” o conhecimento “transmitido”. Pensando nessa mudança difícil, porém extremamente necessária em nossas escolas, Bunzen (2006) afirma:

Para os alunos utilizarem a língua escrita de forma dialógica e situada, os professores teriam de criar situações, ou seja, um trabalho de língua materna voltada para o uso dos textos em gêneros específicos. Mais do que um trabalho baseado na imitação de modelos, poderíamos ajudar os alunos a “desconstruir” e a reconstruir tais modelos em função de uma prática escolar situada [...] (BUNZEN, 2006, p. 157).

Conforme se observa, é de extrema importância despertar nos alunos a consciência crítica a respeito do uso da língua, suas regras e sua sistematização. Porém, muitas vezes nos pareceu que os alunos preferem que digamos a eles quais as regras a serem seguidas, em detrimento de confrontarem suas práticas letradas com estas mesmas regras para ajudarem o professor no processo de desconstrução de certos padrões.

Partindo desse pressuposto, conseguimos entender que muitas vezes os alunos se apropriam do discurso de posicionamento do professor, e não da sua opinião diante dos temas tratados em sala de aula. E que isso não se dá apenas por meio de práticas docentes incisivas com as quais se deparam, mas pode ser resultado de insegurança por parte dos alunos que, por medo de errar ou por falta de busca por uma reflexão crítica, acabam considerando o que o professor diz como verdade incontestável. É uma árdua tarefa retirá-los de sua “zona de conforto”.

A concepção de texto/enunciado trabalhado na escola como texto puramente escolar também é difícil de desconstruir. Durante as aulas, percebíamos que os alunos tinham, inicialmente, certa resistência à leitura dos textos que trazíamos. Mesmo fazendo

uso de práticas de leitura e escrita no cotidiano, posicionavam-se com certa distância dos textos apresentados. Com o tempo, foram percebendo que os textos não são unidades abstratas, mas são instrumentos de comunicação que podem gerar diversas interpretações e debates, e isso fez com que eles se sentissem mais seguros em opinar e defender seu ponto de vista. Além disso, o trabalho com crônicas que tinham o próprio funcionamento da língua como tema instigou reflexões bastante produtivas, os alunos conseguiram entender que é possível “brincar” com a linguagem sem enxergá-la apenas como um amontoado de regras. Mais do que isso, conseguiram depreender a importância das regras, e de saber usá-las de acordo com a situação de comunicação em que se encontram.

Apesar de observarmos a progressão dos alunos por meio do acompanhamento na realização de todas as atividades, a dificuldade na escrita e na leitura interpretativa é algo bastante recorrente. Essa realidade só será modificada com exercícios de leitura, interpretação e escrita contínuos, com retorno e propostas de reescrita, algo que não é comum para eles. Diante desta constatação, entendemos que é nosso papel desconstruir certos diagnósticos da educação básica, como o que ressalta Antunes, (2003):

Com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, “deixa” a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta. Naturalmente, como tantos outros, vai ficar à margem do entendimento e das decisões de construção da sociedade. (ANTUNES, 2003, p. 20).

Conforme defende a autora, ratificamos a importância de se tecer um trabalho conjunto com os alunos, a partir do qual eles entendam que o trabalho em sala de aula visa capacitá-los para as vivências além dos muros escolares.

Por fim, admitimos que é bastante difícil fugir de práticas tidas como puramente escolares estando dentro da escola e atuando em sala de aula. Algumas atividades serão, de fato, avaliativas e escolares. Os conceitos e a sistematização da língua precisam ser trabalhados. No entanto, o que torna nossas ações educadoras significativas é forma como enxergamos o aluno e mediamos os conhecimentos oferecidos pela disciplina. Quanto mais os alunos se sentirem seres humanos importantes e agentes transformadores da sociedade, mais buscarão as capacidades linguísticas para se fazerem ouvir.

Impressões sobre a prática docente

Tiago Carturani

Eu gostaria muito de ter saído satisfeito do colégio, e até certa medida saí. Algo, porém, precisa ser dito a respeito da escola e das configurações que essa instituição vem ganhando nos dias de hoje. Por isso, a seguir listei alguns pontos que julguei importantes serem levantados em relação a tudo o que compõe um colégio para o seu bom funcionamento, pontos dos quais o CMMLM carece. Ao fim, depois de todas essas questões que me saltaram aos olhos, deixarei algumas impressões sobre a minha própria experiência enquanto docente, ou melhor, sobre minha primeira experiência.

O CMMLM

A organização

Se comparado aos demais colégios públicos da região, o CMMLM é, em nível estrutural, o melhor, pois tem uma multiplicidade de atividades escolares gratuitas e abertas aos alunos do ensino regular, e conta com salas e um espaço amplo para o desenvolvimento dos seus alunos. Em se tratando de administração geral, desconheço o funcionamento da escola nos períodos matutino e vespertino. Isso se dá pelo fato de não terem disponibilizado a nós o PPP da escola, e também porque não a visitamos em ambos os períodos mencionados. Assim, sou apto a discorrer somente sobre o funcionamento da EJA e do Ensino Médio regular do período noturno. Como o foco do estágio foi a EJA, é sobre ela que estas breves reflexões dizem respeito.

As impressões ao longo do período de estágio foi que a administração do colégio é diferente na EJA. A diferença é o descaso dos professores e da administração para com os alunos dessa modalidade, pois a única oportunidade que têm são as aulas, sem atividades extracurriculares, sem a disponibilização de espaço para conversas, sem supervisão do conteúdo que os professores estão passando, sem prestação de contas, etc.

Listo aqui alguns problemas sobre o funcionamento do colégio que identifiquei enquanto estive por lá:

- A biblioteca, apesar de ser aberta à consulta local, é restrita para empréstimos no período noturno;

- Os professores do CMMLM, com raras e boas exceções, pouco se interessavam em conversar com nós, em nos dar alguma orientação sobre o colégio, e muitas vezes nos olhavam com reprovação, como se fôssemos intrusos;
- O horário noturno letivo do colégio, de acordo com suas normas, é das 18h45min às 22h20min, mas em algumas aulas nós demos orientações aos alunos até depois das 22h e, quando saímos, o colégio já estava praticamente fechado;
- A distribuição dos horários para cada disciplina é mal planejada;
- Os banheiros, à noite, são muito sujos, quase inacessíveis.

Destaco, também, alguns pontos positivos:

- A secretaria parece estar sempre disposta a ajudar os alunos;
- A merenda, apesar de ser feita com ingredientes simples, é saborosa e de boa qualidade; e
- A relação dos alunos com a escola parecer ser muito tranquila.

O PPP

Sobre a parte do PPP que o colégio nos disponibilizou, há alguns pontos importantes a serem mencionados:

- Seu conteúdo carece de referência e contextualização. Muitos tópicos importantes são reduzidos a somente uma frase e muitas delas sem conexão com a lista de referências bibliográficas.
- Há muita listagem de direitos e deveres, e uma das partes talvez mais importante que isso, o currículo, não foi mencionada.
- Muito do conteúdo listado e mencionado, principalmente o que cabe aos educadores, não é refletido na prática, talvez por ser ambíguo, ou por ser descontextualizado e abstrato.

A professora da turma 382

Os relatos das aulas, tanto o de observação quanto o do período em que meus companheiros de grupo e eu estávamos lecionando, demonstraram que a professora de LP da turma 382 encontrou outras atividades para fazer enquanto lecionávamos. No período de observação, apesar dos pesares já mencionados, ela pareceu mais focada, mais preocupada com a turma e o ensino; no período de estágio, ela pouco apareceu. Quando aparecia, demonstrou-se desinteressada, falava que tinha outros compromissos sérios e não

assistiria às nossas aulas. Quando eu precisei comentar com ela sobre algum aluno, ela me respondia com poucas palavras e parecia ter outras coisas para fazer. Quando falávamos sobre o que íamos trabalhar, respondia dizendo “isso é muito legal” ou “já trabalhei com isso em outra turma” ou também “estou trabalhando isso com uma turma de algum ano”, sem comentar, sugerir e demonstrar interesse no nosso trabalho.

Infelizmente, não tenho pontos positivos a dar sobre a professora regente da turma. Nos dias em que estivemos lá, percebi pouco interesse no estágio. Sei que, por mais que estou no começo, e talvez ainda posso ter uma visão desfocada em relação à realidade escolar e ao conteúdo visto na universidade, é no contato concreto com outros profissionais e alunos que estou sendo capaz de entrar nesse mundo.

O estágio

Considero essa experiência muito importante para nós, futuros professores. Isso porque é o período em que estamos saindo da graduação e entrando na realidade escolar, almejando a seleção em algum concurso, ou esperando sermos chamados por alguma empresa (de ensino, especificamente). Por isso, o primeiro contato, mediado pelos profissionais da Universidade, é uma experiência por meio da qual eu percebi na íntegra como me porto em frente a uma turma que depende de mim para ser aprovada, ao mesmo tempo que dependo dela para ser entendido. Só que para o professor o processo é diferente, pois ser claro no que se está querendo dizer envolve um processo individual, envolve estudo e conseqüentemente organização desse estudo. É aquela velha história, tão mencionada e pouco executada, de que o mínimo que um professor precisa é saber a respeito do que ele está ensinando.

Mesmo que o estágio seja somente um primeiro contato com a profissão, por ser curto, ele não deixou de me proporcionar reflexões sobre mim mesmo enquanto um profissional da educação. A responsabilidade, porém, e a ficha que a mim cai em relação a essa responsabilidade quase alcançada, é uma tarefa difícil de aceitar. Alguns profissionais não levam a sério; outros conformam-se em deixar tudo como está. O que mais me deixou encabulado nessa experiência é como a maioria dos profissionais inseridos no CMMLM não se questiona sobre o que está acontecendo, sobre o que pode mudar, etc. É muito nítido encontrar problemas no colégio, problemas são comuns em todos. Os profissionais, portanto, são contratados para fazer a educação funcionar, para formar pessoas qualificadas

e inteligentes. Sem disposição para isso, adota-se a velha e redutora ideia de dizer que é melhor do que nada, que é melhor do que o colégio x, e fica-se na mesma.

O CMMLM tem potencial para ser um dos melhores colégios do Estado, não estatisticamente, mas intelectualmente. Acredito que um local que tenha um espaço para atividades físicas, brincadeiras, leitura, socializações, eventos, e que conta com professores, universitários uma comunidade diversificada, poderia ser, sim, um ambiente de desenvolvimento para muitos. A responsabilidade é das pessoas envolvidas diretamente (funcionários e alunos) e indiretamente (comunidade, município, universidades) com o CMMLM. Deveria, portanto, haver um equilíbrio entre a administração do colégio e a prática pedagógica, porque eles se refletem.

8 Considerações finais

O processo do estágio de docência é uma experiência que se dá em torno do órgão escolar, em etapas, e necessita da colaboração de muitas pessoas. Além, evidentemente, da importância dos próprios estagiários, para que o estágio de docência aconteça, precisa-se: da professora desta disciplina que orienta a elaboração do projeto de docência; dos planos de aula, bem como as atitudes dentro de sala de aula; da escola que acolhe os estagiários tanto com a estrutura física como também de modo social e colaborativo; da professora regente, em especial, pois é ela quem cede suas alunas para a execução do projeto de docência; dos alunos, pois sem sua colaboração, torna-se inviável a aplicação do projeto em sala de aula; e, além disso, também são necessários conhecimentos científicos adquiridos na universidade que servem de base e que, oportunamente, norteiam as ações dos estagiários, seja consciente ou inconscientemente.

Todos esses elementos estruturam o processo de docência no estágio, agindo como componentes formadores internos ou agentes externos. No que se refere ao processo de estágio, todas essas instâncias são fundamentais para a fluência deste exercício profissional. Quando há não conformidades em alguns desses aspectos, algumas ações por parte dos estagiários precisam ser tomadas a fim de minimizar perdas educacionais durante o estágio. Por esse motivo, esta análise pretende mostrar conformidades e não conformidades nos eixos que alicerçam o estágio.

A Profa. Isabel que orientou este estágio contribuiu ativamente para a elaboração do projeto de docência executado na turma 382, na modalidade EJA, do CMMLM. Esses conselhos e observações feitos acerca do projeto de docência e dos planos de aula foram fundamentais, pois a experiência como professora apontou elementos que precisavam de maior atenção, mas sempre deixando os estagiários livres para decidirem qual caminho percorrer, traçando assim os primeiros passos na docência. Uma liberdade supervisionada que proporcionou comportamentos mais naturais dos estagiários diante da sala de aula e dos alunos. A orientadora estimulou a confiança, acreditando na capacidade que cada estagiário tem na hora de lecionar.

O CMMLM proporcionou os locais nos quais aconteceram as aulas e as atividades extraclasse. Embora seja necessário apontar situações que apresentem falhas, sobretudo no que se refere ao espaço escolar destinado aos alunos da EJA, as salas de aula que estão

disponíveis para esta modalidade são salas direcionadas, durante o turno matutino e vespertino, a alunos do Ensino Fundamental I. Esses espaços foram elaborados para atender esse perfil de aluno, contando com mobília específica para a idade correspondente. Encontram-se carteiras e cadeiras muito pequenas que não são capazes de acomodar alunos adolescentes e adultos. Apesar da mobília ser ajustada, está envelhecida e emperrada. As condições da sala inúmeras vezes incomodou os alunos que não ficavam confortáveis. Embora houvesse na escola salas mais adequadas a eles, elas estavam em uso pela USJ que não possui prédio próprio e ocupa as melhores salas da escola no turno da noite.

Ainda que a escola tenha problemas políticos que reverberam nas condições de ensino, ela também possui infraestrutura midiática que foi disponibilizada aos estagiários durante a docência e que foram fundamentais para a execução dos planos de aula. O uso de *datashow* e de projetores móveis foi essencial para a apresentação de *slides*, vídeos e músicas que faziam parte dos planos de aula. O acesso a esses equipamentos foi rápido e descomplicado, com exceção do último dia do projeto extraclasse, no qual houve certo constrangimento.

Além dos aspectos físicos e técnicos relacionados à escola, também é importante ressaltar o tratamento recebido pela área administrativa da escola que providenciou documentos, resolveu questões e sempre esteve disposta a ajudar no que fosse necessário, mas houve exceções. Tais ações influenciaram o processo de estágio, pois sua colaboração proporcionou uma experiência mais tranquila e possibilitou o acesso a informações técnicas a respeito da escola e dos alunos. A vivência no espaço escolar e não só em sala de aula foi fundamental para o melhor entendimento do funcionamento deste organismo vivo que é a escola.

A professora de língua portuguesa, responsável pela turma 382, apesar de muito ausente, colaborou para a melhor experiência de docência cedendo suas aulas para que o estágio acontecesse. Mostrou-se, até certo ponto, disposta a auxiliar os estagiários trocando suas experiências como a turma, e falando sobre cada aluno. Essa conversa foi importante, pois auxiliou os estagiários no conhecimento da turma durante o período de observação, o que desencadeou a elaboração de propostas mais adequadas à turma e, conseqüentemente, contribuiu para o bom andamento do estágio.

A turma 382 é uma turma diversificada dentro da heterogeneidade que é a escola. Por se tratar de uma turma da EJA, não são somente as origens que produzem heterogeneidade, mas também diversidade na faixa etária, sobretudo para quem é adulto,

pois as experiências de vida são trazidas para dentro da sala de aula. Visões de mundo diferentes enriquecem qualquer aula, desde que possam ser bem conduzidas, exercitando o diálogo e evitando conflitos.

As discussões a respeito dos temas trazidos pelos estagiários foram, em grande medida, bem-sucedidas. O assunto em torno das variações linguísticas efervesceu as discussões pois todos os alunos, de uma forma ou de outra, sabiam algo sobre o tema, lembravam-se de alguma situação e queriam compartilhar. Os alunos mais velhos participaram mais das discussões do que os alunos mais novos, mas isso não quer dizer que os alunos mais novos não tenham participado, pois muitos deles trouxeram contribuições importantes para os debates em sala de aula. A experiência desses debates foi muito importante, pois estes alunos não estavam acostumados a ter voz dentro da sala. A possibilidade de falar algo para contribuir com a discussão foi bem aceita entre os alunos, ainda que no início muitos tenham se sentido intimidados com essa possibilidade, o que foi abrandando com o decorrer das aulas.

O respeito dos alunos com os estagiários foi algo essencial para estreitar as relações e estabelecer um ambiente empático dentro de sala de aula. No período de observação, foram constatados alguns comportamentos inapropriados para o ambiente escolar e uma espécie de rebeldia por parte de alguns alunos. Essas observações foram levadas em conta na hora da elaboração dos planos de aula e do projeto de docência, mas durante a experiência foi constatado outro tipo de atitude, principalmente nos últimos dias do estágio, nos quais todos os alunos se demonstraram interessados. Muitos alunos que eram visivelmente desinteressados passaram a acompanhar as aulas de forma mais atenta.

Além disso, os alunos que participaram do projeto extraclasse retornaram mais ativos, alegres e confiantes. A participação em atividades que são mais descontraídas e não levam em consideração somente a avaliação revelaram uma outra face da escola que, possivelmente, os alunos não conheciam. O contato com a poesia, com produções artísticas e com dramatizações revelou a capacidade que esses alunos têm, e que o aprendizado não está apenas dentro da sala de aula. O processo de apropriação do conhecimento é lento e trabalhoso, mas pode ser suavizado como aconteceu no projeto extraclasse, e também como aconteceu com o trabalho com a gramática que fugiu do tradicional. Dessa forma, a gramática foi abordada em quase todas as aulas com análise linguística dos textos trazidos ou dos textos produzidos pelos próprios alunos, tratando dos usos reais da língua e das

adequações necessárias nas esferas comunicativas, de acordo com situações de uso distintas e particulares.

As maiores dificuldades encontradas durante o processo de estágio foram o absenteísmo e a divisão das aulas. O absenteísmo foi de grande preocupação e motivo de debates entre os estagiários. A ausência e desistência de alunos da EJA é muito grande, e nessa turma as faltas foram preocupantes. Para contornar essa situação, as aulas eram sempre retomadas no início de cada nova aula, a fim de situar o aluno que faltou na tentativa integrá-lo da melhor forma. Já os horários das aulas atrapalharam um pouco o andamento das atividades. A sensação de fragmentação foi grande, sobretudo porque em um único dia haviam encontros com horários diferentes. Essa falta de continuidade já vista durante o período de observações teve relação direta com os planejamentos das aulas. A preocupação foi de tentar evitar a exacerbação dessa fragmentação, tentando levar propostas e atividades que exigiam conclusibilidade em menor tempo e que dialoguem sempre.

Na universidade, antes do estágio, não se aprende a lidar com os alunos. Isso é algo que se aprende com a prática, como o exercício da docência. Contudo, é dentro da universidade que se constroem bases epistemológicas por meio de conceitos, teorias e tudo o que envolve o conhecimento científico. Todo o conhecimento adquirido age como fundador e balizador das atitudes dentro e fora da área profissional. Ter esses conhecimentos não é apenas fundamental para o bom exercício da docência, mas implica responsabilidade em todas as ações. Independente da direção que se toma, é importante saber porque se está indo por aquele caminho e não por outro. Além disso, ter a ciência de quais são as possíveis consequências de suas escolhas teórico-metodológicas e didáticas é fundamental.

Por outro lado, é somente no estágio, no final do curso, que se tem a oportunidade de contato com a escola e com as adversidades encontradas em uma sala de aula. Esse é o momento em que teoria e prática precisam amalgamar-se num todo homogêneo. A prática docente é desafiante, pois não existem respostas prontas para as questões que mais amedrontam os estagiários. Durante a graduação, tem-se contato com o universo da educação, do conhecimento e da linguagem que são básicos para ser professor. Contudo, é somente na *práxis* que se sai do hipotético e se vivencia o real. A turma 382 é real, com todas as suas particularidades. E só diante desta realidade que as ações movidas por

construtos e conhecimentos anteriores são efetivamente articuladas, compondo as aulas que aconteceram juntamente com os alunos.

A sensação de incompletude parece um traço importante, se bem entendido, dentro da educação. Trata-se de um sentimento que acompanha alunos e professores. Os professores sempre acham que poderiam ter passado mais alguma coisa, que suas aulas terminam e sempre fica faltando alguma coisa. Já os alunos acham também que sabem pouco ou quase nada daquilo que se está aprendendo. Por um lado, essa relação parece meio amarga, mas por outro lado, é importante lembrar que a apropriação do conhecimento é algo processual, gradativo e, geralmente, lento. Portanto, sempre irá faltar alguma coisa que o professor não disse e sempre terá algo que o aluno ainda não aprendeu. Tais fatos fazem parte do processo de ensino-aprendizagem. O conhecimento não se restringe ao âmbito escolar. Ele está em todas as esferas sociais e é de apropriação constante e de infinitas possibilidades.

9 Referências

- ADLER, M. J. **A proposta paidéia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984.
- ANTUNES, I. *Aula de Português: Encontro & Interação*, São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.
- _____. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza de Toward a Philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press, 1993.
- _____. **Estética da Criação Verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª Edição: HUCITEC: 2006. Disponível em:
<http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUAGEM.pdf> Acesso em: 21 ago. 2014.
- BOCHECO, Eloí E. **Batata cozida, mingau de cará**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa*. Brasília: 1997
- _____. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. **Educação para jovens e adultos: Ensino Fundamental: Proposta curricular - 1º segmento**. Coordenação e texto final (de Vera Maria Masagão Ribeiro). São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. 239p. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/primeirosegmento/propostacurricular.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2015.
- _____. **Projeto Político Pedagógico para a Educação de Jovens e Adultos**. São José, 2002.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007.
- BUNZEN, C; MENDOÇA, M. (Org.). **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.
- CANDIDO, A. **O Direito à Literatura**. In: *Vários Escritos. Duas Cidades/Ouro sobre azul*. São Paulo, Rio de Janeiro, 4ª. ed., 2004 Disponível em <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf> Acesso em 02/09/2015
- _____. **O direito à literatura**. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1995.
- CECCANTINI, J. L. **Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura**. In: SANTOS, F.; MARQUES N., J.; RÓISING, T. M. K (org.) *Mediação da leitura – Discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

- COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUÍZA DE MELO. **Projeto Político Pedagógico**. São José, 2012.
- COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. de Laura Sandroni, São Paulo: Editora Global, 2007.
- COMPAGNON, A. **O Trabalho de Citação**; tradução de Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996, 176 p.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LOBO, D. de S. Texto Digital, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 194-208, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2015v11n1p194>>. Acesso em: 27 out. 2015.
- LOPES, R. E.; BORBA, P. L. de O.; MONZELI, G. A. **Expressão livre de jovens por meio do Fanzine**: recurso para a terapia ocupacional social. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 22, n. 3, p.937-948, 2013. Anual.
- MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F. **Procedimentos de escrita na sala de aula do ensino fundamental**. Signótica. Goiás, vol. 20, 469-493, jul./dez. 2008.
- MORAIS, M. R.; DOMINGOS, M. M. In: **SENALIC**, VI, 2015. Anais do VI SENALIC. São Cristóvão: GELIC, 2015. v. 06. p. 1-11. Disponível em: <http://200.17.141.110/senalic/VI_senalic/textos_VISENALIC/Mario_Ribeiro.pdf>. Acesso em: 27 out. 2015.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento; tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- SOARES, M. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- SOUZA, R. J. de; COSSON, R. **Letramento Literário**: uma proposta para a sala de aula. In: UNESP, Universidade Estadual Paulista. **Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 101-107. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40149/1/Caderno_Formacao_bloco2_vol2.pdf>. Acesso em: 01 set. 2015.
- TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. Disponível em http://stoa.usp.br/brunafs/files/-1/16098/Todorov_A+literatura+em+perigo.pdf Acesso em 02/04/2015
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].
- XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (Orgs.). Sírio P. In: **Conversas com linguistas**. São Paulo, Parábola, 2003.

Bibliografia digital e complementar

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de Setembro de 2008. **Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6o da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.** Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm#art22>. Acesso em: 01 de set. de 2015.

_____. **Projeto Político Pedagógico para a Educação de Jovens e Adultos.** São José, 2012.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. São José em Números. Disponível em: <https://atendimento.sebrae-sc.com.br/projetos/portal_sebrae-sc/uploads/pdfs-municipios/relatorio-municipal-sao-jose.pdf>. Acesso em 09 de set. de 2015. Florianópolis, 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ. Secretaria Municipal da Educação e Cultura. **Proposta Curricular da Rede Municipal de São José - SC.** São José, 2000. Disponível em: <<http://www.saojose.sc.gov.br/images/uploads/publicacoes/Proposta-Curricular-de-Sao-Jose.pdf>>. Acesso em: 03 de set. de 2015.

GOOGLE MAPS (2015). **Colégio Municipal Maria Luiza de Melo.** Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Colegio+Municipal+Maria+Luiza+de+Melo/@-27.5950041,-48.6156257,700m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1!1s0x9527362715c38a21:0x241873b9f5fd66de!6m1!1e1>>. Acesso em 08 set. de 2015.

_____. 182 R. José Firmino Novaes. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-27.5946473,-48.6158357,3a,75y,135.73h,78.32t/data=!3m6!1e1!3m4!1sXT79PwSsuWqP6IKDZuiRpg!2e0!7i13312!8i6656!6m1!1e1>>. Acesso em: 08 de set. de 2015.

_____. 48 R. Jair Viêira. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-27.595292,-48.6160105,3a,75y,27.94h,84.63t/data=!3m6!1e1!3m4!1slvqSvS0i7F4RWz8bh1HryA!2e0!7i13312!8i6656!6m1!1e1>> Acesso em: 08 de set. de 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Santa Catarina » São José » infográficos: dados gerais do município.** Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=421660&search=%7Csao-jose>. Acesso em: 06 de set. de 2015.

Lista de abreviaturas

CED	Centro de Ciências da Educação
CMMLM	Colégio Municipal Maria Luiza de Melo
DLLV	Departamento de Língua e Literatura Vernáculas
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LP	Língua Portuguesa
MEN	Departamento de Metodologia do Ensino
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIB	Produto Interno Bruto
PMSJ	Prefeitura Municipal de São José
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEBRAE	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TCE	Termo de Compromisso de Estágio
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
USJ	Centro Universitário Municipal de São José

Lista de figuras

Figura 1: Elementos da narrativa (representação do desenho feito pela professora da turma)	37
Figura 2: Termo de Compromisso de Estágio da aluna Samara Hinkel Corrêa.....	197
Figura 3: Termo de Compromisso de Estágio do aluno Thalisson Machado.....	198
Figura 4: Termo de Compromisso de Estágio do aluno Tiago Carturani.....	199
Figura 5: Registro de observação da aluna Samara Hinkel Corrêa	201
Figura 6: Registro de observação do aluno Thalison Machado.....	202
Figura 7: Registro de observação do aluno Tiago Carturani	203
Figura 8: Localização da cidade de São José - SC	205
Figura 9: Localização do Bairro Kobrasol, em São José - SC	205
Figura 10: Localização do CMMLM na cidade de São José - SC	206
Figura 11: vista do CMMLM pela Rua José Firmino Novaes	206
Figura 12: vista do CMMLM pela Rua José Firmino Novaes (continuação)	207
Figura 13: vista do CMMLM pela Rua Jair Viêira	207
Figura 14: Características dos alunos da turma 382 do 8º ano da EJA	211
Figura 15: Questionário enviado à professora de LP no dia 27/08/2015	213
Figura 16: Conto O Casarão das Bruxas, por meio do qual a ficha de leitura seria preenchida.....	220
Figura 17: Ficha de leitura de uma aluna	224
Figura 18: Escolha de obras literárias, sobre as quais outra ficha de leitura seria preenchida	226
Figura 19: Atividade de interpretação de um aluno, realizada anterior ao período de estágio	227
Figura 20: Páginas do PPP do colégio disponibilizadas aos estagiários	229
Figura 21: Amostras de produção textual do aluno 1 (aulas 2 e 3)	231
Figura 22: Amostras de produção textual do aluno 2 (aulas 2 e 3)	232
Figura 23: Amostras de produção textual do aluno 1 (aulas 2 e 3)	233
Figura 24: Segunda amostra de produção textual do aluno 1 (aula 6)	237
Figura 25: Segunda amostra de produção do aluno 2 (aula 6)	238
Figura 26: Segunda amostra de produção do aluno 3 (aula 6)	239
Figura 27: Foto dos materiais disponibilizados para a produção dos <i>fanzines</i>	241

Figura 28: Amostra do <i>fanzine</i> do aluno 1 (capa)	243
Figura 29: Amostra do <i>fanzine</i> do aluno 2 (capa)	245
Figura 30: Amostra do <i>fanzine</i> do aluno 3 (frente)	248
Figura 31: Atividade de interpretação do aluno 1	251
Figura 32: Amostra da atividade de interpretação do aluno 2.....	253
Figura 33Amostra da atividade de interpretação do aluno 3.....	254
Figura 34: Amostra da primeira versão da escrita do relato pessoal do aluno 1	255
Figura 35: Amostra da primeira versão da escrita do relato pessoal do aluno 2.....	256
Figura 36: Amostra da reescrita do relato pessoal do aluno 1	257
Figura 37: amostra da reescrita do relato pessoal do aluno 2.....	258
Figura 38: Foto dos estagiários com os alunos da turma presentes na última aula.....	271
Figura 39: Slides utilizados para a contextualização da autora e sua obra.....	279
Figura 40: Turma 09426A ministrando o primeiro encontro do projeto extraclasse	281
Figura 41: Cesta de poemas.....	281
Figura 42: Produção do objeto do aluno 1.....	282
Figura 43: produção do objeto do aluno 2.....	282
Figura 44: Produção do objeto do aluno 3.....	283
Figura 45: Socialização dos objetos produzidos pelos alunos.....	283
Figura 46: Ensaio das dramatizações (foto 1)	285
Figura 47: ensaio das dramatizações (foto 2)	285
Figura 48: ensaio das dramatizações (foto 3)	286
Figura 49: Apresentação do poema “Marinheiro” musicado	286
Figura 50: Dramatização dos poemas do grupo 1	287
Figura 51: Dramatização dos poemas do grupo 2	287
Figura 52: Instalação com os objetos dos alunos	288
Figura 53: Estagiários, professoras e Alunos da turma 382 que compareceram no extraclasse.....	288


Lista de tabelas

Tabela 1: Lista de empréstimo de livros aos alunos da turma 382 do 8º ano da EJA	36
Tabela 2: conteúdo dos <i>slides</i> apresentados à turma	40
Tabela 3: trecho dos textos dos alunos para a atividade de reescrita	119
Tabela 4: aspectos gramaticais recorrentes nos textos dos alunos	119
Tabela 5: Ficha de Avaliação final com todas as médias	269
Tabela 6: Controle de frequência do período de estágio	273

Anexos

ANEXO I – Termos de Compromisso de Estágio dos estagiários

Figura 2: Termo de Compromisso de Estágio da aluna Samara Hinkel Corrêa



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 618938

O(A) Prefeitura Municipal de São José, CNPJ 82.892.274/0001-05, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) sr(a) **Rosângela Da Silva Ramos**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Samara Hinkel Corrêa**, CPF **080.461.329-00**, telefone **48 96263560**, e-mail **SAMARAHINKELC@GMAIL.COM**, regularmente matriculado(a) sob número **11201864** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:


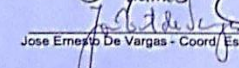

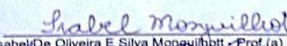

<p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/05/2011 e vinculado à disciplina MEM7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof. (a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 3 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, de 11/08/2015 a 11/12/2015, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Adriana Soares De Souza.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 1018200512554 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p>	<p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p>
--	--

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 618938

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:


Estágio de observação em turma de 8º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos; atitudes docentes e aplicação dos conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data: Florianópolis, 11 de agosto de 2015

<p> Rosângela Da Silva Ramos - Representante na CONCEDENTE</p> <p> Jose Ernesto De Vargas - Coord/ Estágios do Curso - UFSC</p>	<p> Samara Hinkel Corrêa - Estagiário</p> <p> Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, Prof. (a) Orientador(a)</p> <p> Adriana Soares De Souza - Supervisor(a) no local de Estágio</p>
--	---

TCE Nº 618938 - Gerado pelo SIARE em 17/08/2015 às 11:29:37 hs.

Figura 3: Termo de Compromisso de Estágio do aluno Thalisson Machado


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
 Departamento de Integração Acadêmica e Profissional
 Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
 Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 619679

O(A) Prefeitura Municipal de São José, CNPJ 82.892.274/0001-05, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a) **Rosângela Da Silva Hames**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Thalisson Erick De Almeida Machado**, CPF 052.383.329-63, telefone 4896343296, e-mail thalisson.fe@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 10201805 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

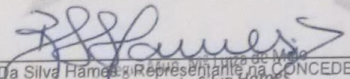
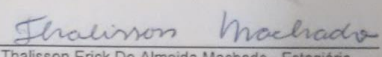
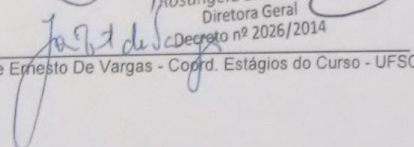
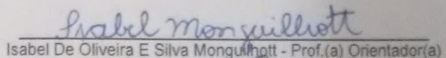
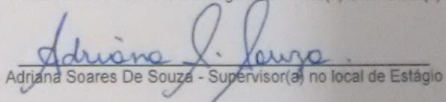
<p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/05/2011 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 3 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Colegio Municipal Maria Luíza de Melo, de 11/08/2015 a 11/12/2015, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Adriana Soares De Souza.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 1018200512554 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p>	<p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p>
---	---

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 619679

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:


estágio de observação em turma de 8º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio, elaboração de planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos livros; atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Data: _____ de _____ de _____.

 Rosângela Da Silva Hames - Representante da CONCEDENTE Rosângela Silva Hames Diretora Geral Decreto nº 2026/2014	 Thalisson Erick De Almeida Machado - Estagiário
 Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC	 Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)
	 Adriana Soares De Souza - Supervisor(a) no local de Estágio

9679 - Gerado pelo SIARE em 18/08/2015 às 18:07:11 hs.

Figura 4: Termo de Compromisso de Estágio do aluno Tiago Carturani



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 620636

O(A) **Prefeitura Municipal de São José**, CNPJ 82.802.274/0001-05, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) sr(a) **Rosângela Da Silva Ramos**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof. (a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Tiago Carturani**, CPF **063.073.539-98**, telefone **4898108255**, e-mail **carturanit@gmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **11102604** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/06, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

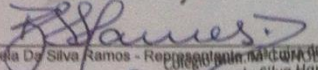
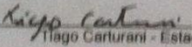
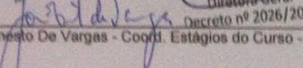
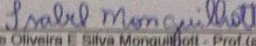
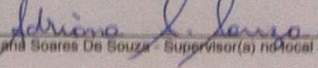
<p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/05/2011 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 3 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Colegio Municipal Maria Luiza de Melo, de 11/08/2015 a 11/12/2015, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Adriana Soares De Souza.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 1018200512554 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p>	<p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p>
---	--

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 620636

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 8º ano (Educação de Jovens e Adultos - EJA) - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos; atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatórios; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.


Local e Data: Blumenau, 08 de agosto de 2015.

 Rosângela Da Silva Ramos - Representante da CONCEDENTE Colegiado de Santa Catarina Rosângela Silva Ramos Diretora-Geral Decreto nº 2026/2014	 Tiago Carturani - Estagiário
 Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC	 Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)
	 Adriana Soares De Souza - Supervisor(a) do Local de Estágio

TCE Nº 620636 - Gerado pelo SIARE em 21/08/2015 às 15:38:20 hs.


ANEXO II – Registro de observação de aulas de português no Ensino Fundamental

Figura 5: Registro de observação da aluna Samara Hinkel Corrêa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO

Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 331-9243 – Fax: (48) 331-8703




REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS – ENSINO FUNDAMENTAL

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Mdo
 Turma: 8º ano
 Professora: Adriana Soares De Souza
 Estagiário(a): Samara Hinkel Corrêa
 Período de observação total: de 18/08 a 28/08/2015


Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura da professora titular
Aula 1	18/08	18:45-19:25	escolha de obras lit.	Adriana S. S.
Aula 2	18/08	21:00 - 21:40	elementos da narrativa	Adriana S. S.
Aula 3	19/08	20:05-20:45	elementos da narrativa no conto lido	Adriana S. S.
Aula 4	20/08	20:05-20:45	tipos de narradores a partir de elementos gramaticais	Adriana S. S.
Aula 5	20/08	21:40-22:20	Mitos e lendas de Florianópolis	Adriana S. S.
Aula 6	25/08	18:45-19:25	contos de Franklin Cascaes	Adriana S. S.
Aula 7	25/08	21:00 - 21:40	ficha de leitura	Adriana S. S.
Aula 8	26/08	20:05-20:45	aplicação de questionário	Adriana S. S.
Aula 9	27/08	20:05-20:45	elementos da narrativa	Adriana S. S.
Aula 10	27/08	21:40-22:20		Adriana S. S.

Figura 6: Registro de observação do aluno Thalison Machado



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO

Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703




REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS - ENSINO FUNDAMENTAL

Escola: Colegio Municipal Maria Luiza de Melo
Turma: 8º ano EJA
Professora: Adriana Soares de Souza
Estagiário(a): Thalisson Eick de Almeida Machado
Período de observação total: 18-08 a 27-08

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura da professora titular
Aula 1	18/08	18:45-19:25	Seleção de poemas	Adriana
Aula 2	18/08	21:00-21:40	Recapitulação de conteúdos de texto	Adriana
Aula 3	19/08	20:05-20:45	Foco narrativo	Adriana
Aula 4	20/08	20:05-20:45	123 cartões de uma Feira de produtos locais	Adriana
Aula 5	20/08	21:40-22:20	Elementos gramaticais: Marcação de pronomes	Adriana
Aula 6	25/08	21:00-21:40	3 slides - histórias curtas	Adriana
Aula 7	25/08	18:45-19:25	Bondas, Bruxas e cultura regional	Adriana
Aula 8	26/08	20:05-20:45	Tira cômica sobre o aniversário	Adriana
Aula 9	27/08	20:05-20:45	Realização do questionário	Adriana
Aula 10	27/08	21:40-22:20	Elementos da moralidade: Tempo	Adriana


Assinatura do(a) Professor(a) da Turma

Figura 7: Registro de observação do aluno Tiago Carturani



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO

Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil
 Fone: (48) 331-9243 – Fax: (48) 331-8703

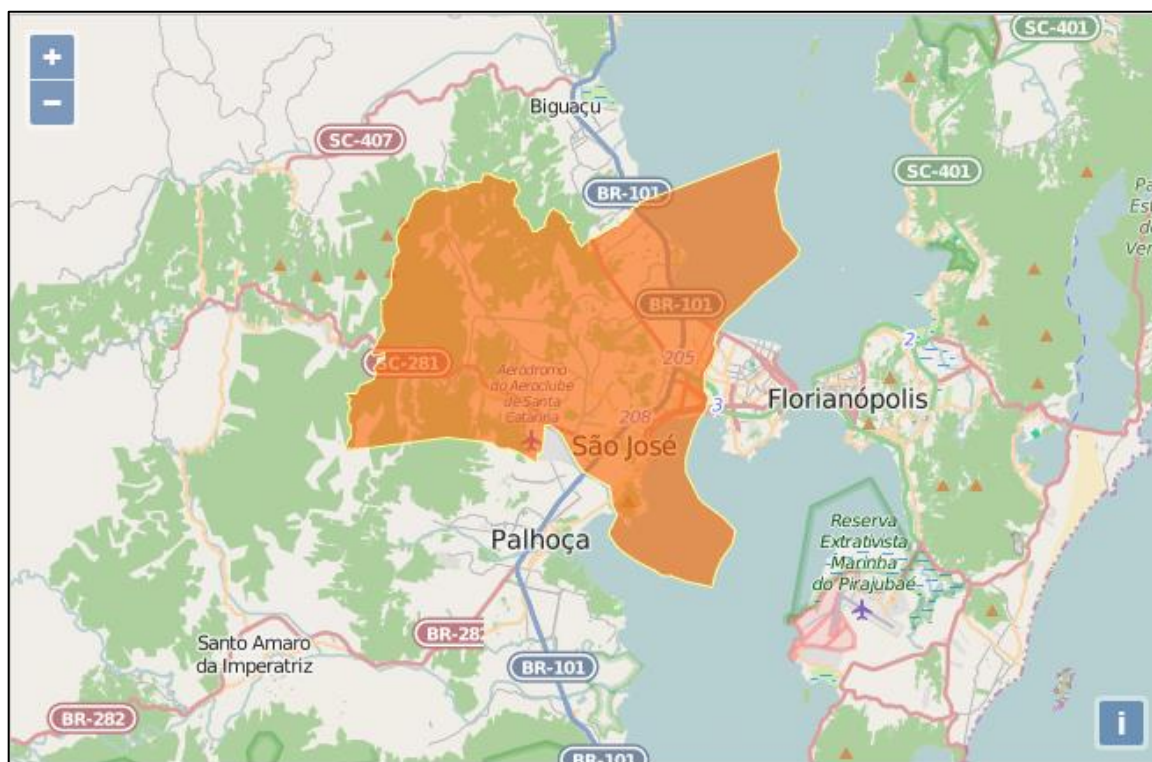


REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS – ENSINO FUNDAMENTAL

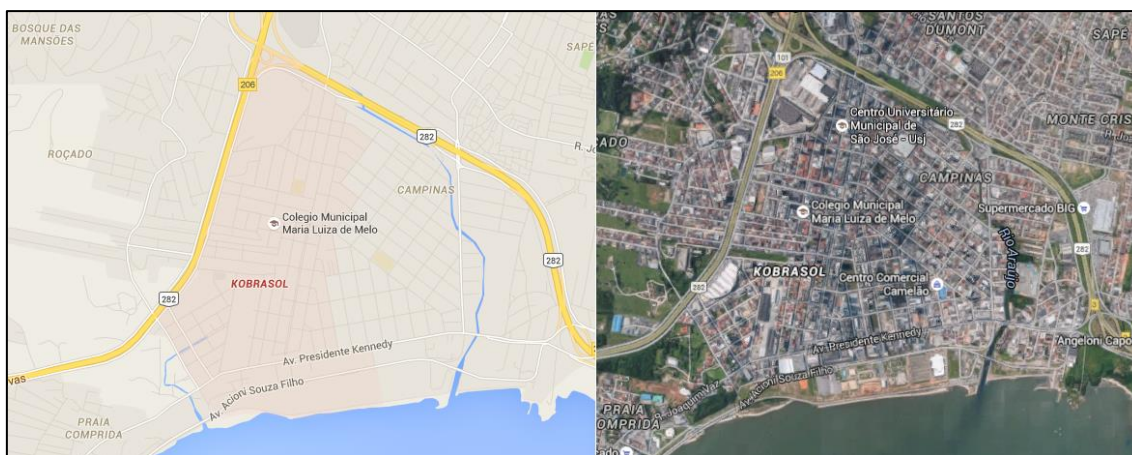
Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo
 Turma: 8º Ano (EJA - Educação de Jovens e Adultos)
 Professora: Adriana Soares de Souza
 Estagiário(a): Tiago Carturani
 Período de observação total: De 18/08/2015 a 28/08/2015

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura da professora titular
Aula 1	18/08/2015	18:45 às 19:25	Exatidão literária	Adriana S. S.
Aula 2	18/08/2015	21:00 às 21:40	Elementos da Narrativa	Adriana S. S.
Aula 3	19/08/2015	20:05 às 20:45	Foco narrativo	Adriana S. S.
Aula 4	20/08/2015	20:05 às 20:45	Foco narrativo	Adriana S. S.
Aula 5	20/08/2015	21:40 às 22:20	Foco narrativo	Adriana S. S.
Aula 6	25/08/2015	18:45 às 19:25	Pluralidade Cultural - Literários em Foco	Adriana S. S.
Aula 7	25/08/2015	21:00 às 21:40	Mito e magia - Franklin Cascaes	Adriana S. S.
Aula 8	26/08/2015	20:05 às 20:45	Tempo diário da noite e ficha de leitura	Adriana S. S.
Aula 9	27/08/2015	20:05 às 20:45	Aplicação questionário	Adriana S. S.
Aula 10	27/08/2015	21:40 às 22:20	Tempo da narrativa	Adriana S. S.

Assinatura do(a) Professor(a) da Turma

ANEXO III – Localização do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo**Figura 8: Localização da cidade de São José - SC**

Fonte: IBGE (2015)

Figura 9: Localização do Bairro Kobrasol, em São José - SC

Fonte: GOOGLE MAPS (2015)

Figura 10: Localização do CMMLM na cidade de São José - SC



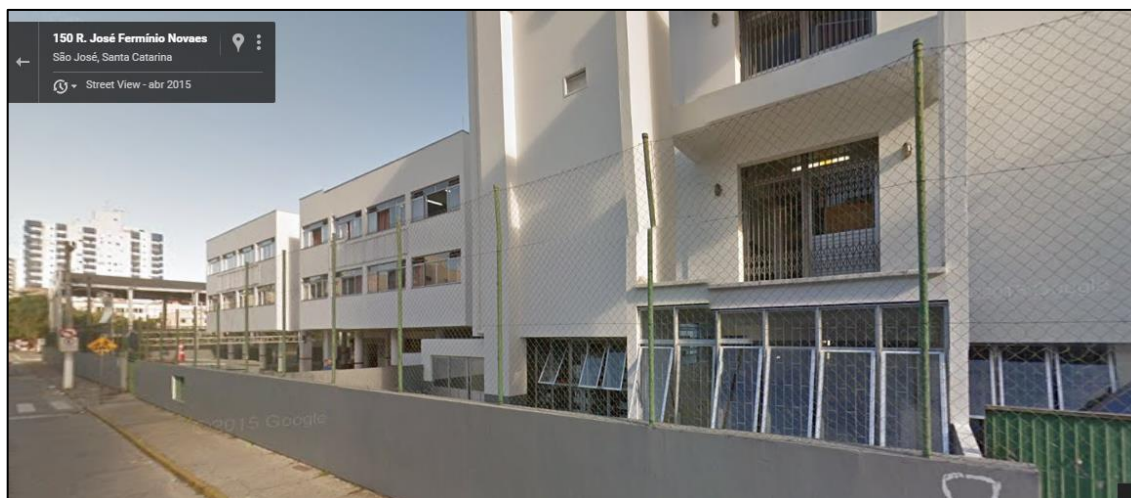
Fonte: GOOGLE MAPS (2015), com modificação própria

Figura 11: vista do CMMLM pela Rua José Firmino Novaes



Fonte: GOOGLE MAPS (2015)

Figura 12: vista do CMMLM pela Rua José Firmino Novaes (continuação)



Fonte: GOOGLE MAPS (2015)

Figura 13: vista do CMMLM pela Rua Jair Viêira



Fonte: GOOGLE MAPS (2015)

ANEXO IV – Questionário aplicado aos alunos no período de observação**1) Dados para identificação**

- Nome completo:
- Idade:
- Endereço:
- Local de nascimento:

2) A respeito de sua família:

- Quantas pessoas moram com você?
- Qual o grau de parentesco entre você e as pessoas que moram com você?
- Todas as pessoas que moram com você trabalham? Em quais profissões?

3) A respeito da sua vivência escolar:

- Você sempre estudou no Colégio Municipal Maria Luíza de Melo?
- Desde quando você estuda aqui?
- Por quanto tempo você frequentou o ensino regular?
- Quais razões o levaram a frequentar a Educação de Jovens e Adultos?
- Para você, qual a importância da formação na Escola?
- O que você mais gosta nas aulas? (Momentos, disciplinas preferidas, assuntos que gosta de discutir e aprender sobre)
- Na aula de Português, o que é mais legal para você? Justifique.
- Na aula de português, o que mais lhe desagrada? Justifique.
- Para você, como deve ser uma aula produtiva, na qual você aprenda e participe ativamente?

4) Sobre sua vivência além da Escola:

- Você trabalha? Qual sua profissão? Como é sua jornada diária e semanal (horas)? Você gosta de realizar as atividades exigidas pelo seu trabalho? Por quê?
- Você costuma fazer algum tipo de atividade rotineira fora da escola? (Cursos, academia, aulas de dança, etc.). Quais? Com que frequência?
- Você usa a internet? Com quais finalidades (redes sociais, jogos, filmes, séries, músicas, blogs, notícias, curiosidades)? Em quais sites navega?

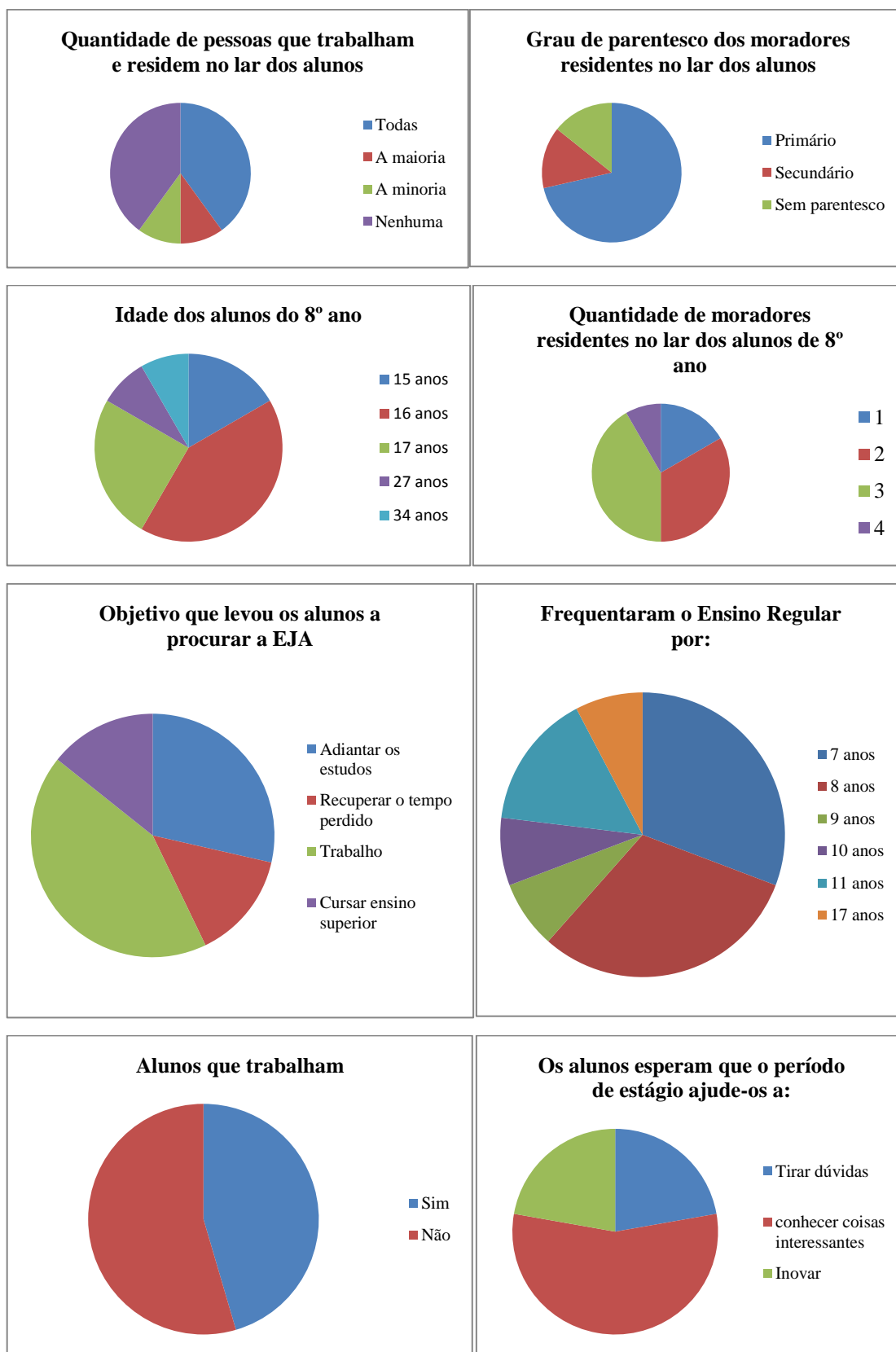
- Você utiliza a internet para realizar trabalhos escolares? Você acredita que a internet facilita sua vida e é uma boa fonte de pesquisas? Explique.
- Você costuma ler? O quê (revistas, jornais, sites de notícia, livros, apostilas, crônicas, blogs etc.)? Com que frequência? Para quais finalidades? (Trabalho, lazer, etc.)
- Você gosta de escrever? Que tipos de textos (recados, poemas, *e-mails*, ofícios, fichas, textos literários)? Para quais finalidades você costuma escrever?

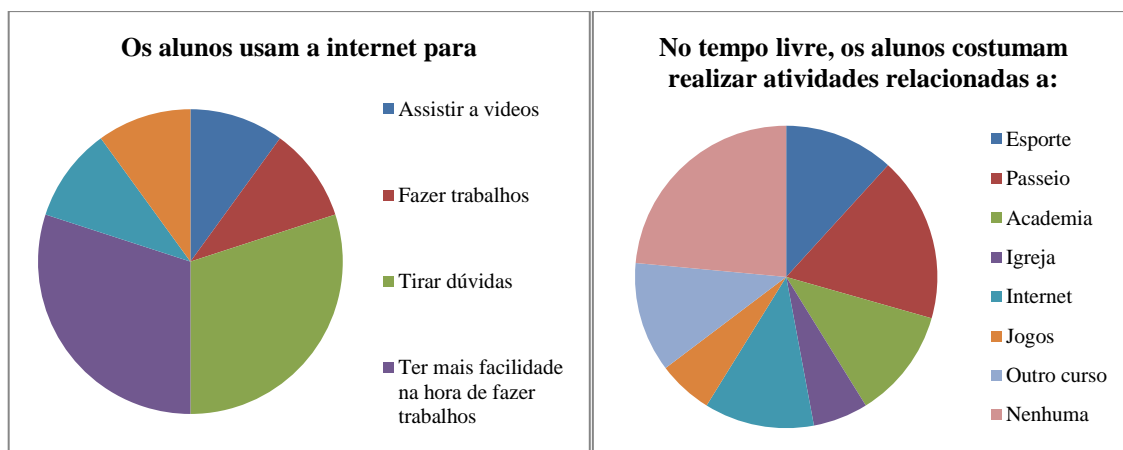
5) Sobre suas expectativas e seus interesses:

- Para você, qual a importância da disciplina de língua portuguesa?
- Você fala português desde criança, se comunica com a sociedade e, portanto conhece muito bem a sua língua materna. Por que, então, você acha que precisa “aprender português” na escola?
- Quais conteúdos você considera mais importante de serem abordados em uma aula de português?
- Quando você está na escola, entre amigos e/ou familiares, sobre quais assuntos vocês mais conversam? Sobre o que você gosta de conversar? Quais assuntos você considera interessante? Por quê?
- O que você espera do período de estágio? Dos conteúdos e atividades propostas e dos professores estagiários?

ANEXO V – Gráficos elaborados com base nas respostas dos questionários

Figura 14: Características dos alunos da turma 382 do 8º ano da EJA





Fonte: elaboração própria com base no questionário aplicado aos alunos

ANEXO VI – Questionário aplicado à professora de LP da turma 382

Figura 15: Questionário enviado à professora de LP no dia 27/08/2015

Questionário direcionado a docente

Nome:

Idade:

1. Qual a sua formação profissional?
2. Há quantos anos você exerce a atividade docente? E há quanto tempo no Maria Luiza de Melo?
3. Qual a sua carga horária semanal? Em qual regime de trabalho (efetivo ou temporário)?
4. Qual a quantidade de alunos que você tem atualmente? Qual a quantidade de alunos você considera adequada?
5. Exerce outra atividade remunerada? Qual?
6. Qual a sua metodologia de trabalho? Como planeja suas aulas? Há diálogo com os professores de outras disciplinas e/ou com os outros professores de português?
7. Qual a sua proposta de trabalho para o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita, escuta e oralidade?
8. Na escola, há projetos que envolvam a disciplina de Língua Portuguesa? De quais você participa?
9. Qual a sua concepção de língua/linguagem e de sujeito?
10. Quais as suas práticas sociais de leitura?
11. Qual livro você está lendo atualmente? Comente.
12. A escola usa material didático? Você tem autonomia para escolher esse material? Qual a sua relação com ele?
13. Qual a relevância da biblioteca da escola no planejamento das suas aulas?
14. Qual a importância da EJA no seu entendimento?
15. Quais as principais dificuldades encontradas na EJA?
16. Há alguma observação relevante que você gostaria de deixar registrada?

ANEXO VII – Questionário aplicado a funcionários do CMMLM

1) Identificação:

Nome completo: Júlio César Matos Brasil **Idade:** 58 anos

Formação: Filosofia, Pedagogia e mais 10 especializações.

Nome completo: Jandira Caetano **Idade:** 49 anos

2) Quais atividades você desenvolve em seu trabalho? Gosta de exercer essa função? Por quê?

Orientador: Orientador educacional, efetivo, com mais de 30 anos de profissão. Sou fanático pela educação, porque é a minha vida, é o ar que eu respiro. E tenho ódio de algumas críticas que são feitas por colegas da área sobre somente o aspecto financeiro. Ele é importante, mas também não é tudo.

Cozinheira: Eu faço lanche, qualquer tipo de lanche e comida. Um dia sim e outro não é comida, o outro é só um lanche. Adoro fazer o que faço, acho que nasci para ser cozinheira. Meu sonho é montar um restaurante para pessoas mais pobres e fazer um preço bem bom. Com comida simples, mas bem gostosa e vender mais barato. Já existe aí fora um restaurante desse tipo, meu sonho é esse.

3) O que você entende por escola e educação básica?

Orientador: Escola - local onde deveríamos, pelo menos, teoricamente, incluir a criança, o adolescente, o adulto no conhecimento científico e num segundo ponto incluí-los como cidadãos. A educação básica é composta por três modalidades: Educação Infantil, Ensino Fundamental e o Ensino Médio, sendo que no Ensino Fundamental e Médio ainda temos a Educação para Jovens e Adultos que agora faz parte da educação básica.

Cozinheira: Eu acho que é o que o aluno precisa para crescer. Não se pode nascer e crescer sem ter uma educação. A escola, acho que é tudo. Os professores, orientadores, nós da cantina, nós somos tudo. É um complemento da casa da gente, interligada.

4) Para você, qual a importância da escola na formação dos alunos como cidadãos?

Orientador: Dependendo do sistema político vigente, você tem um tipo de ética, um tipo de moral, um tipo de prática. Então como vivemos num sistema capitalista, infelizmente, o ter sobrepõe o ser e também, infelizmente, tem professores e professoras que são formados pelas universidades, são formados de uma forma que se reafirma essa ética, essa moral, essa prática. É de vinte anos para cá que se está tentando, se está engatinhando fazer com

que as universidades tenham mais contato com a realidade, ou seja, saiam de lá, das universidades e venham entender o que é educação básica.

Cozinheira: Muito importante. Tenho uma filha que está com vinte anos agora e está passando trabalho por estar desempregada. Eu estou fazendo de tudo para pagar a faculdade dela porque nós somos de raça negra, negra escura. Ela não consegue serviço. Ela vai fazer uma ficha em algum lugar e está tudo certo com a ficha, quando ela chega para fazer a entrevista, chegam outras meninas e passam na frente dela, sendo que o currículo dela é bom. Então eu não quero abrir mão da escola para ela porque tem que chegar em algum lugar fazendo faculdade. Estudando ela já passa por isso, imagina sem estudo. Até mesmo pela cor, mesmo ela tendo um bom currículo, ela não tem conseguido, nem para a Flex ela conseguiu, nem pra vender sapato ela conseguiu.

5) Como é a sua relação com a comunidade escolar (alunos, pais e demais profissionais educadores)?

Orientador: Ótima! Só que sempre com atritos. Porque quando você trabalha com conhecimento, você está trabalhando com algo revolucionário. Aquele conhecimento que você adquiriu, o conhecimento popular, conhecimento de rua, da sua casa, religioso entra em choque com o conhecimento científico. Então, ele é amigável, respeitoso, mas ao mesmo tempo com muitos conflitos. Há esses choques e como é bom que haja esses choques.

Cozinheira: Eu sou nova, trabalho há alguns meses aqui. Eu sou meio fechada. Não sou de estar de dentes arreganhados. Eu sou de fazer o meu serviço. Mas eu falo com todo mundo. Eu procuro ajudar do meu jeito, às vezes chegam uns meninos aí que ficaram o dia todo sem comer e eu vou lá e dou alguma coisa para eles comerem. O que eu puder ajudar eu ajudo.

6) Quais os prós e contras da sua rotina aqui na escola? O que você acha que poderia melhorar?

Orientador: O que poderia mudar é a parte política partidária. Infelizmente, ainda temos um curral eleitoral. O estado de Santa Catarina é governado por vários currais eleitorais, ou seja, no máximo dez famílias que mandam e desmandam no estado com aquele parte podre

e imundo do ser humano. Mas por outro lado, como é gostoso combater, afundar aos poucos isso aí. Lutar pelas eleições diretas nas escolas, ter um sindicato forte, fortíssimo. São vários anos de lutas. Tem um espaço onde podemos debater, chamar a comunidade para conversar e somos apoiados na maioria das vezes. Essa é uma grande coisa. E um terceiro ponto, quando tu verificas que aquela criança que hoje se transforma em um adulto, quando tu os encontra, vem te abraçar e te agradecer e isso emociona, isso emociona pra caramba. Faz valer a pena. Não há dinheiro que pague.

Cozinheira: Eu já sabia o que ia me esperar, sabia o salário que é pouco, isso eu sou contra. Mas eu já sabia. Não tem muitos prós e contras. Isso aqui é um complemento, eu tenho um trabalho durante o dia, ganho o meu trocado e isso aqui é para complementar a minha renda. Só chega uma certa idade que isso aqui incomoda, mas quando isso acontecer eu não vou incomodar ninguém. Eu saio.

7) Gostaria de acrescentar algo a mais sobre o seu trabalho e/ou sobre a escola?

Orientador: Aos novos profissionais - vocês não apanharam como nós apanhamos na ditadura, então vocês têm imenso poder, não desperdicem.

Cozinheira: Pra mim aqui é tudo bem tranquilo. Essa escola é boa. Eu nunca trabalhei em uma escola tão boa, com pessoas bacanas. Não tenho do que reclamar. Eu comecei a trabalhar aqui porque encontrei uma moça no ônibus que disse que estavam contratando para ser cozinheira na escola, daí eu queria um complemento na renda e resolvi pegar. Tudo aconteceu no ônibus: ela pegou meu número, minha carteira, fez entrevista, foi tudo lá. Daí comecei a trabalhar aqui através da empresa terceirizada para várias escolas. E durante o dia eu trabalho de zeladora num prédio já tem 8 anos.

ANEXO VIII – Atividades trabalhadas pela professora de LP**FICHA DE LEITURA****I - Dados da obra:**

- a) Título da obra:
- b) Nome do autor:
- c) Editora:

II - Autor:

- a) Biografia (30 linhas)

III- Roteiro de compreensão

- a) Personagens
 - 1) Aponte a personagem principal.
 - 2) Aponte as características físicas e psicológicas. Justifique com passagens do texto.
- b) Aponte as personagens secundárias.
- c) Tempo
 - 1) Quando ocorre o acontecimento narrado?
- d) Espaço (lugar)
 - 1) Onde ocorre o acontecimento?
- e) Narrador
 - 1) Tipo de narrador.
 - 2) Foco narrativo.
- f) Resumo (30 linhas)
- g) Vocabulário
 - 1) Pesquisar 10 palavras novas.
 - 2) Aponte o significado e coloque-os em ordem alfabética.

IV - Comentário crítico

- a) A passagem da obra que mais lhe impressionou. Justifique.
- b) A mensagem assimilada nessa leitura.
- c) Você gostou dessa leitura? Por quê?

Figura 16: Conto O Casarão das Bruxas, por meio do qual a ficha de leitura seria preenchida

O casarão das bruxas

Andarilho foi despertado do sonho acordado, quando uma mão pesada, calejada, bateu-lhe frenética nos ombros. Era Léca da Maria preocupado:

— Tá docente, moço? — perguntou-lhe o pescador.

Léca, pescador da desconhecida praia da Mútuca, localizada ao sul do Desterro, nas imediações da ilha Maria Francisca da Tapera, mostrava-se preocupado. O Andarilho estático, olhos esbugalhados, parecia espectro hipnotizado, parado, paralisado tal qual o compadre João da Cochicha, quando observou na direção do manguezal da Caianganga-mirim, perto do rio da Boca Torta, pela primeira vez na vida, a alma penada de boitatá.

Na ocasião, Léca da Maria tentou em vão acalmar o compadre, e parceiro de pescaria, explicando-lhe que aquele clarão, acompanhado de fagulhas, eram espíritos dos meninos pagãos ou almas penadas dos que deixaram dinheiro enterrado. Procurou não aterrorizar o camarada e até segredou da caveira, no verão passado encontrada na areia da praia. Somente duas das filhas ficaram sabendo do achado macabro. Não valia a pena comentar com os demais da casa.

Na sua humilde, mas sincera opinião, os antepassados indios carijós, instalaram campo-santo onde enterravam os mortos, naquele local, muito próximo infelizmente do melhor ponto de pesca da praia.

45

Figura 15: Conto O Casarão das Bruxas (continuação)

Zesuma, a filha do casal, preocupava-se em tirar da cabeça do pai, essas idéias mirabolantes de antigo cemitério indígena instalado junto à praia.

—Essas labaredas, meu pai — explicava-lhe a filha — é fogo-fátuo. — A lama podre do mangue, (explício-lhe o noivo amado, um marinho grudento), desprende gás incendiário provocador das labaredas.

Mas o pescador Léca da Maria sempre intrigado e enervado, de forma regular voltava, teimoso, à tecla desgastada: —E a caveira de osso encontrada próxima a relva da praia, diz agora, minha filha, é cabeça de índio, de negro ou cabeça de macaco?

Ela comedida procurava explicar ao pai que o local do achado, num passado remoto, era água salgada do mar; portanto, sítio impróprio, com certeza, para bugres carijós estabelecem o campo-santo da tribo.

—Vai ver meu pai — procurava justificar Glória, a filha caçula — o objeto encaveirado não pertença — só Deus é quem sabe — a um marujo apaixonado, a um pescador enamorado ou mesmo a um pirata encantado, coitado, atraído assim pela beleza física de Yemanjá, a rainha dos mares, e levado com felicidade, para o fundo do fundo do mar?

—Bobagens! bobagens!... quanta asneira sua sonhadora incorrigível — repete enfurecido o irritado pescador, enquanto recomendava as farradas de tuco estrçalhadas pelos dentes afiados do peixe-espada.

O pescador amava Glórinha, mas vivia resmungando da sina da criatura em não permanecer parada, por muito tempo. É que a rapariga adorava correr, quase voando, tal qual o marujo, pelas areias brancas da praia da Mutuca.

Mas o que realmente vinha preocupando-o, desta vez, era a figura fantasmagórica de certa mulher vestida de preto, feia

que na noite, que vinha rondando as cercanias da praia onde encostou, no verão passado, o dito osso encaveirado.

A go de intrigante estava sucedendo.

Mas o pescador não sabia explicar.

O camarão sempre abundante, naquele ponto da praia, estava ninguando à vontade. As coisas estavam ruins e bolar comida na mesa já era uma dificuldade. O fato é que depois da aparição, — até arripio lhe dá — daquele “arbu” fugando coisas na orla, a praia não era a mesma. E as doenças, meu Deus!, a muito desaparecidas, não sabia o porquê começavam mostrar os dentes.

O pescador deu-lhe “corridão”, no ano passado, mas não adiantou.

“Se as coisas não melhorarem, já sei o que fazer”. Resmungava ele, pensando em agarrar as farradas, os cacarecos, lançar canoa no mar e junto com a família navegar para terra firme, e em riba do Casqueiro, bolar pescaria de espinhel e de rede felicitosa.

Assustando aqui e ali, Léca pescador foi informado pelo compadre, de que na praia do Casqueiro ele já podia dispor de moradia. Realmente a casa era casarão, uma grande construção, majestosa e imponente para os dias de antigamente, apesar de abandonada e necessitando de urgentes reparos.

“Dois pisos tinha certeza”, gabava-se o pescador faceiro, E tanto era verdade que os antigos diziam ser o imóvel usado como mansão de um nobre barão, vindo para o Brasil com a família real.

Depois da morte súbita do nobre barão, é fato notório: a família quebrada, sem crédito e dinheiro, já, que o ouro por encanto criou asas, fugiu, mudaram-se da localidade e foram dizem as faldetras, plantar mandioca na distante Colônia de Sambaqui, ao norte da Ilha de Santa Catarina. Outros, contudo, comentam que a família arribou, indignada com poucos recursos

Figura 15: Conto O Casarão das Bruxas (continuação)

sopa criasse consistência e se transformasse no pirão branco esperado.

Só não lhe haviam contado. “Pelos diabos!”, resmungava Léca pescador, que a morada ofertada, nada de aluguel a pagar, estava era mal-assombrada desde a morte do barão, motivo pelo qual se encontrava abandonada e desocupada. Pessoas de várias classes tentaram no imóvel morar, mas qual nada! Com o barulho causado pelas bruxas malvadas e corja asquerosa, todos se puseram a correr.

A mulher do pescador uma católica fervorosa, mas nada praticante, não gostou da novidade de dividir seu espaço com bruxas endiabradas. E quando se lembrava do ofertado resmungava contrariada: “O milagre quando é demais o santo desconfia”. Atormentado o marido pouco dormia e seus ouvidos já estavam doloridos, de tanta lamentação. À noite, antes da reza, a companheira repetia:

– As crianças andam assustadas, agarradas nas barras da minha saia. É que do sótão, que a gente não utiliza, saem sussurros e berros, pouco antes da ave-maria. E quando tu não estás é só a gente prestar atenção, que lá de cima escuta-se arrastar de correntes com finos risos abusados.

Até hoje, mesmo depois da morte, persiste o mistério: O pescador Léca da Maria não acreditava nas almas do outro mundo, era descrente das coisas sobrenaturais ou corajoso no enfrentamento, ao ponto de peitar bruxas ordinárias na mansão assombrada?

A maioria das pessoas optam pela segunda versão.
Vamos lá!

Mesmo depois de se mudar para o casarão do barão, a vida do pescador Léca da Maria não apresentou progressos,

para as Antilhas, mas é mentira, invenção de quem não tem o que fazer.

Uns negociantes, vindos do norte da ilha, procuraram no casarão, faz tempo, também se estabelecerem no ramo de secos e molhados. Instalaram uma venda das sortidas, infelizesmente não passou tempo e deram com os burros na água. Mas tudo estava explicado, o comércio pouco vendia e o fiado resplandecia, além do que a família numerosa levava, sem nada pagar, metade dos gêneros alimentícios. Havia a caderneta de anotar da vovó, das tias, das primas, das cunhadas e não adiantava, no final do mês, somar as colunas da esquerda, não tinham rendas disponíveis para quitar o adiantado a crédito.

Ah! Que bancarrota!

Decretada falência uns foram para o sul botar pescaria de tainhas nas águas do Rio Grande, lá na friorenta e deserta praia do Cassino, outros, com menos sorte, depois da quebradeira, retornaram ao local de origem e continuaram, como de costume, comendo muito peixe e pouca farinha. E sempre que a farinha começava escassear o mais velho logo gritava:

– Farinha pouca, minha mãe, meu pirão primeiro.

E os comerciantes falidos voltaram da região do Casquiro, como o povo costuma dizer “com uma mão na frente e a outra atrás”. E além de tudo, corria à boca pequena entre as velhas beatas e benzedoras do caminho do Rei da antiga Jurerê, que não faz muito tempo, a família dos falidos, reuniram-se para o almoço, depois de dia suado, trabalhado na lide da roça. A farinha não era pouca, mas os comensais e a fome estavam em maior número. A grande matriarca, sentindo o drama exagerou na quantidade de água quente, o resultado foi uma sopa rala no lugar do pirão branco apreciado. O jeito, e aí estava a fofoca, foi colocar o alguidar em cima do telhado do engenho, e contar com a ajuda do sol quente que a

Figura 15: Conto O Casarão das Bruxas (continuação)

pelo contrário, a fome continuava rondando a prole acompanhada das doenças malignas.

Foram dias ruins, ele nem gosta de se lembrar.

Os vizinhos não apareciam, a família não recebia visitas, uns tinham medo, outros falavam que era respeito. O fato é que, durante à noite, medrosos e respeitosos evitavam a aventura de transitar ao redor do casarão. O lugar era fantasmagórico, não valia a pena arriscar.

Os dias arrastavam-se e Léca pescador andava desanimado. No início, uma dorzinha de cabeça, depois desânimo, mal-estar, agora uma preguiça de matar.

Apesar da maré baixa, nada de marcada para pegar o peixe grande, quando o quadrante se mostrava apropriado. O batelão e a canoa, confeccionados com o mesmo tronco de garapuvu, fazia tempo, não eram arrastados para o mar em busca do pão nosso de cada dia. Em casa para comer o cortiqueiro, sem "sustança"; um quartilho da trivial mandioca, dois datões de pó de café, meia dúzia de manjucas escaladas, um pacote de biscoitos duros, mofados, era tudo que lhes restava.

— Vai ver é quebranto. — Dizia comadre Marichinha.

— Só pode ser. — Concordava a mulher do Léca pescador. Ele agora atravessava os dias abrindo a boca e suspirando com uma dormideira enfadonha. Varava as noites acordado, com os olhos fixos no teto. O tédio tomou conta do corpo e dormitava na cama, na areia da praia. O fastio apareceu de súbito e para dentro do corpo debilitado só entrava a fumaça do palheiro e catarro amarelado.

Na boca, um gosto amargo, azedo.

Sentia-se fraco do corpo, desanimado da vida, agarrou a cama e dela não conseguia levantar-se. Caiu doente, muito doente. Durante a noite um febrão de dar medo. Suava e falava coisas sem nexo, estava delirando e suando mais. A família na beira da cama, com fome, medo e preocupação, rezava baixi-

nho e pedia piedade; durante vários dias, o quadro clínico do enfermo não se alterou.

No sótão do casarão, enquanto o pescador sofria, as bruxas faziam a maior algazarra. Eram gritos, risos, risadas e gargalhadas. Eram barulhos estranhos de correntes batendo, de malas sendo arrastadas e animais troando.

Das depois, quando a situação começou a fugir do controle, da família apavorada, o pescador Léca da Maria abriu os olhos e juntando forças, dirigiu-se à escada empoeirada, do sótão do casarão. De arrasto subiu os sótãos degraus, da escada de pedra, que dava acesso ao sótão endiabrado. Não conseguiu chegar ao topo da escada, faliu-lhe fôlego. Mas de longe, no contraste com a luz da lamparina, via-se a silhueta de um doente ajoelhado, braços levantados, longe da porta, que dava acesso ao interior do sótão, disposto a enfrentar aquele inferno de criaturas estúpidas; a arma que utilizou contra aquele exército de criaturas foi a palavra, dita com raiva e decisão:

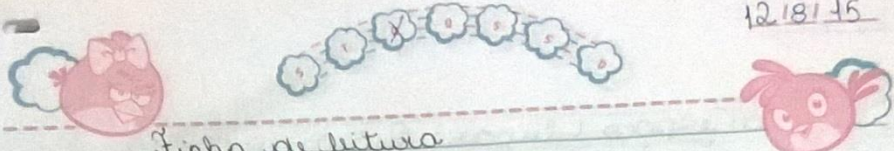
— O que é que vocês querem de nós, seus miseráveis? — E continuou a bradar com decisão. — Vão embora, "margurados", deixem-nos em paz, minha família precisa de sossego. Vão embora, ar, daí! Já está na hora seus "curalhos".

Silêncio absoluto. O recinto era impregnado de leve perfume floral, no fundo silêncio só cortado pelo sussurrar das preces. O ar pesado tomou-se leve, agradável. Alguns, de corações mais limpos, sentiram a presença, no local, da Virgem Maria, a Mãe de Jesus. Depois desta noite, a vida da família transformou-se. Não mais doenças, falta de comida ou desentendimentos; tudo era maravilhoso. As bruxas tinham ido embora para sempre... talvez.

Os vizinhos estavam surpresos, pois nunca uma família tinha morado no casarão abandonado por tanto tempo. Estavam convencidos de que talvez aquela morada não fosse tão assombrada assim.

Figura 17: Ficha de leitura de uma aluna

12/18/15



Ficha de leitura

I - Dados da obra:

a) Título da obra: O Coração das Azeitonas

b) Nome do autor: Mission Siza, Mota

c) Editora: APOC ano: 2008

II - Autor

a) Biografia (= 30 linhas) - Google - (Fonte)

* Fonte de informação

III - Retiro de compreensão

a) Personagens

* Aponte o personagem principal: mãe, pai e Chico da Maria

* Aponte as características físicas e psicológicas. Justifique com passagens do texto.
 Arrogante, bobalhão, humilde, alegre, bondoso

b) Até os personagens secundários: Aduas filhas, o mdaxulho, as brutas, o pai, o cunhado, bado-lo

c) Tempo: cerca de 2 meses, Gordogio

* Quando ocorre os acontecimentos marcados? Período

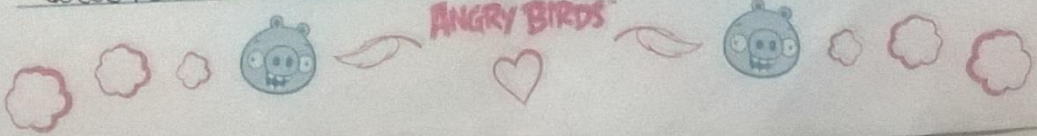
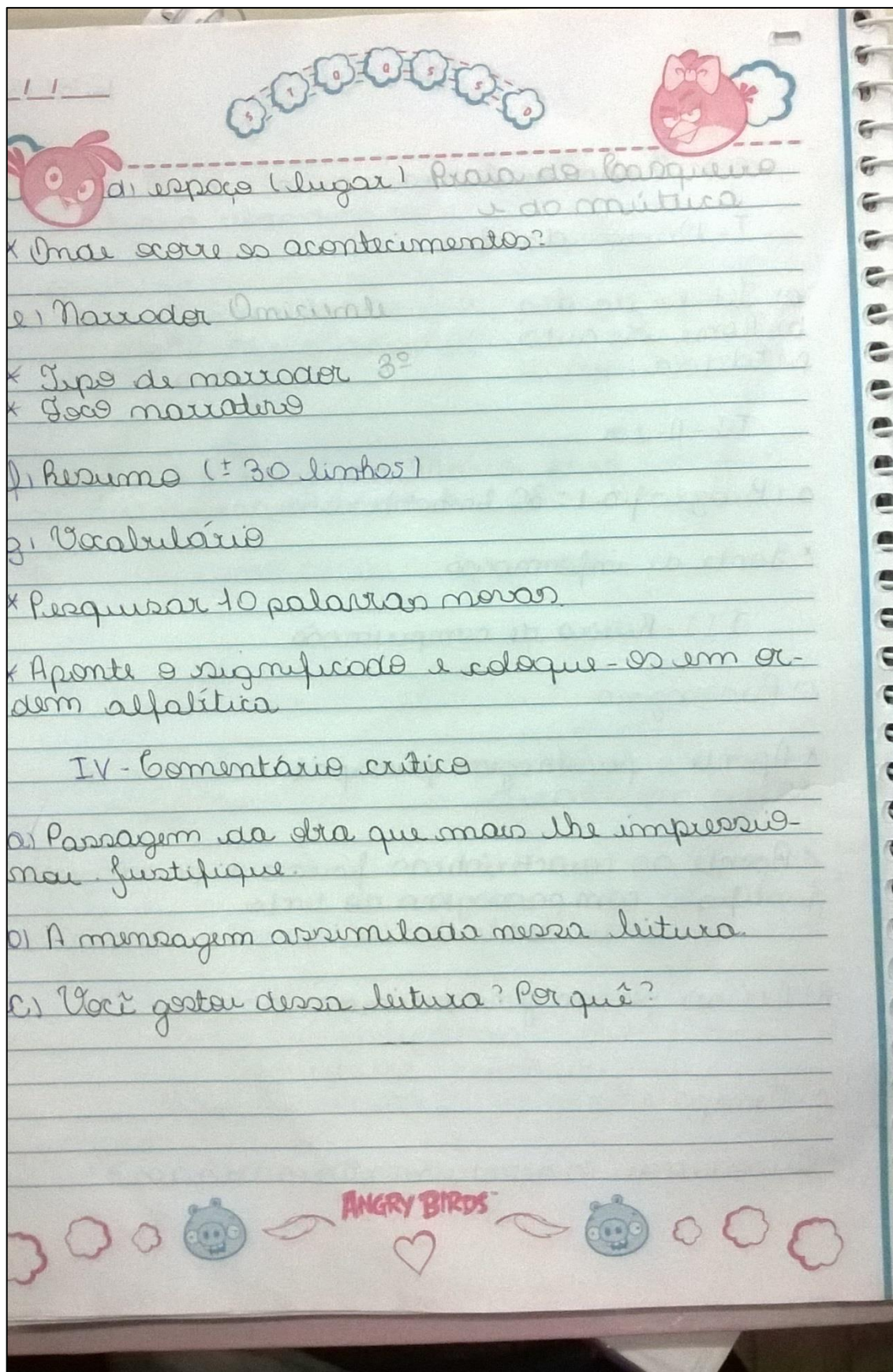


Figura 16: Ficha de leitura de uma aluna (continuação)



11

5 1 0 0 5 5 0

di espaço (lugar) Princesa da Banquete
e do Mútica

* Onde ocorre os acontecimentos?

e) Narrador Omissivo

* Tipo de narrador 3º

* Gênero narrativo

f) Resumo (± 30 linhas)

g) Vocabulário

* Pesquisar 10 palavras novas.

* Aponte o significado e coloque-os em ordem alfabética

IV - Comentários críticos

a) Passagem da obra que mais lhe impressionou. Justifique.

b) A mensagem assimilada nessa leitura.

c) Você gostou dessa leitura? Por quê?

ANGRY BIRDS™

Figura 18: Escolha de obras literárias, sobre as quais outra ficha de leitura seria preenchida

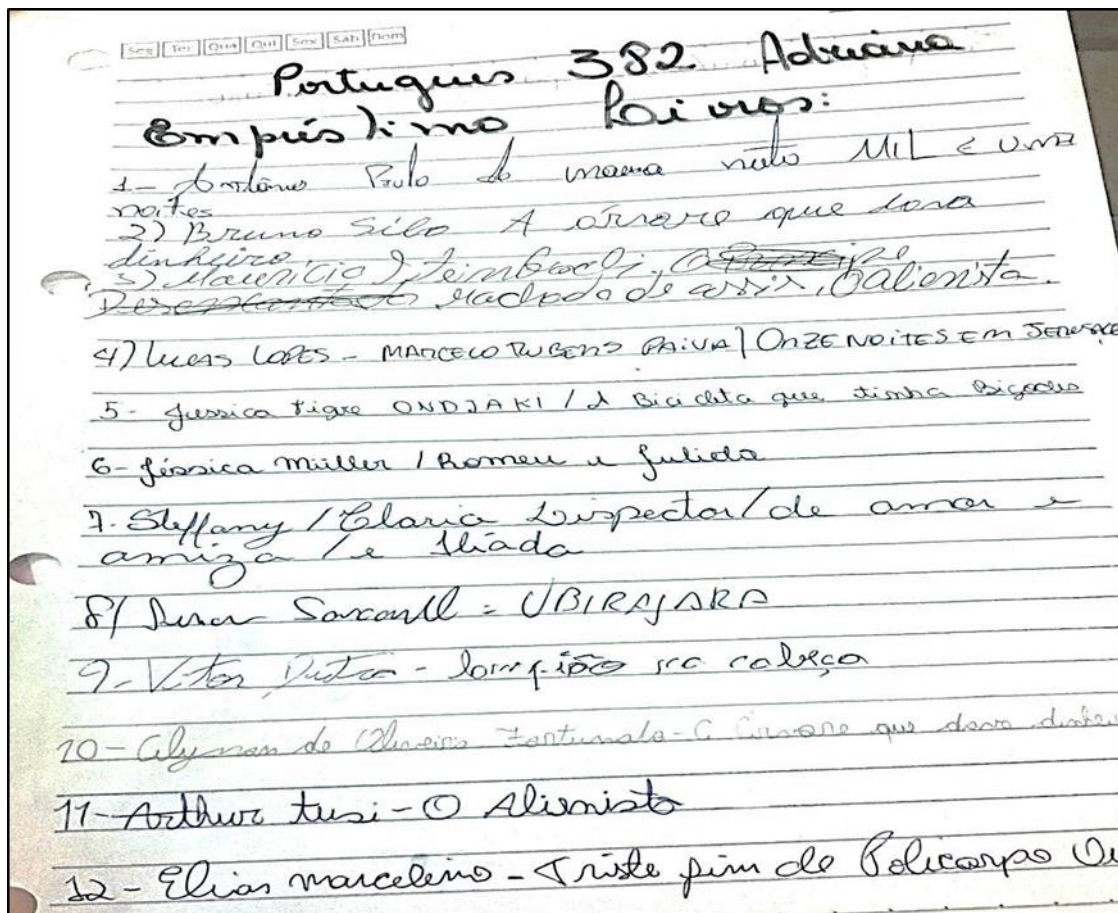


Figura 17: Escolha de obras literárias, sobre as quais outra ficha de leitura seria preenchida
 (continuação)

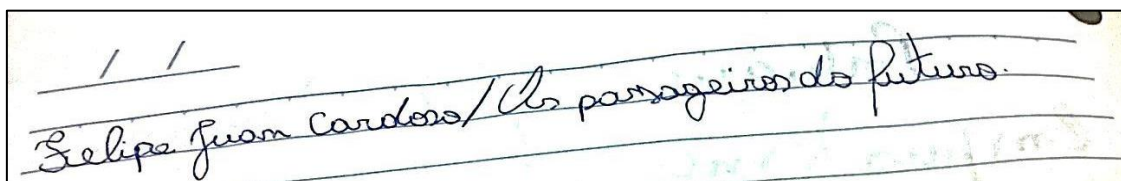


Figura 19: Atividade de interpretação de um aluno, realizada anterior ao período de estágio

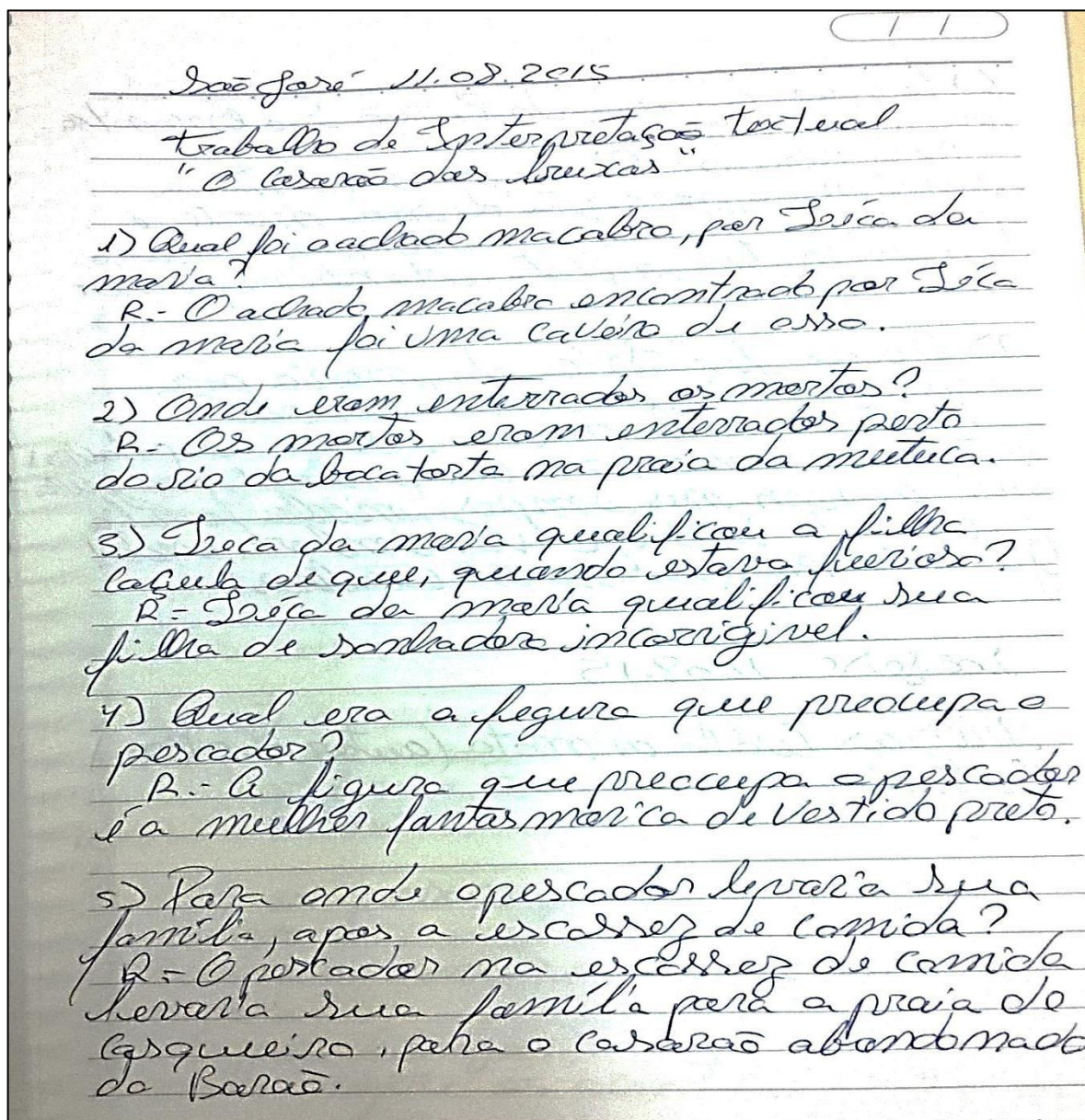
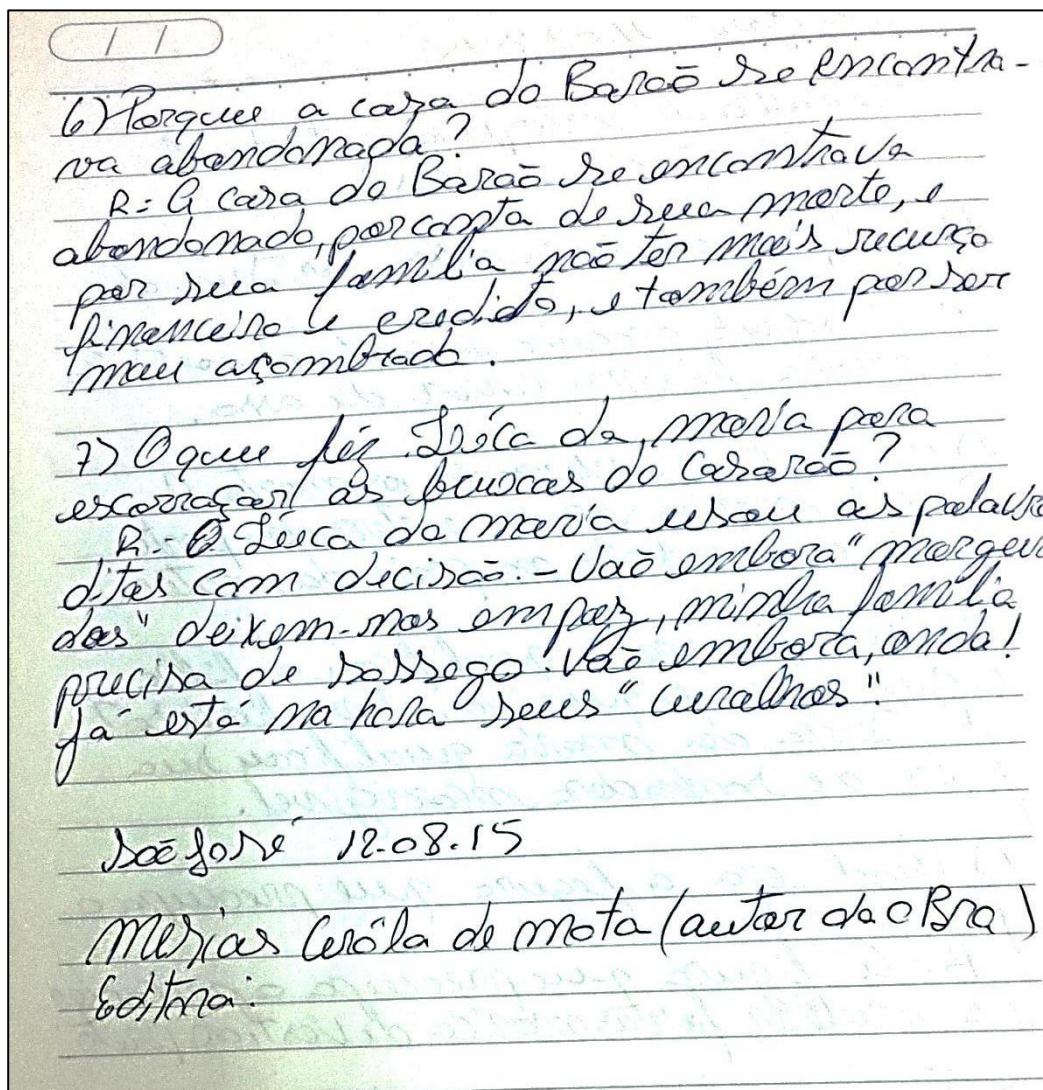



Figura 18: Atividade de interpretação de um aluno, realizada anterior ao período de estágio
(continuação)



ANEXO IX – Páginas do PPP da EJA referente ao histórico do colégio

Figura 20: Páginas do PPP do colégio disponibilizadas aos estagiários



COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
KOBRASOL - SÃO JOSÉ/SC
RUA: JOSÉ FERMINIO DE NOVAES S/Nº
FONE: (48) 259.3222 - FAX (48) 259 0654

"A apropriação da riqueza intelectual (patrimônio cultural) abre caminhos para a ação política das camadas populares, capacitando-as para criarem alternativas sociais de maior distribuição da riqueza material". (PCSC, 1998, p.16).

PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM:
Processual, diagnóstico, dinâmico, participativo, qualitativo, inclusivo e emancipatório.
 Mediação-interação-dialogicidade.
 O processo de ensino se dá a partir da realidade cultural e social dos alunos e professores, bem como de suas condições humanas e de trabalho, lembrando que tudo o que acontece na escola tem um caráter educativo.

AVALIAÇÃO:

- Processo permanente de ação-reflexão-ação
- Instrumento dialético de DIAGNÓSTICO
- Inclusão de todos os educandos no processo de aprendizagem e desenvolvimento satisfatórios
- Apropriação do máximo de conhecimento possível e necessário do ponto de vista individual e socialmente significativos.

1.1. MARCO SITUACIONAL

A) Realidade Global:
 Descrição do Mundo, da Sociedade e da Educação na atualidade

B) Realidade Local:

Histórico da Instituição:

Situado na rua José Ferminio Novaes, s/nº - Kobrasol – São José, foi fundado em 12 de novembro de 1988, iniciou suas atividades em 1989, com a finalidade de atender aos anseios da comunidade em ter uma escola pública com garantia de um ensino de qualidade. Surgiu com a necessidade de atender a comunidade local evitando assim que aos alunos fossem estudar em municípios vizinhos devido ao aumento da população e a falta de escola de ensino fundamental e segundo grau (atual Ensino Médio).

Em uma área de 3.840 m², foi construído o primeiro prédio com 1.594,32 m² denominado de Bloco A. Este foi insuficiente para atender a demanda da comunidade local, construindo-se então o Bloco B, com 2.871,17 m². A população continuou crescendo e aumentou a necessidade de vagas na instituição, então, em caráter de urgência, em 1999 foi entregue o Bloco C com 1.685,59 m².

Figura 19: Páginas do PPP do colégio disponibilizadas aos estagiários (continuação)

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
KOBRASOL - SÃO JOSÉ/SC
RUA: JOSÉ FERMINIO DE NOVAES S/Nº
FONE: (48) 259.3222 - FAX (48) 259 0654

O Colégio Municipal Maria Luiza de Melo recebeu este nome em homenagem a mãe do então prefeito da época, Germano João Vieira. Maria Luiza de Melo (1889 – 1934) foi uma mulher à frente de seu tempo. Era culta, moralmente correta e muito voltada às questões religiosas; tinha uma preocupação especial com o desenvolvimento cultural e educacional de seus filhos e das crianças da comunidade. Pode ser considerada um exemplo de força e determinação, uma grande heroína da educação.

Os primeiros diretores do colégio foram Nazaré Vieira (diurno) e Glácia F. Deschamps (noturno). Estas promoveram a melhoria do nível de ensino ao investir no aperfeiçoamento e atualização dos recursos humanos envolvidos no processo ensino/aprendizagem e ao promover estudos e reflexões sobre as tendências da Educação Brasileira.

O espaço físico é composto por 39 salas de aula, laboratórios de informática, ciências e comunicação, biblioteca, sala de professores, sala de especialistas, sala de vídeo, auditório, sala de dança, cozinha e espaço apropriado para a prática esportiva.

Levantamento e descrição da realidade:

A) Externa: Dados da Comunidade onde está inserida a escola

B) Interna: Caracterização do público Alvo

C) Recursos:

Recursos Humanos: Organograma, quadro de pessoal, setores

O colégio conta com cerca de 215 profissionais sendo professores, funcionários, especialistas em assuntos educacionais, fonoaudiólogas e uma média de aproximadamente 4000 alunos, distribuídos nos períodos matutino, vespertino e noturno. onde atende também a Educação de Jovens e Adultos atingindo desde a Alfabetização até o Ensino Médio.

ANEXO X – Amostras de produção textual dos alunos (aulas 2 e 3)

Figura 21: Amostras de produção textual do aluno 1 (aulas 2 e 3)

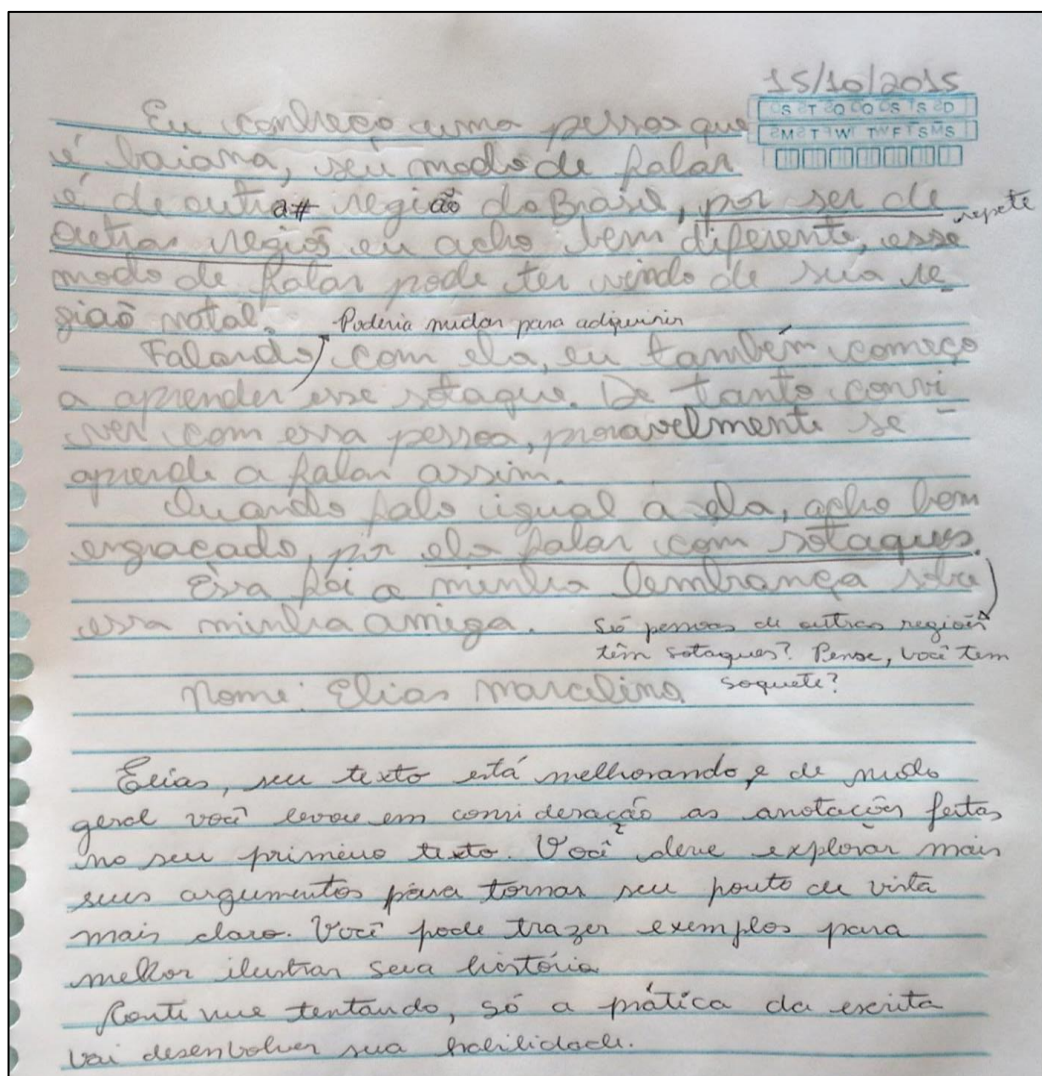


Figura 22: Amostras de produção textual do aluno 2 (aulas 2 e 3)

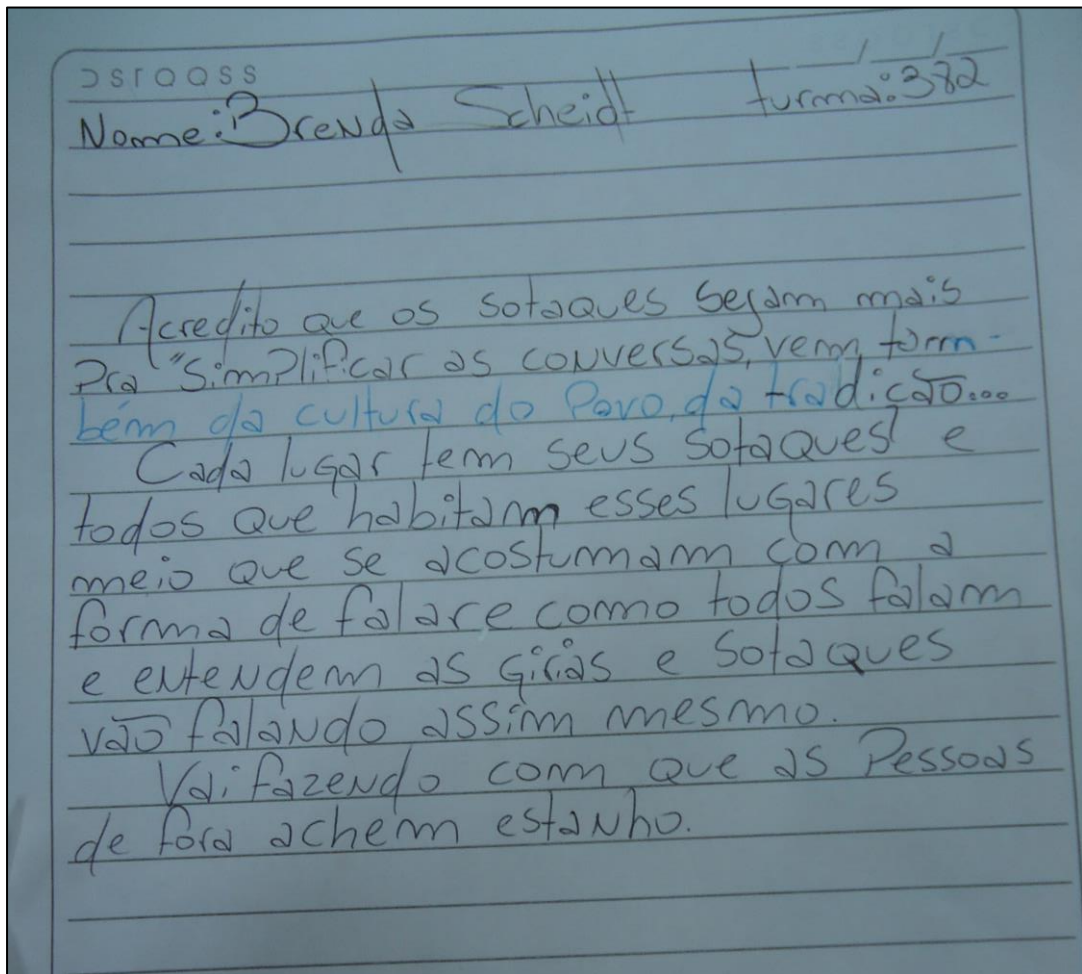
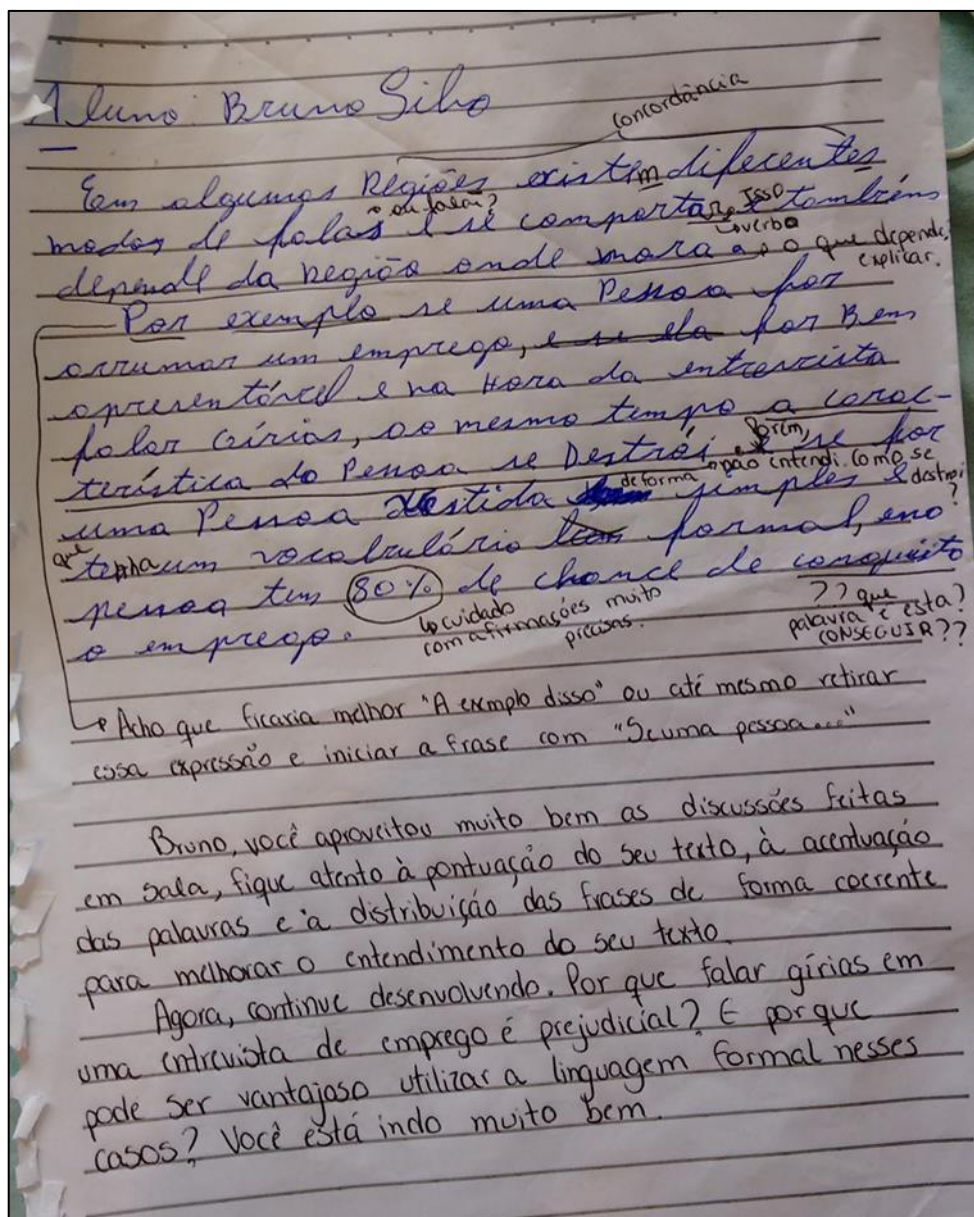


Figura 23: Amostras de produção textual do aluno 1 (aulas 2 e 3)



ANEXO XI – Texto levado como modelo de estruturação e abordagem do tema

"Manezinho da ilha"

Muito se fala do manezinho da ilha, como se antes nunca houvesse existido. Dizem que se trata de um personagem popular na figura de um pescador que tem um jeito simples e um modo de falar singular. Dizem ainda que fala-se assim lá pro Açores. É o que dizem...

Na minha concepção, o "Manezinho da Ilha" é simplesmente o nativo da ilha de Santa Catarina. Se é um homem "assim ou assado, frito ou ensopado", não é o tema da discussão. Simplesmente, é quem nasceu na ilha, e somente na ilha.

A ilha é a mãe e seu povo seus filhos. Assim para quem não nasceu na ilha, mas que já vive nela a algum tempo poderia considerar-se filho adotado e até receber a alcunha de "manezinho", mas não da ilha.

O Manézinho da ilha é uma figura com muitas peculiaridades como no seu jeito de falar, na simplicidade do que trata as coisas da sua terra, no tratamento cordial com quem lhe chega, enfim é uma figura receptiva como quem recebe um amigo em casa. Sua cultura é fundamentada na herança cultural deixada principalmente pelos açorianos, maiores povoadores da região e litoral catarinense. Não esquecendo das outras etnias que contribuíram muito na formação da cultura local.

Para reconhecer um verdadeiro manezinho da ilha basta prosear com o primeiro passarinho pitando um que tivesse no mar pela manhã e a tarde esteja indo bater um dominó na venda. Simples né!

Há dois tipos de manezinho da ilha. Tem o manezinho da cidade e tem o da praia. O mané da cidade, da vila capitale, é passarinho, trabalha no centro, vai ao mercado público e a feira livre, gosta de peixe e sabe fazer um bom caldo, descasca camarão e sirí corretamente, gosta de boi-de-mamão e pescaria, é bem religioso, gosta da família reunida, é musical, já fez uma ratoeira bem cantada, bate um dominó, fala "seu instepô" com frequência, etc. O mané da praia é tudo que o mané da vila capitale é, só que vive na orla da ilha.

Atualmente, temos os novos manezinhos da ilha. Uma geração que apesar de viver um tempo de globalização, alguns, conscientes, fazem o que podem para manter o pouco que sobrou ou resgatando o que já se perdeu. Ainda bem!

Disponível em <<http://www.manezinhodailha.com.br/Scripts/ManezinhosA.htm>>. Acesso em 13/10/2015

ANEXO XII – Amostras de reescrita textual dos alunos (aulas 7 e 8)

Figura 24: Segunda amostra de produção textual do aluno 1 (aula 6)

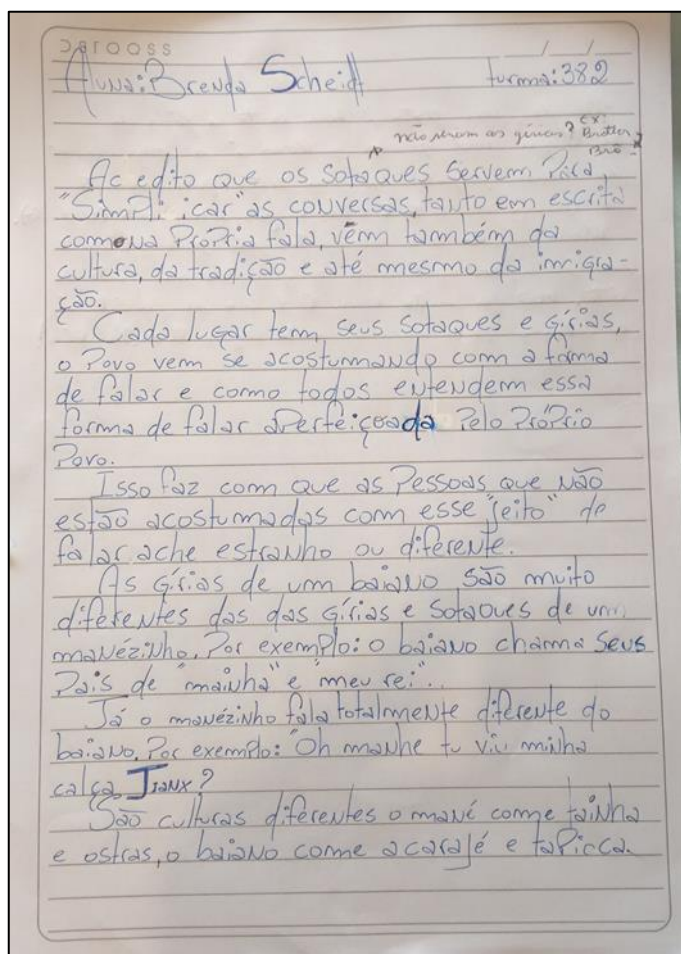


Figura 25: Segunda amostra de produção do aluno 2 (aula 6)

15/10/2015

Eu conheço uma pessoa que é baiana, seu modo de falar é de outra região do Brasil, por ser de outras regiões em geral tem diferente, esse modo de falar pode ter vindo de sua região natal. Poderia mudar para adquirir

Falando com ela, eu também comecei a aprender esse sotaque. De tanto ouvir com essa pessoa, provavelmente se aprende a falar assim.

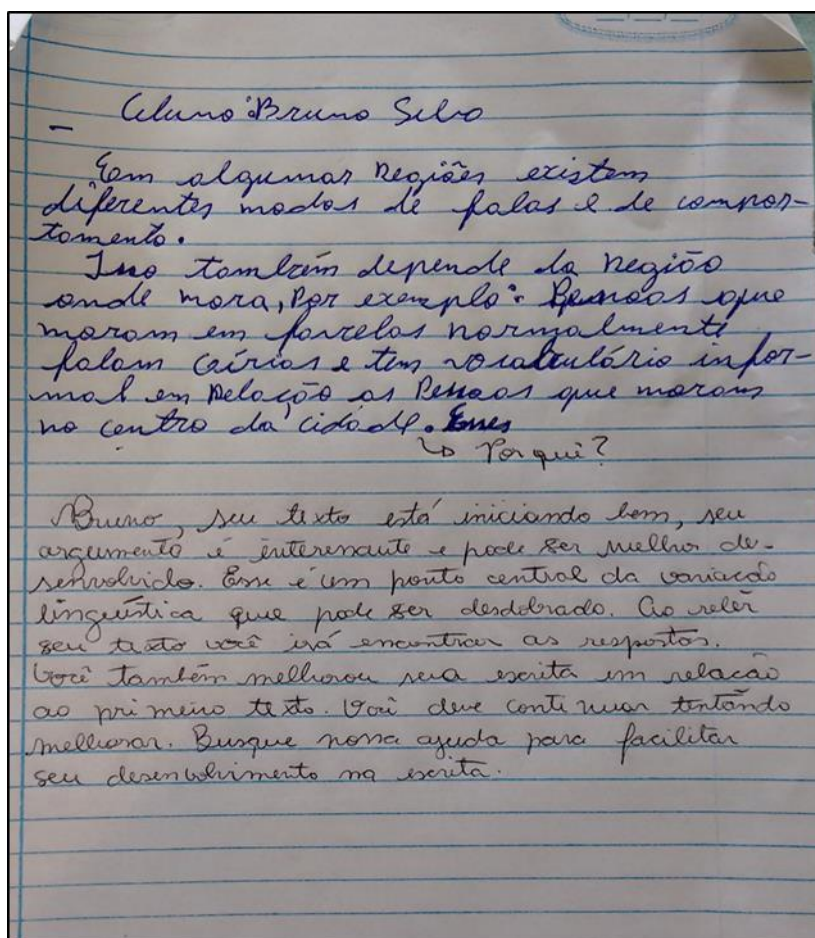
Quando falo igual a ela, acho bem engraçado, por ela falar com sotaques. Era foi a minha lembrança sobre essa minha amiga. Se pessoas de outras regiões têm sotaques? Pense, você tem sotaque?

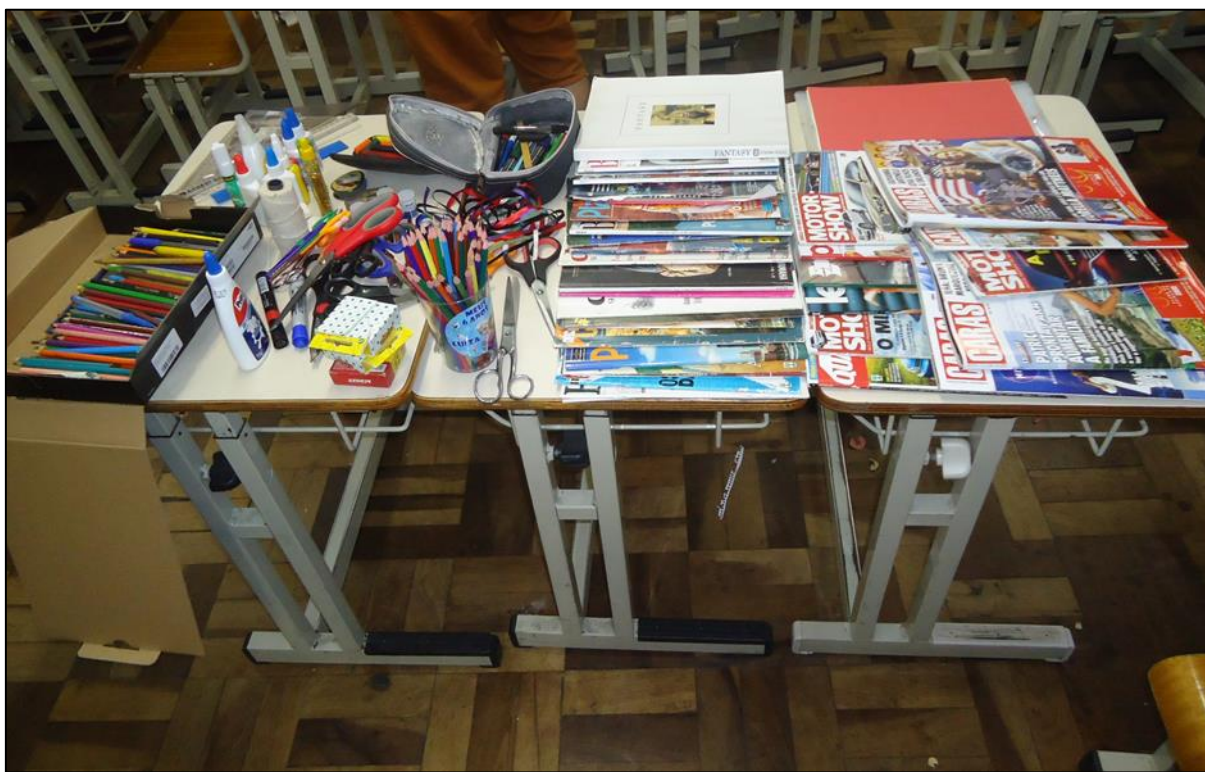
Nome: Elias Marcelino

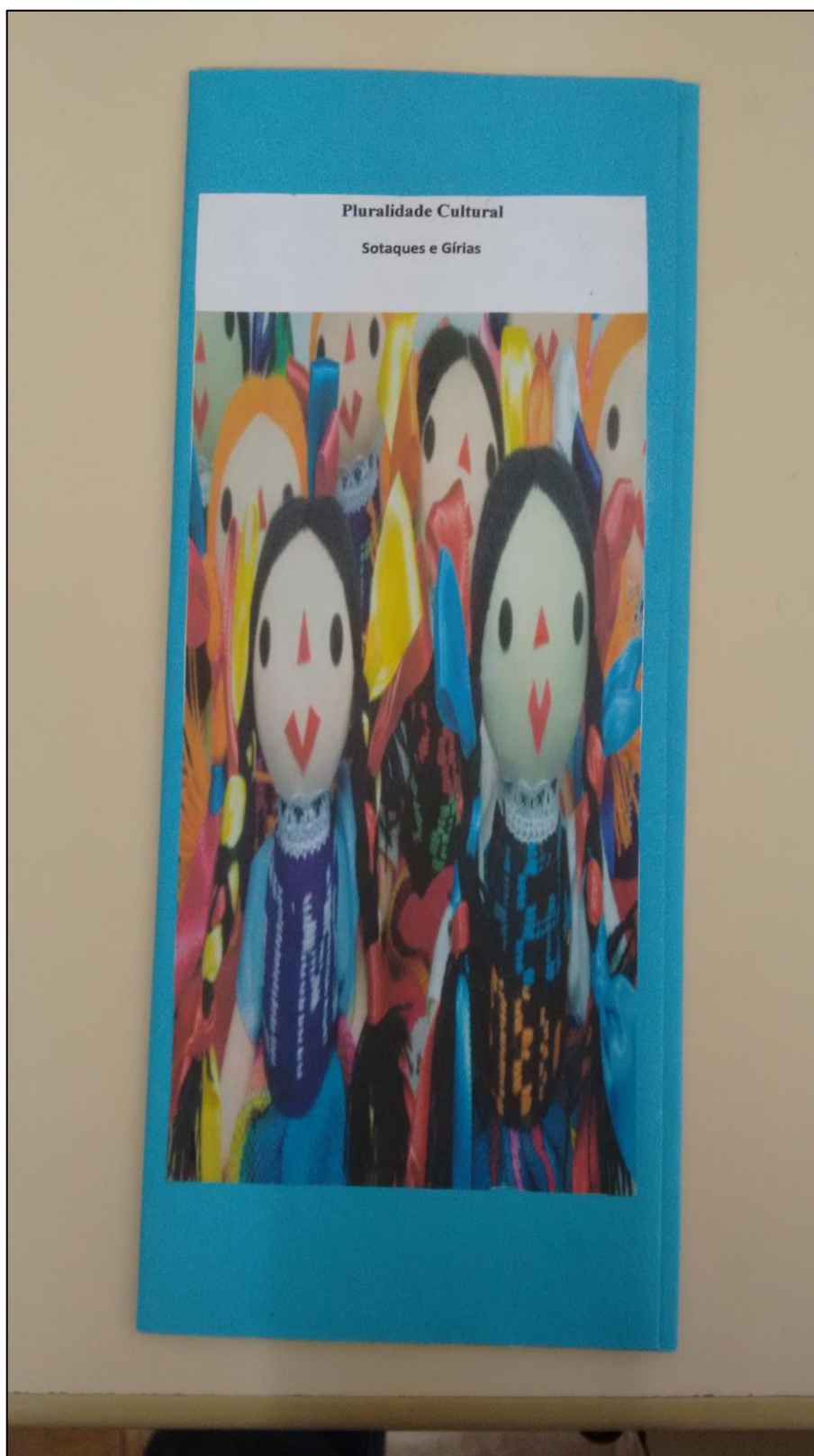
Elias, seu texto está melhorando e de modo geral você levou em consideração as anotações feitas no seu primeiro texto. Você deve explorar mais seus argumentos para tornar seu ponto de vista mais claro. Você pode trazer exemplos para melhor ilustrar sua história.

Conte-me tentando, só a prática da escrita vai desenvolver sua habilidade.

Figura 26: Segunda amostra de produção do aluno 3 (aula 6)



ANEXO XIII – Foto dos materiais disponibilizados para a produção dos *fanzines***Figura 27: Foto dos materiais disponibilizados para a produção dos *fanzines***

ANEXO XIV – Amostras de três *fanzines* finalizados**Figura 28: Amostra do *fanzine* do aluno 1 (capa)****Figura 27: Amostra do *fanzine* do aluno 1 (parte interna)**

Sorfeques e Giza

O manezinho e o paulista

O manezinho encontra seu amigo paulista na praça da igreja da conceição, na ilha de Florianópolis onde os dois moram.

Manezinho:

— Paulista meu querido... arranhassi emmim no tipo, acabassi sem os cachorro papai-oi!

Paulista:

— E nota aí ligado! Os hirba parecia bonica. Il ligado mano?

Manezinho:

— Dazamhanho! Es um monstro! Djalhoje oncore o Deca da Billa, fado pra ele, ses gou, ses gou, metese na cara do tamo! Que de rem viu aquele isepi!

Paulista:

— Ai mano yamos na balada? Vai panta as mam. It ai ligado! So temos que passer um choveco nas patricinha...

Manezinho:

— Se tu diz? O, lilo, lilo em dois loques tamo lil!

Paulista:

— So temos que passer na casa do Birba, pra convidar ele, o mano e banta ita ligado? E ai Birba? Yamos pra balada?

Birba:

— Nao! La so tem cu de inercica.

Manezinho:

— Yamo la seu tamo, tax tolo tax? Vai ficar ai molhando com a pomba na balada?

Paulista:

— Eai le disse, eu le disse isepi, seu tamo! Dazamhanho! Kkkkk. Sissi igual um cachorro papai-oi!! Kkkkk...

Paulista:

- Gírias do manezinho da ilha de Florianópolis**
1. Arranhassi: Expressão de espanto, em situação de choque ou afrenta.
 2. Amarrar a cara Zangar-se.
 3. Cachorro papai-oi: Viradas que não tem raiz.
 4. Camuflado de pai: Seta, "vou te dar uma caminhada de pai".
 5. Cu de inercica: Pessoa briga, contenciosa, que só traz problema.
 6. Dazamhanho: Expressão usada para dizer que uma pessoa acertou, conseguiu uma façanha. Mas as vezes usada de forma irônica.
 7. Djalhoje: Termo usado equivamente para expressar um tempo ocorrido mais cedo. "Ela esteve aqui djalhoje".
 8. Fado das loques: Rapiadamente. "Vou ali em dois loques e já volto".
 9. Es um monstro: Expressão usada para dizer que uma pessoa é grande, e melho em algo, pertencente ao forte. "Messi, tu jogas muito, es um monstro".
 10. Isepi, Desagradado: Pessoa que não presta. Muitas vezes é usada em tom de brincadeira. "você tá sei isepi?".
 11. Metase a pau!: Quando alguém acerta em cheio, consegue alguma façanha de forma brilhante. "Tu passou no vestibular? Metase a pau, cara!".
 12. Mãe com a pomba na balada: Expressão usada para dizer que uma pessoa não vai alcançar o seu objetivo, que vai se cançar de esperar.
 13. Nao tem?: Vício de linguagem correspondente a "não é", "né" ou "saber?".
 14. Oshiboi: Expressão de admiração, espanto ou surpresa.
 15. Respe-de-braga: Traje de trabalho.
 16. Tax tá?: Expressão de admiração/espanto em relação a decisão de outra pessoa.
 17. Tamo: pessoa "burra" no sentido ser sonna. "Tu deixou o cachorro fugir, ser tamo?".
 18. Tu diz?: Expressão de espanto quanto a veracidade de alguém. "Essa fil tá?".
 19. Ino?:
 20. ser no toda vida: Seguir em frente e em linha reta, sem se desviar d
 21. ses gou, se into gou, dic: Expressão usada quando uma pessoa é
 22. ...em saber que decisão tomar.



Manezinho



Paulista



Birba



lugar do tomacco

Casinha do pai

Figura 29: Amostra do *fanzine* do aluno 2 (capa)

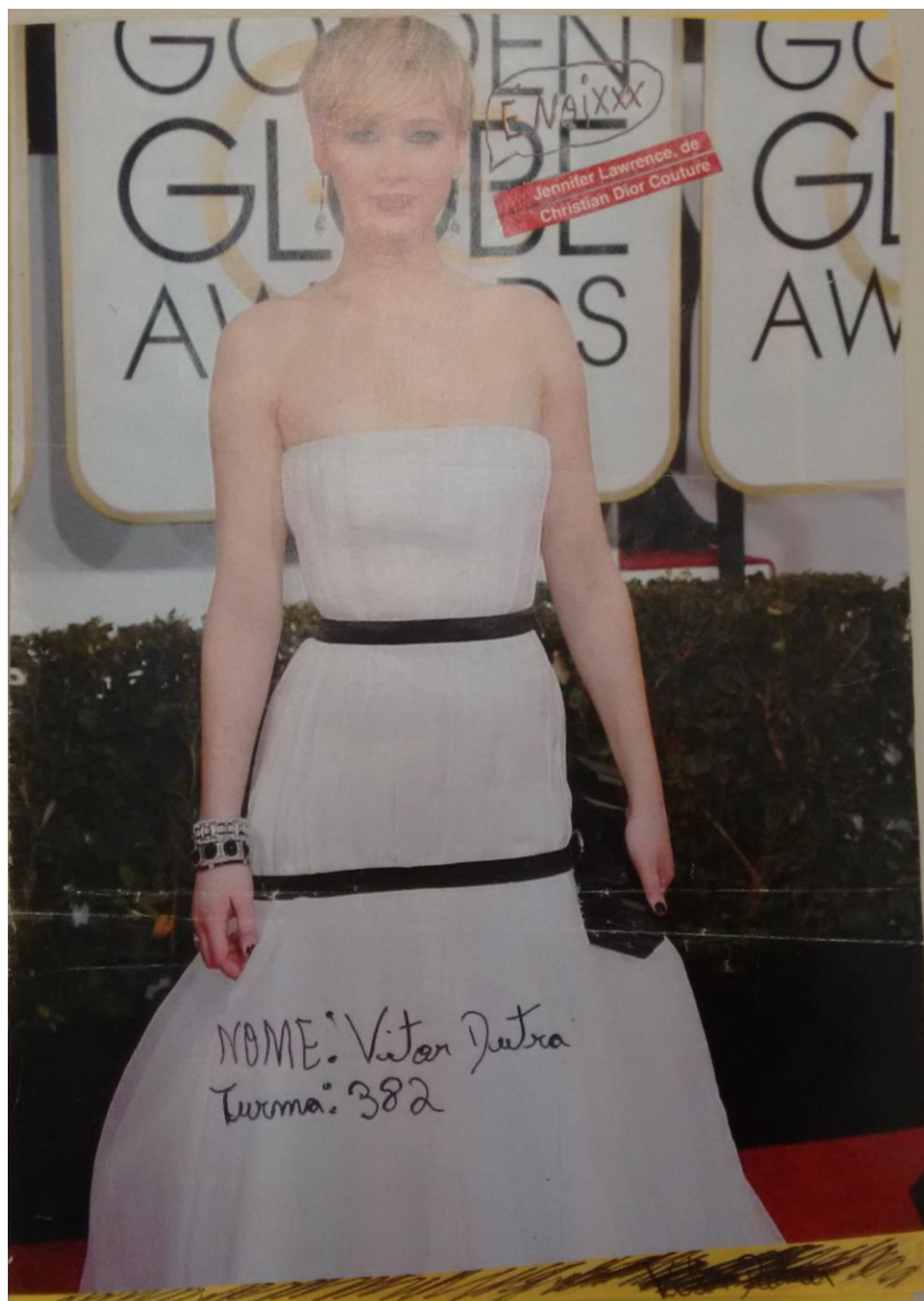


Figura 28: Amostra do *fanzine* do aluno 2 (parte interna)

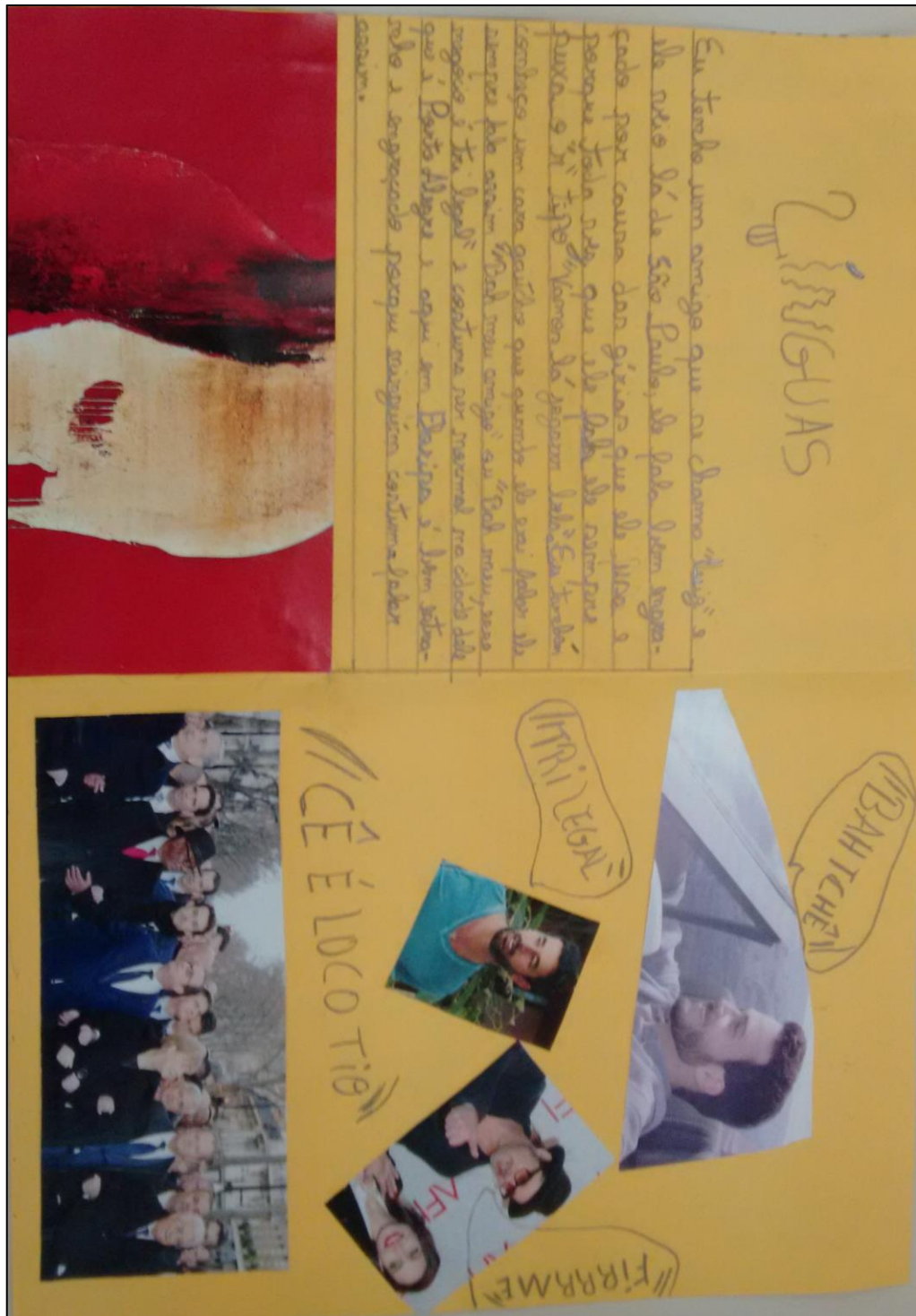


Figura 28: Amostra do *fanzine* do aluno 2 (contracapa)

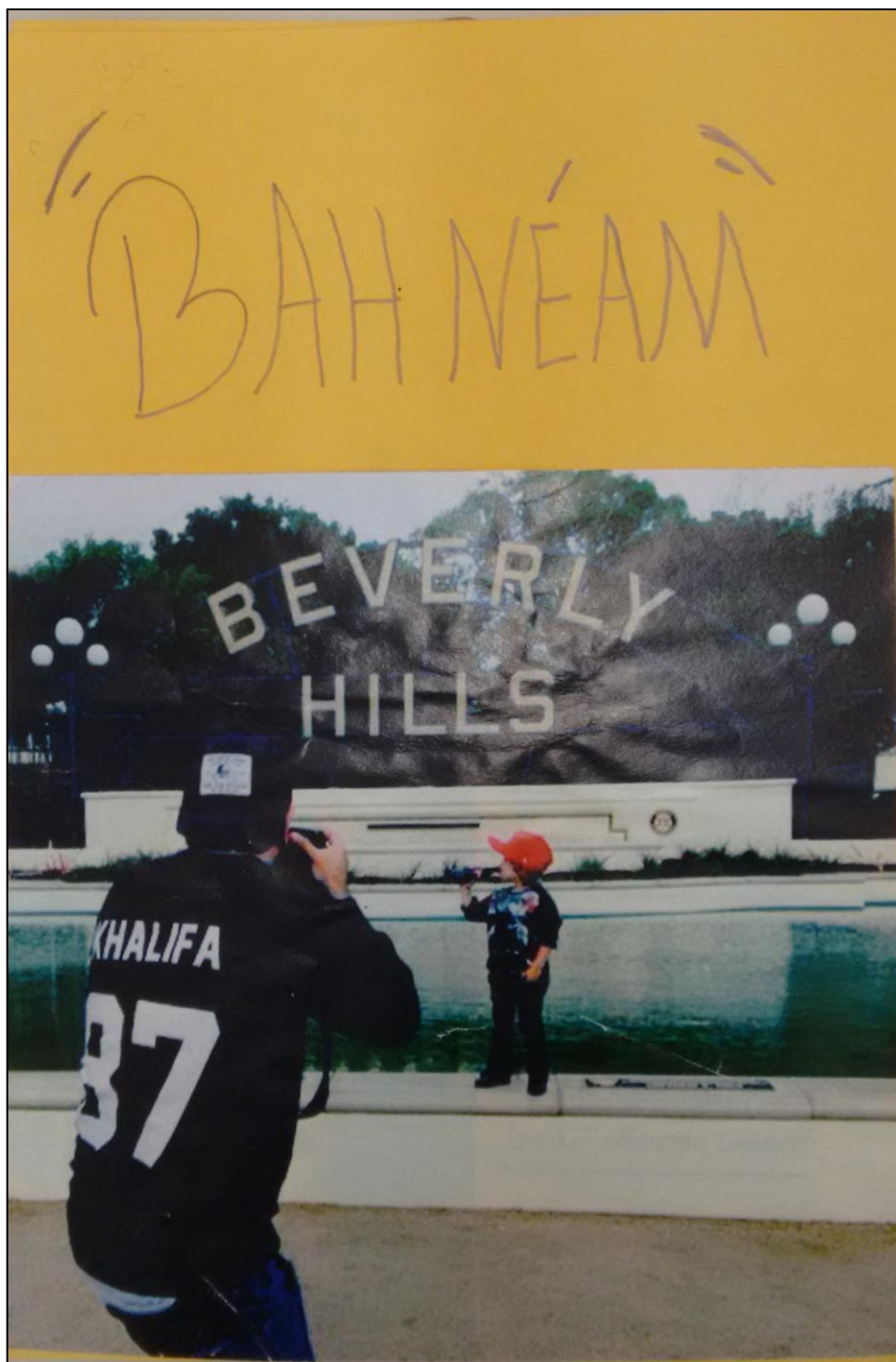


Figura 30: Amostra do *fanzine* do aluno 3 (frente)

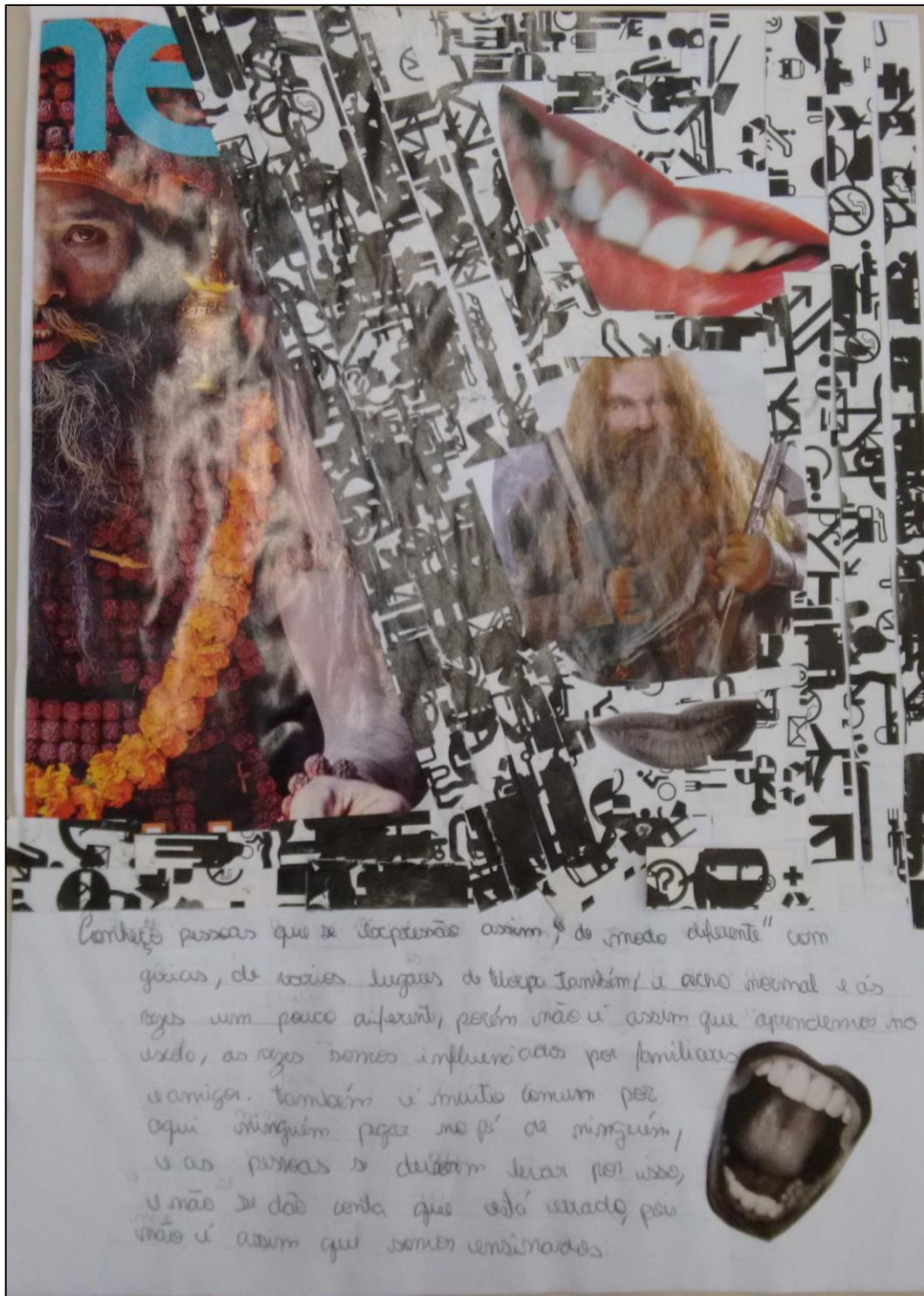
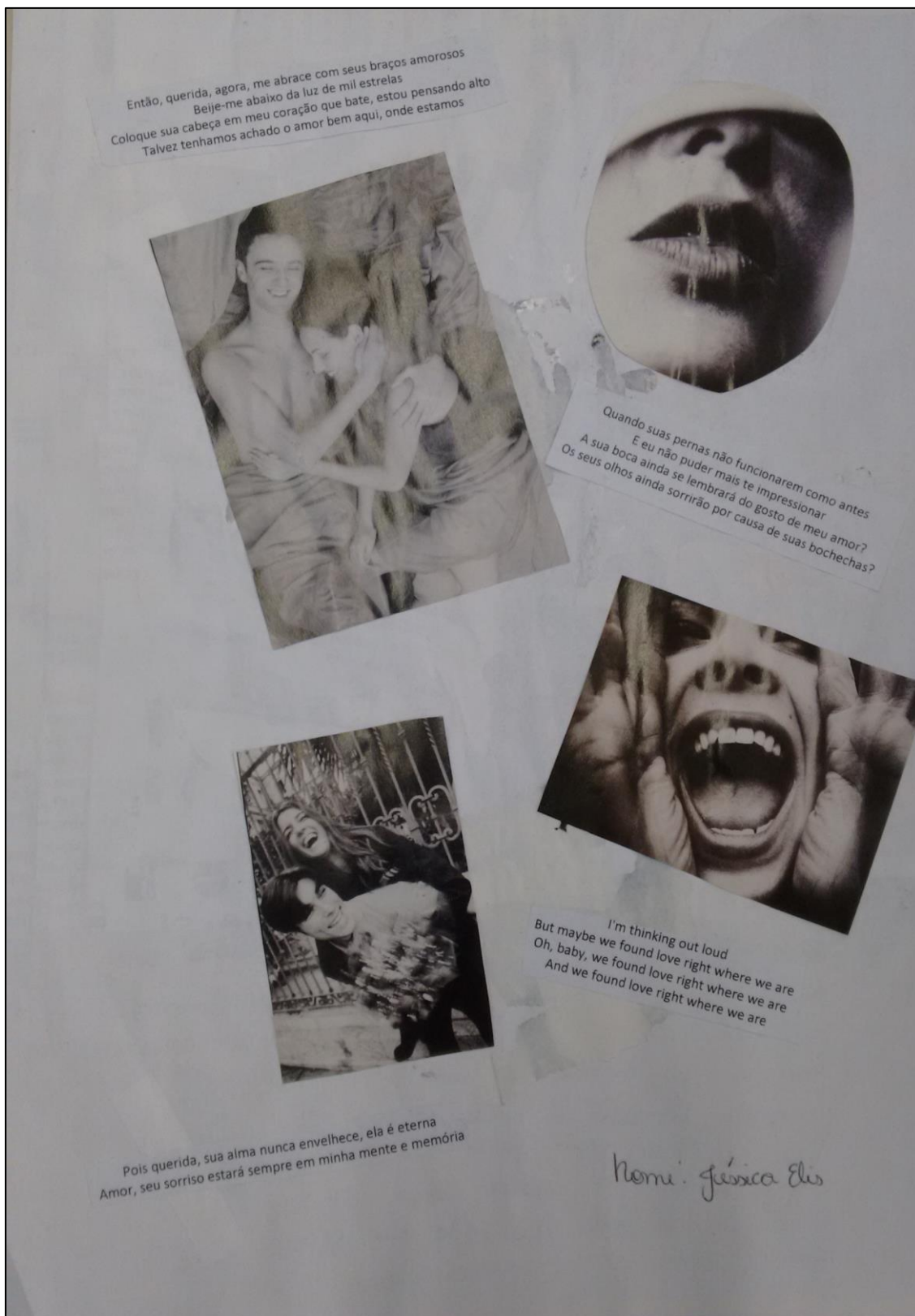


Figura 29: Amostra do *fanzine* do aluno 3 (verso)



ANEXO XV – Amostras da atividade de interpretação

Figura 31: Atividade de interpretação do aluno 1

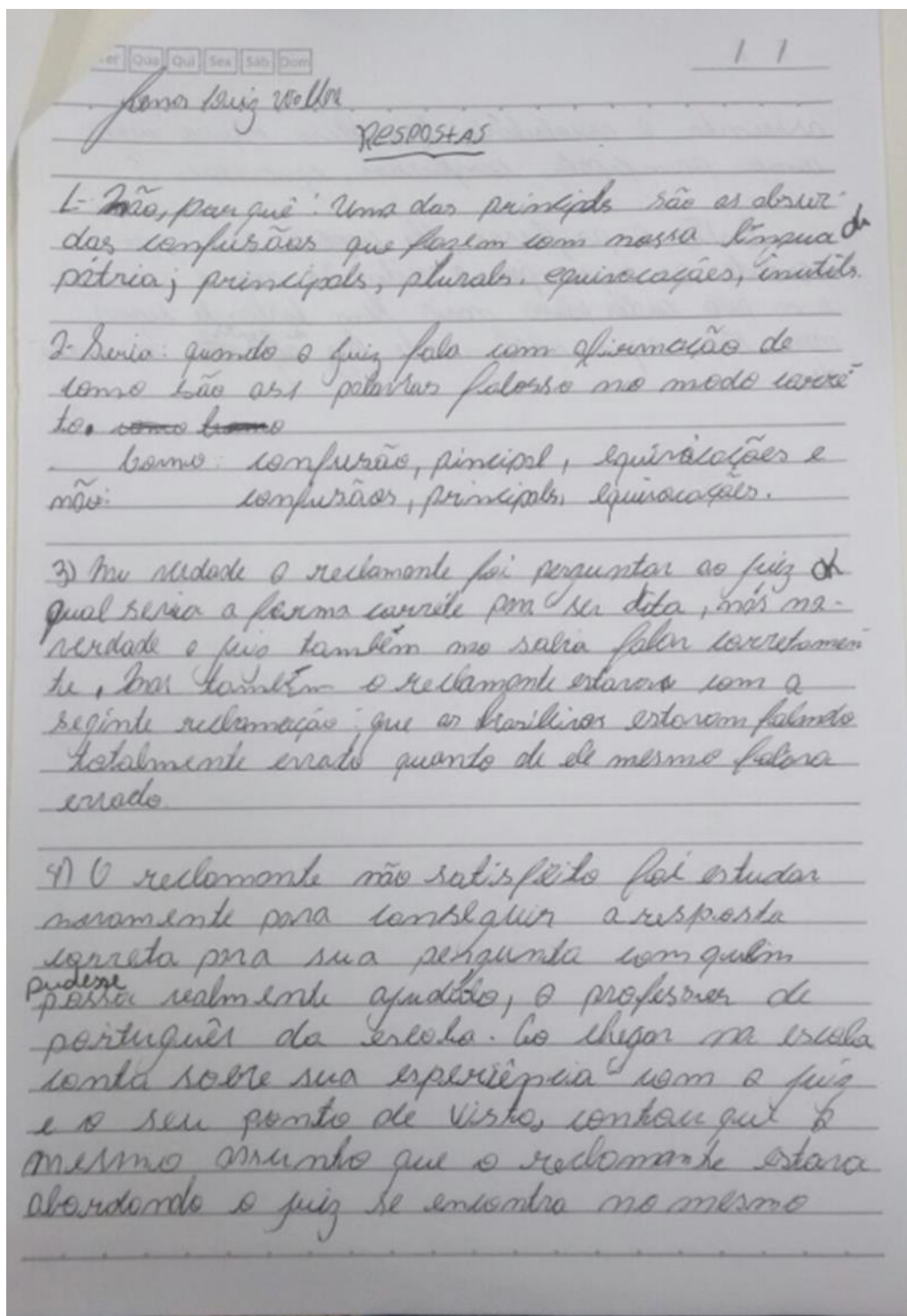


Figura 31: Atividade de interpretação do aluno 1 (continuação)

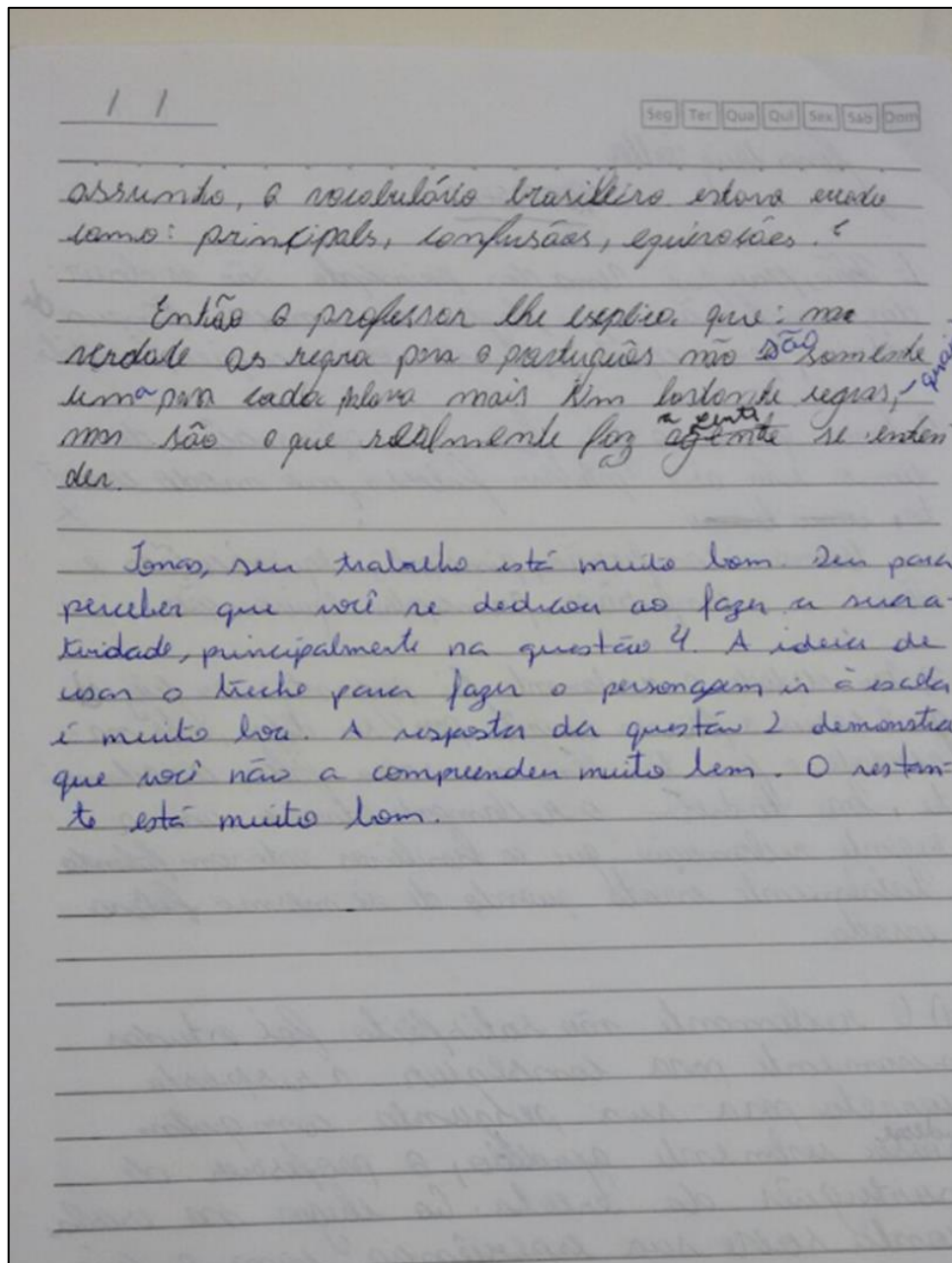


Figura 32: Amostra da atividade de interpretação do aluno 2

1- Não está correto. Por exemplo: a
"Os Principais" "as concordâncias verbais".

2- A resposta do juiz não o satisfaz porque
colocado "s" no final de todas as palavras ^{porque}
sem sentido. Por exemplo: Um p.r., dois p.res. ^{faltou falar das}
^{alternativas}

3. O sentido é que até as pessoas que notam
percebe que ela mesma também está e pode
falar errado.

4. Não acredito que sejam incapazes de apreender
acho que falta oportunidades, falta de vontade. ^x
^{podria ter}
^{desenvolvido mais}

Brenda, sua atividade está incompleta,
principalmente a questão 4. Na questão 2,
você poderia ter citado uma das regras que
colocamos no quadro; na questão 4, você poderia
ter desenvolvido melhor a sua ideia e usado
o plural para ilustrar seu texto.


OBS: Tome cuidado com as letras "p",
na sua escrita, elas parecem ser todas maiúsculas

Português
29.10.15

Figura 33 Amostra da atividade de interpretação do aluno 3

S T Q Q S S D

DATA ____ / ____ / ____



4R = as citações brasileiras são capazes de aprender de aprender também como todo mundo, porque até quem acha que não sabe nada sabe nada. Acho que não precisa de atendimento especial para que não é necessário, acho que precisa ensinar melhor para deixar mais clara² as regras do plural e do português, assim não sei ter essa dúvida das regras do plural achando que uma pessoa não entende mesmo que o fato que escrevi que está certo, está errado. Então, se ensinarem melhor o português, o plural e as regras, assim não sei ter mais essas dúvidas.

Muito boa a sua atitude, Vitor. Você escreveu muito bem e sabe se expressar. Apenas deixaria, na questão 4, ter usado o exemplo do plural para ilustrar sua ideia.

Vitor Ruteira

ANEXO XVI – Amostra da primeira versão da escrita do relato pessoal dos alunos

Figura 34: Amostra da primeira versão da escrita do relato pessoal do aluno 1

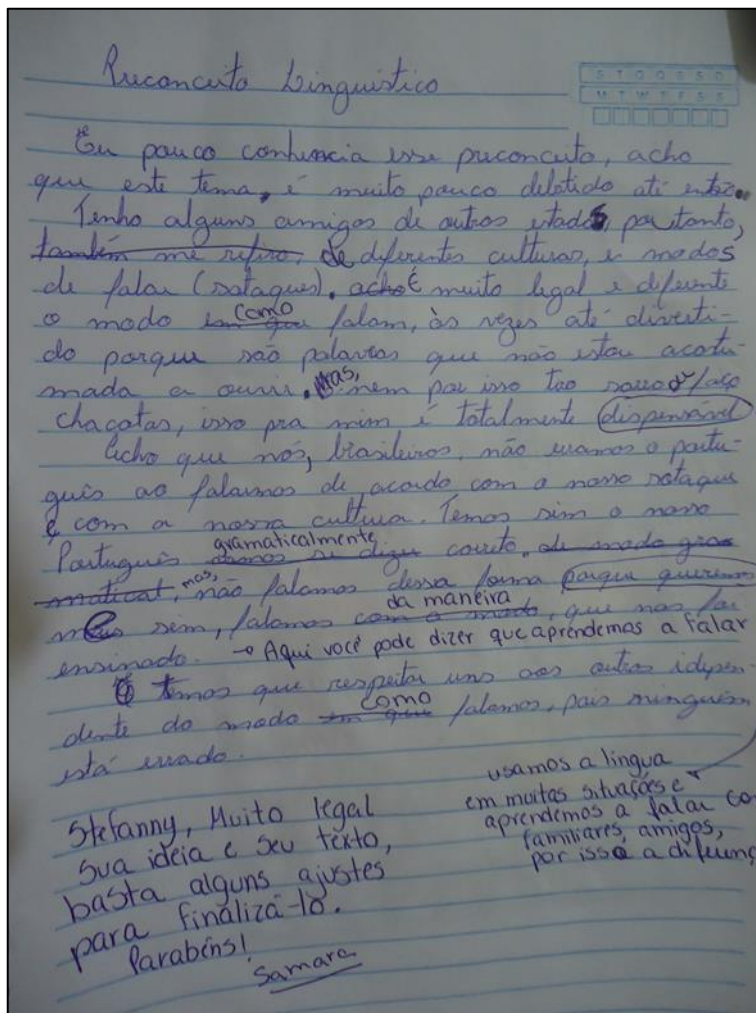


Figura 35: Amostra da primeira versão da escrita do relato pessoal do aluno 2

Aluno: Brenda Scheidt turma: 382

Uma vez eu vi na internet uma moça de 34 anos que foi no Programa da Múrcia um Programa de bônus.

nao preciso paragrafo. Essa moça se chama Maria José, ela contou que saiu muito cedo da casa de seus pais onde trabalhava como empregada doméstica e foi ao shopping comprar um notebook de presente de natal para sua filha.

Chegando na loja, a moça, muito simples, pede ao atendente para ver um "Noite-brunche", o atendente achou que ela estava zombando de sua cara e ~~então~~ chamou o gerente, o gerente, por sua vez foi até a moça para atendê-la e a moça persistiu em pedir para ver o "Noite-brunche". O gerente, então, pediu para ela sair de sua loja pois ele estava trabalhando e não estava de brincadeira.

Maria José era analfabeta e foi mais uma vítima de preconceito.

Que tipo de preconceito?

Brenda, seu relato está ótimo, você escreveu muito bem e entendeu perfeitamente a proposta de escrita, seu texto precisa apenas de alguns ajustes, talvez seja interessante contar como Maria José se sentiu diante dessa situação. Parabéns! samaná

ANEXO XVII – Amostra da reescrita do relato pessoal dos alunos

Figura 36: Amostra da reescrita do relato pessoal do aluno 1

Steffany Rodrigues Nascimento, 382

04/11/2015

Preconceito Linguístico

Eu pouco conhecia esse preconceito, acho que este tema, é muito pouco delatado até então.

Tenho alguns amigos de outros estados, portanto de diferentes culturas, e sotaques.

É muito diferente e também muito legal o modo como falam, às vezes até direitinho pois são palavras que não estou acostumada a ouvir. Mas, nem por isso juízo, critico ou faço chacotas pelo simples fato de falarem assim de modo informal, isso pra mim é totalmente inaceitável.

Acho que nós brasileiros, não vemos o português ao falarmos de acordo com o nosso sotaque e com nossa cultura. Temos sim o nosso português gramaticamente correto. Mas não falamos dessa forma e sim, falamos da maneira que aprendemos com familiares e amigos, de modo muita das vezes informal, por conta das diferentes culturas que temos em todo o país. Pois utilizamos mais a fala do que a escrita, porque aprendemos primeiramente a falar e por isso somos muito influenciados por nossas raízes culturais.

Portanto temos que respeitar uns aos outros independente do modo como falamos, e não podemos julgar outros pela fala dele até porque, muitos de nós brasileiros nem almenos tivemos a oportunidade de escrever e a falar o português gramaticamente correto.

Vamos se conscientizar e passar a respeitar a outros!

Figura 36: Amostra da reescrita do relato pessoal do aluno 1 (continuação)

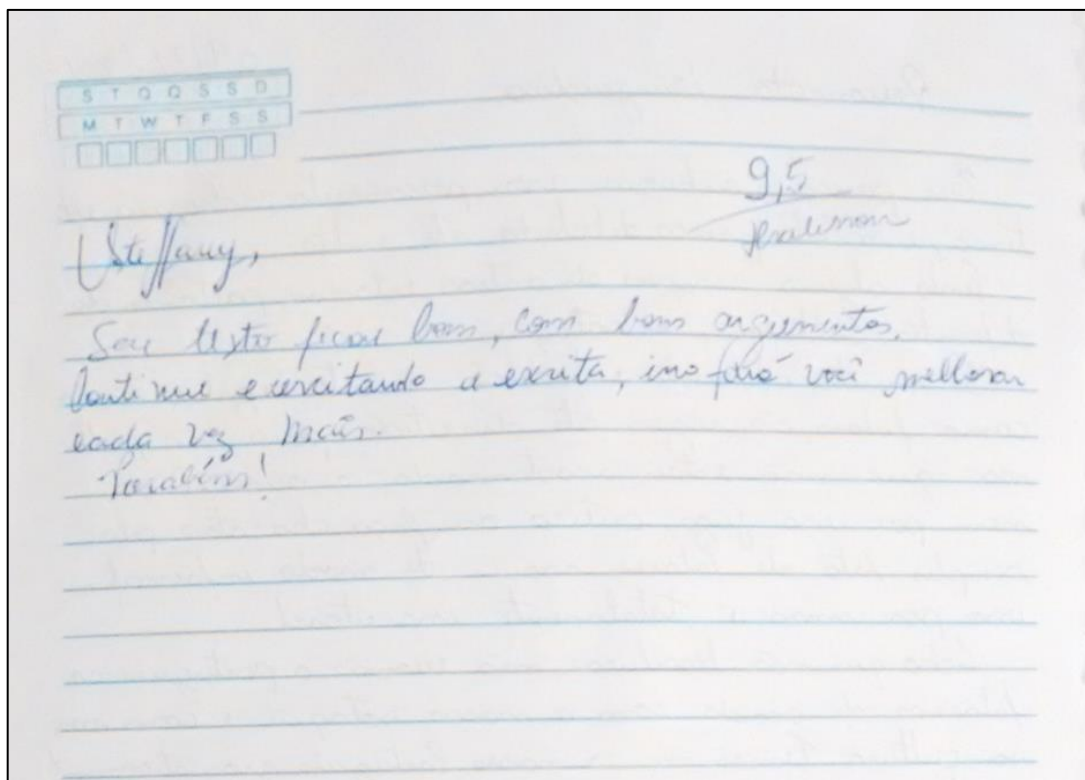


Figura 37: amostra da reescrita do relato pessoal do aluno 2

Uma vez eu vi na internet uma moça de 34 anos analfabeta que foi no programa da Márcia, um programa de barraco. Essa moça se chama Maria José. Ela contou que saiu mais cedo da casa de seus patrões, onde trabalhava como empregada doméstica, e foi ao shopping comprar um notebook de presente de natal para sua filha.

Chegando na loja, a moça, muito humilde, pede ao atendente para ver um “notebruique”, o atendente achou que ela estava zombando de sua cara e chamou o gerente. O gerente por sua vez foi até a moça para atendê-la e a moça persistiu em pedir para ver o “notebruique”.

O gerente, então, pediu para que a moça se retirasse de sua loja pois ele estava trabalhando e não estava ali de brincadeira. Maria José então comprou o presente de sua filha em outra loja e foi mais uma vítima de preconceito linguístico. Processou a loja que não vendeu seu produto, pois ela se sentiu zombada, humilhada.

ANEXO XVIII – Revista contendo os relatos pessoais dos alunos

PRECONCEITO LINGUÍSTICO

RELATOS DOS ALUNOS DO COLÉGIO
MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ESTÁGIO EM LETRAS-PORTUGUÊS I

SAMARA HINKEL CORREA
THALISSON MACHADO
TIAGO CARTURANI

PROF.^ª ORIENTADORA:
SÁBEL MONGUILHOTT



NO PÉ QUE
AS COISAS VÃO, JÃO
DOIDERA, DAQUI A
POUCO, RESTA
MADEIRA
NEM PROS
CAIXÃO

Escrito por

Bruno Silva

Um amigo meu me falou que o amigo do patrão dele namorava a filha do dono do Super Mercado Giassi.

Como a família Giassi é alemã, a filha sofreu preconceito por parte do namorado porque ela não falava “carro”, falava “caro”, por causa do sotaque alemão. Então ele terminou com ela por ela falar de forma diferente.

Vou citar algumas coisas que ela fala de forma diferente: “caro”, “erado” e “escorrego”.



Eu particularmente acho o modo de ele agir errado e sem noção, porque ele julgou ela sentia vergonha pelo modo dela falar sendo que ela é alemã. Esse tipo de preconceito foi estúpido e ignorante com a namorada e com a sua origem.

Escrito por

Brenda Scheidt

Uma vez eu vi na internet uma moça de 34 anos analfabeta que foi no programa da Márcia, um programa de barraco. Essa moça se chama Maria José. Ela contou que saiu mais cedo da casa de seus patrões, onde trabalhava como empregada doméstica, e foi ao shopping comprar um notebook de presente de natal para sua filha.

Chegando na loja, a moça, muito humilde, pede ao atendente para ver um “notebruique”, o atendente achou que ela estava zombando de sua cara e chamou o gerente. O gerente por sua vez foi até a moça para atendê-la e a



moça persistiu em pedir para ver o “notebruique”.

O gerente, então, pediu para que a moça se retirasse de sua loja pois ele estava trabalhando e não estava ali de brincadeira. Maria José então comprou o presente de sua filha em outra loja e foi mais uma vítima de preconceito linguístico. Processou a loja que não vendeu seu produto, pois ela se sentiu zombada, humilhada.

Escrito por

Vitor Dutra

Uma vez eu estava sentado no deck de um posto de gasolina com umas gurias e uns amigos meus. Então a gente estava conversando quando eu falei “vamos ali em casa para mim pegar meu carregador do celular”. A gurua que eu estava ficando começou a rir e me corrigiu falando assim: “Vitor, não é ‘para mim ir’, é ‘para eu ir’”.

Quando ela falou isso rindo, eu não fiquei bravo, mas me ajudou a toda vez que eu for falar para ir em algum lugar, sempre usar “para eu ir” e não “para mim ir”.

PORTA
PORTÃO



Escrito por

Jonas Luiz Walther

No ano de 2008, quando sai da minha cidade, Joinville, e cheguei aqui em São José, passei por algumas situações que até então não tinham acontecido em minha vida.

Eu, recém chegado aqui na cidade, fui estudar. Conforme os dias iam passando e eu tendo confiança para falar com as pessoas, minha timidez foi passando. Então, quando comecei a

Eu não considerei isso como um preconceito linguístico, mas foi bem construtivo para eu corrigir o erro e não falar mais errado nas próximas conversas que eu tiver.



dialogar normalmente com as outras pessoas, logo deram risadas pelo modo diferente como eu falava, com um jeito meio “caipira”, falava “poRta”, “poRtão”, “guaRda-chuva”. Era diferente mesmo, e me perguntavam se eu poderia repetir a palavra. Eu repetia e acabávamos rindo disso. Claro que é um pouco constrangedora a situação, mas, passou.

NÃO
JULGO



Escrito por

Steffany R. Nascimento

Eu pouco conhecia esse preconceito, acho que este tema é muito pouco debatido até então. Tenho alguns amigos de outros estados, portanto de diferentes culturas e sotaques.

É muito diferente e também muito legal o modo como falam, às vezes até divertido pois são palavras que eu não estou acostumada a ouvir, mas nem por isso julgo, critico ou faço chacotas pelo simples fato de falarem assim, de modo informal. Isso pra mim é totalmente inaceitável.

Acho que nós brasileiros, não erramos o português ao falarmos de acordo com o nosso sotaque e com nossa cultura. Temos sim o nosso português gramaticalmente correto, mas não falamos dessa forma e sim, falamos da

maneira que aprendemos com familiares e amigos, de modo que, muitas das vezes informal, por conta das diferentes culturas que temos em todo o país. Pois utilizamos mais a fala do que a escrita, porque aprendemos primeiramente a falar e por isso somos muito influenciados por nossas raízes culturais.

Portanto, temos que respeitar uns aos outros independente do modo que falamos e não podemos julgar o outro pela fala até porque muitas de nós brasileiros nem ao menos tivemos a oportunidade de escrever e falar o português gramaticalmente correto.

Vamos nos conscientizar e passar a respeitar o outro!

Escrito por

Felipe da Luz Freire

Vou contar um relato do meu primo. Ele tinha dez anos e morava em Areias. O nome da escola em que ele estudava eu não estou lembrado porque faz muito tempo. Ele não sabia falar “margarina” e falava “gaberina”.

Os colegas de turma dele sempre ficavam tirando sarro da cara dele que ficava muito bem triste com isso e dava para perceber que ele estava se incomodando.



Escrito por

Jessica Elis

Eu conheci uma amiga há um tempo atrás, ela era de outra cidade e falava um pouco diferente, com um sotaque da “roça” e puxava o “R” demais. Um belo dia, fomos na padaria, eu fiz meu pedido e quando ela foi pedir, falou com um sotaque da “roça”. Então a atendente que estava ao lado de quem nos atendia, saiu um pouco de fininho para rir dessa minha amiga.

Meu primo sofria preconceito linguístico e eu acho isso muito feio. Ninguém deve fazer isso porque todo mundo já falou errado, com tempo todo mundo aprende a falar “de forma correta”, até porque ninguém nasce sabendo tudo. Nessa situação, todo mundo deve se respeitar.



Então minha amiga ficou meio triste, sem entender nada. Depois conversamos e ela me disse que a atendente estava rindo dela. Isso é preconceito linguístico.

Escrito por

Lucas S. Lopes

Criticam a “cantora” Inês Brasil pelo fato da forma como ela se expressa. É notório que ela não tem um certo domínio na fala, nem sabe se expressar muito bem, mesmo sabendo falar outros idiomas, como por exemplo, o alemão e o francês.

Em uma participação no programa “Super Pop”, apresentado pela Luciana Gimenez, na Rede TV, percebi que ela estava sofrendo tal “Preconceito Linguístico”. Confesso que eu mesmo achei engraçado em algumas situações, como o momento em que ela ao falar o

nome da cantora Amy Winehouse, pronunciou totalmente errado. No mesmo instante, a Luciana Gimenez caiu no chão caçoando da Inês.

Como eu disse, achei a situação engraçada, estava assistindo pelo smartphone e não tinha um certo público me observando, ri muito, mas acho que, no palco, a apresentadora poderia ter se contido um pouco, mesmo que a entrevistada, aparentemente, não tenha se importado.

Escrito por

Camila P. Machado

Eu tenho uma amiga que fala errado em várias situações e todos acabam rindo dela, não talvez pelo fato de preconceito e sim por ser engraçado você ouvir uma pessoa falar a palavra de outra forma.

Porém, têm pessoas que levam pro lado do preconceito linguístico, ao ouvir pessoas com sotaques diferentes.

ALÔ
ALÔ
GRAÇAS
A DEUS



Escrito por

Gerson Sacarella

Eu tinha um primo que morava no interior de uma cidade de Goiás. Um certo dia minha mãe falou que ele viria morar com nós. Todos tínhamos carro e ele veio para a cidade grande atrás de um trabalho melhor para ajudar a sua família. Seu primeiro salário, ele me convidou para ir à loja comprar uma bicicleta.

Eu levei ele na loja. Chegando na loja, o vendedor se aproximou e perguntou o que ele desejava. Ele falou que queria comprar uma “bicicreta”.

O vendedor baixou a cabeça com ar de

deboche e chamou rapidamente o gerente, e os dois ficaram rindo. O gerente disse que nesta loja não havia nenhuma “bicicleta”. O meu primo queria brigar com o vendedor e tive que separar. Passei a mão e puxei, ele disse “deixa pra lá, cara. Vamos em outra loja comprar outra bicicreta”.

Levei ele em outra loja. Chegando lá, o vendedor o recebeu muitíssimo bem. Ele saiu da loja com outro aspecto, de uma pessoa bem tratada e até hoje ele só compra com o mesmo vendedor.

Escrito por
Maurici Steinbach

João um homem do interior que desistiu de ser agricultor por não haver incentivo do governo. Vendeu suas terras no interior e foi para a cidade tentar a vida em outra atividade.

Chegando na cidade, comprou uma casa e ali ele e sua família se estabeleceram. João começou a procurar trabalho, bateu em muitas portas e nada encontrou. Passados quatro meses e ele ainda não tinha conseguido encontrar trabalho. Ele não entende o motivo de tanta dificuldade.

Certo dia, ele foi chamado para uma empresa de mão de obra. João comentou com sua esposa e seus filhos que haviam chamado ele. Chegando na empresa, foi recebido pela secretária que pediu para ele esperar que ela iria anunciá-lo ao RH.

João percebeu que a secretária ficava olhando pra ele e comentando com outra pessoa. Eles olhavam e davam risadas. João percebeu que estavam rindo dele e ficou retraído se sentindo envergonhado, sem saber o porquê estavam rindo dele.

Após a entrevista, João saiu do escritório e escutou um comentário entre a secretária e outro funcionário:

— Ele fala engraçado — a outra responde:

— É um caipira, fala tudo errado — E dão risadas.



João recusou o trabalho se sentindo ofendido e humilhado. Chegando em casa sua família percebe que ele está quieto e entristecido e pergunta:

— O que aconteceu? Por que está triste? Não deu certo o trabalho? — pergunta a esposa e ele responde:

— Não! Quero voltar para o interior. Não quero mais ficar na cidade. Riram do meu jeito de falar. Falaram que eu falo tudo errado. — Por isso João voltou para o campo.

Não existe jeito certo ou errado de falar o português, mas sim, o sotaque por regiões. O Brasil é um país miscigenado com várias culturas e diferentes jeitos de falar, por muitos fatores, por exemplo: cultura alemã, cultura açoriana, cultura italiana.

FALÔ
CUMPADI



Escrito por
Elias Marcelino

Um dia minha amiga ganhou uma visita ao Caribe, em sua chegada ocorreu tudo bem. Seu quarto era muito bonito.

No dia seguinte foram para a piscina relaxar, só que ali na piscina tinha muita gente, e minha amiga ficou com vergonha de se juntar a essas pessoas por falar errado, mas sua amiga insistiu muito e ela foi com muito medo de causar má impressão.

Chegando junto daquelas pessoas com muita vergonha, uma delas perguntou: “De onde vocês são?”. E ela respondeu: “Nós são de Florianópolis”. Quando percebeu, as pessoas estavam rindo por ela não ter falado do jeito correto. Assim, o preconceito ocorreu.





APRESENTAÇÃO

O que vem a seguir diz respeito aos relatos dos alunos do oitavo ano – turma 382 da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo (CMMLM) –, cujo tema é preconceito linguístico. Os relatos foram produzidos durante as aulas dos estagiários Samara Hinkel Correa, Thalisson Machado e Tiago Carturani, sob orientação da Professora Isabel Monguilhott.

Ao longo das 24 aulas ministradas pelos estagiários entre outubro e novembro de 2015, os alunos leram e interpretaram crônicas, produziram fanzines, discutiram em sala de aula sobre o tema e, para concluir, contribuíram com relatos que dão cor àquilo que você verá nas próximas páginas. Sente-se, pegue um *refri* ou um café e divirta-se!

Aí, parceiros.
Lá na lua ninguém
tem sotaque.



ANEXO XIX – Questionário de avaliação do período de estágio

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO - MEN
ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
Professores estagiários: Samara, Thalisson e Tiago

Questionário de avaliação:

- Durante o tempo de estágio, qual dos assuntos tratados em aula mais lhe interessou? Justifique sua resposta.
- Como você avalia a atuação dos estagiários durante as aulas? Há algo que poderiam melhorar?
- O que você pode dizer que “aprendeu de verdade” durante as aulas ministradas pelos estagiários? Cite um tema, um assunto ou algum debate.
- Qual(is) sugestão(ões) você daria aos estagiários para melhorarem sua postura e desempenho como professores?
- O que você gostaria de dizer aos estagiários (ideias de propostas de trabalho para a disciplina de língua portuguesa, elogios, críticas)?


ANEXO XX – Ficha de avaliação preenchida com o desempenho dos alunos


Tabela 5: Ficha de Avaliação final com todas as médias


	Nome do Aluno	A1	A1	A2	A2	A3	A3	Nota 1	A4	A4	Nota 2
		(E)	(C)	(E)	(C)	(E)	(C)		(E)	(C)	
1	Alysson de oliveira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	Ana Paula de Moraes	-	-	-	-		-	1	-	-	-
3	Antônio Paulo de Moura Neto							6,5	-	-	-
4	Arthur Bitencourt Tusi			#	#	#	#	2			3
5	Brenda Santana						#	5			9,5
6	Bruno Delfino							8,5			7,5
7	Camila Pereira Machado						#	5			5,5
8	Cristiano de Macedo Almeida	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	Elias Paulo Marcelina							8			7,5
10	Felipe da Luz Freire							7,5			9
11	Felipe Juan Cardoso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12	Gabriel Machado Almeida	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
13	Gerson Sacarella							8,5			8,5
14	Jéssica Elis							6			7
15	Jessyea Muller	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
16	João Paulo Pereira da Silva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
17	Jonas Luis Walther							7,5			9,5
18	Lucas de Souza Lopes			-	-		-	3,5			8,5
19	Lucas Eduardo Sebastião	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
20	Lucia Maria Cardoso							6	-	-	-
21	Mauricio Steinbach							9,5			10
22	Steffany Rodrigues	J	J					8			9,5
23	Vitor Dutra							8,5			9

*Legenda: Entrega (E):  Entregou;  Entregou parcialmente; Não entregou  .

Conteúdo (C):

 Precisa melhorar;

 Está bom, mas precisa ser melhorado um pouco mais;

 Muito bom, basta ajustar alguns pontos;

 Ótimo.

A1: Texto de impressões sobre as aulas.

A2: Reescrita das impressões sobre as aulas.

A3: *Fanzines* e apresentação dos *fanzines*.

A4: Relatos sobre preconceito linguístico.

J: Falta justificada.

#: Oportunidade de fazer fora do prazo e a atividade mesmo assim não foi entregue.

-: O aluno não compareceu à aula ou não entregou a atividade.

ANEXO XXI – Foto com os alunos da turma presentes na última aula**Figura 38: Foto dos estagiários com os alunos da turma presentes na última aula**

ANEXO XXII – Controle de frequência do período de estágio

Tabela 6: Controle de frequência do período de estágio

Nº	Nome do Aluno	Dia/Mês	06/10	08/10	08/10	14/10	15/10	15/10	20/10	20/10	21/10	22/10	28/10	29/10	03/11	03/11	05/11	05/11	10/11	10/11	
1	Alysson de oliveira		F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	C	F	F	F	F	F	F	F	F
2	Ana Paula de Moraes		C	C	F	C	F	F	F	C	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F
3	Antônio Paulo de Moura Neto		F	F	C	C	C	F	C	F	F	C	C	F	C	C	F	F	F	F	F
4	Arthur Bitencourt Tusi		C	C	C	F	C	F	C	C	F	C	C	C	F	F	F	C	F	F	F
5	Brenda Santana Scheidt		F	C	C	F	C	F	F	C	C	C	C	C	F	C	F	C	F	F	F
6	Bruno Delfino		C	C	C	C	F	C	C	C	F	C	C	C	F	F	C	C	C	C	C
7	Camila Pereira Machado		C	C	C	C	C	F	C	C	F	F	F	F	F	F	C	C	F	F	F
8	Cristiano de Macedo Almeida		F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F
9	Elias Paulo Marcelina		C	C	F	C	C	F	C	C	C	C	C	C	F	F	C	C	C	C	C
10	Felipe da Luz Freire		C	F	C	C	C	F	C	F	F	C	C	F	C	F	C	C	F	F	F
11	Felipe Juan Cardoso		F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F
12	Gabriel Machado Almeida		F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F
13	Gerson Sacarella		C	C	F	F	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	F	F	F
14	Jéssica Elis		C	C	C	F	F	F	C	C	F	C	F	C	F	F	C	C	C	C	F
15	Jessyca Muller		F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	C	C	C	F	C	F	F
16	João Paulo Pereira da Silva		C	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F
17	Jonas Luis Walther		C	C	F	C	F	F	C	C	C	C	F	C	C	C	C	C	C	C	C
18	Lucas de Souza Lopes		F	C	C	F	F	F	C	C	F	F	F	F	F	F	C	C	F	F	F
19	Lucas Eduardo Sebastião		C	F	F	F	F	F	F	F	C	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F
20	Lucia Maria Cardoso		C	F	C	C	F	F	C	C	F	C	C	C	F	F	F	F	F	F	F
21	Mauricio Steinbach		C	C	F	C	C	C	F	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
22	Steffany Rodrigues		C	C	F	C	F	F	F	F	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
23	Vitor Dutra		F	F	C	F	F	F	F	F	C	F	F	C	C	F	C	C	C	C	C

ANEXO XXIII – Cartaz de divulgação do projeto extraclasse

POESIA DE TRADIÇÃO ORAL:

ESCUTA, LEITURA E CRIAÇÃO

Participe do projeto realizado pelos estagiários em Língua Portuguesa da UFSC

Batata cozida,
mingau
de cará



tradição oral

Eloi Elisabete Bocheco

Das
18:45
às
21:30

Dias
23/10
06/11
18/11

Sala 206

- Leitura de poemas
- Dramatização
- Criação
- Conversa com a autora **Eloi Bocheco**

Certificado de hora-atividade

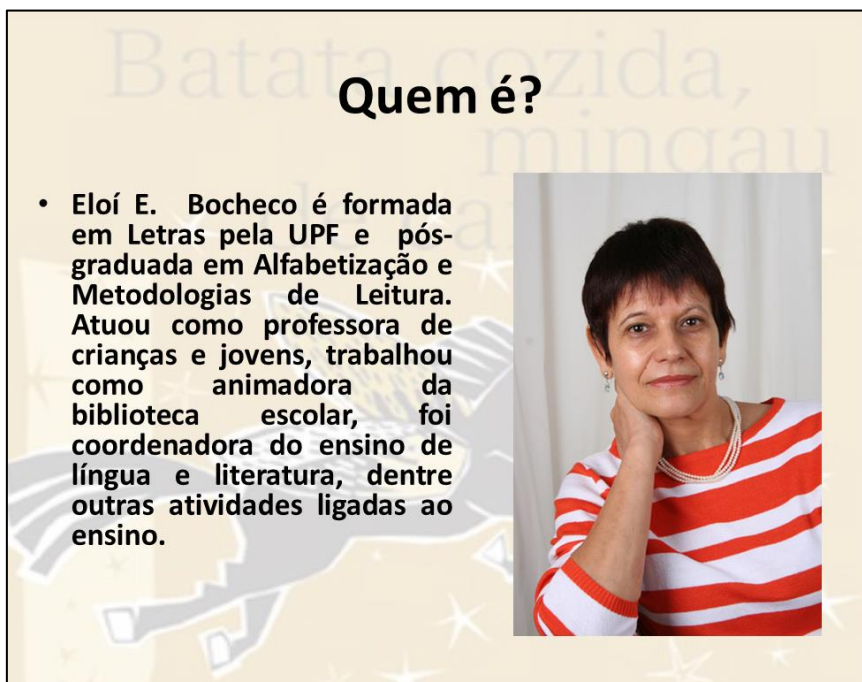
Eu sou
passarinho
Eu sou rouxinol
Eu quero fazer
meu ninho
na pedra
do teu colar
No meio da
madrugada
pra poder te
ver sonhar

ANEXO XXIV – Primeiro encontro do projeto extraclasse

Figura 39: Slides utilizados para a contextualização da autora e sua obra.



Slide 01



Slide 02

Atuação

- Iniciou na literatura em 1998 escrevendo crônicas para o Jornal A Notícia, de Joinville SC. Foi redatora no Palácio Santa Catarina e colaborou, durante dez anos, com a pauta do Jornal de LIJ O Balainho, da Universidade do Oeste de SC-UNOESC



Slide 03

Bibliografia

- *Uni.. Duni.. Téia* (Prêmio Boi-de-mamão da Câmara Catarinense do Livro),
- *Beatriz em trânsito* (Prêmio Mário Quintana, Catálogo de Bolonha e White Ravens),
- Pomar de brinquedo (poesia), *Histórias pra boi não dormir* (nonsense), *Contra feitiço, feitiço e meio* (narrativa infantil).
- Tem no currículo um livro para o EJA – *Batata cozida, mingau de cará* (tradição oral) – premiado pelo MEC com o Literatura para Todos.
- O relato ficcional *Não vá embora Clarice!*, prêmio Leia Comigo! da FNLIJ, um livro teórico, para educadores *Poesia infantil: o abraço mágico*. Escreve crônicas, como as do livro *Pedras Soltas* (EDUFSC), selecionado pela Academia Catarinense de Letras, livro do ano, na categoria crônicas, em 2008.
- Fonte: <http://barcadoslivros.org/2011/07/20/encontro-com-a-autora-eloi-bocheco/>

Slide 04

Figura 40: Turma 09426A ministrando o primeiro encontro do projeto extraclasse



Figura 41: Cesta de poemas



Figura 42: Produção do objeto do aluno 1



Figura 43: produção do objeto do aluno 2



Figura 44: Produção do objeto do aluno 3



Figura 45: Socialização dos objetos produzidos pelos alunos



ANEXO XXV – Segundo encontro do projeto extraclasse**Figura 46: Ensaio das dramatizações (foto 1)****Figura 47: ensaio das dramatizações (foto 2)**

Figura 48: ensaio das dramatizações (foto 3)



Figura 49: Apresentação do poema “Marinheiro” musicado



ANEXO XXVI – Terceiro encontro do projeto extraclasse

Figura 50: Dramatização dos poemas do grupo 1



Figura 51: Dramatização dos poemas do grupo 2



Figura 52: Instalação com os objetos dos alunos



Figura 53: Estagiários, professoras e Alunos da turma 382 que compareceram no extraclasse

